

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



*Edição comemorativa do jubileu literário
do escritor*

PERICLES MORAES

Numero 6

Manaus—Amazonas



Agosto—1956

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
nº 1	Gonzaga Duque	Pericles Moraes
nº 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
nº 3	Raul Pompéia	Agnello Bittencourt
nº 4	Silvio Romero	Aderson Andrade de Menezes (eleito)
nº 5	Martins Junior	André Vidal de Araujo
nº 6	Eduardo Prado	Abdul Sayol de Sá Peixoto (eleito)
nº 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
nº 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
nº 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
nº 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
nº 11	José Veríssimo	Djalma Batista
nº 12	Sousa Bandeira	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
nº 13	Tobias Barreto	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
nº 14	Adolfo Caminha	Moacyr Rosas
nº 15	Tomás Lopes	João Mendonça de Sousa
nº 16	José do Patrocínio	(vago) + JOÃO LEDA
nº 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
nº 18	B. Lopes	Aristophano Antony
nº 19	Oswaldo Cruz	Genesino Braga
nº 20	Afonso Arinos	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
nº 21	Tenreiro *Aranha	Padre José Pereira Neto
nº 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
nº 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
nº 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
nº 25	Aluísio Azevedo	Raul de Azevedo
nº 26	Raimundo Corrêa	Waldemar Pedrosa
nº 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
nº 28	Anibal Teófilo	Hugo Bellard
nº 29	Capistrano de Abreu	José de Castro Monte
nº 30	Tito Livio de Castro	Thiago de Mello

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada em 1.º de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SÉDE PRÓPRIA : — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XXXVIII

N.º 6

1956



Manaus

—

Amazonas

A ATUAL DIRETORIA QUE REGE OS DESTINOS

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Presidente — PERICLES MORAES

Vice-Presidente — ARTHUR VIRGILIO DO CARMO
RIBEIRO

Secretário-Geral — ANDRE' VIDAL DE ARAÚJO

1º *Secretário* — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

2º *Secretário* — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Bibliotecário — ANTÔNIO MAVIGNIER DE CASTRO

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

PRESIDENTE DE HONRA

General NELSON DE MELO

Tauja 2013.85

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

SUMÁRIO:

	<i>Págs.</i>
<i>Retrato de Pericles Moraes</i>	
<i>A Academia Amazonense de Letras</i>	7
<i>Mensagem do General Nelson de Mello</i>	9
<i>Valiosos depoimentos de alguns membros da Academia</i>	
<i>Brasileira de Letras</i>	11
<i>Celso Vieira</i>	13
<i>Múcio Leão</i>	21
<i>Antonio Austregésilo</i>	25
<i>Oswaldo Orico</i>	27
<i>Defuncti, adhuc loquuntur</i>	29
<i>Benjamin Lima</i>	31
<i>Leopoldo Péres</i>	33
<i>João Leda</i>	41
<i>Huascar de Figueiredo</i>	45
<i>Depõem os membros efetivos da Academia Amazonense</i>	
<i>de Letras</i>	49
<i>Dom Alberto Gaudêncio Ramos</i>	51
<i>André Araújo</i>	55
<i>Ágnelo Bittencourt</i>	61
<i>Alvaro Maia</i>	65
<i>Aristophano Antony</i>	71
<i>Genesino Braga</i>	85
<i>Jorge Carvalhal</i>	87
<i>Leôncio Salignac e Sousa</i>	93



O escritor Péricles Moraes, na época da edição
de "FIGURAS & SENSACÕES".

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, com a publicação dêste número especial da Revista, rejubila intensamente pela celebração do **JUBILEU LITERÁRIO** do maior escritor amazonense de todos os tempos, o artista Péricles Moraes, presidente magnífico e perpétuo do sodalício, a quem o Amazonas deve, como se tem justifiadamente ressaltado, sua maior projeção no cenário intelectual da Pátria.

Os cinquenta anos de vida literária do supereminente esteta foram dez lustros de bendita sementeira no campo da inteligência. As rútilas sementes, — gotas de luz que cavaram profundidades no terreno fértil, — floriram e frutificaram maravilhosamente. A estética literária do exímio colorista do idioma marcou os pontos cardiais das letras no Amazonas, e o seu nome glorioso é a bandeira constelada que ainda tremula no vértice da intelectualidade amazonense.

Honra-se o Silogeu em celebrar com magnitude as Bôdas de Ouro de um cálamô que jamais perdeu o brilho e o colorido, com que se anunciava, vitoriosamente, em 1906. Na concretização dêste cometimento, a comissão promotora das Festas Jubilares, composta de todos os acadêmicos efetivos, encontrou uma barreira quase intransponível: a relutância implacável do preexcelso Mestre, cuja vontade, porém, foi vencida pela tenacidade irreduzível de seus confrades, conjurados a encarnar tôdas as fôrças vivas do Estado.

As vozes oraculares de figuras sobreeminentes da Academia Brasileira de Letras e as expressões consagradas de vultos pinaculares nas letras pátrias, continentais e ultramarinas, corroboram e sublimam o preito de louvor e veneração com que os membros efetivos e os sócios correspondentes de nossa Acrópole Literária festejam o **JUBILEU DE LETRAS** do laureado polígrafo, que fêz da palavra o

instrumento de oiro e chamas para a transmissão de seus encantamentos estéticos, e cuja pena gloriosa cinzelou as páginas mais belas da literatura amazônica !

"Dê-te estrêlas o céu, flôres o solo!"

Pela Comissão,

ANDRÉ VIDAL DE ARAUJO, Vice-Presidente

Padre NONATO PINHEIRO, 1º Secretário.



O General NELSON DE MELLO, que hoje ocupa com eminente relêvo a chefia do Gabinete Militar da PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, quando desempenhava as elevadas funções de Interventor Federal, doou suntuoso edifício para séde definitiva do Silogeu Amazonense. A Academia, sensibilizada pela magnitude dêsse gesto olímpico, que revelou as qualidades de um genuíno Mecenas, houve por bem conferir a Sua Excelência o título primacial de PRESIDENTE DE HONRA, numa sessão de esplendente magnificência, em que se fêz ouvir a palavra do orador oficial da solenidade, acadêmico Leopoldo Péres, que o saudou com a pompa dominadora de seu verbo privilegiado, feito de lâminas de ouro e retalhos de púrpura.

...Decorridos vinte e um anos, sabedor das atenções dos membros da Academia Amazonense de Letras, voltadas para a edição de um número especial da Revista em homenagem ao preclaro presidente Péricles Moraes, envolvido nas atividades multiformes de suas atuais funções, como auxiliar dos mais credenciados do Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, apressou-se em enviar uma mensagem cativante de adesão, que constitui alta homenagem à cultura e ao caráter do nosso homenageado. Honramo-nos em divulgar a expressão cordial do egrégio General:

"Associo-me, com a melhor simpatia, à homenagem que a Academia Amazonense de Letras presta ao seu grande Presidente Péricles Moraes, — o patriarca das letras do Amazonas. Conheci-o, há 22 anos, quando estive nesse Estado, e fí-lo meu auxiliar no Govêno.

Pude, então, no seu convívio diário, aquilatar, a par da sua imensa cultura literária, o rico teor de bondade e de caráter que emoldura sua singular figura humana”.

Rio, 29/4/1956.

(ass.) **Gen. NELSON DE MELLO**



**VALIOSOS DEPOIMENTOS DE ALGUNS MEMBROS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

PALAVRAS DO ESCRITOR CELSO VIEIRA, VULTO PINACULAR
DAS LETRAS NACIONAIS,
OFERECENDO À BIBLIOTECA DA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS
UM LIVRO DO ESCRITOR PERICLES MORAES

(Transcrição d'O JORNAL DO COMÉRCIO, Rio, 25|5|1953).

— “Em capítulos onde florescem, multicores, as iluminuras de um breviário composto pela saudade, Pericles Moraes, singularmente, deu-me a renovação da alegria, que é sempre a leitura de uma obra perfeita.

“Como as elegias do classicismo romano, a sua lâmpada votiva, acesa entre flores equatoriais sôbre o mausoleu, configura ao mesmo tempo, nesse livro, a piedade do amigo e a volúpia do artista.

“Nas letras indígenas de outro amazonense já extinto, Raimundo Moraes, evocador da planície amazônica e do rio-mar, com as suas vitórias régias, tivemos a exuberância e o primitivismo daquele Gênesis fluvial. Diríamos que o sortilégio das pedras verdes lhe refez o palmeiral e o aquário. — Pindorama — nos fragmentos de uma obra telúrica.

“Ele foi o escritor de selvas e tribus, sambaquis e apuizeiros, o romancista dos “Igaraunas”, o cronista da Mundurucânia bravia e formidável. Pericles Moraes, filho do Amazonas, é o antípoda mental desse clima selvagem. Desprendeu-se dos igarapés e dos seringais, evadiu-se da prisão aquática e de tôdas as chamas do inferno verde. A disciplina do espírito francês, ritmicamente, deu a esse mestre da língua francesa a medida, a claridade, o senso de análise, o gosto polido e subtil, que lhe revestem as idéias e lhe recortam as frases. Intelectualmente, o autor de “Figuras e Sensações” ou de “Legendas e Águas Fortes” é o aluno da grande Escola de França, laureado pela justiça, que lhe fez Camilo Maclair. Vernacularmente, é o intérprete admirável da Obra de Coelho Neto, que o teve perto do seu coração no mesmo santuário da Arte.

“Heredia, outro caso de libertação do clima, outro exemplo de artista solar conquistado pela França, desatou-se dos vinculos de ouro da língua espanhola e compoz magnificamente a poesia dos “Trofeus”.

Escravidão à sedução do nosso idioma, Pericles Moraes permaneceu escritor brasileiro, e dos maiores, através dos próprios temas franceses.

Tão poderosa é a influência da raça e do clima, dos germes atávicos e das fontes secretas, mesmo nas frias alturas parnasianas, que o sangue tropical de Heredia circula no mármore dos seus poemas, referendo escaldante em sonetos de "La Nature et le Rêve", tercetos do "Romanceiro" e alexandrinos dos Conquérants de l'or.

Ainda mais tipicamente, fugindo ao ilimitado e ao insondável das perspectivas ou profundidades amazônicas, o brasileiro não escapou à lei das origens naturais. Pela igniscência da alma e da forma é um tropical.

Em pleno tropicalismo, não obstante, Pericles Moraes seguiu o conselho de Oscar Wilde, fez da crítica literária uma obra de arte, quando a exercem outros como se fosse um curso de anatomia. Nunca seria ele quem deixasse cair na ebulição do seu entusiasmo a gota de água recomendada por Taine aos mais ardentes. O fogo transubstanciou-lhe a vida interior no âmbito da forja relumbrante, donde lhe sai moldada a estatuária.

Por isso mesmo, devotou-se à exclusiva leitura das páginas admiráveis, e nesse leitor de obras primas a admiração tem algo de heliotropismo do Inca, voltado para o sol num degrau dos Andes. Não o atraem senão os altos valores estéticos; não o fascinam dentro das literaturas senão os capiteis rendilhados e reffloridos, sôbre os quais possa insculpir, longe de tantas vulgaridades expostas nas grandes feiras modernas, as legendas do seu estilo.

Vemos assim que a religião do Belo, em cujos mistérios pontificava Ruskin, deixando as brumas insulares e nórdicas pela claridade italiana de Veneza e Florença, inspira nos jardins de Manaus um celebrante. Unida à religião da amizade, num preito elegiaco, transparece agora a sua estesia com a mesma força emotiva das páginas anteriores. Fulguram-lhe destarte as idéias ou os sentimentos no próprio reino das sombras.

Entre as casuarinas e os mausoleus, só os artistas nos fazem ainda, excepcionalmente, a surpresa evangélica da ressurreição. Livros e seres consubstanciam-se por efeito de tais milagres. Os elogios fúnebres perecem, os necrológios esvaem-se, como se desfolham as grinaldas do Campo Santo, mas ressuscita Leopoldo Peres com energia e bravura nesse livro. Aqui está uma reaparição imprevista e hodierna do milagre bíblico em Atenas, o amigo e companheiro morto, revitalizado pelo idealismo de Pericles Moraes.

Com efeito, não exsurge apenas dali um retrato; psicológico e verdadeiro: corporifica-se antes no texto a revivescência do esteta, do jurista, do combatente, do paladino.

Quem foi Leopoldo Peres? Sinteticamente, responde o autor do livro: . . . "a maior inteligência que ainda enobreceu a cultura amazônica!"

Franzino e vibratil, já surpreendia os mestres e ofuscava os discípulos, desde a meninice, em uma das classes do Instituto Universitário. Já então, fascinado pelas grandes Musas, recitava sonetos de Cruz e Souza, as trinta e três estâncias de uma ode cívica de Alberto de Oliveira.

Adolescente, cursou as aulas onde o saber de Pericles Moraes lhe desvendava, orientado pela ciência de Ferdinand Brunot, os segredos e requintes da língua francesa. Tanto era nele o poder da inteligência e da memória que o professor lhe acompanhava os surtos, maravilhado: — "Dentro de pouco tempo, já não existiam na classe nem mestre nem discípulo. As aulas desapareceram insensivelmente. Vivíamos os três, Leopoldo Peres, Vieira de Alencar e eu, magnetizados pelos deslumbramentos das letras insignes de França!"

No isolamento da província, como todos os nossos intelectuais provincianos, o estudante de letras jurídicas e formas racinianas sentiu a fascinação do Rio de Janeiro. Aqui esteve alguns meses, e escreveu no "Dia", de Azevedo Amaral; aqui voltou deslumbrado pela irradiação mental de Coelho Neto, mas desiludido pelo ceticismo em que findariam os triunfos e as decepções do autor de "Conquista".

Outra vez em Manaus, o jovem advogado e publicista, destemeroso, conheceu as hostilidades inomináveis da política odienta, mixto de barbarie e de baixezas. Em 1923, indiferente aos oligarcas e aos insurrectos advogava e escrevia, quando a vitória dos rebeldes lhe aprisionou o pai, velho e digno magistrado. A revolta do filho provocou indizíveis torpezas contra o seu nome.

Oito anos depois, em 1930, era oficial de gabinete do governador, que os revolucionários depuseram, e redator-chefe do órgão situacionista. Amotinado pelos vencedores, o povilêu das ruas depredou-lhe a casa, incinerou-lhe quase todos os livros numa fogueira improvisada pelos salteadores. Quase todos, porque só escaparam alguns, exemplares únicos e preciosos, vendidos a outros bibliófilos, trasladados para outras bibliotecas, "despudoradamente", conforme o inciso advérbio de Pericles. Entre os incendiários havia ratoneiros.

Chefe de gabinete de governadores, Leopoldo Peres cinzelava-lhes as mensagens, rebrilhantes de vernaculidade. Espoliado abjectamente dos bens inestimáveis — os livros —, ele deixou as letras administrativas, mais tarde, pela advocacia criminal, pensando já em reconstituir a sua livraria. Fez-se advogado, orador na tribuna do juri; prosperou; e como padrão da Fortuna, que lhe sorria depois de tantas vicissitudes, erigiu nova biblioteca. O homem das lides forenses e das causas retumbantes continuava a ser devotadamente um beletриста.

Professor do colégio D. Bosco, interpretando o gênio literário e filosófico da língua de Pascal, revelou a sua mestria em discursos lapidares, preciosidades oratórias. Qualquer deslize de composição, até mesmo nas suas cartas, lhe era um tormento à sensibilidade estética, e o horror dos solecismos crispava-lhe os nervos, as dissonâncias feriam-lhe a alma. Originalmente, coincidiam nela o poder da improvisação e o esmero da sintaxe.

Daí por diante, rápida foi-lhe a trajetória no congresso das academias de letras, no congresso judiciário de São Paulo, no ambiente do Forum, na presidência e no doutrinamento da Associação Amazonense de Imprensa, no panegírico do Estado Nacional, por último na Comissão parlamentar de valorização econômica da Amazônia. Borbotavam-lhe da inteligência com a mesma profusão e limpidez os artigos, os poemas em prosa, as razões judiciárias e os discursos acadêmicos ou parlamentares.

Leopoldo Peres fundamentalmente, era um articulista e um poeta. Quando relemos o "Jardim das fontes silenciosas", e mais dois capítulos anexos ao livro, — "Elogio de uma inteligência e Uma grande figura americana", fixamos com o biógrafo, em todos os modos de atuar, de sentir e de ser do tribuno — polígrafo, a vocação literária e a energia criadora. Da semelhança entre os dois, mestre e discípulo, adveiu a simpatia, que se tornou amizade no sentido helênico e perfeito.

Sem os debates do Juri, as controvérsias forenses, a esgrima da polémica e da imprensa partidária, o aluno mais novo de Pericles talvez fosse, esteticamente, o continuador da arte do estilista de "Coelho Neto e a sua obra". Em geral, na evolução dos ciclos apenas vemos com a experiência de Anatole France o antagonismo das gerações. Mas de onde em onde, no processo evolucionar, coexistem afinidades irresistíveis da espíritos em que se completam, figuras em que se harmonizam duas gerações literárias.

Pericles e Leopoldo obedeceram no tempo a essa lei de atração. Forças intelectuais, compreendiam-se os dois, irmanados em verdadeira simbiose mental. Vínculos tão sensíveis ligaram o iniciador e o neófito,

que ao primeiro escrevia o segundo, quando se distanciavam: "Não avalia o vacuo enorme, que ficou entre nós com a sua ausência. Para mim, um deserto de pensamento e de afeto, creia!"

Mas a inteligência dessas vidas, esteticamente irmãs, diversificou em seus livros. Os de Pericles Moraes, homem apolítico, infenso ao regionalismo partidário e ao cortezanismo inseparável das nossas oligarquias, são formas heráldicas e estéticas. Os livros da madureza de outro, essencialmente um artista, foi "A Política e o Espírito do Regime". Fragmentou-se para ele a arte literária em avulsos.

Propenso aos estudos sociológicos, Leopoldo Peres entreviu no Estado Nacional, como num largo diorama, a oportunidade histórica de uma sociologia em ação reconstrutora e bemfazeja. Mau grado a formação jurídica e democrática, ideando o novo Brasil unido, apartou-se da liberal democracia, dos métodos liberais, e pendeu com entusiasmo para o Estado Novo, artificiosa concentração de poderes, modernizada, cuja experiência havia de ser transitória e negativa.

Ele admitira o princípio religioso da autoridade, tardiamente aplicado à mestiçagem ibero-americana, que exsurgiu das aventuras caudillescas e ainda soletira as imitações do direito constitucional de outros povos, já equilibrados ou envelhecidos. Grande ilusão! Segundo o conceito Evangélico e o exemplo milenário das teocracias, no Oriente e no Ocidente, a autoridade emana sempre de Deus, reflete sempre as origens divinas, mas pelo exercício humano, individual ou coletivo, se corrompe ou se desfigura nas monarquias, nas repúblicas, nos próprios institutos eclesiásticos. Conciliar juridicamente a autoridade e a liberdade, eis o problema fundamental, que as variantes ultramodernas do absolutismo ignoram. Só na atmosfera das nossas imperfeitas democracias, letamente corrigíveis, podemos seguir mais ou menos um curso primário de liberdade, em que se forme o espírito coletivo. Só o exercício da liberdade humana, possibilitando o nosso progresso moral, sobreleva as imperfeições democráticas. Fóra de tais conceitos e limites, querendo nacionalizar o Estado Providência, realizamos apenas o Estado Policial com os sofistas e os áulicos da tirania.

De um lado, ficou assim a exclusividade artística das tendências e aspirações do esteta, Pericles Moraes; de outro lado, a complexa ideologia do pensador, que se tornara campeador, Leopoldo Peres. Com os rumos pessoais divergiram esses destinos, que a Arte escrita deveria ter conjugado em sua esfera indivisível. Nas fontes atribuídas pelo ensaísta a vocação estética de Leopoldo Peres como que ele próprio se remira.

O paralelismo não excluiu diferenciações naturais entre os dois. Associam-se as imagens de Pericles, modeladas para o friso da Acrópole, num plano mais alteroso, mais tranquilo. Quando chega à Babel contemporânea, o artista é um forasteiro impossível, mas inadaptável. Peregrino da Renascença, atualizam-lhe os moldes, escrevendo, em longos períodos ondulantes, roçagantes, cuja vestimenta se desdobra, por vezes, como a indumentária de alguns desenhos do "Trattato della Pittura", de Leonardo da Vinci. Nem os conflitos nem as angústias do nosso terrível planeta lhe obscurecem a diáfaneidade dos estados de alma, a serenidade das páginas de estilo auriluzente. Porque só um estado dionisiaco — a admiração empolgante — lhe arrebata o senso das justas e claras proporções, violentamente, para a descoberta ilusória, em alguns casos, de algum tesouro imaginário.

Ao decoro dos moldes renascentistas Leopoldo Peres comunicava a febre de um temperamento inquieto e emotivo, o anseio das gerações formadas entre os cataclismas sociais. Ele não viu como Pericles, da colina sagrada, onde os laureis vicejam para o estatuária, mas da encosta vulcânica, por onde as lavas fumegam e os templos se esboroam. Deixou na textura viva e latejante de alguns escritos a hipertensão das suas artérias, a hiperestesia dos seus nervos.

Irresistivelmente, ao contrário dos espíritos disciplinados pelo sistema positivista de Comte ou pelo evolucionismo de Spencer, marchando através da realidade fenomenal, indiferentes aos enigmas do universo e às nebulosas da metafísica, Leopoldo Peres sentiu a angústia do Infinito, a religiosa atração do Mistério. Esse aluno da escola de Farias Brito, exatamente como Jackson de Figueiredo, divagava com o pensador brasileiro, entre a idealidade platônica e a duração bergsoniana. Atingira dest'arte os cimos espirituais do pensamento deista de Bergson: — "Há na origem da vida uma supra-consciência, que a ilumina e ordena: Deus".

Quer na "Finalidade do Mundo", quer no "Mundo Interior", o deísmo de Farias Brito, como o de Henri Bergson, esclarecendo as bases da religião e do moral, não lograria emancipar o jovem Leopoldo Peres do catolicismo, da razão ortodoxa. É o arauto das idéias do filósofo brasileiro, Jackson de Figueiredo, quem lhe sugere a migração necessária da Ordem natural para a Ordem sobrenatural, do racionalismo para a teologia.

Submetido a Igreja e aos seus dogmas, conquistado pelo thomismo, ele teria por derradeiro Mestre o Doutor Angélico. Num estudo sobre a personalidade jacksoniana, Leopoldo confessou o mesmo fervor ascético e místico, a tortura secreta do noviço da Contra-Reforma, perdido no

labirinto dos negócios ou na galeria de espelhos das vaidades sociais. Percorrera os sistemas filosóficos, rebuscando a verdade intangível, e arrimou-se por fim ao thomismo, doutrina forte como o braço, que sustenta nas igrejas a lâmpada em cujo bronze arde a chama perpétua da fé.

Em outras circunstâncias, longe das atividades jornalísticas, forenses e parlamentares, se a morte lhe não houvesse, faticamente, abreviado o itinerário, podemos concluir que a obra de Leopoldo Peres, mais tarde, seria em altitude e magnificência a coroação espiritual da arte de Pericles Moraes, o advento religioso do Espírito ao helenismo do santuário de um esteta.

Não o permitiu a fuga das horas, breves para o sonho infinito, que entremostrava aos dois amigos o próprio destino como beleza neo-clássica, a um deles aureolada pela verdade cristã. Mas do encontro desses corações, abrasados no mesmo ideal, sentimos elevar-se a infinita saudade, esplendendo nesse livro, como se a dor quisesse renovar, com a magia da pena, os labores esculturais do cinzel”.



O ESCRITOR MÚCIO LEÃO, PRIMOROSO ROMANCISTA E INSPIRADO POETA, QUE OCUPA A CADEIRA N.º 20 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, SOB O PSEUDÔNIMO DE GONÇALO JORGE, TRIBUTA ADMIRAÇÃO AO ESPÍRITO DE PERICLES MORAES.

Em 1923 apareceu, no Amazonas, um livro do Sr. Pericles Moraes. *Figuras & Sensações* — era o título que trazia essa coleção de ensaios. E, tendo-a lido naquele momento, deliberei escrever alguns dos comentários que êsses estudos me sugeriam. O tempo passou, e sòmente agora me é dado o prazer de conversar um pouco a propósito dessas páginas.

Se eu quizesse chamar a atenção dos leitores para os defeitos que encontro nesse livro, começaria recordando que acho a cultura do Sr. Pericles Moraes exageradamente livresca. Tem-se dito, é uma verdade, que a arte de hoje, a arte literária, sobretudo, exige novas condições de integração com a vida, requer uma correspondência íntima do escritor com as paixões, os desejos, os tumultos, as aspirações da hora ardente e desorientada em que vivemos. E é a ausência dessa correspondência do autor com as várias e desencontradas aspirações do mundo contemporâneo que encontramos aqui.

Outrora, como no pacto de Fausto com Mephisto, os artistas davam a alma a um ideal estético, erigido em divindade. Faziam da arte um grande mundo divinamente isolado, uma torre de marfim inatingível, onde se segregavam. Goethe procurou viver olímpicamente — realizando, como homem, a maravilha serena da existência de alguns dos heróis dos livros que concebeu.

E Flaubert não se cansava de anunciar as suas grandes idéias, às suas idéias puerís, segundo as quais o escritor, o artista haveria de ser alguma cousa de anormal, de monstruoso, num completo isolamento do mundo circunstante.

O naturalismo transformou a anomalia intelectual dessas idéias de um romantismo delirante. E ensinou aos homens que a arte só é bela se fôr verdadeira, mesmo que então reflita as faces mais torpes da existência.

Mais tarde, a grande catástrofe de 1914 veio ainda mais alargar essas fronteiras do pensamento. E nós todos, hoje, sonhamos o ideal de uma arte animada e sincera, fresca como a terra banhada pelo orvalho da manhã, e sangrando pelo gomo dourado dos seus frutos.

O autor das *Figuras e Sensações* prefere ainda officiar no santuário da deusa indiferente. Senhor de um instrumento verbal de raro brilho, ele celebra os grandes artistas sonoros, que transformaram a arte num templo suntuário e fizera a música do estilo.

Os nomes que invoca, em seu carinho, são característicos. E na sua igreja Saint-Victor é um deus. Ele o chama "o estatuário do *Deux-Masques*". A imaginação do escritor lhe parece "sulcada de clarões e tempestades, ressuscitando homens e deuses. Camille Mauclair é outro ídolo do seu espírito. Em um ensaio sobre esse escritor, um dos estudos mais eloquentes do livro, o Sr. Pericles Moraes se mostra inebriado pela sua arte. Amante ardente dos ritmos puros, ele adora a harmonia da arte maucloireana: "Mauclair é o poeta do ritmo. A sua arte maravilhosa, nesse livro superexcitante (*La Religion de la musique*) em louvor da música, ergue um santuário". E há mais um desfile de encantadores e luminosos espíritos: Maupassant e Flaubert, La Sizeranne, Tolstoi e Rostand e Mirbeau... O super-mediocre Sr. Julio Dantas merece-lhe encômios. E nós ficamos a meditar, tristemente, sobre essa iniquidade da vida — tão belas páginas para louvar tão frívolo escritor... Emfim, encontramos Heliodoro Balbi, um pobre e belo espírito, que se finou entre os esplendores das terras do Norte, num crepúsculo angustiado, sofredor, horrível...

Figuras e Sensações é um livro cheio de musicalidade e de pompa. A natureza da Amazônia, onde o Sr. Pericles Moraes parece ter formado o seu espírito, é violenta e tumultuosa. Euclides da Cunha trouxe, depois de ve-la, os olhos fascinados e a alma fremindo de uma verdadeira alucinação. Alguém, a quem eu muito preso, e que conhece familiarmente

aquela região do Brasil, me diz sempre que o Amazonas transmite, a quem quer que o visite, uma impressão verdadeiramente formidável. Aquele mundo exuberante e dionisiaco parece exigir vocábulos novos, para ser descrito.

O Sr. Pericles Moraes sente-se que vive entontecido pelo grande sol daqueles céus, pela exagerada pompa daquelas florestas. Não seria excessiva a providência de pormos nos olhos uns vidros fumados, para ler-lhe as páginas sonoras.

Este escritor, que ama assim exageradamente o luxo verbal, a beleza eloquente do estilo, é, também, um grande amigo das citações. Não há página sua em que deixemos de deparar dois ou três nomes de escritores. Uma idéia, uma reflexão, um pensamento, lhe sugerem dez outros pensamentos, dez outras reflexões, dez outras idéias. Isso termina cansando os leitores. E como que tira ao livro um pouco do seu sabor de fonte clara, primaveril e fresca.

Seja como fôr, esta coleção de ensaios, que não foi, ao aparecer, devidamente estudada pelos críticos cariocas, é um documento ágil, nervoso, brilhante da grande inteligência que hoje pensa e labora no Amazonas.

Por este livro, o Sr. Pericles Moraes se inscreveu na lista dos mais eloquentes escritores do Brasil dos nossos dias.

E' com alegria que eu presto aqui o meu tributo de admiração a um espírito eloquente e que, como no exercício de um sacerdócio, sabe cultivar, com fé e sinceridade, o esplendor da imperecível Beleza.

GONÇALO JORGE

ANTÔNIO AUSTREGÉSILO, MEMBRO DOS MAIS EMI-
NENTES DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS,
EM CINTILANTE MISSIVA, ENALTECE OS BRASÕES
LITERÁRIOS DE PERICLES MORAES

"Bordo do *Almirante Jaceguai*, 9 de setembro de 1941.

Meu caro Pericles Moraes, saúde!

Deliciei-me com a leitura do seu livro "Legendas e Aguas Fortes". Você é grande estilista. A linguagem é correta, sem caturrismos irritantes. A cultura anda de parilha com o brilho da expressão.

O capítulo "Os intérpretes da Amazônia" é sólido e belo: a alma do volume. Estou de acordo com Você: "A Amazônia não é assunto para escritores medíocres". Não precisa qualificativos, nem inferno nem paraíso. A Amazônia é a Amazônia! Não se devem fazer romances, novelas ou contos acerca desse mundo invisível, que todos pensam ver, mas não no sabem.

Não estraguem a Amazônia com falsas civilizações: o seu tempo chegará brutal e dominador. Garantam a vida do amazonense e esperem...

Tive grande comoção ao ler o capítulo "Pela Glória de Gonzaga Duque". Fui-lhe amigo do coração e tive longo convívio com aquela inteligência peregrina, excepcionalmente estética. Gonzaga Duque, Cruz e Souza, Lima Campos e Mario Pederneras formavam o grupo dos novos estetas do Brasil, e sempre com eles palestrava amistosamente.

Perpetrei como Você na mocidade os exageros do nefilibatismo. Andamos os dois nas nuvens, entre simbolistas e decadentes, e encontramos-nos na madureza prateada na encantadora cidade de Manaus!

O mundo é singular...

Todos os capítulos do seu livro deram-me real prazer de inteligência. Ora é o crítico, ora é o erudito, ora é o estilista, ora o esteta, ora o homem em si, que aparece nas páginas doiradas das "Legendas e Aguas Fortes".

“Anatole, semeador de dúvidas” é fino e anatoleano. Em outros pontos se nota o amigo fiel e às vezes o entusiasta. Há, às vezes, discretas malícias, mal esboçadas, mas que não veem à tona porque a delicadeza do autor não as deixa fugir da pena. Tudo, porém, é bom, brilhante e novo nesse volume de madureza intelectual sadia.

Não quero deixar de dizer duas palavras acêrca dos amigos e confrades que encontrei em Manaus, um punhado de espíritos e corações em maravilhosa amalgama, gente amável, sincera, erudita, feita de oiro e luz. Esta paisagem humana surpreendeu-me, tanto como a paisagem da natureza. Não quero lembrar aqui nomes para não esquecer qualquer. O fato obriga-me, porém, a enviar homenagens a Adriano Jorge e Leopoldo Peres, dois entusiastas da vida sã da Academia Amazonense de Letras.

Vale! Ex-abundantia cordis.

(ass.) *A. AUSTREGÊSILO*”.



OSVALDO ORICO, MEMBRO PREEMINENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SÓCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, QUE SE ENFILEIRA ENTRE OS MAIORES CONTISTAS BRASILEIROS, DEU À ESTAMPA, NO DIA 29 DE ABRIL DO CORRENTE ANO, SUBSTANCIOSO ARTIGO INTITULADO "O EXÉRCITO DO PARÁ", DO QUAL EXTRAÍMOS O SEGUINTE LANÇO, QUE PÕE EM ERGUIDA EVIDÊNCIA O CONCEITO QUE O AUTOR DE "LEGENDAS & AGUAS-FORTES" DESFRUTA ENTRE OS PRÍNCIPES DA INTELLECTUALIDADE NACIONAL.

"Já agora, porém, um saudável orgulho, uma consciência ecológica do **eu** vai fixando o escritor do norte em sua província, onde resiste não só às seduções da aventura, mas aos próprios convites e apelos para que se desenraíze do solo, tornando-se um **rootless**.

E' o caso de um Gilberto Freyre, que se plantou em sua vivenda de Apipucos, indiferente às solicitações da metrópole; de um Luís da Câmara Cascudo, que constrói pacientemente a reputação de folclorista sem abandonar a sua mesa de trabalho em Natal; de Santana Marques, que nunca deixou a sua banca de jornalista, na redação do "ESTADO DO PARÁ", nem sequer para ver como era a vida no Rio; de Pericles Moraes, que tendo

tôdas as condições para estar refestelado em uma poltrona na Academia de Letras, prefere viver entre as estantes que se estendem pelas vastas paredes de sua casa de Manaus, a estar confinado nos três quartinhos de um apartamento em Copacabana, longe de seu Romain Rolland, do seu Robert de La Sizeranne, de seu Gide, de seu Proust, de seu Valery."

("O JORNAL", Rio de Janeiro, 29 de abril de 1956).



DEFUNCTI, ADHUC LOQUUNTUR...

EXPRESSIVAS MANIFESTAÇÕES DE ACADEMICOS FALECIDOS

O PRIMEIRO PRESIDENTE DA ACADEMIA AMAZONENSE
DE LETRAS, NUM ESTILO CHEIO DE AURIFULGÊNCIAS,
OCUPA-SE DO SEU SEGUNDO SUCESSOR NA PRESIDÊN-
CIA DO NOSSO SODALÍCIO

FATOS E NOMES

BENJAMIN LIMA

Se não ando em erro, esta é a quarta vez que o escritor amazonense Pericles Moraes, interrompendo a calma fecunda de sua vida naquela parte longínqua do País — vida de um verdadeiro beneditino laico, todo entregue ao prazer da companhia dos livros — passa uns dias nesta cidade, e isto mesmo pela contingência de atender a imposições da saúde combalida.

O grande nome, portanto, que êle fez na literatura brasileiro, nome sem o mínimo exagero nacional, visto como tôda a nacionalidade lhe conhece e admira as obras, não o deve a uma transplantação definitiva para o Rio de Janeiro, processada de acôrdo com a suposição corrente de que só a Capital do Brasil pode conceder um ensejo de cultura e de glória.

Irredutivelmente fiel no seu amôr a Manaus, onde, nesta época sinistra de falta de casas, tem por habitação tôda uma biblioteca, tão grande quanto seleta, Pericles impôs-se à atenção e estima do melhor público de nossa imensa Pátria. E ali mesmo, centro naturalmente acanhado de editorialismo, isto é, ao cômodo alcance da sua própria revisão, nunca faltou quem lhe imprimisse os trabalhos de forma condigna, tornando-os atraentes ainda por êsse aspecto, e facilitando-lhes a disseminação pelos outros Estados.

Que força irradiante possui o real talento, em que pese aos pessimistas! A despeito de emparedado na Amazônia, êsse caboclo, incontestavelmente a maior vocação de escritor produzida pela referida região

até hoje, pôde, sem, a rigor, de lá sair, levar ao conhecimento de todos os seus compatriotas a esplêndida mensagem de beleza e claridade, da qual o fizera portador um destino generoso.

Tristão de Ataíde, autor de página impercível sôbre a importância da Província, em contraposição à Metrópole, na marcha cultural dos povos, dirá, talvez, que o fato registrado acima ocorreu não apesar do caráter sereno e remansoso daquele ambiente, e sim graças a êle, pois é o mais adequado de todos os climas para o cultivo da misteriosa flor da meditação — a de mais estranho poder nos intermúndios da sensibilidade e da inteligência.

Que pode faltar, com efeito, aos veros artistas, no meio provinciano, forçosamente caracterizado por certa quietude e silêncio? Aquelas reservas inestimáveis de excitação, que fluem, sob tôdas as formas e para todos os efeitos, do continuo tûmulo citadino. Por um paradoxo terrível, a noite, que devia interrompê-lo, que devia, pelo menos, atenuá-lo ao paroxismo. E não há isolamento possível, porque a nostalgia dêsse turbilhão gera íntimas febres ainda mais agitantes.

Mas tudo isso, mesmo na Província mais provinciana, existe, e determina seus resultados miríficos, à hora singular da inspiração, no meio que para si mesmo todo artista cria. De que não é capaz a imaginação em transe, nos seres para quem ela é fonte, ao mesmo tempo, dos maiores suplícios e das maiores alegrias? Pensemos na surdez de Beethoven e na genial clarividência de Wagner quando sustentava, com argumentos irrespondíveis, que aquela muralha erguida em tórno do surdo maravilhoso, para o isolar dos sons comuns, era imprescindível a completa floração de sons infinitamente mais belos, cujo segredo a êle sômente pertencia.

Figure-se algo de semelhante, a propósito do deserto relativo em que Pericles Moraes vive criando a sua obra magnífica. Certamente não escasseiam ali as únicas ressonâncias que lhe são gratas. E as outras que lhe são precisas, êle as obtém a qualquer instante, fazendo fulgir aquele espírito, fazendo vibrar aquele coração, ambos cheios de luz e de harmonia...

LEOPOLDO PÉRES, O INSUPERÁVEL ESTILISTA,
CUJA PENA REFLORIA NUM ESPLENDOR PERMA-
NENTE DE MAGNIFICÊNCIAS, DEPÕE SÓBRE A
LINHAGEM MENTAL DE PERICLES MORAES.

OS MESTRES DO ESTILO

LEOPOLDO PÉRES

A propósito da *Vida luminosa de Araújo Filho*, coube-me assinalar, vai precisamente em quatro anos, a unidade cíclica a que obedece, na substância e na forma, a evolução do pensamento estético de Pericles Moraes. À margem da peregrina e comovida biografia, mostrei, de feito, como ali se completára, em última palavra, no sentido de uma interiorização cada vez mais profunda, o justo equilíbrio do privilegiado temperamento analítico com as onímodas faculdades criadoras do escritor. O ensaísta fulgurante de *Figuras & Sensações* aparecia-nos, afinal, através de tantas e tão belas páginas vindicativas, na pleniposse dos seus extraordinários recursos de ideação e execução artísticas. Era a um tempo o Crítico e o Criador, realizando, numa perfeita simbiose de inteligência e sensibilidade, a síntese suprema de que fôra exemplo incomparável nas letras contemporâneas o polímato glorioso das *Lettres d'un Satyre*. E esse progresso não se verificava em direção retilínea, por etapas gradativas, sujeitas a inevitáveis soluções de continuidade, mas (reporto-me a uma frase de Ernst Robert Curtius, de referência a Balzac), por ciclos sucessivos e sempre mais dilatados, segundo a lei de expansão concêntrica, que preside ao desenvolvimento das obras medularmente orgânicas, e lhes determina a unidade de estrutura e de projeção.

É de acentuar, aliás, que já no seu grande livro de estréia se afastara Pericles Moraes, com o desassombro de uma consciência intelectual bem apurada, dos processos rotineiros por que, via de regra, pautava ainda o criticismo nacional de

1924 os arestos inapeláveis de sua rígida jurisprudência, na catalogação dos valores e dos gêneros literários. Mas essa orientação nova, de franca insubmissão aos dogmas inflexíveis das *chappelles* metropolitanas, dentro em novos métodos de exegese construtiva, posteriormente fixadas nos capítulos magistrais de *Coelho Netto e sua obra*, só no êxito absoluto daquela biografia moderna, lídima biografia d'arte, ao geito psicológico de Zweig ou de Maurois, se cristalizára, a meu vêr, de maneira definitiva, rasgando amplos e esplêndidos horizontes à crítica brasileira dos nossos dias.

A merecida irradiação desse trabalho, nos centros culturais do país, estava, porém, de si mesma, necessariamente adstrita às limitadas configurações regionais de um vulto, tal o de Araújo Filho, que se extinguiu, quasi desconhecido, na monotonia estéril, no silêncio e no obscurantismo da província, embora a faúla lampejante de genialidade e os tesouros inexauríveis de sabedoria, que lhe teriam assegurado, noutras circunstâncias e noutro meio, a mais poderosa ascendência sobre as energias cívicas e espirituais do Brasil.

* * *

Bem diferentes são, já agora, sem dúvida alguma, as perspectivas e os relêvos dos estudos que integram êste opulento volume de *Legendas & Águas-Fortes*, em que se apura e requinta, como nos ramos de uma parábola iriante, a arte encantadora de Pericles Moraes. A partir do florilégio que consagra à literatura amazônica, apresentada, pela primeira vez, no índice copioso dos seus maiores nomes, de Euclides, o irrealizável, a Ramayana de Chevalier, sem omitir, entre as mais expressivas, as figuras de Rangel e Ladislau, Gastão Cruls e Araújo Lima, Ferreira de Castro, Peregrino Junior e Anísio Jobim, — mas com exclusão justicadora e sistemática da família parasitária dos "imitadores solertes", invertebrados e cabotinos, que ainda hoje vivem à custa da vigorosa e inesgotável seiva euclideana, — a partir desse florilégio luminoso dos que souberam visionar, na realidade, os panoramas deslumbrantes da jangla equatorial, tudo no livro do eminente polígrafo conterrâneo se nos afigura de molde a concretizar-lhe o prolongamento rítmico e cíclico das idéias, sob a magia de um estilo de intensas reverberações, afeiçoado à mais espontânea, numerosa e cativante disciplina vernácula.

A glória de Gonzaga Duque, sumo pontífice de nossa crítica d'arte, filiado à nobiliarquia de um Mauclair ou de um La Sizeranne, revive das cinzas frias do olvido clamoroso, a que o lançára o imediatismo de uma época sem ideal, visceralmente utilitária, numa legenda de evocativa e oportuna reivindicação. Benjamin Lima, príncipe, dramaturgo e prosador de raça, que vence com um só livro na crítica literária, renovando-lhe os processos *surannés*, atualizando-a, transformando-a numa arte de epigramas doirados, à maneira de Chamfort e de Rivarol, — Benjamin Lima é, na pincelada segura e exata do empolgante ensaísta, “o mais genuíno florão da nobreza intelectual amazônica”. De Jayme Cardoso, “o artista máximo, o grande artista de sua geração”, artista e pensador dos mais extremos do nosso tempo e da nossa língua traça Pericles Moraes um perfil movimentado, de rara e impressiva eloquência. Rastreando-lhe a superexcitante genealogia d'annunziana, aponta-lhe também as identidades com o romancista cerebral de *Sixtine*, identidades próximas e transparentes que vêm a ser, de resto, as mesmas eletivas correspondências que, sob a demorada impregnação comum da cultura gauleza, do gênio francês, da alma boemia, mística e sensual de Paris, tão de perto o aproximam, a seu turno, do animador de *Figuras & Sensações*. O retrato da Condessa de Noailles, “princesse des lettres françaises”, é um primôr de acabamento, de justeza no desenho, no colorido e no toque psicológico, — um painel de fervorosa exaltação à fascinante poetisa da “*Priere devant le Soleil*”, cuja fisionomia, esbatida no sonho e no extase e trindo, em face da beleza, “a volúpia inquieta do amor e da morte”, como lhe espelhava a cadência, o esplendor balsâmico, a beatitude dos versos maravilhosos. Sainte-Beuve não se dedignaria de o incluir na pinacoteca iluminada dos seus *Portraits de femmes*, e já alguém disse, com razão, que fôra página para lida na Academia Francêsa. Transcurando, de longo a longo, toda a imensa bibliografia anatoleana, o pintor exímio de *Legendas & Águas-Fortes* conseguiu, ainda, fixar nas linhas definitivas a máscara paradoxalmente irônica e enternecida do sarcasta formidável de *Thaïs e da Histoire contemporaine*. Não conheço, a não ser no célebre discurso de Ruy Barbosa, saudando na Academia Brasileira o autor famigerado da *Vie de Jeanne d'Arc*, análise mais lúcida nem mais penetrante da obra desse insuperável dissecador da

piedade e da dúvida, a quem Lemaitre chamou “a extrema flôr do gênio latino”. A memória excelsa de Coelho Netto, a que me ligam tão gratas e inesquecidas lembranças, teve, no derradeiro capítulo, ao fechar do tomo, a evocação sensibilíssima e sensibilizadora do amigo, que lhe experimentou as reservas miraculosas da bondade, e do escritor, que dedicára um livro inteiro, uma monografia de larga e poderosa envergadura crítica, à produção monumental do homem que foi, no voto unânime dos seus coetâneos, o maior dos artistas da palavra no Brasil e, por certo, um dos maiores do nosso idioma, em todos os tempos.

Há outras telas admiráveis, outros retratos não menos sugestivos, nessa prefúlgida galeria de *Legendas & Águas-Fortes*. Tais os que se inscrevem nas epígrafes de *Um dicionarista literário*, respeito ao “Dicionário Universal de Literatura”, do erudito Sr. Henrique Perdigão, vindo a lume recentemente no Porto; *Esplendor e decadência de D. Juan*, variações e paradoxos à margem d’ “O amôr e o destino”, de João Grave, em tôrno ao mito do diabólico e incontestado libertino, que os avatares da paixão transmutaram na triste figura da *charge* amarga de Bataille; *Sôbre um retrato de Petronio*, que focaliza e documenta a fecunda atividade humanística de Fernando de Azevedo; e, por fim, *Elogio de uma inteligência*, página de amizade fraterna em que, refugindo ao critério equânime dos seus próprios juízos, cede uma vez o autor, exclusivamente, aos influxos generosos daquela conhecida “*charité intellectuelle*”, que Hello magnificava, e a que se não pôde evadir nem mesmo a implacável violência estética de Mirbeau. E nestes, como em todos os ensaios que se enfeixam no livro, a crítica de Pericles Moraes é a réplica perfeita do seu sentimento inato da beleza, de suas altas possibilidades investigadoras, de sua referta cultura e do seu verbo de pompas flaubertianas, — numa palavra, para repetir a linda expressão de que ele mesmo usou no elogio de Benjamin Lima, — “a flôr do pensamento, a orquídea exquisita e rara, que só germina nos campos onde existem as sementeiras das idéias”.

Nada, portanto, nos seus estudos, que se avisinhe sequer dos preconceitos doutrinários da crítica profissional, racionalista e dedutiva, qual a imaginaram e exerceram, em França, um Villemain, um Brunetière, um Doumic; no Brasil,

um Sílvio Romero, um Araripe ou um Veríssimo. Nada que se pareça, por outro lado, com as tendências inferiores, as injunções pretensiosas, ou os rancores iníquos, do negativismo crítico, que apenas se ocupa em descobrir manchas no sol (a observação é de Guilherme de Torre), ou se entrega, com retrincada ferocidade, segundo Remy de Gourmont, à tarefa crepuscular, isto é, ao tripúdio de subverter falsos ídolos, já de si condenados, por antecipação, às labaredas purificadoras das chaminés domésticas. Nem a crítica sentenciosa, dogmática e irredutível, que se erige em última instância de julgamento na aferição dos valores do espírito; nem a crítica panfletária, aluidora e dispersiva, crítica de aparências e defeitos, que se demora à superfície das idéias por incapacidade manifesta de lhes aprofundar a substância.

Cinzelador beneditino de lendas e mestre-aguaafortista do estilo, possuindo, como os Goncourts, de par com o sentido rítmico e pictural da palavra, no culto ardente da forma, a hiperacuidade de sensações, que foi, no depoimento de Bourget e Pierre Sabatier, a estranha enfermidade de que sofreram e morreram os artistas prodigiosos das *Idées & Sensations*, Pericles Moraes realiza, desde o seu primeiro livro, a crítica estética por excelência, "la critique des beautés", como a designou Chateaubriand, e cujos veios remotos já o oráculo de Port-Royal vislumbrara nas aureas vertentes de Diderot. Daí a invariável orientação afirmativa e construtora dos seus ensaios, em que os processos de análise, com apoio nos dados da experiência psicológica, se nos deparam sempre em função da síntese posterior, que os sobreleva e completa, na polarização total da obra examinada.

* * *

A crítica moderna supõe efetivamente, como no exemplo do analista ilustre de *Legendas & Aguas-Fortes*, um ato de fé, um testemunho de fraternidade, uma atitude de compreensão. Exige, por isso mesmo, um conjunto de íntimas e complexas afinidades entre o criticado e o crítico. Donde a impressão inexata de apologia, ou panegírico, que o mais das vezes comunica aos que a observam do exterior, na ignorância dos seus verdadeiros itinerários e dos seus métodos eminentemente orgânicos. Sainte-Beuve, considerado com absoluta justiça o arquétipo dos legisladores literários, a maior exponenciação

da mentalidade crítica contemporânea, foi o precursor do gênero, para o exercício eficiente do qual de mistér se faz ao escritor no ensinamento preclaríssimo do gigante das *Causeries du lundi*, o dom prestigioso e magnético de vêr o livro ou a obra d'arte "selon l'esprit qui l'a dictée". Albert Thibaudet, estudando-a, por sua vez, com a clarividência e a autoridade de um autêntico professor da doutrina, no volume notável em que não há muito lhe descortinou as diretrizes na hora presente, denominou-a "crítica da intuição e da simpatia". Crítica de índole bergsoniana, arma-se para atingir os seus fins das antenas divinatorias do instinto, mas do instinto tornado consciente, como faculdade de transcendência, de simpatia intelectual, ou de intuição supraintelectual, — faculdade privilegiada de semimetamorfose (intropatia ou "simpatia simbólica", de Basch, equivalente ao intraduzível *Einfühlung*, de Robert Vischer, entre os alemães), que permite ao intérprete surpreender a gênese das obras-primas, colocando-se no centro da realidade artística como si, deante do espetáculo do mundo, lograsse superar as categorias discursivas do conhecimento e da razão, perscrutando a essência imponderável das formas e o *élan* creador da natureza e da vida. E', em suma, a crítica creadora, de que nos falou Gourmont, mostrando-nos, nas "Promenades littéraires", que não há dissociação possível entre o espírito-crítico, porque um e outro, este na ordem da inteligência, aquele na hierarquia da sensibilidade, se empenham na mesma ânsia demiurgica e se envolvem na mesma atmosfera radiante de criação.

No Brasil de hoje, viu-a com agudeza Ronald de Carvalho, quando nos asseverava, a propósito da crítica fulgentíssima de Grieco, — que seria, ele próprio, um modelo da espécie, não fôsse a feição polêmica primacial de sua obra, — que o crítico é necessariamente um homem parcial, de vez que "ninguém pode construir, sem amôr, um instante de beleza". E, ainda neste momento, Andrade Muricy, escritor de primeira agua e uma das mais fortes expressões culturais da atual geração, apreciava a crítica moderna também sob

esse critério ou prisma bergsoniano, entendendo que, a toda prova, "criação e crítica representam movimentos de sociabilidade e de expansão essencialmente idênticos".

* * *

Revela, todavia, acentuar que, adotando e assimilando, sempre em maior destaque, de livro para livro, as teses e conclusões, que já no de agora a norteiam em definitiva, da crítica estética, de feição precípua e primordialmente creadora, — crítica das idéias, do estilo e da sensação, — crítica como filosofia da vida literária, ou como psicologia viva da cultura, na fórmula taineana, — não perdeu a arte vitoriosa de Pericles Moraes nenhuma das qualidades intrínsecas do seu gôsto original. Conserva, ao contrário, todos os singulares atributos do impressionismo decorativo e brilhante que o prende, sob os aspectos da sensibilidade e da emoção, à estirpe egrégia dos Anatole e dos Lemaitre, diletantes amáveis que fizeram da análise "un art de gouter", um prazer dionisíaco da inteligência, uma festa do espírito, buscando nos livros "o sorriso da linha", o contôrno evanescente das formas, a fisionomia indefinível das sensações raras. E' que, hoje como ontem, de *Figuras & Sensações* a *Legendas & Aguas-Fortes*, a crítica desse mestre da crítica será, antes e acima de tudo, como dissera, talvez, Thibaudet, — "une critique où le jugement garde toujours intacte la fleur même de la sensation", — e não apenas a flôr mesma da sensação, sinão também a flôr intemerata da beleza múltipla e profunda.

JOÃO LEDA, EXÍMIO VERNACULISTA, CUJO ESPÍRITO REFULGIU ENTRE AS INTELIGÊNCIAS PRIMAZES DO AMAZONAS, SUMARIA AS ATIVIDADES DO SODALÍCIO NO ANO DE 1952, A CUJA FRENTE SE ENCONTRAVA INTERINAMENTE.

Presidente Pericles Moraes:

A Academia Amazonense de Letras resolveu hoje reunir-se para, em plenário, transmitir-vos a presidência do nosso sodalício, que tanto sabeis dignificar e prestigiar com o vosso talento e elevada cultura. Eram outros, entretanto, nossos propósitos, que iam muito além desta reunião íntima de confrades, inteiramente despida do cunho solene que imagináramos e que certamente mereceis, assim por vossos grandes serviços à Academia, como por vossos alcandorados méritos intelectuais. Frustrou tudo isso, no entanto, a irredutível modéstia que vos é apanágio; e assim, tivemos que respeitar os motivos que ditaram vossa atitude, recusando a manifestação do nosso cordial aprêço tal como a havíamos delineado.

Sem embargo, aqui estamos para, restituindo-vos o pôsto presidencial, congratular-nos convosco, com abundância dalma: primeiro pelos evidentes benefícios que lograstes para vossa preciosa saúde nos climas do sul, refazendo o organismo algo enfraquecido e haurindo novas energias para as lutas em prol das letras amazônicas, a que desde longe vos devotais com inexecedível carinho; segundo pelo autêntico triunfo que vindes de alcançar com a publicação do vosso belo livro sôbre Leopoldo Péres, luminoso espírito que teve da vossa saudade, da vossa dedicação fraterna e do vosso sentimento de justiça a glorificação a que fazia jus.

Lemos vosso livro encantador com a emoção natural de quem, cultivando a amizade do ilustre biografado, participou, na intimidade de inolvidáveis tertúlias, de tantas cenas e episódios, evocados no vosso trabalho eloquente e lapidar.

Muito falou nêle o coração, mas também, por igual, a inteligência superior que o lavrou, chorando porventura de sincera comoção nos lances capitais dos colóquios, em que sòmente a alma poderia falar pela boca do artista. Cedestes em demasia à hipérbole por imperativos da afeição. Mas isso, no caso de Leopoldo Péres, é uma virtude que vos nobilita a consciência. Além de que, jamais podereis refugir à fatalidade do vosso temperamento, sempre que deliberardes pôr o vosso cálamo a serviço da consagração de amigos diletos.

Ouvimos de vós que Waldemar Pedrosa, com a liberdade espiritual que a todos nos liga nesse convívio amorável das letras, depois de louvar a beleza do vosso livro, vos enviára entretanto às profundezas do inferno, em frase exuberante de chiste, pelo desbordamento dos vossos louvores. Nós, ao revés, expediremos o panegirista emérito às regões calmas e suaves do paraíso, onde há córos musicais de querubins e orquestrações vibrantes de celícolas, que de certo vos invejarão os encantos melódicos, as sonatas verbais com que encheis os vossos livros, sobretudo êsse sôbre Leopoldo Péres, que não é bem um volume de memórias, escrito em linguagem humana, mas qualquer coisa semelhante a uma partitura de Wagner. Se lá surdinam por vêzes os violinos, logo a seguir estrepitam os metais em ondas de sonoridades tão fortes, que ameaçam a integridade auricular do leitor. Não há em vosso livro entidade gramatical que não cante, não vocalize, não gorgoeie, ou não apóstrofe. Nessa formidável parada de substantivos que sublimam, de adjetivos que divinizam, de advérbios que iluminam as imagens raras, se agita em convulsões o vosso estilo, fragoando a tessitura do hino que leva o vosso biografado, por entre nuvens incensórias, aos cumes vertiginosos dum Himaláia, onde êle, imponente e majestoso, surge soberbo na sua glorificação.

Na história literária, corre a versão de que Vitor Hugo mobilizára todo o vocabulário francês na lucubração das suas numerosas obras. O gênio de Hugo, porém, desdobrou-se em infinitos aspectos: foi poeta, foi parlamentar, foi romancista, foi historiógrafo. Não é, pois, de espantar a estupenda façanha que lhe atribuem. A vossa é sobremaneira maior. Em vosso livro sôbre Leopoldo Péres desfilam, uma a uma, tôdas as expressões que exaltam, que pindarizam, que endeusam,

na forjadura do mais atroante epinício que já se teceu nas letras brasileiras. Lendo-vos, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Não é um livro que se lê, é uma tempestade que se escuta. Nem por isso, todavia, vos enviaremos ao inferno, como o quis o nosso querido Waldemar Pedrosa, atordoado, entontecido com o fragor dos trops.

Ponderou há pouco nosso prezado companheiro padre Nonato, que vosso verbo é feito de ciarões. E' muito feliz o conceito, dada a idoneidade do julgador, que, sendo também um enamorado dos lumes e das côres, um vero apaixonado de tudo quanto fulge, lampeja e lucila, converte não raro sua forma literária em estema de faiscantes pedrarias.

Presidente Péricles:

A Academia Amazonense de Letras, durante os dez meses de nossa modesta gestão, fez quanto em si cabia para movimentar-se dentro das suas finalidades, senão com o brilho que sempre lhe imprimistes às solenidades, ao menos com a esforçada boa vontade, que sempre caracterizou nossos estimáveis companheiros. Tivemos o prazer e a honra de empossar os talentosos acadêmicos Genesino Braga, Castro Monte, Sadoc Pereira e Mitridates Corrêa, que hoje integram o nosso Silogeu. Além disso, inaugurando uma série de Conferências sôbre arte e literatura, aqui ouvimos e aplaudimos: — Mendonça de Sousa que, em homenagem à data da nossa Independência Política, produziu bela oração acêrca da efeméride, recordando igualmente nossa excelsa data de 5 de Setembro, para evocar nossos antepassados heróicos nos seus anseios de libertação e progresso; André Araujo que, com a sua primorosa cultura filosófica, nos deliciou com uma tese memorável, subordinada ao título sugestivo de "Uma filosofia da educação para o mundo moderno"; Mavignier de Castro que, revelando-nos uma admirável feição da sua cultura, discorreu, com a competência de um teorista musical, sôbre "Evolução e decadência da música no Amazonas", relembrando nossa grandeza pretérita no culto da grande arte; Mário Ipiranga que, ilustrando uma saborosa conferência folclórica com alegres bandos de crianças a entoarem lindíssimas canções,

nos deu uma festa original e brilhante; Djalma Batista que, soprando um temeroso tufão, de cujo bôjo a ventania assanhada arrojava lâminas de gilete e pontas de prego, falou dos "Problemas culturais do Amazonas" com a mestria que todos lhe reconhecemos e com aquela aparente placidez dalma que não denuncia o aluidor de homens e coisas, instituições e costumes; outra conferência de Mendonça de Sousa, agora sôbre o insigne Sílvio Romero, confirmou plenamente os seus dotes de orador e escritor, fechando finalmente a série o nosso ilustrado companheiro Artur Virgílio, que se ocupou, em largo e erudito estudo, do notável jurista e pensador Tobias Barreto de Menezes.

Consagrou ainda a Academia uma sessão especial ao seu eminente confrade Alvaro Maia, para congratular-se com êle por sua eleição de membro da Comissão de honra da Câmara Interamericana, coordenadora de planos para a segurança das Américas, tendo-o saudado nosso sempre aplaudido confrade, padre Noanto Pinheiro, e respondendo-lhe em fulgurante improviso o homenageado.

Essas as atividades da Academia Amazonense durante os dez meses da nossa presidência eventual.

Não devemos agora, caros confrades, aguardar esta reunião tão amável e fraternal, rematando-a com a prosáica demonstração de contas do sodalício. Recebê-la-eis, presidente Pericles, das mãos honradas do nosso tesoureiro Moacy Rosas.

Tomai assento na vossa cadeira.

**HUASCAR DE FIGUEIREDO, INTELIGÊNCIA DAS
MAIS ALCANDORADAS QUE ILUMINARAM NOSSO
SILOGEU, E A CUJA MEMÓRIA DEDICAMOS O
QUINTO NÚMERO DE NOSSA REVISTA, REFLETE
A GENIALIDADE DE UMA OBRA CRÍTICA.**

UM PENSADOR DA AMAZÔNIA

Ao sucesso inaugural do novo livro de Pericles Moraes, entregue à curiosidade festiva e aos entusiasmos laudatórios do Amazonas há dois dias, não seria justo acrescentar, com o perigo de lhe perturbar o ritmo glorificador, pela desvalia da origem, algumas apreciações regionais. Entretanto, sob a impressão imediata de sua leitura, realizada, de afogadilho, no repouso caseiro das primeiras horas matinais do domingo, quando o sol rebrilhava no seu esplendor magnífico e a ventania do verão agitava as folhas altas das palmeiras e frondes verdes da cidade, não quis retardar as expressões de agradecimento à gentileza do seu ofertório e às palavras da admiração espiritual pela beleza sugestiva da obra por ele realizada.

Com a sua ascendência intelectual no meio em que se colocou, onde se define o seu perfil e se retraça a sua figura com as linhas imperativas de uma personalidade singular, o valor intrínseco dos seus livros não tem o efeito de uma deflagração inesperada — confirma os segredos emotivos da ansiedade com que os aguardam os seus admiradores. Foi assim que recebemos o belo volume "Legendas & Águas-Fortes", seleção caprichosa e intencional de páginas vibrantes escritas com o ardor combativo do seu temperamento eminentemente crítico, cujos pendores se esclarecem e se confirmam à margem alcandorada dos assuntos, tratando-os com a superioridade de suas preferências literárias.

Contando cerca de tresentas páginas, elegantemente confeccionadas com o carinho gráfico de uma apresentação de rara felicidade estética, uma grande parte do livro, a de

maior desenvolvimento, foi dedicada aos intérpretes da Amazônia. Para as minhas predileções sentimentais, muito embora as outras matérias agradem e satisfaçam, foram essas as páginas essenciais do livro, pois ainda não tivemos, notadamente nêstes últimos trinta anos, que são os mais significativos da puberdade amazônica, quem se houvesse entregue ao cuidado de cotejar os trabalhos de interpretação da Amazônia, impondo-lhes o limite exato do seu valimento e de sua influência.

Realizando-o, Pericles Moraes foi um afeitor de valores, dominando os seus entusiasmos e preferências amistosas, que sòmente sobrenadam em ligeiras passagens, muito bem disfarçadas sob o artifício imaginoso dos exageros verbais, harmonizando-se com o sentido originário das suas intenções.

Mas, nessa galeria, em que se encontram, "propositadamente, gigantes e pigmeus", as restrições se fizeram com a mesma habilidade gentil, que êle assinalou entre as qualidades determinantes da crítica do sr. Benjamin Lima, páginas adiante.

Não se sabe, por isso, na intimidade volitiva do escritor, como se dividiram, entre os dois têrmos daquela classificação, excessivamente sintéticas, as interpretações estudadas. Se, para alguns, dentre os menos célebres, houve limitações, mal adequadas, como no caso do sr. Abgvar Bastos, cujo livro, reeditado sob o nome de "Terra de Icamiba", tem para o pensador amazonense o defeito do modernismo, sem que lhe fossem evidenciadas as boas qualidades de paisagista e desenhador de tipos, imaginoso e elegante, para outros, sem êsses méritos, há palavras elogiosas, incluindo-os no índice dos romancistas e dos escritores, quase sem estabelecer a sua separação dos intérpretes da natureza amazônica.

Há, porém, no esquema crítico do livro, a justa medida com referência aos maiores escritores sòbre a Amazônia, não sòmente sòbre os antigos, considerados com a relatividade do tempo, como ainda entre os mais recentes, os mais modernos, destacados com a segurança selecionadora das suas qualidades. Assim como Euclides da Cunha, Alberto Rangel e Alfredo Ladislau, na primeira categoria, se destacam obrigatoriamente, não se pode recusar a Ferreira de Castro e Ramayana de Chevalier, na outra preeminência natural e espontânea.

Contudo, ao que me parece, ao lado dêstes, talvez com a mesma sensibilidade espiritual, o autor da "Terra de Icamiba" poderia francamente aparecer, sem deslustrar a respeitabilidade artística da galeria amazônica dos seus intérpretes.

Legendas & Aguas-Fortes", como seu próprio nome o indica, envolvem outros assuntos.. Os três perfis críticos de Gonzaga Duque, Anatole France e da Condessa de Noailles, têm credenciais para figurar nas melhores galerias internacionais da literatura, demonstrando ainda uma vez, com exuberância tropical de linguagem, uma das boas qualidades do ilustre prosador amazonense, que o seu prestígio intelectual, falando por entre as sombras e os mistérios da floresta amazônica, agita os pensamentos e as idéias do mundo moderno, não se deslumbrando com os problemas literários da atualidade.

O novo livro de Pericles Moraes é a confirmação dos seus predicados espirituais de pensador elegante e sóbrio. .Devem-se-lhes homenagens especiais, não somente por isso, como ainda, com as condições depressivas do ambiente, da terra relegada e distante, com a fatalidade geográfica do esquecimento, por ser o único, talvez, que se abalança a alimentar a grande publicidade, construindo os monumentos literários do Amazonas, sem comprometer os seus créditos de cultura e de espiritualidade.

Sob êsse ponto de vista, quando encarado da distância em que o colocam as suas idéias, deve aparecer, aos olhares longínquos dos observadores de sua obra, com a sobrançeria magnífica das grandes frondes seculares, que se alteiam por sôbre as ramarias verdes da floresta, com as suas copas floridas e perfumadas...

HUASCAR DE FIGUEIREDO

DEPÕEM
OS MEMBROS EFETIVOS
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

INTÉRPRETE DA LITERATURA AMAZÔNICA

Dom Alberto G. Ramos

Arcebispo de Manaus

Membro da Academia

Não somente os primores da arte despertam a admiração de quem visita os célebres museus da Europa. Prendia-me a atenção, — sobretudo em Roma, Florença e Paris — o labor beneditino dos miniaturistas que ali se quedam horas e horas a encerrar no espaço angusto de um escrínio ou de um adereço, as cambiantes e tonalidades das obras primas. Indiferentes ao perpassar dos turistas e ao tagarelar babilônico de curiosos, aquêles artistas cerram pálpebras, aligeiram dêdos, subtilizam pincéis para reduzir e reproduzir, com rara felicidade e indesmentível fidelidade, a criação dos gênios.

Lembrei-me desses modernos seguidores de Isabey e Carriera, ao encontrar condensada e interpretada magistralmente, em 60 páginas de "Legendas & Aguas Fortes" tôda a literatura amazônica. Quase da mesma época é o trabalho de Anísio Jobim "A Intelectualidade no Extremo Norte" (Manaus, 1934) mais completo e difuso, embora sem o brilho do estilo de Pericles Moraes. N"Os Intérpretes da Amazônia" foi excluída "propositadamente, a ribambela de poetas que, em to-

dos os ritmos, cantaram a Amazônia". A estes referiu-se, mais detidamente, J. Eustáquio de Azevedo, na "Antologia Amazônica" (Belém, 1916) da qual possui apenas o primeiro volume que trata dos poetas paraenses, ignorando eu se chegou a ser publicado o tomo correspondente aos intelectuais amazonenses.

A bibliografia amazônica assemelha-se ainda à própria natureza tumultuária e gigantesca que decepciona à primeira vista. Para uma sinopse de conjunto, falta o ângulo visual de uma perspectiva proporcionada, que nem mesmo a aviação consegue oferecer.

Na primorosa síntese que Pericles Moraes conseguiu elaborar, expoem-se deliberadamente "gigantes e pigmeus", embora reduzidas sejam as restrições, a ponto de conceder um saldo satisfatório para todos quantos ousaram esboçar algum dos panoramas da planície enigmática. Merecidos e justos os louvores a Alfredo Ladislau e Araujo Lima, incontestavelmente dois dos pintores que mais souberam sentir, compreender e traduzir aspectos da portentosa e desconcertante região. "Porque a Amazônia não é assunto para escritores medíocres", afirma, com muita justeza o atual presidente da Academia Amazonense de Letras.

Mais inclinado a louvar do que a apontar deficiências, na exuberante euforia de incentivar os novos, mestre Pericles sente-se constrangido quando se vê forçado a opôr "minúsculas objeções" sempre lembrado das palavras de Tasso da Silveira: "...no Brasil, a restrição mínima é negação absoluta. A menor flexão no elogio, motivo de mágua e irritação".

Não foi um crítico literário, mas sim um místico, Thomas Merton, em "Seeds of Contemplation", quem asseverou: "Se um escritor é tão cauteloso que nunca escreve nada que possa ser criticado, nunca escreverá qualquer coisa que possa ser lida. Se quiserdes prestar algum auxílio aos outros, tendes de vos resolver a escrever coisas que certos homens condenarão".

Para que os jovens estudiosos possam dispôr de um resumo completo da literatura amazônica, urge que Pericles Moraes atualize o seu trabalho, passando sob o crivo de suas observações autorizadas, os livros publicados depois de 1935, muito embora bem poucos possam ombrear com os "clássicos da Amazônia".



A Inquietude na Obra de Pericles Moraes

ANDRÉ ARAÚJO

A expressão artística na alma de um pensador é sempre a consequência de uma inquietude, a qual determina a necessidade de expressão e projeção que o talento condensa, na angústia das vicâncias humanas.

Há uma ausência de qualquer coisa em cada um de nós, o que determina um desejo de realização. Causas inexplicáveis, determinismos tremendos, pressões de forças intangíveis levam o homem ao campo de ação, onde podia realizar-se como afirmação de vida espiritual. Forças que se atraem, coisas que se confundem, paixões que se exasperam, tecem a trama da infra-estrutura que sedimenta a base dessa espécie de massa telúrica do psicodrama humano, de onde surgem os "lírios dos campos" que são os gritos da "presença" universal de homens como Pericles Moraes.

A inquietude pode brotar muito cedo. Não há necessidade de viver um pouco para se efetivar a angústia de uma alma, cujo destino é a plena afirmação de uma "realidade", através de um apostolado.

Muito cedo pode brotar o caso psicológico de certas paixões ou tendências para onde o espírito se vê forçado a pender, como se cumprisse uma tremenda destinação. Creio na contingência inexplicável dessa fatalidade. Somos presos ao mundo, como o são as árvores. Raízes teológicas, funções místicas de destinos suaves, magníficos e pacíficos, vinculam-nos à base sedimentária das funções, para cada um dos apostolados a que estamos prêsos. Não é possível libertação, enquanto não se tornar a realização do destino superior de cada um de nós. O enraizamento à essa função humana a que se prende a infraestrutura psico-geológica de cada um de nós, a uma estrutura biológica, a uma superestrutura metafísica, — é da natureza vital das grandes destinações de certos homens.

Neste aspecto, cada um de nós se vê isolado sozinho, diante do universo. É como se um mundo contemplasse muitos universos. Nesse prisma, deve ser o homem encarado. Tal é a profundidade do problema da inquietude, que se observa na obra de um escritor como Pericles Moraes.

Quem analisar a vida desse pensador, há-de sentir que uma força estranha o tangeu para que ele se realizasse, na Amazônia. Não poderei ainda analisar, como psicólogo ou sociólogo, o meio em que ele surgiu. Não estudarei ainda como se realizou sua admirável formação literária. Algo paradoxal, no tempo e no espaço, se realizou.

Mas não podemos deixar de ficar apreensivos em relação ao aparecimento literário desse homem, face às circunstâncias em que ele surgiu, em época tão agitada, de tanta dispersividade, e em tempo em que os homens viviam atraídos por tantas banalidades: época de vícios acentuados, de grande mundanismo, de gastos abismais, de elegantes sensualidades, de vida noturna intensa, facilidades para tudo como viajar, conviver com companhias teatrais, elegantísimas. E depois disso tudo, o que também admira, é que ele não tenha sido, como certos e tantos fôgos-fátuos, que ao tempo apareceram brilhantemente e que desapareceram. Não, ele se mantêve com uma certa perenidade e veio até hoje, dentro desse magnífico destino, que as cousas lhe traçoram, como foco de irradiação e de atração, pelo grande ideal da cultura e da sabedoria.

O tempo, a evolução, os homens, as cousas, a vida, a política, os convites que teve para passar no sul ou em Paris, nada lhe seduziu. Aqui ficou. Aqui construiu sua obra imperecível. Daqui irradiou sua cultura.

Os de longe lhe admiram a sapiência. Os artistas, os literatos, os poetas, os escritores, os oradores, os conferencistas, os sábios, quando aqui aportam, procuram sua casa, sua biblioteca, sua palavra, o calor da irradiação intelectual de sua cultura, para admirá-lo, conhecê-lo.

Ninguém lhe pode negar esse privilégio. E porisso ele se tornou, a consciência, o ponto mais alto da vida intelectual planiciária. Seus setenta anos não lhe poderão reduzir esse fulgôr, como também não reduziram o de Einstein, o de Goethe, o de Martius, o de Dilthey, o de B. G. Shaw.

É que a vida, a idade, a velhice respeitam a inteligência e a cultura. Só os máos, os invejosos, os despeitados, os pobres de espírito, os nulos, os incompetentes não respeitam nem a cultura e muito menos a inteligência.

O tempo, o mundo, o próprio homem, passam, mas o que o homem realizou, por força de sua necessidade de realização, será eterno.

O silêncio poderá ser tremendo em torno de seu nome. Mas, dentro daquele silêncio, êle entende e entende as "vozes" que lhe falam, na sua inquietude e na sua angústia.

Esses homens privilegiados sacodem fóra o mundo, com as suas desgraças, arrancam as cousas inúteis do coração humano, para construir, com a fuga, o destino que Deus lhes reservara.

E' que nalma individual dos homens, estão as raizes da alma coletiva dos grupos sociais, a que os homens exponenciais servem, por fôrça da missão para que eles vieram à terra.

Essa função mental dos homens como Pericles Moraes é inquietante e inquieto o meio. Blondel, Kierkgaard, Nietzsche, Bloy e todos esses grandes incompreendidos, que tanto sofreram, para dar ao mundo a sua mais alta expressão de realização, são grandes personagens dessa imensa tragédia que é a inquietude humana.

Um dos pontos que devemos chamar a atenção, na obra de Péricles Moraes é o das metáforas de que usa, nos seus estudos de crítica e de biografias. Basta exemplificar: "religião do ritmo", "evocação de belezas", "estesia do amor". Os estudos sôbre Mauclair, Mirbeau, La Sizeranne, Maupassant, Rostand, Tolstoi, Courtelline, Capus, Julio Dantas, Bourget, Balbi, Coelho Netto, D'Annunzio, Noailles, Anatole, Gonzaga Duque, Benjamin Lima, Leopoldo Peres, Martins Fontes, Renato Viana, Stradeli, Anibal Teófilo estão cheios das mais altas expressões que demonstram um grande espírito em inquietude. Metáforas, com alto sentido de mística, de singular profundidade, de rara beleza, trabalhadas em estilo magnífico, revelam a inquietante angústia do escritor que atravessou a vida, como se marchasse através de uma noite escura.

A obra de Pericles Moraes, sua vida, seus hábitos, seus costumes, sua psicologia, suas preferências literárias revelam, claramente, o estado de alma de um homem que se realizou, mas que não foi ainda bem compreendido. Sua profunda sensibilidade, cuja delicadesa serve de base à sua grande estesia, demonstra que, apesar de seus setenta anos de existência, Pericles Moraes, tem essa sensibilidade de artista moço, senhor de uma alma jovem que o tempo não conseguiu cansar ou consumir.

Sua concepção estética da vida e das cousas, deu-lhe êsse comportamento artístico subjetivista e altamente funcional, e ainda hoje, no campo de sua psicologia como homem, é um artista supraindividual. E'

difícil entendê-lo, tal a enorme massa de detalhes que sua obra revela, tais os aspectos, os estudos, as direções que a todo instante demonstra, e especialmente se tomarmos o sentido escolástico de estética: "Esthetica est scientia de pulchro. Pulchrum autem dicatur id cuius ipsa apprehensio placet".

Esse sentido de pulchritude que se tem da estética, dá a inquietude no artista.

Toda a obra do pensador amazonense é essencialmente de beleza, daquela mesma beleza que inquietou, no seu sentido filosófico, o pensamento de Platão, Plotino, Hegel e Goethe.

Não há exagero nessa afirmação, pois todo homem que se vota a uma construção de arte, como seja a crítica, como escultura escrita, sofre as mesmas angústias e crises que sofrem todos os que se dedicaram à literatura como Schelling, Moritz Geiger, Julien Benda, Bernard Bosanquet, o próprio Kant no seu célebre "Le jugement Esthétique", e Sartre, e Guilherme de Torre.

É que o sentido de belo tem algo de absoluto, de infinito, no finito relativo que é próprio do homem como ser.

Os que não conhecem no seu sentido mais puro a estética, como razão de ser da própria crítica de arte, não podem calcular o profundo que envolve esse assunto, quer no campo literário, quer no campo filosófico.

Não houve um só filósofo que não tratasse desse assunto. Se voltessemos as páginas da história da filosofia, veríamos, — dos gregos, no período pré-socrático, aos mais modernos filósofos, entre eles os neo-kantianos da escola de Marburgo, como Cohen e Natorp, aos fenomenólogos como Husserl, — a inclusão da estética no quadro geral dos valores, e o belo, como um dos aspectos da grandeza da graça, para os filósofos místicos e cristãos, como Maritain e Tristão de Athoide.

Da obra de Pericles Moraes, podemos extrair uma série de fatos estéticos dos mais interessantes, para uma análise integral. Há nas páginas de todos os seus livros uma transferência, quando o mestre analisa os seus biografados. Esse conceito emocional, nos trabalhos desse homem gigantesco, tem uma formal integração dele próprio, em tudo quanto escreve. Essa é uma das maneiras mais interessantes do comportamento estético de Pericles Moraes. Será isso a transferência ao todo das qualidades de que nos fala Ehrenstein?

Vivências diluídas, maneiras de projetar o ser intelectual, necessidades de afirmar a existência através de um novo apostolado do espírito, para a realização desse primado imorredoiro que é o reino de espírito, o

prazer estético, o concretizar um universo que se constroi para os amigos ama-lo e para os adversários tentar destrui-lo, através de símbolos tremendos como daquele empreiteiro de demolição de que se alcunhava o meu grande e imortal Léon Bloy, quando investia contra homens notáveis de seu tempo.

Essa rápida análise que estamos fazendo da obra do mestre, em face de tantos aspectos que estamos apontando, confirma a razão de ser desse grande inquietude, desse tremendo desespêro artístico que está no subterrâneo dos estudos do consagrado crítico de arte.

O homem de talento que é esse homem que tem necessidade de se afirmar, através da necessária verdade, que é a realização do homem. Rafael é a expressão artística de suas madônas. As grandezas masculinas e geniais de Goethe estão tanto no primeiro como no segundo "Fausto" e os traços femininos daquele gênio alemão estão em "Ifigenia", "Hermann e Dorotéia" e "Wilhelm Meister". A jovialidade de Dickens se reflete em tudo quanto ele escreveu. O soturno de Balzac está no subterrâneo de tôda a imensa "Comédia Humana". O "Cid" tem muito de Corneille. "Andrômaca" está cheia da alma de Racine e Molière geme nas angústias de "Avarento".

O campo estético objetivo do escritor, nós o encontramos nas suas tendências, no que escreve, no que pensa.

Em Pericles Moraes, a atividade específica é a literatura, como arte e estética.

Li, há tempos e anotei um profundo pensamento de André Gide, num número do "Figaro", relativamente ao espírito francês. Dizia êle:

"Isso é o que importa ao espírito francez: definir. Com uma boa definição se sossega e, algumas vezes, se adormece. Nada o fastidia tanto como a confusão".

E' o caso da arte de Pericles Moraes. Escritor de profunda formação francêsa: detesta a confusão. Define e define-se sempre. Seus trabalhos e obras são definições claras do que pensa, do que quer. Suas tendências estão em suas obras claramente ressaltadas. Seus pendores artísticos estão definidos e são a consequência de uma vida inteira consagrada às artes e à literatura, especialmente à crítica.

Num século de indefinições, em que muitas vezes o pensamento e a inteligência tomam sempre a forma das cousas novas, fúteis e fáceis no aparentar o que realmente não são. Pericles é uma definição do alto espirito francês, na nebulosidade dos tempos que passam.

Sua inquietude e desespêro augustioso através de sua arte, são os sintomas da problemática de sua notável individualidade artística.

A êle poder-se-ia aplicar o que disse, inquietamente, Jacques Rivière, em sua correspondência com Alain Fournier:

"Mon desir, mon desir toujours trompé, ma passion inassouvie, voile mon bien, mon adorable douleur".

Poderá parecer para muitos difícil compreender uma vida que se tenha traçado a si mesmo, seus rumos eternos, dentro de um sentido ou de uma visão estética da existência. Para os filósofos, isto é, para os amigos da sabedoria que somos todos nós, a existência força a um sentido de estético, como a um sentido de moral.

Sorem Kierkgaard, esse grande torturado dos problemas humanos, no seu notabilíssimo livro "Estetica y Etica", demonstra os poderes dessas forças, na formação da personalidade humana.

Pericles Moraes, vivendo como sempre viveu no universo da Estético, das letras e da inteligência, formou o seu mundo ético que bem enobrece sua fecunda e magnífica existência.

Vida estético é eleição de uma personalidade. Vida estética é vida ética, como magnífica e genialmente demonstra o sublime dinamarquês Kierkgaard, quando nos fala da eticidade do belo, de sua melancolia e seu desespêro na ânsia de alcançar a possibilidade da belêza.

Pericles Moraes realizou êsse sonho de sua estesia e viveu maravilhosamente o seu universo ético com inquietude e desespêro, realizando assim a afirmação de uma existência proveitosa para as artes, para a inteligência e cultura nacionais.

PROF. PERICLES MORAES

AGNELLO BITTENCOURT

Chega-me a notícia de estar a Academia Amazonense de Letras movimentando-se para homenagear o seu egrégio Presidente, Prof. Péricles Moraes, hoje, dia de sua efeméride natalícia. Nada mais justo. Quero e devo associar-me a êsse gesto de simpatia e admiração a uma das figuras de maior relêvo intelectual do País.

Habituei-me a ver, nesse homem de peregrino espírito, o lidador incansável das letras, naquilo que o pensamento tem de mais luminoso e atraente.

Enclausurado em sua província, sem frequentar os conventículos literários da Metrópole, Péricles Moraes conseguiu para seu nome, só pelo valor de sua obra, repercussão nacional, granjeando o respeito e a admiração de quantos cultivam as boas letras neste País.

Nascido no Amazonas, tem aí passado tôda sua vida trabalhando nesse ambiente de exuberância. Encerrado na sua vultosa biblioteca, que, hoje, conta cerca de 20.000 volumes selecionados, apenas, dela, se afastando para viagens de estudos à Europa e ao Sul do País, tem produzido numerosos trabalhos literários, olhando ao longe a moldura das selvas e das águas, os alcandores da natureza e, em derredor, nas fileiras das suas estantes, um relicário da cultura.

Péricles é um grande e apaixonado bibliófilo. Considera seus livros como jóias de subido valor. Naquelas prateleiras modestas tôda sua fortuna, o pecúlio de mais de meio século de economias, produto de suas lides mentais. Aqueles volumes são tratados carinhosamente e guardados com avareza de quem não os dá por empréstimo, não os vende. Pensa

como Smiles: "Os nossos livros são amigos que não nos voltam as costas". São para o Mestre os mealheiros de sua inteligência e os testemunhos de sua obstinação pelas letras.

Conta Antoine Filon, tecendo uma fábula interessante, nas suas "Narrations Françaises", que um bibliófilo ouviu um dia, no salão de sua biblioteca, uma grande e exaltada vozeria. Aproximou-se e verificou que os livros, fora dos lugares, profligavam acerbamente seu proprietário de não os ler, não os tocar sequer com a ponta dos dedos, mas apenas possuí-los, para mostrá-los aos seus amigos, às visitas, gabando-se, no entanto, de ser literato e filósofo. A livraria de Péricles Moraes está contente. Jamais terá semelhante atitude.

O autor de "Figuras e Sensações", sob todos os ângulos, merece as lãureas de bom escritor, quer pela escolha dos assuntos, sempre tratados com erudição e rara acuidade crítica, quer pelo escorreito da forma vernacular.

Péricles é um dedicado pesquisador e um agudo intérprete. A sua crítica se inclina para a definição psicológica e sentimental do escritor de que se ocupa, sem descurar-se da análise pròpriamente literária da obra. Não isola o sentido, a fôrça do pensamento, porque prefere, em têrmos de análise, o cotejo das influências sociais da época. Tem razão, visto que, mesmo nas obras de ficção, na poesia e no romance, há inevitavelmente um cunho do tempo e do meio, que se alia às digressões do espírito.

Isto bem claro se vê nos estudos que o nosso Acadêmico realizou nos capítulos dos seus livros e nos ensaios estampados em jornais e revistas de Manaus. Passaram por sua apreciação Camille Maclair, Anatole France, Rostand, Alfred Capus, Paul Bourget e tantos outros.

Tratando de patricios nossos, o mesmo diapasão, não só literário, como social e cultural. Aí estão os livros "Coelho Netto e sua Obra", "Vida Luminosa de Araujo Filho" "Retrato de Augusto Linhares", "Leopoldo Neves" e, por último, o substancioso volume "Leopoldo Péres", nos quais se derramam dotes de coração e de inteligência.

A produção do Mestre vai mais longe, dentro e fora do crisol da crítica e do comentário. "Legendas & Águas Fortes" e "Confidências Literárias" reafirmam e consolidam os méritos do criador e do analista evidenciados em "Figuras e Sensações".

Não fique aqui, nestas desprezenciosas assertivas, apenas o conceito do escritor. Apraz-me, ainda, aludir ao *causeur*, que prende e ensina, zurzindo, muitas vêzes, naquela sutileza de ironias, que penetram como agulhas finíssimas até o cerne da vítima. Os que o escutam, nas sucessivas tertúlias de sua residência, após o jantar, não sentem quando o tempo lhes passa.

Uma inteligência que flameja na imprensa, não poderia deixar de flamejar nas digressões, nos comentários orais.

Não há, nêsse Acadêmico amazonense, duas personalidades culturais, mas um só homem no literato, no antigo Professor de Francês, no velho Notário, no ex-Diretor Geral da Instrução Pública, no ex-Secretário Geral do Estado, como no Chefe de família e no amigo.



"COELHO NETTO E SUA OBRA"

ALVARO MAIA

A crítica brasileira resumiu-se, nos últimos meses, em estudos, esparsos em revistas e folhetins, não reunidos em volumes que possam dar, em conjunto, um aspecto geral da moderna produção literária.

Dir-se-ia uma estagnação o desleixo, que é apenas uma resultante da época estranha, vivida em turbilhões, em relâmpagos, que riscam o espaço num minuto fúlguro, e desaparecem, deixando um fugitivo rastro de luz.

Sem escritores profissionais — triste demonstração de materialismo, denotando um povo que não lê —, ainda se compraz a nossa gente em apedrejar, muitas vêzes, espíritos representativos, que a elevam e dignificam.

Quando surge nos horizontes pálidos de nossas letras uma obra de equilíbrio e reivindicação, capaz de joear e conduzir, estamos na obrigação, algum carinho alvoreje, dando sinais de que não estão embotadas as nossas faculdades sensoriais. Uma hora houve de ansiosas interrogações — quando a tormenta de Marinetti sacudiu parte de nossa mentalidade, que, sob os cornetins românticos do sr. Graça Aranha, tentou adaptar aos nossos costumes a tentativa de renovação, decorrente de um determinado povo, que atravessa um determinado momento. Não se desviam infantilmente diretrizes, nem se formam correntes, como quem encaderna um livro ou fabrica um par de borzeguins. Essa força prodigiosa brota do solo, engrossada de afluentes, à maneira dos grandes rios, cuja correnteza ninguém poderia dirigir, tornando-a para as nascentes.

Naqueles horas tumultuantes, em que os gladiadores preliavam pelos prós e contras do futurismo, era natural fôsse esquecido o fim primordial — trabalhar com arte pela arte; excluídas algumas páginas formosas, buriladas por escritores que triunfaram nas muralhas da antiga fortaleza, nada ficou da barulhenta aventura literária. Obra

REVISTA DA ACADEMIA

seria, que rompa o marasmo atual, traz o sinete modelar dos pensamentos puros e do eterno velho estilo, variados apenas os ritmos imprescindíveis à orquestração de sinfonias novas. Tãda América, do sr. Ronald de Carvalho, não foge à observação, e, apesar do andino sopro que a inspira, não possui o carater permanente do magnifico ensaio sôbre a literatura brasileira, nem mesmo a suavidade dêsse livro de transição — os "Epigramas Irônicos e Sentimentais".

Conseguiu o futurismo uma espécie de armistício: o ruído carnavalesco dos combates, travados em jornais e platéias, amedrontou os verdadeiros artistas. Coteje-se, bastando êsse exemplo, a produção livresca do Brasil, com trinta e cinco milhões de habitantes, com a da Argentina, com oito milhões.

A superioridade dêste último país é esmagadora, e superioridade em obras dignas, assim em prosa como em verso. Por não se enquadram no computo geral as telas afrodisíacas, de má tinta e pior traço, com que os *nouveaux-riches* do mercado intelectual envenenam moços e velhos, a doses fortes de morfina e cantárida. E há uma circunstância burlesca: enquanto os legisladores inventam leis contra tóxicos, punindo os morfínomanos, a polícia pisca os olhos aos escritorescos de páginas fesceninas e imorais de páginas (imorais no sentido wildeano — mal escritas) em que são relatadas com esmero as maiores depravações bordelengas.

Não sei, nos domínios da inteligência, de indústria mais rendosa e fácil que a de explorar sensualismos gastos ou nascentes, em capítulos clamorosos de revistas e livros, alguns reavivados a incisivos traços de nankim e pontos consecutivos de admiração, que exprimem, nas gravidades perpendiculares, suspiros e espasmos.

Ao que vareja diariamente mostruários e livrarias, onde as malas postais despejam capas coloridas com títulos arrevezados, com alguns autores ocultos comodamente no pseudônimo, é sempre tarefa agradável, e quase de espanto, receber uma obra profunda de autor nacional moderno da nova geração.

Excetuam-se apenas as de carater jurídico, sociológico ou didático. As traduções, alinhavadas a contrato, enxameiam como vespas doidas, dando-nos a moral mardeniana dos estadunidenses ou adultérios franceses, monstregos de luxúria ou aventuras de Texas Jack.

Pode-se dizer que Paulo de Kock, excitando tôdas as suas criadas de servir, é um inocente perante os calhamaços vaginais que nos enviam do sul. Em meio àquele nauseabundo cheiro de prostíbulo, em que se

REVISTA DA ACADEMIA

tenta fotografar uma sociedade hipitética, ou entre os períodos mal-traduzidos de Marden, moralista de citações, um livro boia, nesta Manaus tão distante, como uma vitória-régia num lago de matupás, seduzindo, à primeira vista, pelo rubro colorido das pétalas gigantes, onde zumbem insetos de ouro. A imagem aplica-se com perfeição: "Coelho Netto e sua Obra", o livro a que me refiro, foi escrito no Amazonas, e o seu autor, o sr. Péricles Moraes, é amazonense, com a radiosa cultura formada em nossa cidade e ao longo dos nossos rios. Há, a recomendar-lo com áfagos macios, um duplo motivo, e sob essa impressão decorre a leitura de suas trezentas páginas. Antes de tudo, somente pelo título, eu compreendi que esse trabalho é uma resposta vigorosa e superior aos que, faz poucos anos, acusavam infantilmente o sr. Péricles Moraes de haver iniciado a carreira de publicista por estudos de literatura francesa e autores franceses. Mas o "Figuras & Sensações" continuou em sua trajetória vitoriosa: além do carinhoso estudo que lhe dedicou Leopoldo Péres, escreveu João Grave, o esteta do "O último Fauno", que Péricles Moraes possui uma "forma pura, cheia de elegância plástica e dum sabor clássico que a valorisa ainda mais"; Oscar Lopes, citando o capítulo dedicado a Maupassant, diz que o crítico amazonense, apresenta "um estudo belíssimo, solidamente construído e entre cujas linhas, como entre colinas, passa e repassa uma aura permanente de emoção".

De mim, admirei no livro o "estilo resumbrante de colorido: as frases correm, ondulam, beijam-se com os imprevistos das vagas", enquadrando a figura do escritor evocado — Mauclair, La Sizeranne, Courteline, Capus — que, modelada pelos dedos do crítico, "sobresáe de sensações turbilhonantes e contraditórias".

No "Figuras & Sensações, pela frase versicolor, deslisam aqueles supremos perfis da literatura francesa, movendo-se dentro da própria vida e da própria obra, fotografados nos pontos culminantes; apenas um capítulo, trancando o livro em nota comovente, foge aquela regra — a página de saudade a Heliodoro Balbi, em que o tribuno fulgurante não nos surge no brilho dos dias heróicos, mas nas horas de sofrimento, quando a dor o envolve para sempre, em caminho da transfiguração purificadora; Th. Vaz, o endolorido "Musset regional", foi emparedado num cárcere de ouro, quando tremendo mal "estrangulava a última canção", que fugia em desespero da "garganta do gaturamo". No livro atual, ao contrário, o homem visado é um só, movimentando-se

no cenário prodigioso; mas esse escritor é um titan, que arrasta no caminho émulos extraordinários e figuras secundárias, um admirável Proteu do pensamento, em cujas mãos fecundas a pena se transmuda em buril, malho, comartelo, paleta e bisturi.

Há outra diferença: o esteta amazonense encontrou, em "Figuras & Sensações", a estrada aberta, e, como bom guia, mostrou belezas novas, que se escondiam em trechos que ninguém viu — aqui um fio d'água, murmulhando entre bambuais, alí galhos recurvos, onde se debruçam catléias, como beijos monstruosos gravados por egípcios famintos nos recantos que ocultavam hamadriadas fugitivas. Em "Coelho Netto e sua Obra", o terreno era desconhecido, dormindo numa virgindade apavorante de selva amazônica: fora, o verdor, a irregularidade aparente, dentro, maravilhosas formas, criações mitológicas, todo um gênesis ardendo em vida e fascínio...

Na primeiro livro, o plano estava desenvolvido, e o artista soube argomassar o edifício com ousada maestria; no segundo, havia a desordem formidável de um mundo irrevelado, reclamando a libertação pela força criadora. Porque é o primeiro estudo consciente da obra torrencial do sr. Coelho Netto, nos ramos em que se subdivide esse jardim sagrado, onde os volumes, como árvores cantantes, se erguem para a glória de nossas letras. E esse estudo é uma comovedora reivindicação à obra do artista nacional, de fecundos dedos eternamente abertos em germinações, de onde fluem as palavras, como sementes, trazendo o humus do impulso inicial, na sementeira por esta imensa gleba da pátria. Não poderia o batalhador escapar à sanie dos invejosos, cujas bocas vomitam e cuspiam protervias contra os homens que trabalham na meditação e no isolamento, surdos à contumélia da famulagem, e dêsses lábios retorcidos e amarelos, que não suportam a independência alheia e emurhecem a distilar injustiças, como alambiques de infâmias.

Contumazes descontentes, o sr. Pericles Moraes receberá espadeiradas incertas, tentando castigar a audácia de haver construído um monumento ao cinzelador do Rei Negro: esquecem-se, entretanto, os acutiladores que esse monumento, eletrificado pelas forças da fonte geratriz, há de repeli-los com as descargas recebidas através das próprias armas.

O sr. Péricles Moraes, revelando novos processos críticos, analisa, em Coelho Netto, o psicólogo da palavra e o escritor romântico, as suas preferências literárias e mestre do conto, a galeria de retratos e os desenhos de imaginação, o romancista que introduziu no Brasil a psicanálise de Freud, o milionário do período, o fascinante Rudyard

REVISTA DA ACADEMIA

Kipling brasileiro, que joieira vinte mil palavras em seus livros, o teatrólogo e o renovador do teatro nacional e, enfim, a influência das grandes obras em seu espírito, em que se salienta a Bíblia, fonte perene de inspiração. Cada capítulo pode ser facilmente desagregado para formar uma clara atitude, um seguro pendor do sr. Coelho Netto; e, ao mesmo tempo, todos se concatenam para definir-lhe a obra prodigiosa.

A unidade é tão completa quanto o estilo; os frisos e as cornijas são dignos do mármore em que foram rendilhadas. Em tórno à figura principal, outros vultos perpassam, outros acontecimentos se desenvolvem, em instantâneos preciosos do meio turbulento, em que viveu aquele mago "pintor de incandescências".

As páginas eruditas sôbre literatura francesa, que o crítico aureolado aurilavra para melhor dissecar a obra do analista do "Inverno em Flôr", são animadas, de quando em quando, por verdadeiros lances emocionais, como os dedicados a José do Patrocínio, Raul Pompeia e Aluysio de Azevedo: dessa forma, fugindo à aridez de estudos semelhantes, "Coelho Netto e sua Obra", com que o sr. Péricles Moraes devassou, num sacrilégio patriótico, a obra ciclópica do pensador brasileiro, é um original livro de crítica impressionistas, em que também se confundem os ritmos de um poema e os episódios de um romance.



A Crítica como expressão de Arte

ARISTOPHANO ANTONY

Na literatura de todos os tempos, a crítica é uma das suas modalidades mais difíceis. Quem se propuzer a julgar aquêles que produzem, bem ou mal, deve alheiar-se do sentimentalismo e das prevenções, para vestir a roupagem sóbria, mas elegante, do observador consciente. As razões do coração como o espírito de intolerância e sectarismo não podem e não devem prevalecer no julgamento do analista. A função do julgador é em tudo semelhante à dos juizes, no arrazoar os defeitos e as qualidades de cada um. Fazer crítica literária, portanto, pressupõe tarefa que requer, além de cuidadosa e detida inspeção, rigoroso critério individual. A balança em que são pesadas as apreciações, não pode, originariamente, ser viciada ou corrompida, mas equilibrada com honestidade, para melhor se avaliar das faltas e dos descomedimentos da matéria examinada. Não se compreende um crítico sem o senso da medida e referto de hiperbolicismos no emitir seu julgamento. Este, em qualquer oportunidade, deve ser, como dizia Machado de Assis, se não de todo justo, embora variável no mérito, pelo menos engenhoso e exato na observação. Não era outra, aliás, a opinião dos Goncourt, quando defendiam Victor Hugo das irreverências de Taine, cujas restrições ao poeta de *LÉGENDE DES SIÈCLES* sempre foram acentuadas. Também não afinava, certas vêzes, por diapasão diferente, o próprio Sainte-Beuve, que, a-pesar-da sua notoriedade, se comprazia "em ser rombudo, ao criticar grandes nomes da literatura francêsã". Preponderam, assim, em certos e determinados críticos, os defeitos de análise, ou talvez, de incom-

preensão. Foi o que observou o sr. Augusto Meyer, quando se referiu, com o aprumo dos seus comentários, aos juízos críticos apressados, que geram, comumente, injustiças ao envêr de simpatias. Essa, também, é a opinião de André Gide, ao mencionar a aversão que Goethe manifestava pela música de Beethoven, isto porque o artista de WERTHER entrava "numa fâse de reação contra o romantismo, e como bom devoto de Mozart, não podia aceitar com espontaneidade, essa nova erupção da alma faustica", porque, no fundo, "inconscientemente, fechava os olhos para não se revêr na estranha mensagem musical". Outro crítico que se deixou levar pelo "sabor dos contemporâneos", foi Rivarol, que se dava por feliz quando apostrofava o autor da DIVINA COMÉDIA. E ainda Albalat, que, segundo um escritor dos nossos dias, "entendeu certa vez de corrigir caridosamente o estilo de Stendhal". São, assim, certos críticos. A limitação da capacidade compreensiva dos escritores é, positivamente, dispar no tocante à sensibilidade, separando os homens e as gerações, dentro da mesma época em que "as divergências culturais abrem sulcos profundos e formam zonas glaciais de indiferença, conduzindo a caminhos que nunca se encontram". Melhor conceito da crítica tinha Renan, que se dava por feliz em não rebelar-se contra qualquer escritor. E isto mesmo êle afirma nas páginas de SOUVENIRS D'ENFANCE ET DE JEUNESSE, com aquela doçura quase mística que lhe é acentuada nos livros. Também o nosso Joaquim Nabuco ressaltava a conveniência de um conceito benévolo, sobretudo para aquêles que se iniciam nas letras, embora com indisfarçável malícia acentuasse que "cada um de nós usa, através da vida, uma máscara, que ninguém pode levantar e que somente diante de Deus somos obrigados a retirar". E' que, sem dúvida, à sua época já o biógrafo de UM ESTADISTA DO IMPÉRIO admitia o conceito de Jacques Maritain, de que "o progresso intelectual é mais lento e menos visível que o progresso material". Isto tudo demonstra, à evidência, que fazer crítica literária é saber dividir o belo e o feio, mas com visão superior, sem resentimentos ou prevenções originárias

que, quase sempre, deturpam apreciações e provocam animosidades. Função delicada, é certo, e, por isso mesmo extrenua de cuidados e de estudos que não permitam claudicações e injustiças.

* * *

No seu discurso de recepção, na Academia Brasileira de Letras, tem êsse campeão da oratória, que é o sr. João Neves da Fontoura, êste período que me permito transcrever: — “No relógio da minha vida muitas horas tenho ansiosamente esperado que sôem. Todos nós temos as nossas horas esperadas e, aguardando-as, seguimos os ponteiros, contando febrilmente os minutos, que quase sempre são duros anos decepcionados — ou por que a hora nunca chega a sôar, ou se sôa, nunca traz a apetecida alegria, se é que as longas e dolorosas vigílias não esfumam nas tristezas da demora as luzes, que de longe nos pareciam solares”. Também eu esperava, no “relógio da minha vida”, o minuto amável para falar de Pericles Moraes, o escritor que me enche a beleza das horas, de dois modos diferentes: — como amigo, que o é dos melhores, e como crítico, dos maiores que possuem as nossas letras. Aquêlê, conquistei saltando “pela porta da amizade a dentro, e não pela porta da admiração”, porque não me sobram méritos que possam impor-me à sua simpatia espiritual; êste, pela sinceridade dos seus conceitos e pela elegância do seu espírito, que atesta sempre a lucidez do pensamento e a perfeição da fôrma. E’ a êsse príncipe das letras amazônicas que se ajusta, singularmente, a expressão de Ruy: — “Possue a simplicidade, a clareza, a transparência” dos mestres contemporâneos, dando-nos lições de sabedoria e de cultura, nos menores ensaios que apraz à sua inteligência oferecer-nos. Estou que sobrava razão a Proust para afirmar que “o encontro, fortuito ou não com um grande engenho, constitue o único meio de verificação do acêrto das nossas idéias”. Permito-me, aqui, a falar de Pericles Moraes, para aludir aos seus méritos de crítico e à sua arte de escritor. Naquêles ressumbra o perquiridor joierado, que se não amolenta com o decorrer das horas perdidas na solidão dos gabinetes, onde os volumes separam séculos de ensinamentos e de sabedoria; nesta última, o rebuscador da língua, que se opulenta na

maneira de versar os assuntos mais áridos e na elasticidade de seu estilo sem arestas, cuja translucidez e elegância são de molde a serem destacados, tal a sua perfeição linguística. Para Pericles Moraes deve caber aquêlê juízo de Alcântara Machado, referindo-se à estrutura mental do sr. Levy Carneiro, cuja singeleza de forma exaltava: — "Não está no rôl dos que falam e escrevem descompostos, em chinelos e de mangas arregaçadas", mas daquêles que, cuidadosos, evitam, com escrúpulo, a janotice e o desmazêlo. Essas, por certo, as suas características reais de escritor. Abro, agora, de par em par, as janelas do meu espírito para falar nos livros de Pericles Moraes, o escritor que pensa como Emile Faguet, o iluminado de LES AMOURS DES HOMMES DE LETTRES, que não se limitava "a repetir o que já se disse, mas a refutar o que lhe parecia falso, e a enriquecer a matéria com elementos de pesquisas puramente pessoais".

* * *

FIGURAS & SENSações com que estreou Pericles Moraes, é, pela sua contextura, um livro definitivo. Nêlê nos aparece o crítico sagaz e ático, iluminado por uma cultura superior, servido pelo mais amplo conhecimento da literatura francêsa, perquirindo, observando, distinguindo e fixando com arte. E não dizer-se que Pericles Moraes é desses escritores que foram causticados por Humberto de Campos, pelo fato de mutilarem as idéias, para ajustá-las "ao leito de ouro da palavra sonora", ou daquêles que são "indiferentes à beleza do vocábulo ou ao tormento da frase". Nada disso. Suas imagens são claras, dão amplitude ao pensamento, sendo-lhe profundos os conceitos, bem à semelhança do que reconhecia Mauclair, ajuizando a obra poética de um seu contemporâneo:—"Plus um poète trouve d'images, plus il est grand". Valha essa concepção a quem, como Pericles Moraes, formou sua mentalidade no jornalismo, — Antonio Ferro diz que o consultório de Freud não vale uma redação! — escalou, em seguida, o Parnaso, para alicerçar sua cultura, com todos os conhecimentos da imprensa e do metro, na literatura séria, pensada e cheia de pólpa. Depois das reportagens, dos artigos e das crônicas diárias no que consumio grande parte da sua vida, as preocupações hexamétricas e alexandrinas passaram para

os ensaios que reclamam leitura e erudição. Houve um hiato nas suas atividades literárias, até que apareceu FIGURAS & SENSAÇÕES, que foi envolvido, de pronto, pelas simpatias unânimes da crítica, notadamente a francesa. E não era para menos. Nêsse livro aparecem, revividos pela fulguração de uma análise sadia, Camille Maclair, La Sizeranne, Maupassant, Rostand, Tolstoi, Courtelline, Alfred Capus, Bourget, Julio Dantas e, numa página de saudade, Heliodoro Balbi. E com que beleza Péricles Moraes estuda a amplitude mental de cada um dêsses soberbos cultores da arte! Nada escapa à sua visão perquiridora. Dos artistas de LA RELIGION DE LA MUSIQUE, (Pericles Moraes vê em Maclair o estéta que "atrai, enleia, embriaga, perverte, alucina como a luxúria pagã de um deus corrompido); de SEBASTIEN ROCH, em que Mirbeau aparece como o panfle-tário "rude nas suas objugatórias, inflexível nas suas apóstrofes"; de MIROIR DE LA VIE, cujos livros são um frêmito contínuo de beleza", porque tem o condão de fazer "de cada contemplação um extase, de cada extase uma adoração e de cada adoração um culto novo"; de BEL AMI, em que Maupassant é visto como "autêntico pintor da carêta humana". Descobre no criador discutido do CYRANO DE BERGERAC, através de controvérsias envolventes, "um poeta feliz, um poeta amado"; manifesta admiração pelo iluminado da SONATA DE KREUTZER, que considera "uma legenda de glórias"; vislumbra, no filósofo humorista de LA PHILOSOPHIE, "paradoxos que são verdades e verdades que são paradoxos". Páginas de psicologia são as que dedica à melancolia dos Pierrots. Relembrando, expressivamente, a figura do comediógrafo de LES FAVORITES, acha ser êle "um grande professor de energia". Th. Vaz, o lírico das CANTIGAS, que espargia talento pelos interstícios das palestras, e que não deixou uma obra perdurável, pela dispersão das suas energias, mereceu do crítico uma crônica de saudade, epinício sentido ao poeta que teve "o beijo da fortuna, na mocidade, abrindo-lhe as suas asas enfeitçadas, e na velhice, o travor das desilusões supremas". Erudita sua apreciação sôbre o delicado temperamento estético do autor de ESPA-DAS e ROSAS. Para Péricles Moraes o sr. Julio Dantas, que possui o segrêdo das sutilezas, tem "o estilo sedutor que desprende um cativante arôma de rosas e de heliotropos,

dando-nos a sensação de vigor e de fôrça, tanto vale dizer de mocidade e de vida". Meticuloso o estudo sôbre Paul Bourget, por ser uma análise dos sagitários da insídia. Heliodoro Balbi, que foi o seu irmão em arte e em sonho, cuja alma vivia perenemente ligada à sua, é evocado com saudade e com lágrimas. As palavras que lhe dedica o crítico são de tal maneira sentidas, que fácil se torna compreender o quanto de amargurada tristeza o envolvia, à lembrança daquele que foi seu companheiro inseparável nas tertúlias do espírito. Eis, em resumo, a contextura do livro. Outros, tão belos e tão perfeitos, teriam de surgir, vasados pela cerebração poderosa do cinzelador de FIGURAS & SENSações.

* * *

Não sei se foi em PERSEPHONE, obra feita para o arcabouço da música de Strawinsky", que André Gide afirmou: — "Só é permitida a duração dos escritores capazes de oferecer às sucessivas gerações alimentos novos; porque cada geração traz uma fome diferente". Talvez porque assim também pensasse, Pericles Moraes nos ofereceu sua segunda sementeira de crítico, que foi COELHO NETTO E SUA OBRA. E ninguém melhor perfilou, em páginas de pura sensibilidade, o romancista do REI NEGRO, cuja complexidade de espírito não encontrou, jamais, limites nos vários ramos da cultura literária. E o escritor portentoso, "atraído pela inveja, sitiado pela indiferença, emparedado entre as muralhas dos obstáculos crescentes da vida", a tudo venciu com altivez, para nos dar uma sequência de livros que são verdadeiras obras-primas da literatura contemporânea. Em que pese à autoridade de José Veríssimo, que sempre fez injustificadas restrições ao autor de TURBILHÃO, mesmo relevando a casmurrice do crítico de LETRAS E LITERATOS, Pericles Moraes nada obstante denunciar na sua obra profunda admiração pelo "conteur" de RHAPSODIAS, é justo, medido e sobremodo certo no enunciar-lhe o mérito e no outorgar-lhe o primado das nossas letras. Apreciando-lhe a riqueza vocabular, — Coelho Neto, o mais requintado escritor de nossa língua —, considera que a palavra do mestre é a "matéria prima das suas idéias e sentimentos", no romance, no conto, nos

dramas e nas comédias. E vai além. Autopsiando, uma por uma, as células mentais do memorialista de de A CONQUISTA, examina-as através de seus aspectos multifários, perdendo-se em minúcias, detendo-se em pesquisas e extasiando-se continuamente diante da "chama perpetua e germinadora que irradia do seu espírito". E é diante dessa chama que se não extingue e que tem fulgurações estranhas, que encandeiam e deslumbram, que Pericles Moraes exclama, terminada a leitura de MANO: — "É o maior poema de fé, de angústia, de agonia e de saudade que jamais se escreveu em língua portuguesa!" Grande estatuário da forma, o que impressionava em Coelho Neto era, sem dúvida, a sua maneira de dizer, polindo os vocábulos. Estes, em todos os seus livros, semelham, tal a sua variedade, pedrarias raras e difíceis de selecionar. O romancista de MIRAGEM possui — isto mesmo Pericles Moraes acentua, todos os seus livros, "o mundo das sensações e o mundo das palavras", do que se infere que seu estilo é o testemunho de uma época em que se "pensava sem pressa e se escrevia sem precipitação", como ressaltava Sainte-Beuve, defendendo a nobreza da forma, no ocupar-se de Emile Deschanel, ou como dizia Lecomte de Lisle, (nas anotações que faz Henry Houssaye) recomendando que todos devem escolher seu vocabulário, de vez que, escrever mal, é pensar mal. Pericles Moraes estudando o orientalista de BALADILHAS e o psico-analista do INVERNO EM FLÔR, nada deixa escapar à sua visão. E ajuizando o novelista insigne de ÁGUA DE JUVENTA, moldou-se às regras do mestre de PORT-ROYAL, servindo-se do senso profundo da submissão à realidade estudada, dos motivos diversos dos livros, personalidades e épocas, com a mesma intuição com que o erudito Tasso da Silveira, em CAMINHOS DO ESPÍRITO, costumava vêr os mestres contemporâneos. Pericles Moraes nos deu, em COELHO NETO E SUA OBRA, aqueles "alimentos renovados", já que trazemos, na expressão de André Gide, "uma fome diferente".

* * *

Atribui Humberto de Campos a Sainte-Beuve, a glória de ter sido o precursor da crítica biográfica, acrescentando que, em todas as ocasiões, o mestre francês "ao reconsti-

tuir uma bela e generosa existência venerada através dos decênios e dos séculos, fazia-o com o respeito do médico legista que recompuzesse, sôbre uma banca de necrotério, o corpo mutilado de um amigo". Foi o que fez Pericles Moraes com A VIDA LUMINOSA DE ARAUJO FILHO, reconstituindo-lhe todos os aspectos fulgurantes e também sentidos, de maneira a perpetuar-lhe o nome, já que a glória êle a entende como o ironista Védrine, no L'IMMORTTEL, de Daudet. Escrevendo a biografia de Araujo Filho, o crítico "erigiu à memória gloriosa e onímoda do preliador a mais resplandescente das colunas votivas", como classificou o polígrafo Leopoldo Péres. Em A VIDA LUMINOSA DE ARAUJO FILHO, Pericles Moraes afirma que a escreveu num gesto de reivindicação. Pretendeu livrar o seu nome do esquecimento, do silêncio e da indiferença, inevitáveis nos que não sentiram o influxo da sua inteligência e do seu coração, cujas características bem podem ser ajuizadas pelas preferências que tinha de Taine e Renan, onde encontrou sempre, através de seus livros, o saber e a perfeição. Daquêle lhe vieram as mais puras manifestações literárias e o senso da lógica; do pensador da HISTOIRE DES ORIGINES DU CHRISTIANISME, a bondade contemplativa e o poder cativante das idéias. Uma das facêtas mais rebrilhantes do espírito de Araujo Filho foi a do jornalismo desassombrado, pugnacíssimo, em cujo cérebro não arrefecia a chama poderosa da revolta contra a prepotência e os descabalros. Era um destemeroso e um bravo. Biografando Araujo Filho, Pericles Moraes filiou-se à escola de Stefan Zweig, André Maurois, Strachey e Emil Ludwig. Seu trabalho é completo pela reconstituição física e moral do personagem, não sendo fruto de talento e de imaginação, mas do estudo, do exame detido, da consulta ao passado, em confronto com as horas do presente.

* * *

Inutil será querer fugir à fascinação envolvente de Pericles Moraes como escritor, isto porque o crítico, que tem Anatole France no altar da sua admiração, pensa como o mestre da incredulidade francesa, de que "é preciso não demolir, para não sermos os primeiros arrependidos". Se lhe não bastassem as três obras apreciadas, LEGENDAS &

AGUAS-FORTES confirmaria o juízo. Esse livro encerra uma sequência admirável de ensaios impecáveis, que são uma resultante da cultura polimórfica do autor, que nunca teve, como frisa Carlos Sussekind de Mendonça, estudando a formação intelectual de Sílvio Romero, "a febre das exposições prematuras, a mania das precocidades", mesmo porque, trabalhando desde cedo no jornalismo, onde temperou melhor suas fibras orgânicas e alicerçou seus conhecimentos complexos de pensador, jamais quiz ser "menino prodígio". Toda a sua obra é, portanto, pensada e amadurecida pelos anos de leitura e de discernimento. Não incorrerei em erro afirmando que Pericles Moraes, cujo senso das realidades literárias é dos mais profundos, pode ser considerado, com justiça, no indículo dos nossos maiores críticos. Se muitos deles ainda vivem circunscritos ao país em que vivem, o autor de LEGENDAS & AGUAS-FORTES há muito firmou seu nome e seu conceito além fronteiras do Brasil, notadamente em Portugal, onde foram editados os seus dois primeiros livros, e na França, onde se solidificou pelas referências elogiosas dos mais exigentes estetas, Camille Mauclair à frente. Sobeja-me, portanto, razão para fazer a assertiva. Ademais, a posição que galgou, como crítico, Pericles Moraes, não a conquistou ele servindo-se do paradoxo de Baudelaire, aconselhando que ela, para ser justa, deve ser parcial e apaixonada. Rigoroso nos exames e detido nas observações, tem o escritor amazonense seu método próprio, com o qual procura apreciar a literatura através da expressão individual, e, também, como esteta, com todas as suas emoções e as suas belezas. Em estudo publicado na REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS o sr. Oton Costa proclama, com a autoridade de quem bebeu na fonte da sabedoria intelectual, a importância da crítica, "que se constituiu, de há muito, em um gênero literário dos mais difíceis pela soma de conhecimentos que reclama e por umas tantas condições morais que impõe". Esse preceito confirma a opinião expendida no prólogo deste trabalho. São precisamente aqueles conhecimentos e, também, essas exigên-

cias morais que possui o plasmador autorizado de LEGENDAS & AGUAS-FORTES, livro que é um dos élos de ouro da sua forte e vigorosa obra de homem de pensamento e de erudição.

* * *

O dr. Augusto Linhares não é apenas o cientista eminente, a que nos prendem os laços da mais pura afeição. É, também, o homem de letras insigne. Conubiando suas qualidades de médico, por vocação e temperamento, às de intelectual que possui o cuidado da forma e do estilo aparece-nos êle, destarte, com essa fascinante personalidade de luminar da medicina e de literato de estirpe. Observando-lhe todos êsses ângulos de cientista e escritor, Pericles Moraes ofereceu-nos, em seguida, o RETRADO DE AUGUSTO LINHARES. Basta essa obra para consagrar o médico e o homem de letras. Com a sua visada percuicente de crítico dos maiores da língua portugûesa, tantas vezes festejado pelas expressões culminantes da literatura franco-luzo-brasileira, Pericles Moraes apresenta-nos o cientista nos seus traços mais vivos e mais perfeitos, do mesmo passo que nos oferece o perfil nítido, claro e rigorosamente exato do intelectual. Se naquêle não há excessos de tintas, mas a naturalidade da expressão, nos seus mínimos detalhes físico-morais, o mesmo se verifica com êste, que nos é mostrado com os mesmos frêmitos de sua alegria criadora. Augusto Linhares, segundo o seu retratista, é dêsse homens que, conhecendo as capitais mais adiantadas do mundo, se afastou, depois, do "tumulto inquietante das paixões subalternas, fóra do borbórinho das competições literárias", e vive unicamente para pensar e para escrever, "enclausurado no carinho da família e no amôr dos livros". Somos dos que conhecem também parte da obra literária do eminente homem de pensamento e de cultura, daí podermos aferir da sinceridade de Pericles Moraes em julgá-lo, achando que "a perfeição técnica do cirurgião equivale à capacidade literária do escritor". Augusto Linhares encontrou no crítico renomado de FIGURAS & SENSACÕES o seu biógrafo mais autorizado e o seu retratista mais feliz, porque, quer estudando a sua feição de homem de ciência, quer examinando

do-lhe as fulgurâncias do espírito literário, não alterou, para defeituá-lo, as linhas impecáveis do retrato. E este deve, em face da perfeição do trabalho de Pericles Moraes, curvar-se diante do seu talento, para reverenciá-lo e engrandecê-lo.

* * *

CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS representa um dos mais lindos florões da inteligência sempre fulgurante de Pericles Moraes. Livro de ensaios magníficos em que o crítico apearce na sua plenitude solar, há nas suas páginas, trabalhadas com a paciência dos ourives meticulosos, uma cintilação permanente. Dir-se-á que o esteta não satisfeito de polir e repolir os seus períodos, sobre eles atirou mãos cheias de gêmas preciosas e multicoloridas, para o deslumbramento daquêles que nêles pousarem o olhar. Já falei da perfeição com que o artista se entrega às suas tarefas espirituais, selecionando os vocábulos para a estrutura das suas obras. Nêsse particular o crítico eminente se assemelha aos Goncourt e segue o roteiro indicado por Lecomte de Lisle, recomendando aos seus discípulos que escolhessem sempre escrupulosamente as melhores palavras, "dando à idéia a melhor vestimenta", porque, "L'idée n'est pas derrière la phrase comme un objet derrière une vitre.. Elle ne fait qu'un avec la pensée, puisqu'il est impossible de concevoir une idée que soit pensée sans l'aide des mots. Penser, c'est prononcer une phrase intérieure; et écrire c'est tout simplement reproduire cette phrase. Donc, qui écrit mal, pense mal". Pericles Moraes escreve bem e pensa bem, sendo prova insofismável dessa verdade todos os seus livros anteriores, aos quais se agrupou CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS. Na galeria das obras do ilustre escritor amazonense, essa última possui a mesma pompa verbal observada em Remy de Gourmont nas páginas aurifulgentes de A CULTURA DAS IDÉIAS. Nos estudos que dedica a Martins Fontes, a Annibal Theophilo, a D'Annunzio, como nos demais que integram o livro, o crítico por vêzes se transfigura pela emotividade, evocando o encontro com o artifice desbordante de hiperbolismos que foi o poeta do VERÃO e a amizade íntima que o ligava ao ardente "cavaleiro da beleza" que nos deixou RIMAS. São páginas admiráveis, de uma translucidez que encanta o espírito e o coração, "páginas

puras como um vinho que possuísse a transparência da luz". CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS fazia, por si só, a consagração definitiva do crítico, se êle já não a tivesse conquistado, antes, com a sua poderosa e fascinante cerebração de escritor.

* * *

Depois das CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS Pericles Moraes, novamente como biógrafo, nos oferece LEOPOLDO PÉRES. Logo às primeiras páginas vislumbra-se o carinho, tôda a afetividade de quem o escreveu pelo amigo dileto. Há no WERTHER esta exclamação de Goethe: — "Como a sua imagem me persegue! Quer vele, quer sonhe, ela me enche a alma inteira! E' quando fecho os olhos, nêste ponto da minha frente onde se concentra a vista interior, que vejo seus olhos negros. Nêste ponto! Não posso exprimir-lhe isto. Cada vez que corro os olhos, êles lá estão, abrem-se diante de mim, como um oceano, como um abismo; não sinto outra coisa senão êles no meu cérebro". Pericles Moraes, na evocação daquêle que foi, como afirma, o seu maior amigo, também escreve: — "Estou a vê-lo, ainda agora, nos gestos cavalheirescos que lhe definiam a estrutura do caráter, nas claridades da sua alma de nobreza incomparável, nas manifestações sedutoras da sua inteligência, que se sobrelevava a tôdas as inteligências". Eram, portanto, almas afins, que se compreendiam e se amavam espiritualmente, almas que, segundo Dante Alighieri, comungavam o "intelletto d'amore", ou como dizia Pascal, partilhavam, na diuturnidade das suas emoções literárias, as belezas contidas nos DISCOURS SUR LES PASSIONS DE L'AMOUR. E' Pericles Moraes quem nô-lo diz com estas palavras de saudade: — "nêste instante mesmo em que escrevo estas páginas, com a certeza dolorosa de que se fecharam para sempre, inexoravelmente, as portas de ouro da sua existência, tôda consagrada ao heroísmo e à beleza, tenho ainda a ilusão de sua presença física, na plenitude do seu prestígio dominador". Ambos, tudo faz crer, não podiam fugir ao fascínio um do outro. Lendo-se as páginas de LEOPOLDO PÉRES depreende-se que Péricles Moraes quase es escreveu entre lágrimas. Sua prosa, de uma translucidez encantadora, no discorrer sôbre o amigo querido, é das que, pelo seu ritmo sonoro, "se desfaz em

canto, em música e tem algo de uma bruma que fosse feita de opalas diluidas". Biografando LEOPOLDO PÉRES, o escritor insigne quiz perpetuar, com o seu livro, uma VIDA LITERÁRIA, pois "somente voltamos ao passado dos homens e das coisas quando o presente nos aterroriza e nos decepciona pela ausência daquilo que, à distância, nos deslumbra". Esse, o intuito que teve em mira e que conseguiu de maneira comovente e cintilante.

* * *

Vivendo no silêncio do seu gabinete de estudo, entre os livros da sua adoração, Pericles Moraes continúa produzindo novos volumes que, futuramente, serão divulgados. Não é êle daquêles que pensam, erradamente, que "os livros também acabam por nausear o espírito". Lê muito, lê tudo. Nêsse particular, poder-se-á dizer que o crítico, com a sua arte que semelha aquêle espêlho de que falou Stendhal, que refletia as coisas belas e horrendas, vai travando conhecimento com os escritores bons e máus. Pouco se apercebe dos poetas e, se pudesse, para servir-me da opinião há muito dita por Platão, "os expulsaria da República depois de coaró-los de rosas". E, lendo como lê, vai enriquecendo mais ainda os seus conhecimentos literários, seguindo o conselho de quem o enalteceu, Camille Maclair, para poder realizar, serenamente, aquilo que o estêta de LA RELIGION DE LA MUSIQUE dizia ser "l'art en silence". Essa, a vida mental de Pericles Moraes, o beneditino da forma, que se não deixou dominar por Faguet, nos seus PROPOS LITTÉRAIRES, sôbre a inutilidade da crítica. Foi com ela que conquistou renome dificilmente atingido e é por ela que êle continúa sendo um infatigável ledor de tudo quanto de bom e de magnífico se publica nos grandes centros literários do país e do estrangeiro. Ouvindo-o, faz-nos êle recordar o Afonso Arinos, do PELO SERTÃO, que, segundo conceitua Grieco, "tinha uma alma cheia de guisos e colhia as idéias como quem colhe uma flôr". Assim também Pericles Moraes, o crítico e o estilista, cuja alma é um roseiral de bondade e cujo espírito é uma cintilação permanente de sabedoria e de cultura onimoda. Não preciso dizer mais a-fim-de glorificar o homem para quem a arte continúa a ser, interessando-lhe a inteligência, "um espêlho de Ariel a refletir sempre a beleza do mundo".



SENTIDO DA BELEZA EM PERICLES MORAES

Genesino BRAGA

Nunca o encontro nos jogos plebeus, de pulsos nús, no culto à glória da força impetuosa. Vejo-o sempre, bem composto e bem equipado, nos jogos olímpicos, donairoso e harmonioso, manejando o florete das idéias — nobre de estirpe augusta, à mão a arma decisória das pugnas de honra.

Cavaleiro andante do eterno sonho de perfeição, busca a beleza; e, para atingí-la, sabe encurtar ou alongar as distâncias e até, como Leandro, atravessar o Helesponto, se lhe fulgir ao longe, na margem oposta, a luz dos seus anelos.

Eis Pericles Moraes, ser luminoso, que se realiza plenamente no conceito de beleza que transcende da harmonia pura; eis o esteta amado, a quem só contenta e satisfaz a eurrítmia integral das imagens perfeitas; eis o estilista de ritmos geométricos, o suave musicalizador de vocábulos, em quem se encontra sempre, nas páginas de feição personalíssima, a nitidez leal da frase, fortalecida pela seiva de uma opulenta força criadora e aureolada de infinita sabedoria.

Para se amar e admirar êsse nobre e austero plenipotenciário das letras, nem é muito necessário fazer o espírito passear sôbre o chão florido de sua fecunda obra literária. Basta penetrar em sua sala de estudos, onde tudo — livros, quadros, estatuetas, fotografias — fala pelas grandes vozes das musas que o protegem com as graças da sabedoria; basta respirar, por alguns instantes, a atmosfera íntima de beleza que sempre, e por tôda a parte, êle respira e

insinua; e basta, sobretudo, privar um pouco com essa bela e acolhedora figura de mestre e, ouvindo-lhe a palavra fascinante, colorida e rica, sentir que a vida de esteta que êle vive, é a mesma que transporta, fluentemente, para os seus livros. Porque Pericles Moraes é um desses seres predestinados pelos deuses para realizarem um sentido de harmonia entre os homens, com base na unidade interior. Cumpre êle, entre nós, a missão de imprimir feição de beleza à vida, mostrando, sem propósito, com o nível assêio de seus exemplos, que, em todos os caminhos da terra, se deve criar lindos motivos de emoção, halos perenes de felicidade, para a ação viva do espírito humano.

E' dêsse modo, impregnado de muita luz e muito sonho, algumas vezes ferido pelo amargor das contingências humanas, que Pericles Moraes observa em sua marcha de glória o ensinamento de Goethe — faz da existência uma obra de arte: a mesma graça presidindo à feitura de seus livros, à disciplina de suas emoções, ao encanto de sua amizade fraternal. E' um deslumbrado diante da capacidade criadora do homem, sem deixar de comover-se até mesmo com os mais sutis mistérios da natureza. O alto teor de vida que marca os seus dias dá-lhe a só preocupação de produzir a beleza e o encanto de estimulá-la no meio em que vive, exortando os que o rodeiam, e as gerações novas, contra os perigos de uma subversão, ou mesmo afeamento, do pensamento clássico. Seu espírito, dos mais bem orientados e dos de afirmações mais eloquentes no seio das letras nacionais, não envelhece; não se dilui no andar do tempo. Mais hábil que a própria vida, esgrime com os anos que passam, vitorioso sempre, um duelo irônico e galante, aparando destramente os golpes do tempo para não permitir que sôbre si fiquem as cicatrizes das lâminas ponteagudas.

Alguém disse, de Byron, que, ao nascer, tôdas as fadas benfazejas lhe dançaram em tórno ao berço feliz: as fadas da bondade, as da inteligência, as da fama, as da beleza. A linda imagem se renova com justeza em Pericles Moraes. Também a redor de seu berço, ao vir para a vida, certamente cirandaram, meigas e dadivosas, as fadas boas da lenda bironiana, para untar-lhe a predestinação com os óleos santos da beleza e do amor, do talento e da glória.

EM LOUVOR DE PERICLES MORAES

JORGE CARVALHAL

Pericles Moraes, com acentuado desvanecimento, que lhe multiplica o mérito da confissão, atribue o surto do seu primeiro triunfo literário, na época de pecaminoso indiferentismo, destacadamente no Amazonas, ao generoso encorajamento de Coelho Netto. E o revela, sobre a campa recém-florida do iluminado profeta do seu glorioso destino, unindo-lhe a memória sagrada, numa evocativa algo original, de quasi fanatismo. Esta página, talvez menos profunda, em comparação ao rendilhado do analista, em outros lavôres da sua autoria, mais complexos e de maior projeção, encerra, no entanto, singular flagrante introspectivo, apenas percebido pelos que lhe desfrutam a intimidade acolhedora. Experimentado seletor, presentira o insigne príncipe das letras, numa visada segura, o rumo promissor de Pericles Moraes, ainda indefinido, porque mão protetora não o arrancara à penumbra da publicidade regional. Infiltrando-lhe coragem, ao paranimfar a divulgação de alguns ensaios, na imprensa metropolitana, marcava, por certo, com a força do seu prestígio, então em plena culminância, a intensidade intelectual do iniciando, na escala dos valores nacionais, já consagrados.

* * *

Versão corrente, que lhe valeu antinômico conceito — vários louvando-lhe as atitudes de entusiasmo facil, outros recriminando-lhe os rasgos de benevolência, em suma, fraco discernente, quando lhe pulsava o coração — afirmava-se possuir Coelho Netto um temperamento impressionável, tocando as fronteiras da parcialidade, mas também sujeito a transmutações súbitas, por vezes despropositadas. Recuso aceitar este segundo juízo, trescalando a despeito, enquanto

não reluto em perfilhar o primeiro, com as devidas restrições. Examinados os pródromos da iniciação Pericles Moraes, vemo-lo equidistante de tais excessos. A impressão que lhe deixara a leitura, meditada e conscienciosa dos ensaios críticos, submetidos à sua escrupulosa análise, como se depreende da correspondência, ora divulgada, fôra definitiva. Nenhuma sombra de influência pessoal, advinda da cordialidade de um encontro, fator muitas vezes decisivo, na consolidação dos juízos. Nunca se avistaram. Por conseguinte, essa bravura protetora, com a qual se batêra pela revelação do ignorado escritor amazonense, proviera, unicamente, do valor intrínseco da obra que, por sua vez, evidenciava a possante mentalidade do autor. E este juízo ileso da mínima influência afetiva, fôra tão consciente, quanto primara pela segurança. Apenas crescente, à medida que o noviço — na realidade consumado cinzelador, ainda desconhecido — exhibia, aos olhos, meio aturdidos, do sumo censor, outras preciosidades, surpreendentes pela fertilidade, tão sòmente, porquanto em perfeição, sendo esta inexcedível de princípio, já não admitia gradação meritória.

Provavelmente Pericles Moraes, sem o incentivo providencial de Coelho Netto, naquele momento, não tentaria reunir em livro, as escolhidas joias do seu escrínio intelectual, já, então, em franca cintilação. Insulado voluntário, em idade ainda bem viçosa, não lhe causticavam os anseios da repercussão da sua obra. Não devo esquecer, ao fixar o perfil de Pericles Moraes — naturalmente muito aquém do real, pela imperícia do tracejador — uma particularidade do seu temperamento estético. A entrever-se, na sua conformação artística, alguma nêsga de orgulho, limita-se à clausura da sua produção. Nem vaidade, nem retraimento premeditado, à sombra de egoísmo disfarçado. Única e simplesmente, amor intenso à perfeição. Jamais lhe provocaram anseios, ou desfalecimentos, os acênos pérfidos das consagrações transitórias. Conhecendo-lhe a fragilidade, por isso mesmo que se dedicara à crítica, por intuição inata, e se acostumara a resolver árduas equações do pensamento, com o instinto da verdade, partindo do subconsciente, para alcançar, exata, a finalidade exterior, lazer que lhe aperfeiçoara o sentido da realidade instável, nunca se deixou vencer pela ilusão moderna da produtividade dinâmica. Fiel ao preconceito da perfeição, conservou-se

estranho às concepções tumultuárias, sôbre a mecanização do pensamento. E assim, numa semi-modorra de confiança, aguardava, paciente, o deflagrar espontâneo do futuro. Não se enganava. Mais dias, menos horas, a primorosa reserva acumulada, excedendo, desordenadamente, o continente, havia de transbordar, como de fato extravasou, mesmo dispersa e à revelia do livro. A consagração Pericles Moraes — não ousou divorciá-la do livro — nasceu com o tempo, cresceu com o tempo, segundo a lei da evolução, lenta e equilibrada, e quando refletiu, além do espaço da sua formação, estava consolidada.

* * *

Experimentara Coelho Netto, ao defrontar a espiritualidade sadia de Pericles Moraes, a mesma impressão, que este, anos empós, viria consubstanciar, num estudo lapidar, analisando a fulgurante personalidade de Leopoldo Péres. A insospitável relutância, que o perfeito analista amazônida demonstrara, meio perturbado, ao primeiro contacto com o ídolo da sua veneração, não era um contraste de consciência. Essa incerteza ingênita, aos primórdios de qualquer empreendimento sério, não é sintoma de mediocridade. Possantes energias construtoras, cerebrações privilegiadas, lucubrações do próprio gênio creador, em todos os setores da atividade humana, não escapam a essa inquietação. As vítimas desta singular depressão, não duvidam do mérito, nem da contextura da sua obra, mas temem o insucesso. Esse, talvez, o pesadelo, que na sua traiçoeira absorção, retardara, de alguns anos, a ascensão do genial esteta e a vulgarização, em conjunto impressivo, dos inexcedíveis filões de prosador insigne, do pensador onisciente, do analista soberbo. E porque silenciar certa volúpia, pressentida dentro na sua obra, cujo primado denuncia a estrutura integral do filósofo. Impossível professar a crítica, tal como a concebeu Pericles Moraes, descendo ao subjetivo, sem o apoio imprescindível da filosofia experimental. Coelho Netto, que também sofrera a angústia do primeiro tentamen, provavelmente redobrada, e lhe conhecia a psicose, logo surgiu a terapêutica miraculosa. Naquela exuberância de solidariedade incansável, que foi, por certo, o

maior apanágio do seu apostolado literário, compreendeu a inutilidade da missão, que tomara a hombros, si, aconselhando a feitura do livro, não lhe desse editor.

* * *

Numa época de mercantilismo estreito, infenso a qualquer emotividade que se tornasse incognita, na coluna do lucro, o editor equilibrado se não abalanchava a tentativas problemáticas. Convenção tácita, fielmente guardada na indústria rotineira do livro, constituia, então, sério entrave à divulgação intelectual, no país. Por isso mesmo, ao aparecer, naquele ambiente madraço, trazia "Figuras & Sensações", pelo seu valor intrínseco, o cunho de uma revelação, a surpreender, intensamente, em todos os setores da literatura contemporânea. Um escritor de sensibilidade própria, um analista trepidante, cuja formação evoluira, espontaneamente, ao calor húmido da descultura amazônica. Versão pungente, sobretudo falsa, mas era, então, a perspectiva dominante, aos olhos míopes da teocracia das letras. Mas essa revelação, a meu vêr — embora minguado de autoridade — ter-se-ia consumado, apoiada, ou não, porque o ambiente mental, no Brasil, sofrera profunda modificação, com o advento da hora revolucionária. Não me refiro, naturalmente, aos distúrbios e golpes armados, na política interna do país, porque estes carecem de significação. Viso a grande revolução, a revolução social e econômica cuja vitória provocara estrepitosa mutação no cenário universal. A indústria do livro, soerguida da rotina, pelo influxo atordoante da celeridade mecânica, descortinava extensos horizontes. Para atingí-los, sem quebra do equilíbrio comercial, claro não podia prescindir do fator produção, na sua exata equivalência econômica. Daí, evidentemente, a vulgarização do livro, em larga escala, influenciando, por sua vez, na mentalidade do consumidor. Era, enfim, a alvorada da inteligência, acessível à educação popular. Implicítamente, a valorização do escritor e do publicista. Partindo deste pressuposto, que desatende a mais leve contestação, porque já é realidade indiscutível, ao menos em certas circunscções do país, sou levado a crêr, com a ousadia da minha admiração

profana, que o memorado gesto do saudoso Coelho Netto, descobrindo o talento de Pericles Moraes, "às letras nacionais", apenas lhe antecipara o triunfo.

* * *

EVOCÇÃO DE UM EXEMPLO, comovente liturgia da saudade, celebrada com alma genuflecta, deu-me a impressão de um exame de consciência cuja subtileza, para o observador atento, está, precisamente, no reverso do objetivo. Querendo animar a chama sagrada da gratidão, no tmulo do benfeitor, retrata Pericles Moraes, em singular flagrante, a sua própria configuração afetiva.  semelhança do Mestre, infatigável coordenador de vocações, outra não tem sido a sua diretriz, na luminosa trajetória da crítica. Por meios diversos, bem visto, cada qual no campo da sua atuação predileta. Não tenho a estultice de focalizar a feição original, surpreendida na crítica de Pericles Moraes, misto de animação e benevolência, estrme, todavia, do mínimo resquício de parcialidade. Tolerante, mas justa, sobretudo exata nos conceitos expendidos, por vezes suavemente irnicos... Aí, a delicada intuição do requintado artista, naquele estilo inconfundível, lidimamente seu, cuja magia atinge todos os grus da sensibilidade humana. O leitor, por menos arguto que o seja, sente indefnvel delícia, uma espécie de sonho mal desperto, durante o qual impressões diversas o tivessem empolgado — do deslumbramento  comoção. Este, porém, não é o meu intuito. Passo por sôbre a obra, com o pêso da minha ignorância, apenas para descobrir o homem, a quem tanto admiro. Ninguém lhe excede em fidalguia, ninguém, como ele, conhece o segrdo da elegância envolvente, ninguém, como ele, sabe vencer e dominar pela brandura. Assim a obra,  imagem do autor.

PERICLES MORAES
PRÍNCIPE DA INTELLECTUALIDADE, SOBERANO
DO PENSAMENTO !

LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Diz uma lenda que, uma vez por ano, se reúnem todos os monges de um templo tibetano para festejar um dêles que, no apuro das virtudes morais e no aprimoramento do espírito, se transformou num hostiário de pulcritudes! A glória cingiu-lhe a fronte, ainda antes de alcançar a maturidade e o seu nome passou a ser o estímulo de uma fé sublime e ardente, balbuciado pelos iniciados e pronunciado pelos Mestres, como um hino de exaltação ao que é belo e divino! Por entre cânticos dulcíssimos e as ondas aromatizadas que se desprendiam de turíbulos e vasos, de ouro reluzente e marchetados de pedrarias custosas e policrômicas, o monge dos monges, pisando pétalas de rosas, que formavam um extenso e matizado tapête, mais seducente que os celebrados na velha Fenícia, surgia simples nas suas vestes níveas, mas irradiando a imponência dos eleitos para o eterno e suntuário banquetê do Pensamento. Também, hoje, nós, da Academia Amazonense de Lêtras, como os monges lendários, fazendo, da ambiência cultural da Amazônia, o nosso Templo imenso e imponente; de nossos corações, os turíbulos; de nossa alma, os vasos; de nossa amizade, a fragrância e, de nossas palavras, as pétalas distintamente coloridas, realizamos a nossa festa a um hostiário de pulcritudes que é Pericles Moraes! Também êle, ainda nos esplendores da juventude, fiseram com as próprias mãos que, muito cedo, se transformaram em conchas, transbordantes de gemas, produzidas pelo seu talento e lapidadas pelo seu espírito, em permanentes torturas da perfeição estética, a corôa que lhe cingiria a fronte de um soberano das letras pátrias.

Ensaio e crítica de arte, nas páginas da imprensa, alteavam, destacavam, elevaram o jornalista vigoroso e irresistível nos lances de um insígne campeador, formando-se-lhe derredor colunas de arautos, celebrando-lhe os fulgores de uma inteligência fértil e formosa. Falada ou escrita, a palavra saia-lhe como as reverberações solares, dominadora e penetrante, quando se empenhava nos debates verbais ou se engolfava nas polêmicas. No colunário das revistas literárias ou nas reuniões de beletristas, o seu estilo, sem perder a força animadora das imagens, tomava as tintas delicadas e difusas dos dilúculos e, com o ritmo suave das ondas oceânicas ao plenilúnio, se infiltrava na alma e no coração de quantos lhe desfrutavam os primores.

Foi assim que se desfiaram, numa sequência de soberbas vitórias, os dias da sua mocidade para, ao transpor o limiar do outono da vida, como se quisesse perpetuar-lhe o ingresso numa apoteose olímpica, oferecer, à intelectualidade, suas "FIGURAS & SENSACÕES".

Bastaria o temário amplo e profundo, o esbanjamento de erudição, a originalidade dos conceitos, a crítica de objetivos elevados, sem destruir, ao revés, construindo, sobre o colunário erigido pelos vultos colocados naquela deslumbradora galeria de valores intelectivos, brilhantes capitéis, para, se nada mais produzisse, ter a prerrogativa de um lugar entre os aristocratas mentais. Em "CAMILO MAUCLAIR, SACERDOTE DO RITMO", focalizando o sentido estético da Música, elevando-a ao culto de uma religião de sublimidades, definindo-lhe o ritmo, que êle entende "como a alma vibrátil e intangível das essências divinas", emprestando-lhe o poder mágico de reviver tonalidades, episódios e personagens e de nos transferir, por alguns instantes, a paragens remotas e de exaltar a força criadora de nossa inteligência, Pericles Moraes retrata o perfil psicológico do autor de tantas e tantas preciosidades estéticas. "O ÚLTIMO RETRATO DE MIRBEAU", reconstituindo-o, para apresentá-lo nas suas linhas perfeitas, indicando-lhe as diferentes preferências, refletidas de uma mentalidade inquieta, trepidante, de uma exuberância prodigiosa, manifestando-se nos contos, nas crônicas, nos panfletos, nas novelas, nas impressões e em outras modalidades, o crítico insígne censura e lastima que se houvesse, sem o

cuidado sistematizador e de selecionamento, dado, à publicidade, a coletânea inédita. Nessas objurgatórias, êle se mostra surpreso de uma mutação naquela índole de desconcertantes ironias, de dissecações cruentas, de caricaturista incorrigível, envolvendo, na comicidade ou no ridículo, tudo quanto se concebeu para o ângulo da auteridade. Comentando-lhe a obra inaugural de escritor, que é "LE CALVAIRE", Pericles relembra o ruído que produzira nos círculos das letras e salienta que os entusiasmos e louvores não trouxeram a Mirbeau a satisfação esterilizadora do primeiro êxito. Para "LA SIZERANNE, EVOCADOR DE BELEZAS", Pericles dedica êstes conceitos imortalizadores: "Faz-nos supor que La Sizeranne, inebriado com os esplendores de uma obra que lhe compreendeu e penetrou os intúitos literários, fêz auto-observação e auto-crítica, refletindo o próprio valor no da imagem estimuladora". Em "A TRISTEZA DE MAUPASSANT", ao lado da grandeza de um espírito, tirando, de si mesmo, as inspirações para fazer a tessitura dramática de suas obras, Pericles, recompondo uma personalidade com os estigmas de abismais desvios, traça um quadro de impressionantes angústias, apresentando Maupassant, no curso do processo psicopatológico, até a completa sideração psíquica, assemelhando a um daquêles personagens, criados pela genialidade trágica dos gregos. Ninguém, lendo essa página, deixará de sofrer a imensidade de tamanha desgraça, quando o admirável dramaturgo compreendia ou pressentia o epílogo do mal irremediável e de consequências sinistras. Nêsse trabalho de verdadeira pintura e de evocações, Pericles comprova, mais uma vez, os atributos de um autêntico psicólogo. Não menos eruditos e de menor valia na face artística, os retratos de Rostand, de Courteline, de Alfredo Capus, de Paul Bourget e cintilantes as crônicas em tórno de Tolstoi, de "um sonhador", de uma página de Júlio Dantas, e da seducente ficção d' "A melancolia dos Pierrots". Concluí numa homenagem afetuosa, porém, de justo realce a um dos maiores amazonenses, pela cultura, pela rigidês moral e pela imantação cívico-patriótica. Heliodoro Balbi teria de representar em "FIGURAS & SENSAÇÕES" aquêle relêvo, aquela majestade que Miguel Angelo imprimiu em MOISÉS. Porque lhe sentimos diretamente as influências

culturais e idealísticas, temos a impressão, à parte o lado cultural, estuante também nas outras páginas, que, nêsse tributo de um coração golpeado pela saudade, o artista galvanizou, na prosa, um poema, escrito em horas crepusculares.

Em "LEGENDAS & AGUAS FORTES", abrindo com "OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA", em cujo estudo aprecia, desde logo fazendo a apologia euclideana, os escritores, beletistas ou cientistas, nacionais e alienígenas, o espírito de Pericles Moraes contempla a miragem planiciária. Procura fixar-lhes os contornos e, imergindo na ambiência misteriosa da hinterlândia, empresta a sua solidariedade nos comentários aos dramas e tragédias de um mundo de originalidades evidentes e de simultâneo deslumbramento e pavor, daquêles intérpretes hyleanos. Seguem-se as apreciações a Gonzaga Duque, Benjamim Lima, Anatole, quanto ao homem e às obras, afóra outros a quem sua admiração se volta.

Em "CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS", Martins Fontes, Aníbal Teófilo, D'Annunzio, Leopoldo Péres e Renato Viana se alinham num milagre do poder de reconstituição de Pericles Moraes, como se sua pena se transformasse, a um tempo, num cinzel, modelando figuras, com aquela faculdade de vivacidade de um Mestre da Renascença e, na magia dos filmes ou das cintas, na fidelidade das fisionomias e dos movimentos.

Em duas biografias, de Araujo Filho, o romancista filósofo, o prosador de encantamentos e de iluminuras de erudição, o tribuno opulento, na sustentação das idéias e fascinante nas imagens de rara beleza, o escritor de um estilo eskorreito e fluente, o jurista renomado, dominando todos os ramos do Direito, pelo conhecimento da exegése de suas instituições, e de Leopoldo Péres, jornalista e pensador prefulgente, escritor de atributos magníficos, inteligência culta e talento irizado, Pericles se inclui entre os melhores retratistas de uma época.

Inspirando-nos no genial Taine, quando afirma que "as diferentes obras de um artista são tôdas parentas, como se fôsem filhas do mesmo pai, isto é, que têm, entre si, semelhanças notáveis, cremos que se tornaria tarefa irrealizável se pretendessemos estabelecer paralelos entre as páginas e os livros de Pericles Moraes, porque, em todos, se colhe a impressão de uma extensa e maravilhosa paisagem, pela uniformi-

dade de suas linhas e pela harmonia de seus tons. Cada página ou capítulo por onde passeiam as vistas, oferece o majestoso espetáculo de riqueza, na forma elegante, na argumentação erudita e nas deduções equilibradas do aspecto lógico.

Se, na expressão de Castelar, vida tempestuosa é a vida das letras, por outro lado,, quando o seu culto se efetiva nos livros de intensa sabedoria e quando a erudição é sobredoirada dos esplendores da Arte, quem os produziu, transformou-os em colunas do monumento à sua própria **IMORTALIDADE**. Esses pensamentos se amoldam aos labores do eminente pensador, do festejado crítico, do beletrista de fina estirpe, do escritor renomado, que é **PERICLES MORAES** e cujos livros formam as pedrarias de sua corôa de Soberano da **INTELECTUALIDADE**.

Eis por que se ouvem, nêste dia, as harmonias divinas, se sente o aroma das essências puríssimas, se ostentam as pétalas multicoloridas das rosas da amizade, enquanto os monges do **TEMPLO DAS LETRAS**, reunidos, saudam o maior dos **SACERDOTES DO PENSAMENTO** que é **PERICLES MORAES!**

Mestre, eu vos saúdo!

Uma Recordação apenas...

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Parece que foi ontem, tal o sortilégio que exerce a memória sobre o tempo. Meu pai folheava uma revista, de que guardo a coleção completa, REDENÇÃO, dirigida pelo dinamismo de Clovis Barbosa. Eu era menino de meus quinze anos, por essa época, e Clovis Barbosa havia sido, dois ou três anos antes, meu professor primário na Escola Isabel — a Redentora, supervisionada por d. Júlia Rêgo Barros. Meu pai era não só um leitor inveterado mas um inveterado colecionador de quanta utilidade ou inutilidade caia-lhe às mãos. As inutilidades, dizia-me com aquêle senso prático da vida que me legou, um dia seriam úteis, o que provou sempre e oportunamente. Prazia-lhe guardar recortes de jornais, sêlos, revistas, livros, almanaques, versos, uma complicada mistura de tudo, que ordenava nas horas vagas com paciência bramânica. Em dezembro de 1924 andava eu pelos raquíticos quinze anos e foi assim que REDENÇÃO me veio às mãos inábeis. Então meu pai me disse:

— Êste eu conheço.

Referia-se ao retrato de Heliodoro Balbi. Parece que disse mais alguma cousa a respeito do grande amazonense, não me recordo. O que todavia me chamou a atenção foi a cabeça enérgica de Camille Mauclair. A mim me parecia um judeu de barretina preta. Ainda hoje aquela fotografia me faz pensar na agilidade com que provoquei uma comparação singular. Talvez fôsse uma analogia dispartada com certo judeu que eu via sempre de barretina de sêda preta escondendo uma calva sólida, polida como um seixo rolado. Cousas da idade.

Meu pai não era o que se podia chamar um homem culto, provido de largos conhecimentos. Era um auto-didata, um curioso de saber, estudioso concentrado de poucas palavras, doméstico e respeitado pelos seus exemplos de honestidade e circunspeção. Fez-se por si mesmo. Não teve por si aquilo que eu tive a felicidade de possuir: um pai, um conselheiro e facilidades econômicas. Apesar de aparentado do coronel Afonso de Carvalho, então governador do Amazonas, quando aqui chegou, seu primeiro emprego foi na Instrução Pública e seu professor o meu professor Agnello Bittencourt. Mas como possuía uma curiosidade infinita, não perdia tempo e lia, lia muito, leu até poucos dias antes de falecer. Nunca deixou de ler. Foi por seu intermédio que vim a travar indiretamente relações com o escritor Pericles Moraes, aos quinze anos. Aliás eu e meu pai, servindo de pretexto aquela revista **REDENÇÃO**, a fotografia de Camille Mauclair e uma carta que o mesmo dirigiu ao autor de **FIGURAS & SENSACIONES**. Meu pai não sabia francês e quem traduziu a carta foi o dr. Argemiro Jorge, que depois viria a ser meu professor da língua de Racine e que verteu o belo soneto de Aníbal Teófilo, *A Cegonha*. Foi então que a curiosidade o levou a adquirir a obra a que se referia o esteta gaulês: **FIGURAS & SENSACIONES**, e depois de lê-la sugeriu que eu a lesse também. Não me recorda a impressão que eu tive da leitura, mas deve de ter sido nula. Ao quinze anos eu devorava tudo quanto meu pai possuía na sua pequena livraria, principalmente as obras de Júlio Verne, de Tolstoi e um ou outro autor brasileiro. Particularmente me saturava das sensacionais aventuras do pirata Morgan, de Miguel Zevaco e outros folhetos populares. Uma cousa apenas ficou da leitura do livro do escritor Péricles Moraes: a imagem de um pierrot de cara esfarinhada, contemplativo e romanticamente cretino. Só isso.

Quando, tempos depois, ingressei no Ginásio, meu pai, certa vez, apontou-me, no Itatiaia, uns sujeitos bulhentos que discutiam à porta do café. Entre eles estavam o autor da página que eu nunca haveria de esquecer, o estilista de **COELHO NETO E SUA OBRA**, e um outro de quem não guardei o nome. Há um vácuo enorme entre êsses fatos e a minha definitiva aproximação com o escritor de **CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS**. Essa aproximação deu-se em 1934,

quando fui nomeado professor do Grupo Escolar Monsenhor Coutinho, em Borba. Ao apresentar-me na Instrução Pública, o escritor Pericles Moraes teve uma surpresa:

— E' você que é o poeta Mário Ypiranga ?

Nessa época eu escrevia versos. E' claro, não tinha o que fazer e cultivava certa vocação lírica. Daí por diante não mais perdi de vista ao escritor cuja única impressão que me causara na meninice fôra passageira. Passando a cultivar a amizade do solitário da rua Bernardo Ramos, sem outro interêsse que não fôsse o puramente afetivo e uma espécie de admiração pela sua magnífica obra, longe estava eu de supor que um dia seríamos pares no mais alto colégio de cultura provinciana. Mas convenho que a recordação daquela época me é mais querida ao coração do que a amizade posterior dedicada ao escritor, e compreende-se perfeitamente a razão, uma razão profundamente emotiva, suficientemente forte para não se deixar absorver pela realidade presente. A impressão primeira da obra de Péricles Moraes guardo-a com mais carinho, precisamente porque não podia sacá-la do fundo da memória. Ela está sempre presente em mim porque é a minha mocidade que eu vejo, são os meus dias idos, são os meus quinze anos decorridos sem preocupações, sem sofrimentos. E' meu pai dirigindo a minha educação, insuflando exemplos morais dignos. Talvez isso possa parecer egoísmo, mas na verdade é a êle que eu devo tudo o que sou e nada sou. Devo-lhe, portanto, a minha primeira comunhão com os livros, a minha primeira aproximação com a obra do insigne homem de letras a quem se presta hoje uma justa homenagem, justa porque êle a merece pela sua cultura, pelo acervo literário oferecido à terra. Outros falarão dos seus livros, dirão do mérito nacional de sua obra literária, que aprecio, que louvo, que considero profunda. Eu prefiro esta página de evocação, que deixando de ser interessante é pelo menos minha, emocionalmente minha.

VIDA LUMINOSA DE ARAUJO FILHO

M. ANISIO JOBIM

Pericles Moraes é hoje um nome consagrado na literatura pátria. A sua reputação de escritor e de crítico ganhou-a com várias e importantes obras, que lhe valeram triunfos magníficos. Capacidade invulgar de trabalho, invejável tino estético, alta dose de emoção e de beleza são qualidades que se encontram nesse excelso polígrafo. Amando a arte, a grande arte sedutora de Sainte Beuve, de Edmond Schérer, de Paul de Saint-Victor e de tantos outros, conhecendo os segredos musicais dos períodos, as sonoridades da língua portuguesa, profundamente versado no idioma de Racine e de Anatole France, — Pericles Moraes não tardou em fazer-se admirado pelos seus ensaios, pelos seus estudos, pelas suas páginas ressumantes de vigor. A medida, o senso, o equilíbrio são atributos de seus livros, donde irradia uma requintada sensibilidade.

Entre os grandes mestres da crítica nacional figura esse impressivo e empolgante creador de emoções.

Vem de dar agora Pericles Moraes mais uma prova, mais uma demonstração do seu valor mental, do seu extenso saber e da sua rica ideação, escrevendo "A Vida Luminosa de Araujo Filho", em duas semanas, se tanto, febrilmente, numa comovida expressão de saudade e de admiração pelo amigo, que a morte roubou para sempre.

O retrato do mestre querido, do notável professor de direito, do jurisconsulto, do cidadão, aparece em tôda a sua luminosidade e inteireza moral, neste livro. Todos os aspectos, que oferecia o biografado, que era também um boêmio, —

jurista, advogado, literato forrado de uma sólida ilustração clássica, historiador, conferencista, prosador vivaz e irônico, acham-se aí gravados com nitidez, retidão, justiça, serenidade, harmonia e inexcedível relêvo.

Era de esperar esse surto emotivo do inconfundível autor de "Figuras & Sensações", seu livro de estréia. O aparecimento dessa obra equivaleu-lhe uma merecida consagração. Firmou-se logo entre as capacidades de maior quilate, entre as mais celebradas autoridades em assuntos de crítica.

E' realmente Pericles Moraes uma lúcida e forte consciência de artista. Os seus trabalhos são a rocha de granito, onde se firma o seu inabalável prestígio intelectual.

A arte moderna, no largo e generoso sentido em que deve ser entendida, cultivada por um Baudelaire, por um Gustave Jeffroy, por um Eugène Fromentin tem nele uma personificação brilhante. Um tal valor espiritual não podia deixar de vencer, de triunfar para glória de seu nome e glória de sua terra.

Foi no regaço verde do Amazonas, em meio do incêndio da luz equatorial, sob o fogacho das soalheiras rútilas, que o mestre insigne pensou e amadureceu o belo livro, e trasladou para o papel as suas idéias, deu-lhes força, movimento, utilidade e colorido, viveza e fragrância. Aqui gizou as suas emoções trepidantes, deu vulto às suas telas magnificentes. A sua voz surgiu do seio da *hilaria* com a inquieta, possante e maravilhosa emotividade, que tanto o caracteriza.

Pela flexibilidade da frase, arranjo ático do vocábulo, pela fluidez do pensamento e profundidade dos conceitos, acentuou em "Figuras & Sensações" o que já deixara perceber em anteriores produções publicadas na imprensa regional, isto é, um artista que vestia a clamide do pensador, um refulgente semeador de ritmos. Seu estilo vibra a todas as angústias, a todas as dores, a todas as ilusões. Pericles rebusca a vida no anseio insatisfeito de fixá-la nas suas imensas e profundas manifestações; impregna-se dessa flama de fé, do poder de milagre, que faz vibrar os nervos de quem o lê.

— Não é verdade o que dizia James Russel Lowell, citado por França Pereira, que "um livro para durar deve satisfazer, não meramente uma fantasia de momento, mas uma constante aspiração da natureza humana"?

"Figuras & Sensações" satisfaz plenamente esse "ardente desejo da natureza humana". Focaliza o escritor, em capítulos deslumbrantes, em desenhos comovedores, a vida de grandes figuras literárias; a epopéia de uns, a glória de outros, o naufrágio de terceiros e os doridos lances do infortúnio de vários.

De Paris, donde há longos anos atraz Pericles Moraes trouxe impressões duradouras e turbilhonantes, chegou-lhe às mãos a homenagem de um alto espírito. Trata-se de Camile Mauclair, o eminente filósofo da arte, uma das maiores cabeças da França contemporânea, de quem Pericles traçou o Perfil gigantesco e a psicologia complicada numa das suas gisadas admiráveis. O egrégio prosador, tocado de carinhosa gratidão, dirigiu-lhe estas palavras sugestivas:

"Je vous envoie en faible remerciement un portrait, qui est un peu de moi et un livre ou j'ai dit ma jeunesse et mon culte pour les êtres de Beauté qui m'ont aidé á vivre".

Pouco depois o emérito ensaista alcançava outro enorme sucesso com a publicação de "Coelho Neto e sua Obra".

O famoso volume não desmentia o que o antecederá. Fulguração, esplendor de tintas, movimentação, variedade de panoramas, transluzem desse escorço analítico de vasta projeção psíquica.

A formidável construção de Coelho Neto, no romance, no conto, no teatro, no jornalismo, na crônica, é estudada em suas minúcias, em suas particularidades, com uma verdadeira riqueza de observações. São quadros de um encanto irresistível, por onde perpassa um sôpro quente de espiritualidade.

A morte do Dr. Francisco Pedro de Araujo Filho, seu velho amigo, despertou-lhe o desejo de não deixar esmorecer no esquecimento tão nobre e valoroso espírito, resolvendo-se a escrever-lhe a biografia. Era esse um dever imposto pela amizade, nunca diminuída, de salvar-lhe do olvido o nome, a reputação, o talento, a energia moral, o desassombro, a bondade, a filantropia. Certamente que, com o transcórre do tempo o vulto radioso do acatado jurisperito, que deixou valiosos trabalhos esparsos, muitos dêles perdidos no pó dos arquivos judiciários, apagar-se-ia lentamente, para só perdurar na lembrança dos seus afeiçoados e dos que lhe conheceram a vida agitada.

O memorialista, socorrendo-se de papéis antigos, de conferências, de artigos de jornais, de substanciosos discursos, de exaustivas e eloquentes peças jurídicas, do seu conhecimento pessoal dos episódios dramáticos daquela existência, erigiu-lhe um monumento, que é uma coluna votiva de imortalidade. Nesse retrato integral nada escapou à perspicácia do observador. Remontou-se a Goiana, berço de Araújo Filho, acompanhou-lhe a educação, destacou-lhe as tendências e idiosincrasias, seguiu-lhe os passos pelo Recife, assinalou-lhe os vãos e descreveu-lhe a trajetória no Amazonas, para onde se transportou o arrojado e culto tribuno. E' tóda a obra em repertório tocante das peripécias por que passou esse emérito jurisconsulto, dos seus triunfos oratórios, da sua contextura moral, da sua enfiatura cívica e do seu saber. Pericles realçou-lhe as arestas, reavivou-lhe os contornos, transfundiu no livro o homem, demonstrando uma extraordinária cultura, uma erudição pouco comum, uma fina penetração psicológica, no rememorar as feições por que o destro esgrimidor de pelejas memoráveis agiu no torvelinho da vida.

No livro, impresso em luxuosa edição, de um perfeito acabamento, palpita um estilista, que elevou, para usar de uma frase de Mauclair, o gênero da crítica à altura dos ensaios de Sainte-Beuve.

UM DIA HELÉNICO

MAVIGNIER DE CASTRO

Pode um órgão de publicidade sair a lume, sem a outorga de seu principal responsável? — Comprova-se o assêrto na circulação do presente número de nossa Revista, que, desta vez, teve o imprimatur paradoxalmente validado por uma conjura, da qual, foi conivente o próprio editor. Nós, os colaboradores, estamos conluídos contra o Redator-Chefe, escritor Péricles Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras. Este procedimento, de surpresa quase insurrecionária, — bem o sabemos, — contrapõe-se à modéstia atributiva de sua fina inteligência, oblitera a circunspecção de seus hábitos, desajusta as normas de sua vida, sempre infensa a qualquer notícia que lhe consagre a obra literária, ou lhe exalte, com relêvos glorificantes, a distinguida personalidade.

Fiamo-nos, contudo, no prodígio psicológico da bondade apostolar que se lhe extravasa à flor dos olhos, quando, entre sorrisos, perdôa as insídias e as ingratidões, e nos valemos daquela mesma cortesia despreziosamente comovida, mas embaraçosa para os confrades, se êstes reafirmam que sua atuação luminosa e eficiente já consagrou, no Sodalício, a opinião unânime de que é o maior de seus presidentes.

Não é das laureadas poltronas acadêmicas, nem volta-dos para a mesa presidencial, onde êle assoma encandecido de eloquência, que, hoje, lhe dirigimos nossos fervorosos profalças. Nesta data, a de seu natalício, fortalece-nos a imagem impressiva de estar a casa do Mestre revivescendo um Areópago ateniense, cujos pórticos estilizados, vão

transpor seus amigos com as festivas gratulações ao cavalleiro sem reproche, e, os homens de letras, no testemunho de admiração ao intelectual credenciado, escritor culto e glorioso.

* * *

Nunca estivemos de turíbulo em punho, incensando a mitomania e jamais nos derramamos em loas e ditirambos a individualidades de mérito duvidoso. Afirmamos, porém, sem nenhuma hipérbole, que reconhecer e proclamar o préstimo de quem se eleva pela virtude das nobilitantes conquistas terrenas, constitui, no sentido singular e nos votos comuns, uma imposição que recomenda qualitativamente os espíritos firmados no fulcro da justiça.

"Quem acumula ciência, a dor também acumula", êste julgamento axiomático do Ecclesiastes, vez por outra, tem incidido sôbre a vida mental de Pericles Moraes. A independência e a erudição de sua intelligência contrairam-lhe desafetos necessários, se assim se pode chamar àqueles que se não cansam nos propósitos inferiores da emulação fracassada.

Refere uma lenda que, no resguardo de uma angra deserta, encantado recanto de águas silenciosas, a imaginação criadora plantou o culto de Eleusis onde, ao encontro do mistério, "a grande exilada, a alma humana, evocava os deuses e reconhecia sua eterna pátria". Dir-se-ia que, continuamente, a grandeza dêste símbolo se consubstancia na cerebração produtiva do preclaro escritor.

Sua biblioteca, o mais seletto conjunto particular de obras literárias, nêste Estado, contém, aproximadamente, vinte mil volumes, abrangendo todos os clássicos gregos, latinos e de outros idiomas. Tudo que, em prosa e verso de autores célebres, se vem publicando em todos os países, figura nas estantes do impenitente leitor. Absorvido na leitura, encontra êle a fonte de Castália inspiradora de suas áticas produções que parecem haurir, na linfa perene, os estos cintilantes refletidos no estilista.

Longe de nós, do raso de nossa humildade, a pretensão de aferir, com a desvalia desta crônica, o quilate precioso das jóias espirituais aurilavradas pela estese de Péricles

Moraes. O que silenciámos, já o disseram escritores estrangeiros do porte mental de Camille Mauclair, Eugenio Noel, Las Casas, Julio Dantas, Ferreira de Castro e outros. Valeria transcrever, não fôsse exíguo o espaço aqui disponível, apreciações escritas em jornais, revistas e até em livros, pelos renomados intelectuais patricios Celso Vieira, Coelho Neto, Alberto Rangel, Agripino Grieco, Claudio de Sousa, Osvaldo Orico e mais alguns, sôbre a elegância da linguagem e a profundez dos conceitos do Mestre amazonense. Pericles, entretanto, ainda se não embriagou com o vinho capitoso da Glória. Ao fardão coruscante de ouro da Academia Brasileira de Letras que já lhe quizeram revestir, prefere êle o ciclo modesto, mas, sincero e afável, da vida provinciana. Irredutível, nêste propósito, a timidez do beletrista é quase patológica.

* * *

Inúmeras biografias de Rui Barbosa têm aparecido, louvando o homem que foi a "águia de Haia"; nada obstante, bem pouco se disse de uma personalidade intimamente ligada a êle e que influiu, decisivamente, na formação, no desenvolvimento e na consolidação intelectual do genial brasileiro: — a nobre senhora Maria Augusta Viana Bandeira Barbosa. E' dêle esta frase discreta mas reveladora: — "doce e digna companheira dos momentos difíceis".

Desde moço, o homem encontra na mulher a que se consagra, a mais poderosa e continua influência. Ao lado de um grande homem costuma haver uma grande dama. Na penumbra ou em fóco, mas presente. Edouard Schuré celebrou essas "femmes inspiratrices", proclamando o valimento que êle próprio recebeu de Marguerite Albana. Joana e Carlyle, Aspásia e Péricles, Julieta e Vitor Hugo, Mary-Ann e Disraeli, Carolina e Machado de Assis, são pares psicológicamente inseparáveis. O que dá eminência a essas mulheres inspiradoras não é tanto a colabaração direta e específica à obra de seus bem-amados, o que, por força ocasional, pode suceder. E', sim, a capacidade de livrar o homem da ação mediocrisante das pequeninas realidades cotidianas, protegendo-o sem ostentação dos

desgastes inúteis da energia cerebral e alentando-o com a fé nas suas virtualidades, antes mesmo da realização comprovadora. O que para o homem é conquista da glória, para a mulher é dádiva de amor.

A frase de Rui, pode repeti-la Pericles Moraes, relativamente à senhora Andrômaca de Miranda Moraes, pela missão tutelar desempenhada diariamente por sua exímia e virtuosa consorte. Atestam-no os íntimos do insigne casal.

Sem pretendermos medir o alcance dêsse aspecto, queremos, apenas, assinalar aos futuros biógrafos, êsse elemento de compreensão da vida aqui examinada e homenagear, ao mesmo passo, nêste dia helênico de seu ilustre espôso, a nobre dama, paradigma de qualidades cristãs, realçadas pelo esmêro da educação e edificante polidez no trato.



PERICLES MORAES, O ESTETA

MENDONÇA DE SOUZA

Já agora sabemos porque Pericles Moraes não se abate nem crepusculiza, antes cresce e se revela tão vigoroso prosador quanto estilista de extraordinário brilho e reverberante sensibilidade. E' éle, na sua manifestação espiritual, exegeta que harmoniza sentimento à cultura, escritor que observa conosco a presença de uma nova época artística e oferece diretrizes literárias aos estudiosos. Por isso não é apenas crítico, ensaista ou confidente que encanta, prende e arrebatava o nosso espírito, revelando idéias de apurado e original trabalho ou ressonâncias verbais de majestoso colorido musical. E' um artista excepcional. E' um criador de beleza. Tem o segrédo precioso das concordâncias e dos pensamentos sutis, como semeador de almas e corações. Cheio de paixão pela vida, no modo de ser persuasivo e acolhedor, é um homem educado. Há de se dizer que a sua urbanidade, em roda de homens de inteligência, não aceita a influência do artifício. Não há na sua singeleza, ontem como hoje, negativismo, desistimulo, vestígio de deselegância para os que privam da sua amizade e consideração. De forma estimulativa e social, à vista do que nos deixa presenciar, considera e salienta que um literato deve querer e sempre difundir nos seus propósitos, em casa ou noutro lugar, a maneira de ser distinto, sóbrio, delicado e acessível. Pois, sem impugnações, ou restrições sequer, vê-se bem que essa eurrítmia de arte e educação constitui a sua maior glória e a sua mais altíssima vitória nos domínios do pensamento brasileiro.

Ser, através da sua existência, um grande escritor de civilização, de universalidade que não sacrifica as condições do meio e do temperamento brasileiro, foi tudo quanto Pericles Moraes desejou e ainda deseja como cultor da crítica escl-

recedora, sentenciosa e sugestiva. *E' um esteta que se realiza, no tempo e no espaço, para prestigiar a cultura, as boas letras e as obras de arte. O seu chateaubrianismo, se assim nos é permitido dizer, apresenta-se sob a forma das nobres atitudes, das emoções e das simpatias do bom senso coletivo, ora atraindo com excesso de fidalguia, ora evidenciando caras reminiscências, entusiasmo e finalidades superiores. Nêle coexistem, ao lado do maravilhoso pintor da vida, o aristocrata de reflexão amadurecida e o analista perfeito que cria em vez de interpretar, defende em vez de julgar, objetiva em vez de sofismar. Tudo mais neste artista inconfundível, no transcurso de anos em mestria e apostolado literário, se torna maior, admirado e compreendido quando, lá na Capital do Brasil, os intelectuais afirmam que o Amazonas cresceu na Ouverture artística e cultural de Figuras & Sensações, Coelho Netto e sua Obra, Legendas & Águas-Fortes, Retrato de Augusto Linhares, Confidências Literárias, Leopoldo Péres, A vida luminosa de Araújo Filho e o Exemplo de Leopoldo Neves.*

De certa maneira, é dentro dêsse invejável destino que Pericles Moraes assinala a sedução emotiva dos raciocínios universais. cremos bem que, em acertos para as nossas cogitações, em proveito do Brasil mental, há procurado, por todos os seus dias de glória, ligar a arte à educação, a sensibilidade à forma, a confraternidade à palavra. Até então, reprimindo a exaltação dos seus propósitos, fiscaliza a idéia que pretenda ser opinião, para melhor caminhar sem pecados literários e chegar ao fim, senão isento dos impulsos naturais da vaidade humana, com honra e entendimento à excelsitude da obra alevantada e difundida pelo aprêço, apôio e dedicação de sua vasta e sólida cultura. Mais de meio século de compromisso intelectual sem aceitar as desilusões de Byron e Shelley, o suplício de Werther, as renovações de Jean Jacques Rousseau, as tragédias shakesperianas ou dostoiévskianas. Prefere, ainda hoje, viver à sombra de Sainte-Beuve e sob a extremada e carinhosa dedicação de sua extremosa esposa que, para êle tem sido na sua vida, no perpassar de quatro longas décadas, tão solícita, tão inteligente, tão seus olhos e seus braços quanto o fôra para Machado de Assis a inesquecível Carolina.

E, é justo lembrar, com satisfação registamos que as confidências de alma e cultura, de beleza e sedução, de arte e pureza de Pericles Moraes, sem dúvida nenhuma, não são

apenas os desdobramentos da máxima de *La Bruyère*; da oratória de *Bossuet*; da crítica de *Sainte-Beuve*; da complexidade literária de *Maupassant* e *Paul Bourget*. Elas representam, antes de tudo, uma orientação criadora e personalíssima, sem unidade imitativa ou influência direta dos autores da França de *Jean Racine*, o genial artista de *Andromaque*. Viajou. Comparou. Viu a *Cidade Luz: Paris*. Mas na verdade, não aceitou o desafio para imitá-la sem a presença da paisagem brasileira, sem o sentimento deste País hospitaleiro e gigante pela própria natureza. Esse, o seu marcante patriotismo. Essa, a sua extraordinária personalidade. Vejam-se as páginas admiráveis do seu magnífico trabalho sobre os intérpretes da Amazônia. Observem-se também, relativamente a *Heliodoro Balbi*, que *Pericles Moraes* brilha com a força do seu verbo, como desígnio inabalável de um sentimento emotivo, indelével e característico. Daí o clima da sua consciência comunicativa, formal e ponderável, necessária à harmonia de um povo e universalidade de uma nação, dominar tôdas as pulsações do seu coração, para nos fazer sentir ante o altar da vida a criação da própria inteligência e da própria felicidade.

É certo, a posteridade encontrará nos escritos de *Pericles Moraes* um francesismo intensivo, clássico, amoroso. Não obstante, reconhecerá com mais calor, com mais vida e mais amor, esse brasilismo inerente, patriótico, ardoroso, voltado para a terra, consagrado ao Brasil. À luz de uma verdadeira justiça, *Pericles Moraes* é um escritor cheio de simpatia por sua Pátria e seu povo. Como crítico, porém, advoga a prerrogativa de registrar a vida com a franqueza de *Charles Maurras*, a compreensão de *Musset*, a sensibilidade nevrálgica de *Valéry* num acorde de veras mallarméano. Mas também nos deixa examinar com minúcia, na sua característica de simpatia universal, idealismo e amenidade de trato sobre as realidades, estima sincera em vez de dissimulação. Aliás, coisa singular essa da sua extensa celebridade, da sua equilibrada conduta humana, da sua enlevada mentalização. Nunca imperfeição e despautério se misturaram na sua liberdade de expressão. Pois, todos sabemos que *Pericles Moraes*, em face da vida, sempre se nos apresentou com ampla consciência do seu valor literário, notadamente criticista. Por isso a nós outros se

reserva a tarefa de examinar e dizer que o notabilíssimo autor de Pela Glória de Gonzaga Duque, Camille Mauclair, sacerdote do ritmo e O último retrato de Mirbeau, não é apenas um orgulho do Amazonas, mas, também, de nossa Pátria.

Bem haja, pois, que é preciso ter muito espírito de beleza e muito firme sentimento de cordialidade para imprimir à vida de um amigo a emoção da felicidade. No seu encontro com Martins Fontes só alegrias, abraços, afeições teve Pericles Moraes para exaltar o poeta. Que delicadeza de conversação entretém o poeta de Terras da Fantasia e o artista de Legendas & Águas-Fortes! Música, lirismo, emoção, ternura, felicidade numa palestra de virtualidades clássicas, de idéias puras, de compreensões mútuas. Martins Fontes, o lanceiro da poesia. Pericles Moraes, o espadachim da prosa. Duelo de estetas e de recontos para a órbita dos grandes princípios, dos acontecimentos da história de todos os tempos e da imortalidade literária. E, por singular que isto pareça, não pensamos de outro modo depois de ler o belo trabalho Rememorando Stradelli. Com uma profunda minudência de interpretação condutora, Pericles Moraes discorre sôbre o cientista italiano inundando a nossa concepção de províncias longínquas, de regiões banhadas pelos rios Branco e Negro, de fronteiras da Amazônia com Repúblicas limítrofes. Mas, honroso e cortês considera que, para melhor se conhecer a vida e a obra do ilustre etnólogo da nossa hinterlândia, temos de recorrer ao esforço, dedicação e cultura do insigne Luis da Câmara Cascudo, biógrafo do sábio desaparecido no livro In Memoriam de Stradelli.

Renato Viana e o teatro brasileiro, O destino de Anibal Theophilo e Exaltações da poesia tropical são confidências que merecem o nosso respeito e consideração. Entretanto, reconhecemos e proclamamos que Pericles Moraes, blindado de um vaticínio sereno e verdadeiro, fôra felicíssimo quando, no capítulo Letras da Amazônia, afirmara do hoje ilustre acadêmico Djalma Batista: "onde a sua inteligência irradia o entusiasmo e suscita o êxtase, representa grande e legítimo sucesso". São decorridos doze anos dessa profecia pericliana e, sem excessos de elogio, Djalma Batista no presente, mais do que no passado, "determina, da mesma sorte, as diretrizes de um espírito novo, liberto de escolas e de absurdos preconceitos,

e que vibra, pensa e realiza, sob o influxo permanente de uma cultura peregrina". Mas é certo também que Pericles Moraes, no grandioso Paisagens de uma vida, abrange tôdas as virtudes fundamentais de José Chevalier Carneiro d'Almeida. Quantos ainda hoje não recordam com saudade, com carinho, com admiração, o nome de José Chevalier! Decerto, êsse preito de gratidão não existe apenas na alma e coração daqueles que passaram pelo Instituto Universitário Amazonense; porém, de um modo geral, na consagração do povo da Terra de Ajuicaba. Coelho Netto e o seu maior biógrafo é outra prova real do cavalheirismo, da educação, da simpatia cultural de Pericles Moraes. Contudo, a verdade é que tanto Paulo Coelho Netto quanto Pericles Moraes ambos se completam na avaliação do beletrista de Inverno em flor.

No formoso trabalho sôbre Uma grande figura amazônica, saudando com profunda satisfação aquêle que fôra o seu maior amigo, Pericles Moraes confessa a sua admiração, o seu amor, a sua devoção por Leopoldo Péres. Anula os pseudo intérpretes da Amazônia, usando uma linguagem límpida, clara, sem rodeios, e consagra enternecido o seu Tirteu como "um dos espetáculos mais deslumbrantes da inteligência e da cultura amazônicas". Respeitados os sentimentos desta expressão, na verdade Leopoldo Péres teve a visão, o conjunto, a realidade da Planície Verde. O Plano de Valorização Econômica da Amazônia aí está como monumento consagrador do seu nome, da sua glória, da sua inteligência. Todavia, quando lemos D'Annunzio e o espírito do seu tempo, vemos quanto Pericles Moraes fôra gigantesco nesse capítulo que constitui uma obra prima das suas confidências. De nossa parte acreditamos que o mestre, pela cultura, nesse trabalho, procura com intenção objetiva, nítida, inegável, vencer a sua própria interpretação. Páginas, da mais pura beleza estética, aparecem defendendo e acusando D'Annunzio. E tão eloquente, bela e profunda foi a análise de Pericles Moraes que, apesar dos vícios, pecados e defeitos do grande libertino da "Florença dos Médicis", somos obrigados a consagrá-lo entre os mais extraordinários escritores do mundo. Gabriele D'Annunzio foi um gênio, não negamos. Mas Pericles Moraes foi mestre, esteta e intérprete à altura da absolvição do genial escritor. Exato, está nisso o segredo da simpatia unânime que desfruta nas letras brasileiras o consagrado autor de Figuras & Sensações, Legendas

& Águas-Fortes. A estima, a ternura, a admiração que lhe tributam os espíritos ilustrados, surpreendem os críticos de um crítico, os ensaistas de um ensaista, no vasto campo da cultura universal. Pericles Moraes representa uma homenagem à nobreza mental do Brasil.

Não cremos, e nisso não temos nenhuma dúvida, haver interpretado o pensamento artístico do preexcelso escritor amazonense. Pericles Moraes é hoje um desafio aos novos críticos brasileiros, não de polémicas ou discussões estéreis, mas de cultura e progresso nos magníficos e suntuosos trabalhos que realizara. Coração rico de ternura e delicadeza, simpatia irradiante e acolhedora, alma crescida na harmonia do gesto e no vigor da palavra, confia nos amigos com a firmeza de homem ilustrado, com a confraternidade de esteta leal e afetuoso. Sem dúvida nenhuma, Pericles Moraes é um escritor que sabe acolher com alegria desmedida os amigos e estimar com devoção infinita as boas letras.



ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE PERICLES MORAES

MITHRIDATES CORRÊA

Dizer da atualidade do pensamento de um escritor, importa em distinguir-se, na totalidade da sua obra, uma escala gradativa de valores, um cromatismo de pronunciadas tonalidades entre o passado e o presente, a situar no tempo, com absoluta propriedade, as sensíveis e notáveis modificações do seu desenvolvimento cultural. Não de ser consideradas ainda, por força de tão árduo mister, nas definições de seus aspectos, como consequências diretas ou indiretas desse mesmo desenvolvimento, as diferenças operadas no seu estilo, refletindo processos de adaptações a gêneros e escolas, pela submissão do pensamento ao rigorismo de seus modelos. A maneira de pensar de um escritor, quando não influenciada sensivelmente pelo tilintar de guizos e o estardalhaço de fanfarros e pandeiros que festejam os precursores de novas tendências literárias ou artísticas, mantém-se inalterável, resistente às advertências e indiosincrasias dos ídolos do momento e de seus entusiasmados turibulários. Desnecessário, suponho, o esclarecimento de que não me refiro senão à substância das suas idéias, à precisão dos seus conceitos, que não à natureza dos assuntos de que se ocupa. Decorre do trabalho mental e dos recursos personalíssimos da nossa inteligência a depuração e individualização do estilo. Singularizam-se os grandes escritores, a meu entender, pela imutabilidade da forma ou dos meios de que se socorre na exploração dos temas de sua preferência. Mui raro os que nos deixam perceber alterações e nos permitem classificá-las, segundo os métodos estabelecidos e consagrados pela crítica.

Neste plano encontramos o escritor Pericles Moraes. "Figuras & Sensações", desde logo, apresentar-nos-ia o estilista que se tem mantido através de suas obras subsequentes, até "Leopoldo Péres", o mais recente de seus livros, rigidamente preso à disciplina a que subordinou o seu espírito. E' êle, na atualidade, o mesmo torturado da forma, lidando com o justo sentido das palavras, na concepção de imagens e na estru-

tura de seu pensamento, com o inarrefecido anseio de perfeição e de beleza que o notabilizou entre os escritores de maior projeção da literatura nacional. Não lhe deparamos intermitências ou crises de pensamento, muito menos influências de leituras que, pelo seu fascínio, pudessem justificar analogias e confrontos, denotando matizes estranhos ao seu estilo, no curso de suas idéias. Houve quem, por sua sempre apurada sensibilidade e depurado requinte no lidar com as subtilezas do idioma e pela segurança inabalável de seus conceitos, o colocasse em haurido paralelo com Camille Mouclair e outros pensadores da realçada estesia literária do classicismo francês. Não falta quem lhe perceba afinidades com as produções dannunzianas, como há quem lhe afirme profundamente afeiçoado, pela riqueza vocabular, às magnitudes de Coelho Netto. Percebo, entretanto, em tais juízos, comovente maneira de exaltação que se equidista da realidade, que não se ajusta ao intransigente personalismo que Pericles Moraes sobe, desde "Figuras & Sensações", imprimir à sua obra.

Certo é que longo foi o seu trato com obras alienígenas, sobretudo as francesas, mas não é por isso que nos sintamos autorizados a atribuir a valia e o esplendor de seus livros a despropositadas assimilações. Bem grandioso já era o seu cabedal de cultura ao deixar as lides jornalísticas, depois de demorada fase de incontínuas intelectuais. Constituída a sua formação, na plenitude da mocidade, poderoso estímulo o libertaria da dispersão e da transitória fatuidade dos editoriais políticos e do brilho efêmero com que a imprensa desnorteia vocações e inutiliza valores, sepultando-os na obscuridade após fúnebres e inexpressivas homenagens piedosamente tributadas. Esse estímulo, como o próprio escritor confessa e proclama, reconhecidamente, veio de sua idolatrada esposa que o conduziu à nomeada pelo aproveitamento da exuberância concepcional de seu espírito. O perdulário e esbanjador de belezas recolher-se-ia em contrições, para, dos ímpetos assustadiços do seu temperamento, da contumélia de sua pena, dar forma e expressão ao crítico literário que estava em si e que nasceria com o mais harmonioso de seus livros, esse "Figuras & Sensações", que abriu caminho ao êxito de "Confidências Literárias", "Legendas e Águas-Fortes", "Coelho Netto e sua Obra", como uma das mais espetaculares estréias já alcançadas por um homem de letras.

Perlustre-se toda a sua obra e o crítico por excelência, que só tem tido olhos para os encantos da vida, que descortina belezas onde a maldade humana só desvenda misérias, e o estatuário que modelou perfis

REVISTA DA ACADEMIA

e o artista que pintou retratos magistrais, que recompõe paisagens perdidas nas distâncias do tempo, é precisamente o mesmo joalheiro da "Melancholia dos Pierrots", escravizado à forma, que não traiu o seu passado e nem se desligou dos métodos que o consagram como uma das mais altas expressões literárias do nosso país, para que nos convencessemos de que só a beleza é eterna.



A ALMA D'ANNUNZIANA NA OBRA DE PERICLES MORAES

MOACYR G. ROSAS

"Quanto a mim, confesso que D'Annunzio foi, deveras, a maior divindade de minha religião de extático cultor da Beleza".

PERICLES MORAES

Pelo seu vulto majestoso, há certas emprêsas encantadoras que nos empolgam, quando contempladas à distância; e, no entanto, se defrontamo-las, somos dominados por aquêlê desassossêgo que se apodera da milícia quando postada nos fossos improvisados, aguardando o duelo com armas brancas. Tal impressão sentimos ao iniciar a investida pelo itinerário luminoso por que passou êste refulgente estilista amazônico — Pericles Moraes.

Examinando e analisando as suas afinidades de espírito, de sentimentos morais e de estesia com excelentes artistas dos idiomas românicos, deparamos com o segrêdo do seu prestígio de escritor. Não constitui nenhuma novidade, e é mesmo um truismo afirmar-se que entre as excelsas inteligências que exerceram singular prestígio na evolução mental de Pericles Moraes, se destaca o nome glorioso de Gabriel D'Annunzio. Êle próprio confessa em "Confidências Literárias": "a maior divindade da minha religião de extático cultor da Beleza". Se bem que a linha adotada nos seus judiciosos conceitos proviesse da jurisdição estética de Remy de Gourmond, eis como o insigne autor de "Figuras & Sensações" se refere a êsse inconfundível pilar de seu pensamento: "Em Gourmont, o vigor dialético, a translucidez

das idéias, a pureza da língua, as fulgurações do estilo; — tudo procedo do concerto da sensibilidade com o raciocínio". Reiteramos o que dissemos anteriormente, apoiados em confissões reveladas em uma ou outra página plasmada no tempo de seu primeiro livro, editado em Portugal, a "Leopoldo Péres", a sua última obra publicada.

Para todos nós cultores das letras, insistimos neste ponto: é tarefa difícil visionar a figura de Pericles Moraes. Diante de sua obra temos a impressão que entrevemos os pórticos dourados de suntuosa mesquita, envolvida pelo ressoar dos bronzes plangentes, à hora de se murmurar: Alá!... Tão grande é a beleza de sua cultura humanística, vasada naquele "estilo translúcido e correntio, de ondulações suaves e sonoras, límpido como um veio cristalino"! A linguagem do escritor, isenta do ranço quinhentista, está encrustada de luxuosos neologismos, colhidos nas vernáculos florestas de Ruy e Coelho Neto. Ali, tanto o termo novo como o vocábulo obsoleto, quando aparecem, revigoram-se, renovam-se, vibram no período com a cadência harmoniosa de uma canção marcial, ou como as notas de uma partitura schubertiana.

Um tumultuoso escritor italiano tão nosso conhecido, assinalava, há pouco tempo, em "Pitigrilli fala de Pitigrilli", que o escritor aplaudido é aquele que sabe expressar o maior número de idéias de seus leitores, dando-lhes a impressão de que o autor apenas as reproduz. Antes, porém, do discutido romancista de "O colar de Afrodite" transmitir esse pensamento, o insigne ensaísta Pericles Moraes, há mais de duas décadas, afirmara: "Os livros que nos comovem são justamente os que refletem as nossas idéias e a nossa sensibilidade". De cada autor e de cada obra ele faz reviver a chama adormecida à semelhança daquele profeta que extraía água das pedras áridas. Não importa a direção de onde partam os ventos, ele sabe sempre encontrar e exhibir a mensagem de beleza espiritual encerrada na obra ou no herói. Por isto, com muito acerto, em "A crítica de Benjamim Lima", plasmou este axioma resplendente: "A crítica é a flôr do pensamento, a orquídea esquisita e rara que só germina e desabrocha nos campos onde existem as sementeiras das idéias".

Agrippino Grieco, o consagrado crítico brasileiro, opina que Pericles Moraes é a maior cultura gaulesa refflorida no Brasil. Além de dominar o idioma de Lutécia com o aticismo de um Flaubert e a mestria de um Renan, entende também o de Wilde e é senhor da língua sonora de Leopardi, na qual excursionou com paciência e devoção quasi mística, idêntica à de Tobias Barreto, quando determinou manejar o instrumento de expressão de Goethe. Perlustrando as searas miraculosas do divino poeta, de Boccacio a D'Annunzio, onde descobriu os mais incríveis segredos do idioma gentile, e compreendeu o excepcional artista de Il Fuoco, quando revela, que "o surto esfuzilante das metáforas, as concepções grandiosas, a sublimidade da imaginação, de asas desapoderadas, revolvendo as profundezas da alma humana, resultam de seu gênio tumultuário".

A prosa de Pericles Moraes, enervada da opulência bizantina que caracteriza o seu estilo olímpico, não se desnorteia no inóspito terreno da erudição, como podemos certificar nêstes trabalhos, verdadeiros dedos de gigantes: Sôbre um retrato de Petrônio e Um dicionarista literário, nos quais, depois, se desdobra em análises introspectivas do autor e do assunto. Modelos, na língua portuguesa, do que acabamos de acentuar, encontramos em "Sôbre uma página de Julio Dantas" e em "O fascínio da Condessa de Noailles", que além do eruditos, definem o psicólogo com autoridade indiscutível.

Pericles Moraes, independente de pertencer a uma aristocrática linhagem, que lhe confere, por todos os títulos, direito a ser denominado escritor d'annunziano, não só pelas tendências estéticas e espirituais, mas também pela intensa admiração que consagra ao autor de "La Nave", a ponto de insinuar, com invencível dialética, que desejava vê-lo na galeria dos gênios, na "dinastia arquitetada pelo verbalismo criador do gigante de "Lenda dos Séculos". Todo homem de espírito conhece o aprazível convívio das divindades, mas o filho de Abruzzos não era um simples conviva, como nos expõe em sua exaltação idolátrica o plasmador de "Confidências Literárias": "De fato, D'Annunzio, em tôda a sua existência, foi um filho dileto dos deuses". De resto, é impossível conceber-se um escritor d'annunziano

sem o culto fervoroso das artes plásticas, sem o domínio do fascinante mundo clássico, sem a soberba volúpia de retratar imagens femininas. Algumas figuras de mulheres que, por coincidência, Pericles Moraes teve de mencionar, não o deixou de fazer sem aquela elevação mental legítima de um convicto herdeiro do esplendor renascentino. Quando relemos o coruscante estudo: Pela glória de Gonzaga Duque, fixámos este conceito que sintetiza profundos conhecimentos: "... a obra erótica de Rops, analisando-a, tela a tela, para deduzir que a Luxúria, que jamais concebera uma obra d'arte realmente forte, como a Pureza, que inspirara e imortalizara os grandes pintores cristãos, precisaria ter chegado ao nosso tempo, a fim de encontrar em Rops o simbolizador de seus frêmitos safânicos". Ainda na obra de Pericles Moraes se acha a curiosa gama temperamental feminina distribuída nos tipos que ali desfilam, sem a premeditada preocupação de catalogá-los, mas que pela excelência da pintura nos faz sentir que estamos em presença de um absoluto conhecedor dos multifários caracteres da companheira do homem. Fazemos nossas as palavras aplicadas a Coelho Neto: "O artista é um volutuário que se excita com as mórbidas dormências, com as curvaturas lânguidas de suas heroínas, essas impressionantes mulheres que passam a sorrir na sua obra, como se viessem da imaginação ardente e fescenina de um Fragonard. São curiosas estas pinturas". Com isto, não queremos afirmar, agora a nossa intenção de salientar o seu parentesco estético com o deslumbrante criador de Francesca da Rimini, que a mulher exerça função preponderante em sua obra. Essa afirmativa seria fundamentalmente falsa.

Pericles Moraes é dotado de inata faculdade sensorial suscetível de descobrir sons e côres, que somente os pressentimos quando irradiados pelos lampejos de seu cálamus de escritor. A majestade de suas idéias nos empolgam tanto que algumas vêzes, aliciados pelo surto de seu raciocínio, temos a sensação de que estamos assistindo a um espetáculo romano ou a uma tourada madrilena. A sua obra é de extrema beleza, onde a cultura se tornou indispensável, justamente para prestigiar a formosura. Em função da

beleza gravitam idéias e erudição, como no sistema solar, de ritmo incansável, voam os astros com os seus satélites. Evidentemente, neste rápido e perfuntório apontamento não se desfloram todos os múltiplos aspectos da obra artística de Pericles Moraes, que se identifica com a grandeza estética do maravilhoso novelista de Forse che si forse che no.



A Expressão Literária de Pericles Moraes

Padre NONATO PINHEIRO

Nada há de mais íntimo e de mais característico num escritor do que a expressão literária. A palavra de Buffon permanece viva e intangível, na grandeza esmagadora da própria verdade: "Le style c'est l'homme". E desde que esse axioma foi arremessado aos ventos da publicidade, a opinião universal tem feito côro unânime, identificando o estilo com a própria personalidade do autor. Esse princípio inofuscável firmou definitivamente a versão, no seio dos homens de letras, de que não passaram da primeira infância literária os que ainda não conseguiram formar um estilo pessoal, incomunicável, que imprime no papel a própria imagem inconfundível do escritor.

Todos os grandes autores possuem sua expressão literária característica, estampam nos escritos a própria fisionomia, como o Divino Mestre gravou a Santa Face no pano da Verônica. A firma de um escritor, nas páginas de sua lavra, é simples luxo que se acomoda à praxe universal, pois o estilo já representa a marca de origem. E' a rubrica mais verdadeira do autor, e um como grito de autenticidade. Se imprimíssemos a assinatura de Ruy numa página de Euclides, o embuste seria de pronto denunciado, pela impossibilidade de se confundir a linguagem nervosa e robusta do autor d'OS SERTÕES com a expressão literária do notável prosador baiano. Recordo-me de um engano, que se verificou, de uma feita, num rodapé dominical do JORNAL DO COMÉRCIO, quando imprimiram meu nome num trabalho do cintilante acadêmico Genesino Braga. Horas depois, meu saudoso João Leda e meu dileto amigo

Monsenhor Manuel Monteiro da Silva, virtuoso Vigário Geral da Arquidiocese, comunicavam-me o assombro de que ambos se apoderaram. Leda revelou-me textualmente: "Fiquei em pânico em face de sua despersonalização!" A crônica era fascinante e sóbria, como soem ser as composições de meu prezado confrade de Academia, mas o estilo anulava a assinatura que se sotopunha à epígrafe!

A verdade inconcussa, que venho de expor, não destrói a possibilidade de se formar o estilo com a lição dos grandes exemplares. De um modo geral, podemos avançar a idéia de que os escritores têm seus modelos, ou, pelo menos, suas fontes de inspiração. Albalat, apreciado autor da ARTE DE ESCREVER, deu à estampa outro trabalho de largo fôlego, intitulado A FORMAÇÃO DO ESTILO pela ASSIMILAÇÃO DOS AUTORES, obra interessantíssima que nos reflete verdades indesatáveis, fruto de sensatas e seguras observações. Na tela de suas impressionantes considerações, fulgem artistas de prol da literatura francesa, ao lado de mestres e discípulos, numa como transfusão de preferências estéticas, agrupados num mesmo itinerário de beleza e de ritmo, embora conservando, cada qual, o "quid" incomunicável, que é a expressão literária, projeção e extravasamento da personalidade do escritor.

A teoria dos sobreditos conceitos ocorre-me, à maneira de introdução ao estudo da expressão literária de Péricles Moraes, príncipe e primaz das letras no Amazonas, a quem a Academia, num instante de êxtases emocional, tributa todo o louvor e tôda a glória, na doxologia sublime da amizade e do reconhecimento. Conta-se que Ésquilo, pai da tragédia grega e rival de Sófocles, fôra trinta e três vêzes coroado de louros. Nós outros, os da Academia, entendemos renovar a façanha gloriosa, enaltecendo, neste número especial da Revista, a figura helênica do preexcelso escritor amazonense, que agora exsurge coroado de louros, como o herói de Salamina e Maratona. Fulminados pela idéia eletrizante de uma homenagem coletiva, partimos, alucinados como o barco desarvorado de Rimbaud, num devaneio mitológico, pretendendo devastar os céus e os vergéis da terra, submetendo-o ao flagelo de um turbilhão de estrêlas ou de um tufão de rosas, fôrças que se desencadeiam de uma tempestade de corações!

Tive a felicidade de escolher o aspecto fascinante da obra bibliográfica do laureado escritor: sua expressão literária, na qual se imprime, em côres vivas e estonteantes, a imagem peregrina do esteta.

O estilo do autor de **FIGURAS & SENSACÕES** espande em cada página de suas obras consagradas. Brilho, colorido, vibração, plasticidade, elegância, música, sentimento e vida são qualidades inatas à formação literária do artista, constituindo as características siderantes de sua pena. Avêso por índole à expressão morna e desbotada, timbra em comunicar às letras luz e côr, calor e vida. Pode-se-lhe apresentar qualquer escritor de mérito, que se assinala até pela correção gramatical e limpeza de linguagem; se não lhe encontra, porém, o sentimento decorativo da beleza e o movimento musical das idéias palpitantes, não o introduz no culto de sua brilhante liturgia, cujos sacerdotes são os príncipes do ritmo, que sabem comunicar às palavras as crispações esplendentes do oceano. Daí porque, autores como Machado de Assis, não lhe moveram ainda o incensário das faculdades admirativas. A leitura das páginas trepidantes de Péricles Moraes provoca invariavelmente a ilusão da tribuna. Prima pela eloquência de linguagem. Ninguém melhor que João Leda, consagrado vernaculista e seu diletíssimo amigo, pôs em evidência distinguida os surtos magnéticos da prosa sedutora do autor de **LEGENDAS & ÁGUAS-FORTES**: "Lendo-vos, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Não é um livro que se lê, é uma tempestade que se escuta"!

O egrégio escritor maranhense, que tanto versou os clássicos do idioma, referiu-se a Chateaubriand. Fê-lo de caso pensado. Péricles Moraes, em verdade, formou seu espírito na França imortal, a indisputável Atenas do ocidente. E Chateaubriand foi seu grande mestre, ao lado de Remy de Gourmont, Michelet e Paul de Saint-Victor.

Remy de Gourmont, o grande crítico do **MERCURE DE FRANCE** e laureado autor de **CHEMIN DE VELOURS**, **PROMENADES LITTÉRAIRES**, **PROMENADES PHILOSOPHIQUES**, **LE PROBLEME DU STYLE** e da consagrada obra

ESTHÉTIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE, transfundiu-lhe o senso emotivo da beleza e a estética da frase lapidar, num traslado magistral para a língua portuguesa. Paul de Saint-Victor fê-lo crescer na arte criadora dos lampejos de linguagem, mestre que se excedeu no sortilégio dos flashes relampagueantes, que reclamavam as clássicas lentes esfumadas. Enaltecendo, na obra de Mauclair, o sentimento decorativo da expressão e a pompa hierática das idéias, o discípulo fervoroso assim evocava a figura dominante do sobreeminente mestre: "Eu de mim só lembro, com igual imponência, uma outra figura: a de Saint-Victor! Sòmente no estatuário do **DEUX MASQUES**, nos remígios de uma imaginativa sulcada de clarões e tempestades, ressuscitando homens e deuses, se encontra o mesmo arrojo de concepção". (**FIGURAS & SENSACÕES**, pág. 13).

O grande mestre, porém, sem dúvida o primus inter pares, foi inquestionavelmente, François-René, o estupendo e sobrepairante Chateaubriand, portentoso cometa, cuja cauda luminosa enche de esplendor e de grandeza tôda a literatura francesa. Em matéria de harmonia e de beleza, de vibração e de colorido, não sei quem lhe possa com ombridade e galhardia levar as lampas! O autor de **LES MARTYRS** e do **GÉNIE DU CHRISTIANISME** assoma sôbre um pedestal de imperecível glória. Outros escritores de França, dos mais insignes entre os maiores, foram beber em Chateaubriand o licor da inspiração e do belo para os êxtases e ritmos de suas produções líricas. Afim de trazer a garantia de outra firma, que não a própria, apresento o testemunho autorizado de Albalat, que inclui entre os grandes discípulos do plasmador de **MÉMOIRES D'OUTRE-TOMBE** esta plêiade gloriosa: Théophile Gautier, Flaubert, os irmãos Goncourt, Daudet e o próprio Paul de Saint-Victor. E' ainda Albalat, na citada obra **A FORMAÇÃO DO ESTILO** pela **ASSIMILAÇÃO DOS AUTORES**, quem nos supedita êste precioso subsídio: "O próprio Flaubert formou-se com a assimilação de Chateaubriand. O autor de Salammbô, declarava, para o fim da sua vida, que daria todos os seus trabalhos por duas linhas de Chateaubriand" (pág. 144, sexta edição, versão de Cândido de Figueiredo).

Eis os artistas culminantes, em cujas pinacotecas o esteta amazonense foi buscar a inspiração criadora e a policromia estonteante de sua maravilhosa palheta. Verdade seja que dorminou de pleno os maiores expoentes das literaturas de língua portuguesa, mas inútil procurar em Portugal ou no Brasil os mestres de sua formação literária! Seus mananciais jorram em França. Seus lentes pontificaram na terra de Lamartine, e lhe transmitiram em francês as supremas lições que decidiram sua destinação nas letras e sua vocação de artista. Quem lê as seleções de Péricles Moraes tem a impressão de ouvir a Flaubert, como se o autor de L'ÉDUCATION SENTIMENTALE, fatigado de usar o francês na composição de suas pulcritudes, entrasse a manejar o idioma de Camões e de Ruy Barbosa! A influência dos autores de França é de tal porte, na vida do artista de COELHO NETTO E SUA OBRA, que chego a afirmar que ele possui duas línguas maternas: a vernácula e a francesa, exprimindo-se em ambas com a mesma pletora vocabular e a mesma pompa ornamental do pensamento. Ressalto-lhe, a êsmo, dois trabalhos de cinzel: Camille Mauclair, sacerdote do ritmo, que é o primeiro capítulo de FIGURAS & SENSACIONES, e Coelho Netto, psicólogo do vocábulo, primeiro de sua análise literária sobre o autor de A CONQUISTA. Pois bem: num e noutro estudo, o presidente da Academia Amazonense de Letras exterioriza, sem o perceber, a própria personalidade artística, porque êle, de pleno direito e em igualdade de situação, se adorna das mesmas prerrogativas de sacerdote do ritmo e de psicólogo do vocábulo, apanágios que divisou, com visões de lince, no esteta de LA RELIGION DE LA MUSIQUE e no florista de TURBILHÃO. No capítulo nono e último de COELHO NETTO E SUA OBRA, o autor, julgando alongar-se na biografia do escritor maranhense, por um capricho misterioso do destino, talvez esclarecido pela psicanálise, escreve a própria autobiografia, quero dizer, reflete magistralmente a própria complexão artística do seu espírito. Ocupa-se do culto à forma, e fala da influência de Théophile Gautier, Flaubert, Paul de Saint-Victor, Chateaubriand e Michelet no fulgor literário do grande romancista brasileiro. Nem faltou a estética dos Goncourt, com o "seu horror à banalidade"! Bendito

subconciente, que, em maravilhosa tração, obrigou o artista a nos revelar as próprias predileções, indicando-nos os numes tutelares de sua estética, autores que lhe refulgem nas obras e no espírito, como êsses vultos bíblicos que iluminam os vitrais das catedrais góticas!

Escritor correto e elegante, que versa o idioma pátrio com asseio e decôro, o crítico amazonense é, sobretudo, um apaixonado da vibração e do colorido. Em vão lhe analisaremos a expressão literária, se não buscarmos em França, nas páginas lapidares de Chateaubriand, Remy de Gourmont, Paul de Saint-Victor, Michelet e dos irmãos Goncourt, o Gênesis e o Apocalipse de tôda sua obra artística, verdadeira Bíblia ornamental de encantamentos e de belezas, de ritmos e de esplendores, que marcará nas letras pátrias um instante solar de majestade e de glória!



O GÊNIO DE ARAUJO FILHO ATRAVÉS DO ENSAIO DE PERICLES MORAES

RAUL DE AZEVEDO

A biografia, como outrora se fazia, era monótona e insulsa. Era apenas a consagração exagerada, o elogio transbordante, o derramamento de uma adjectivação desmoralizada. Não se fazia o estudo do homem e do "meio", não se ambientava o indivíduo. Trabalhava-se o livro com displicência, visando-se apenas aureolar, merecida ou imerecidamente, o alvejado, muita vez a grande vítima imbele da orgia intelectual.

Os processos foram se modificando, evoluindo, passo a passo. E enfim, chegamos à perfeição — não está em demasia o emprêgo do vocábulo — do ensaio moderno, do de hoje, análise da época e estudo psicológico do homem. A reconstrução biográfica só pode ser feita, pelo menos aceita, pelos métodos de **Zweig, Maurois, Ludwig**, sob pena de fracasso ruidoso.

Quando da morte dêsse complexo Araujo Filho, em Maio de 1931, no mês das rosas e de Nossa Senhora, nêsse recanto querido e incompreendido do Brasil que é a Cidade Risonha de Manaus, embora esperada para breve a tragédia, ela me deixou conturbado e extático. Era um amigo fiel — de três décadas — que se ia. Era uma genialidade que partia para o além misterioso, de onde não se volta nunca! E, por momentos, parado, o espírito golpeado pela dor, eu invocava depois a figura inconfundível, marcadamente excepcional, dêsse intelectual dos mais puros que o Brasil já teve, e cuja bondade era uma infindável irradiação de sol!

E, mais tarde, quando a calma, o contrôle de mim mesmo foi feito, comecei, devagar, com retalhos de lembranças e a alma cheia de recordações a escrever, não uma obra excepcional e profunda, mas um caderno de apontamentos e notas, de sugestões, de observações à margem, e de saudades cheio, sôbre êsse Araujo Filho, escritor e jornalista, professor

REVISTA DA ACADEMIA

e advogado, latinista e poliglota. Enfim, uma figura singular, que se estivesse em meio outro, que não o provinciano, e que escrevesse em língua outra que não a portuguesa-brasileira, — em francês, inglês, espanhol, italiano ou alemão, exemplificando — seria um nome universal, sem fronteiras.

É esse caderno, já com alguns capítulos, que acabo de rasgar. Surpreende-me, carinhosamente, a publicação de um livro, que é um gesto da mais alta justiça, de psicologia a mais penetrante, de Pericles Moraes. "A vida luminosa de Araujo Filho" é o seu título, cheio de clarezas.

E eu não conheço quem, com maior autoridade, de escritor e de analista, no número dos seus amigos, pudesse fazer melhor e com perfeição maior, o estudo, o ensaio da genialidade do pernambucano, que foi o companheiro dileto de Martins Junior.

Está à Maurois. Simples, com a profundez do sábio, dentro dos processos modernos, esse livro é a par do seguimento de uma vida inconfundível, nos seus lances mais salientes de intelectualidade e bondade, de uma rara observação e de uma penetrante psicologia, que vai até ao âmago do cérebro e do coração.

Eu disse aí acima que Araujo Filho era complexo. Acrescentarei — singular e paradoxal. Desconcertante, às vezes.

Os livros, melhor que os homens, ensinaram ao pernambucano de atitudes definidas, a ser imensamente bom. Não conheci ainda, nesta minha vida que tem sido um turbilhão, coração maior.

Obra de uma vasta documentação, pontilhada de testemunhos leais, Pericles Moraes fez ressaltar os retratos moral e físico de Araujo Filho com uma proficiência e um carinho inextinguíveis, a injustiça com que muitas vezes foi golpeado, — e nisto se confundem muitas vezes biografia e biógrafo, pois o recorte de Pericles Moraes para o público é um, cheio de **boutades**, pessimista, navalhante no conceito e na frase, e, para os seus íntimos, talento, cultura, uma certa displicência e bondade.

O autor de "Figuras & Sensações" ao traçar, em largas pinceladas, o retrato em foco, escreve este período: "Araujo Filho foi um arquétipo de energias, uma consciência em ação, uma alma que se cristalisou nas mais puras indulgências, uma sensibilidade que se requintou no cadinho de todos os sofrimentos, um homem, em suma, na acepção nobre do vocábulo". E acrescenta que tudo o que era seu denotava um temperamento ultra-nervoso.

REVISTA DA ACADEMIA

Fidelino de Figueiredo tem no estudo vivido de Luiz Cotter as suas melhores páginas. E Péricles Moraes sumaria, como o escritor português, o tipo esplendente do morto brasileiro, com as palavras sobre aquele outro incompreendido: — "morreu de tédio, de inadaptação ao meio incompatível como era com a mediocridade provinciana, as querelas locais, o domínio da injustiça e seleção invertida, o horror das superioridades, a levandade julgadora, a incultura, quase bárbara.

E' bem um gesto de reivindicação.

Araujo Filho não deixou a obra que poderia escrever. Conhecedor profundo do latim, e do grego, lendo os originais, familiarizado com seis línguas vivas, mestre quando queria da brasileira-portuguesa, no convívio diário dos clássicos, êle era uma cultura das mais raras e apuradas do país, forte por uma inteligência dádiva dos deuses. Mas o que deixou escrito vinca-o um estilo soberbo e um saber inconfundível. O que êle era, acima de tudo, orador, — dos mais raros do Brasil, entre os cinco ou seis maiores da tribuna. Era, aí, o gênio em todo o seu esplendor, — e essa obra, estupenda perde-se no espaço, o vento leva. . .

Quando da visita de Nilo Peçanha ao Amazonas, nós os da Academia Amazonense de Letras fizemos-lhe uma carinhosa recepção. Houve momento de silêncio inteiro. O salão transbordava de homens e senhoras, em natural seleção. Erguera-se Araujo Filho, e as palmas reboavam. O seu discurso, a sua conferência, a sua oração. . . Algo de maravilhoso, de excepcional. A voz sonora, cheia, ou suave e doce, empolgava, sugestionava, deslumbrava. . . Os conceitos eram tão altos, a erudição tão vasta, que nos lembrava Ruy. E, após o grande e apertado abraço que Nilo Peçanha deu ao orador, disse-me ainda emocionado:

— E' um gênio !

Era. Modesto, simples, como é a verdade. Pairando alto como as águias.

Professor de História dos mais notáveis, bacharel em direito de destaque inconfundível, advogado como poucos neste país, jornalista e escritor, orador raro, poliglota, latinista, apurado, amando o seu Dante, traduzindo-o e interpretando-o, e a par disso duma bondade infinita. Araujo Filho, que se fez amazonense, merece, e a sua memória reclama-o da gratidão da dignidade do povo, o bronze na praça pública.

Não será possível acompanhar, pela estreiteza de espaço de que disponho, capítulo a capítulo o livro sereno de Péricles Moraes. Êste já se fizera mestre com o volume "Coelho Netto e sua obra". Agora, com

REVISTA DA ACADEMIA

"A vida luminosa de Araujo Filho", fica nas letras pátrias como o nosso Maurois. Não conheço quem, no gênero delicado e difícil, lhe seja superior.

Taine e Renan, mais êste do que aquele, foram de fato os mestres maiores de Araujo Filho. E essa influência diz da superioridade da sua obra. Ela se reflete página a página. E os gregos e os latinos formaram a base primordial desta cerebração que, sem exagêro, tinha as facetas da genialidade de Ruy Barbosa. No Norte era a grande figura de relêvo, e ninguém lhe era maior em inteligência, cultura e oratória. Na tribuna era um deus.

Temperamento revoltado, insubmisso, êle estava sempre com a razão, o direito e a justiça. Por mim o digo e afirmo. Seu amigo fraternal, seu companheiro de dez décadas, por duas vêzes em trances decisivos da minha vida, golpeada pela calúnia e pela injustiça numa, outra pela dôr que viverá eterna, Araujo Filho foi meu guião, o meu mestre, advogado vitorioso e triunfador. Amigo como ninguém, irmão como poucos... E daí eu, comovidamente, ler, reler, as páginas calmas do biógrafo, vendo a verdade ressaltar de casos, de incidentes, de acontecimentos, de gestos, de atitudes, a memória alerta e o coração dorido...

Ruy tinha em Araujo Filho uma consagração permanente, vivida. O seu estudo sôbre o mestre supremo é todo um deslumbramento. Em "A poesia do direito", ensaios de jurista e de filósofo, onde paira uma cultura que assombra, há a influência de Ruy. Assim como em dezenas de conferências, em centenas de discursos, em milhares de páginas, há aquela feição, — tal a claridade de pensamento, a alta feição espiritual, a vastidão do saber, a comunhão de idéias e finalidades, de Araujo Filho e Ruy Barbosa.

Eu estou com Pericles Moraes quando afirma que "por um êrro de exegese êsse sábio que glorificou os nossos dias, foi um homem deslocado de sua época". As idéias modernizadas, as inovações atrevidas, a vertigem alucinante do momento, deixaram-no indiferente, — com aquele sorriso seu, único e indescritível, mixto de ironia e de comiseração...

Numa feita, por noites seguidas, trabalhamos juntos, até o sol irromper... Amava a noite, êsse espírito claro! Era o sossêgo, a tranquilidade, a hora do convívio dos clássicos... A sua memória prodigiosa! Duma vez, êle ditou oito horas seguidas, e eu escrevia. Passeava pelo gabinete, cortando-o em meio. Fazia citações de Horácio, de Virgílio, de Dante, Carlyle, Ruy...

REVISTA DA ACADEMIA

Citava os originais, sem compulsá-los, palavra por palavra. Latim, grego, inglês, italiano, alemão, espanhol, francês, tudo êsse homem sabia! E, vendo o meu assombro, dizia-me, — livro tal, deve ser à página tal, ali naquela estante, consulta. Levantei-me por três ou quatro vêzes, não de duvidoso mas para dar maior satisfação a êle, abria os volumes, e, página a mais página a menos, lá estavam os versos latinos e gregos, os conceitos em prosa, certos, certíssimos! O gênio ilimitado de Araujo Filho! . . .

Depois, ao fim, sacudido pela inveja, deslealdade e ingratidão dos homens máus, golpeado pela desgraça e pelo moléstia, uma doença terrível que arrancou a voz ao maior orador do Norte, o Mestre abandonou-se. Ficou no aconchego do seu lar santo — uma companheira que Deus lhe deu, e que tem muito de Nossa Senhora, uns filhos nobres de inteligência e altivez, — e com a fidelidade fraternal de uns amigos restritos, poucos, que ficamos ao seu lado nos dias maus como estivemos na época gloriosa de luz e ouro, com a mesma sinceridade e o mesmo deslumbramento!

O livro formidável de Pericles Moraes é digno da genialidade de Araujo Filho. Que maior elogio lhe poderia ser feito do que êsse? Biografado e biógrafo confundem-se muita vez. Simples e sinceros.

O morto que vive no nosso espírito foi o companheiro bem amado de Martins Junior. Terçara armas, na imprensa e na tribuna, ao lado de Arthur Orlando, Carlos Porto Carneiro da Cunha, Gervasio Fioravante, Vicente Ferrer, na época aurea de Pernambuco, quando pontificava o sábio Laurindo Leão, de quem êle gizou um perfil estupendo.

Os seus ardores e entusiasmos de mocidade foram dados à sua terra natal e ao Amazonas. O amadurecimento, o saber, a bondade infinda, êle os reservou como um nababo do talento que era, para o Estado magnifico encravado e esquecido nos confins do Brasil, nas faixas limítrofes, com o estrangeiro. Araujo Filho fez tudo por um Amazonas maior! E sem o viso de recompensas tilintantes. Viveu pobre, morreu pobre, — êle que tivera a maior banca, em certa época aurea, de advogado! Mas aquele coração era infindo como o mar!

Fecha o livro magnifico de Pericles Moraes uma página de arte sôbre a obra em fôco, de Leopoldo Péres, — que encarna a mocidade gloriosa do Amazonas. Ela escreve sôbre os seus dois Mestres, um que se foi para sempre, outro que vive rútilo, ambos nomes inapagáveis, um capítulo onde se confundem biografado e biógrafo, naquele estilo vivo e terso que faz do moço mais brilhante do Amazonas a sua maior e mais justificada esperança!

REVISTA DA ACADEMIA

E, de Araujo Filho, da sua vida cheia de lances à Bayard, à Ruy, romanceada, convulsionada, com lampejos de sol e trevas de noite, mas nesta ainda com esplendores de estrelas e relâmpagos, diz, com Maurois, que êle teve uma filosofia de heroismo, de piedade e de renúncia.

Fecho o livro, comovido, emocionado. Araujo Filho foi um expoente de talento, cultura, caráter e bondade. Êle era um grêgo de antanho vivendo os dias apressados de hoje, com a mentalidade sábia de outrora. Era um gênio encravado e perdido na infinita floresta amazônica...

E agora fica, morando comigo, mais esta saudade profunda e imensa.



UM POETA PROSADOR

SADOC PEREIRA

Ainda muito jovem, quando realizava em Belém os estudos de humanidades, fez Péricles Moraes a sua estréia nas letras, divulgando pela imprensa da cidade guajarina os primeiros frutos de seu talento artístico e peregrina imaginação.

De retôrno a Manaus, sua terra natal, começou êle a dar, com frequência, à publicidade, em jornais e revistas, composições literárias, ora em prosa, ora em verso, atraindo a atenção geral, não sómente pela originalidade, como, sobretudo, pelo lavor artístico de seus trabalhos.

Abraçando o jornalismo, frequentes eram as suas crônicas e comentários, bem como substanciosos ensaios e estudos de crítica. Tiveram, nessa época, intensa repercussão no meio intelectual as suas amenas poesias e os Traços à Margem, lançados estes últimos diariamente, pelo Jornal do Comércio, sob o pseudónimo de Octávio Durval.

Conhecedor profundo da literatura francêsa, deixou-se êle, como poeta, empolgar com paixão pelas obras de Verlaine e Mallarmé, filian-do-se ao simbolismo criado pelo autor de Poêmas Saturniens e de La Bonne Chanson. Daí certamente o carinho e admiração que ainda hoje se lhe notam por Cruz e Souza, que, seguindo aquela escola, atingiu em nosso país, na opinião unânime da critica, a mais alta expressão do lirismo nacional.

O seu primeiro entusiasmo pelos versos não havia, entretanto, de perdurar por muito tempo. Em breve, como a muitos outros homens de letras tem sucedido, abandonava êle o Parnoso, para dedicar-se única e exclusivamente à prosa. Assim procedendo, tudo fez, em lamentável ação demolidora, para que as suas poesias fossem relegadas a um eterno óvido.

Um episódio, a que assistimos, demonstra esse seu propósito. Em uma festa familiar a que ele se achava, o dono da casa, querendo animar a reunião e agradar aos seus convivas, pediu a um jovem que recitasse alguns versos. O rapaz, atendendo gentilmente à solicitação e pondo-se de pé a um canto da sala, anunciou que iria dizer um soneto, cujo título declarou. Pericles Moraes, que era o autor da composição poética, lançou-se sobre o moço, pedindo-lhe insistentemente que escolhesse outros versos e impedindo-o de recitar o soneto.

Foi em consequência de atitudes como essa, movidas, sem justo motivo, pelo anseio constante de uma suprema perfeição, que muitos hoje desconhecem as poesias com que ele, outróra, enlevava leitores e ouvintes, despertando-lhes estesia e vivas emoções.

Foi na prosa, não há dúvida, que Pericles Moraes conquistou renome. Depois dos labores do jornalismo, entregou-se aos trabalhos de vulto. Vieram-lhe as obras de meditação e acurado estudo, os livros, com que alcançou, em definitivo, nos meios intelectuais, a láurea da consagração.

Em *A Literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho e seus colaboradores citam-no a miúdo, transcrevendo trechos do escritor amazonense, em abono das opiniões que emitem naquele notável trabalho sobre o nosso desenvolvimento literário e artístico.

Por sua vez, Osvaldo Orico, membro da Academia Brasileira de Letras, colocando-o à frente de uma pleiade de literatos ilustres, lamenta que não faça ele parte daquele sodalício, como galardão a que faz jus pela beleza de seu estilo e poder de sua inteligência.

Ninguém, com efeito, pode negar o valor incontestável das obras de Pericles Moraes, não só pelo merecimento cultural, como pelo fulgôr e elegância com que ele sabe ornar o seu pensamento.

A sua linguagem, ora doce e melodiosa, ora soberba e pujante, quer nos livros, quer nas orações acadêmicas que pronuncia no Silogeu, apresenta sempre um aspecto singular. Lendo-o ou ouvindo-o, percebe-se que ele, apesar de haver deixado o convívio das Musas, jamais renunciou à poesia, que ressuma de suas páginas cheias de harmonia e vibração.

Não se lhe extinguiu jamais a inspiração poética, que vem eclodir, exuberante, a cada passo, na cadência das frases e nos largos surtos de uma radiosa fantasia.

REVISTA DA ACADEMIA

Tem-se a impressão de que ele, sem menospreço pela nitidez perfeita das idéias, externadas com lúcida clareza, emprega, ao escrever e ao falar, na contextura de seus períodos, o processo usado por um musicista ao compor a partitura de um prelúdio ou de uma sinfonia.

E' que ãle, ao abandonar, na juventure, o plectro e a lira, guardara, contudo, para sempre, nos recônditos do subconsciente, a fim de aplicar à prosa, na maturidade, a lição que recebeu de Verlaine, para a tessitura perfeita das estrofes: "De la musique avant toute chose."



A Cultura Literária de Pericles Moraes

WALDEMAR PEDROSA

Quem quer que, de boas letras, tenha fruído o prazer espiritual da literatura dos quatro livros de Pericles Moraes, — "gouttes d'argent d'orfèvrerie" —, que o consagram como o maior polígrafo amazonense e um dos mais eruditos e elegantes escritores brasileiros, não saberá, de certo, o que mais lhe admirar: se o estilo rico, fascinante, e referto de melodias que encantam ritmicamente o ouvido; se o pensamento elevado e sutil do crítico profundo e do biógrafo completo; se a cultura literária onimoda e vastíssima.

"Figuras & Sensações" e "Legendas e Aguas Fortes", "Coelho Netto e Sua Obra" e a "A Vida Luminosa de Araujo Filho" são labores de forma e de pensamento, onde a beleza do estilo, sereno ou ondulante, mas sempre irisado de harmonias a Mallarmé, emparelha com a subtileza das idéias alcandoradas.

E' que a estrutura intelectual do escritor se formou numa estratificação longa de acurados estudos.

Pericles Moraes sentiu diretamente a emoção que lhe comunicaram o estilo e o pensamento dos escritores que mais se transfundiram na sua organização mental, porque os leu nos originais: Dante e D'Annunzio, Carlyle e Emerson, Flaubert e Maupassant.

O segredo da sua extraordinária cultura literária está nos seus vastos conhecimentos linguísticos.

Nele, porém, mercê do temperamento artístico, o escritor sobrepujou o filólogo.

Pericles Moraes lê o inglês, o italiano e o francês, como o português.

Mas, lê-os, saboreando-lhes as "tournures" e "trouvailles", sorvendo-lhes os modismos e idiomatismos.

Daí o seu saber universal da literatura francês, em todas as formas e épocas, porque Pericles Moraes conhece a língua de Anatole France, desde os seus primeiros balbuciamientos, desde os "Serments de Strasbourg" até às produções dos seus mais modernos escritores.

Este o segredo da cultura literária do notável publicista, que é um justo orgulho dos seus conterrâneos.



**AS HOMENAGENS VIBRANTES
DOS
SÓCIOS CORRESPONDENTES
DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

O Coronel José de Figueiredo Lobo, excelsa figura de militar e sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras, em telegrama dirigido ao desembargador Arthur Virgílio, Secretário Geral do Sodalício, expressa suas congratulações pela eleição de Pericles Moraes para a Presidência da ilustre confraria:

"A memorável confiança depositada pelos ilustres imortais em Pericles Moraes, substituindo o sempre lembrado Adriano Jorge, tem algo de essencial dessa inteligência privilegiada e culta dos maiores homens dessa terra. Tal ato nada mais representa do que patentear amizade e respeito ao maior mestre vivo do Amazonas. Essa fé implícita não toca samente aos amazonenses, mas a quantos já tiveram a honra e a fortuna de sentir de perto o afeto e a espiritualidade dessa nobre gente. Tenho certeza de que, quando a sabedoria de um escól intelectual confia grandemente em um homem da estirpe de Pericles Moraes, é porque sente agarrar-se a si as raízes de uma fé igual. Pericles Moraes é um íntegro e sua alma foi criada para essa colenda colmeia, onde o saber, a virtude e a beleza empolgam-lhe o recôndito dos sentidos e absorvem por inteiro a sua preciosa vida. Felicitando a Academia tenho felicitado aos amazonenses e ao Brasil bem como a cultura onde quer que ela se encontre. Asseguro aos ilustres acadêmicos que a mais longa lembrança persiste em minha

memória e da convivência em uma hora tarda da minha carreira nessa inesquecível e mágica Manaus e que não encontra agora palavras para exprimí-la, porque ante a grande emoção se encontram sempre para trás dos lábios, isto é, dentro do coração. Como Pericles é agora um suspeito, rogo perdoar-me e, por gentileza, solicito ser meu porta-voz para transmitir a essa Academia e ao povo do Amazonas minha alegria por tão insigne investidura, ao tempo em que calorosamente os felicito. Agradecimentos do tenente coronel **José Lobo**".



QUADRILÁTERO DA 5.^a HORA

RAMAYANA DE CHEVALIER

PERICLES:

Foi Bombarda, êsse amado cientista de pesquisas amargas, que afirmou certa feita, ser a ilusão, a maior, senão a única sincera amiga do Homem.

No desalinho trepidante de minha vida, comburida e rebuscada entre surprêsas espantadas e contemplações silenciosas, a figura superior do Mestre surgiu, dentre as coivaras dos meus enlevos estéticos, como um símbolo torturado e imenso.

Os mistérios de minha adolescência, as agruras de minha mocidade, todo o encanto — supremo encanto — dos meus dias felizes, passei-os quase, sob a iluminura radiosa da cerebração dêsse belo pensador, tão grande e tão sugestivo como as bruscas transfigurações da gleba multilouvada que o viu nascer.

No retrospecto da visão cultural, quando buscava eu as primícias do meu deslumbramento literário de permeio às seduções irresistíveis da Hélade imortal, era em Pericles — o grêgo, autor de todo um século de belezas e de glórias, onde encontrava as melhores virtudes para equipautar, no confronto justíssimo, às esplêndidas revelações espirituais do Pericles amazônida.

Sofrendo das moléstias ímpares de Des Esseintes, angustiado no âmbito de uma província malsinada pela hostilidade da sua flora humana, escondido nos mais quedos e retirados faubourgs da cidade, o astro anatoliano revivia, com pinceladas eternas, o tempo inesquecível dos príncipes mentais, quando a inteligência era um florete e a palavra um punhado de lírios vergilianos.

Escultor da idéia dinamizada, artista ao jeito dos estigmatizados pela maravilha analítica de Jung, politiquero da carícia verbal, até nas agressões mais dissimuladas, penetrante e incisivo nas entrelinhas do pensamento sob o seu contrôle, Pericles representa o brasão de um século que não se adaptou às ligeiras do raciocínio maltrapilho, que não se vendeu no mercado do talento, pelas lentilhas de uma consagração subitânea e fugaz.

Plasmando o seu destino literário, com as minúcias de um criador de antíteses — a sua vida e a sua obra, — Pericles Moraes foi, sempre, aos revêrberos da ribalta humana em que combate, uma personagem incorruptível no seu papel de turibulário de Perfeição e soldado do Espírito.

Mesmo magoando, a sua ironia transcende o limiar do estímulo suavizador, a sua asperesa, coroada de rosas, entusiasmo antes de ferir, no ferimento honroso de uma das mais ilustres, fecundas e indeléveis críticas continentais.

Arrebatado pelo sentido indeseiável da harmonia verbal, tudo nêsse ciclope é coruscante e flexuoso, mágico e candente, como se tivesse sido êle gerado no ventre de um meteoro, para a projeção intelectual de suas gamas extasiantes, no hemicycle heptacrômico do seu gênio solar.

No "Figuras e Sensações": O jongleur de plumas e paradoxos; no "Coelho Netto e sua Obra": o analista feliz de uma glória espiritual; no "A Vida Luminosa de Araujo Filho" — o valorador sereno e rútilo de uma super-estrutura intelectual; no "Legendas e Aguas Fortes", o mergulhador de pérolas humanas, o sublime garimpeiro de aspectos anímicos, de paisagens interiores, com a batêia da seleção.

Êsse o caminho reflorado do Mestre, essa a sua estrada de Samarkanda, onde os cardos da mordacidade ambiente se convertem em heliantos, para homenageá-lo, seguindo-lhe o roteiro irizado e sem fim.

O Amazonas deve a Pericles Moraes a sua maior projeção mental no cenário da Pátria.

Na panóplia fidalga de nossas cerebrações polimáticas, a dêsse mago do prodígio estético ocupa o lugar dos que se imortalizaram pela fidelidade à Beleza, à Arte e ao Supremo Ritmo.

No desencanto com que êle acentua e batiza o ambiente que o sitúa, êle é bem aquele buveur de rêves de Benoit, sequioso e insatisfeito, na avidéz com que procura saciar-se na sua doença maravilhosa.

Grande Pericles: Pelo dia de hoje o Amazonas te saúda.



AUGUSTO LINHARES, O CINTILANTE PROSADOR, LAPIDÁRIO DE TANTAS PÁGINAS ANTOLÓGICAS, EM CORRESPONDÊNCIA DIRIGIDA AO PRIMEIRO SECRETÁRIO DO SILOGEU AMAZONENSE, MANIFESTA SEU CULTO DE ADMIRAÇÃO E LOUVOR AO ESTETA DE "FIGURAS & SENSACIONES".

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1956.

Ilustre Acadêmico e presado Amigo Revmo. Padre R.

Nonato Pinheiro

Saudações cordiaes.

Apresso-me em responder a sua estimada carta de 19 do corrente mês, só ontem recebida, na qual me comunica que a Academia Amazonense de Letras em bôa hora resolveu editar uma poliantéia em louvor do maior escritor brasileiro vivo — o inclito Péricles Moraes. Realmente, ele fórma, a meu parecer, com Celso Vieira, um ao Norte, outro ao Sul, os pólos magneticos da Literatura Brasileira contemporânea, em sua dignidade classica. E' com estusiasmo e veemencia que aplaudo essa tocante e bem merecida homenagem, e a ela adiro e me associo de todo o coração, muito embora, com a ida de meu filho medico aos Estados Unidos, me encontre no momento assoberbado com os serviços profissionaes de minha clinica, e mais os da sua que é das maiores do Rio de Janeiro.

Escrever, porém, de improviso, às pressas, com dia marcado (2 de maio, já aí às provas), o respeito desse vulto extraordinário, "tanta pericia, tanta requer", que entendo sômente possível aos que, por fortuna, o respiram de perto, e dele recebem diretamente a atomicidade de seu exemplo, o efluvio natural de sua pessoa, o resplendor de seu fascínio. Esculturar-lhe a figura, espiritualmente apolinea e

gigantea — é tarefa tamanha que me obriga a confessar o Domine, non sum dignus! Porque Péricles Moraes, fundador e Mestre insigne da "Escola de Manaus", é uma das mais altas, raras e fulgurantes, expressões de nossa cultura literária. Seu estilo de cristal fluido é, como o de Anatole no dizer aureo de Ruy, "frappé toujours d'un rayon de soleil, de nosso fecundo sol tropical. Ofusca-me no horizonte escampo da patria o disco solar de seu espirito, nesta hora "o mais belo espetáculo da inteligencia brasileira", com todo o esplendor, grandiosidade e magnificência da Selva Amazônica!

Figurar, pois, nessa poliantéia ao lado de consumados e aplaudidos escritores da Academia Amazonense de Letras, ou como me apraz chamá-la, de "Casa de Péricles Moraes"; dessa pleiade de escritores que se veem revelando e sobremodo se impondo à nossa admiração irrestrita — é distinção a que não mais poderei refugir, tanto ela se me sobreexcede, empolga e ensoberbece. Lembra-me, contudo, aquilo que, ao lhe oferecer um dos meus livrinhos, creio que o "Ora, direis. . ." escrevi, com esta advertencia:

- Ora, direis, com espanto,
Levar migalhas a El-Rei?!**
- Mas eu vos direi, no entanto,
Que ele tambem no que toca
Transforma em ouro de lei!**

E é nesta bem fundada esperança, ou quiçá insolita pretensão, que ousarei levar com o fervor de meu culto para a fogueira festiva e apoteotica de São Péricles o meu humilmo feixinho de lenha que eu bem quizera fosse de sandalo.

Muito cordialmente seu amigo e sincero admirador

AUGUSTO LINHARES

CARTA PERDIDA

"Numa alegria futura", torno a ver o Amazonas. Acordam em mim velhas imagens. Na visão dum mundo recuperado, nuances e grandezas, sêres e coisas renascem, se harmonizam, predominam. A paisagem. Sempre a paisagem. As justas do homem perseverante através das lendas, das fábulas da paisagem. Hipérboles. De longe, as perspectivas e os sentimentos telúricos mais se ajustam à realidade. Agora a evidência do homem, com os seus instintos criadores, na mais emotiva fidelidade à terra. O homem polindo a vida, semeando riquezas, empurrando para frente os horizontes do Estado. Comicham-me objetivos em louvor dêsses homens. Enternecimento penteando camaradagens distantes.

Queimo incenso a homens ricos da terra pobre. Os ricos que plantaram e colhem através do fatalismo inerte da província. Expoentes municipais que funcionam, exclusivamente, a serviço municipal. Mas irradiam-se, por outros climas, como boas sementes em humus da idéia e da ação. Associo à riqueza verbal do escritor Pericles Moraes as iniciativas de Isaac Sabbá, romântico capitão de indústrias. A obra do epicurista e a desenvoltura miraculosa do semeador de fábricas são caminhos diferentes que irão encontrar-se, com o mesmo relêvo, na história. Entre o sonho e o senso do real, entre refinamentos culturais e problemas econômicos, os dois grandes do Município trabalham para o bem-estar da sociedade. Símeles no entusiasmo e nos objetivos. Um age assim: concede assistência condigna a operários, identificando-os aos progressos da técnica. Reajusta-lhes o nível de vida. O outro renova valores acadêmicos, cinzela brilhantes livros, redige jornais e revistas, rí em riosas boutades da tolice impertinente e evôca,

perpetuando figuras, seus mortos, amigos fraternais e confrades ilustres, em páginas de larga ternura, modelos de beleza estética. O estilo do ensaísta é uma harmonia de magnificências. A exuberância da paisagem amazônica. O tumulto, a influência do D'Annunzio. Mas a mentalidade do autor de *Figuras & Sensações* se nutre na França. Espírito de panejamentos cósmicos, com realces de malícia, de dúvidas, de agudeza, de plasticidade. Fóra da imensa biblioteca ou das reuniões de sua Academia, é criatura sem sal, infeliz. Mesmo quando no exercício de elevados cargos da administração pública ou nos seus rápidos passeios por Paris ou Rio de Janeiro. Sabbá e Pericles executam sistemas fecundos, em virtude dos quais os amazonenses estudam mais e melhor comem. A Academia Amazonense de Letras e a Companhia de Petróleo da Amazônia culminam em Manaus, arejando, honestamente, a inteligência e a economia nacionais.

CLOVIS BARBOSA



CRÔNICA LITERÁRIA

VIEIRA DE ALENCAR

(EM TÔRNO DE "COELHO NETTO E SUA OBRA",
DE PERICLES MORAES)

O FUTURISMO, em qualquer das diversas e estranhas modalidades com que tentou implantar-se no Brasil, qual a qual mais atroante e inconsequente, produziu o efeito dêsses pés de vento que, no seu redemoinho, só derrubam o que só é quebradiço e instável.

De comêço, estrondeou num arruido tremendo, mas não era pampeiro sério, nem trazia em si a cólera dos elementos que, fulminando e destruindo, purifica e constroi.

Antes, era zabumba, mascarada, zoada vã... E passou inócuo na sua frustrada aspiração de operar o renascimento de nossas letras, o que os seus mais encazinados corifeus jamais poderiam levar a cabo, dada a sua inópia para tão luminosos desígnios.

Renovação literária implica o conhecimento, a assimilação integral, para um aproveitamento inteligente, de tóda a cultura humana estratificada através do tempo e do espaço.

Literatura nova? Música nova? Pintura nova? Sim, tudo isso é possível, como herança do passado... Paradoxal? Não. Os modelos eternos subsistirão. Os grandes privilegiados é que, tocados da centelha do gênio, dali extraem o *algo de nuevo* da sua ânsia a brotar do sempiternamente velho.

Foi o com que não atinou o futurismo, pelo menos o que vicou por plagas brasileiras. Aqui, porém, no seu afã de destruição e de negativismo cego, não atingiu os robles da nossa

flora mental, onde sobranceia a árvore de imensa ramaria e de sombra aceitosa que é a mentalidade fecunda do sr. Coelho Netto.

Este foi, talvez, o mais apedrejado, o mais insultado, o mais alvejado pela horda vandálica. Por ser o representativo da nossa cultura literária. Cultura que, através de ronqueira marcha, chegou com êle, de súbito, a um estágio de raro esplendor.

A turba rumorosa da gente futurista, na enfurecida fobia de estrancinamentos, colmilhos afiados, ameaçou arranhar e denegrir a olímpica figura do artista máximo da nossa literatura.

Em vão, porém, porque a sua obra é um manancial inesgotável de beleza, de emoções, de idéias a que o mágico da palavra deu vida perene, para o sempre. Só às almas também de privilégio, fascinadas de uma visão superior de perfeição, é dado penetrar o recesso sugestivo onde demoram as criações do artista. Foi o que fez, em peregrinação encantada, o espírito de outro artista amável, artista autêntico — Pericles Moraes.

“Coelho Netto e sua Obra” é um livro de que se ressentia o nosso momento literário. Reclamava-o êste instante em que se começa a fazer o julgamento da individualidade de um escritor que entra de ser discutido e já, até, estolidamente negado. Que o discutam, vá lá, mas negá-lo é ignorância, se não sandice. E o livro formoso de Pericles Moraes, sobre ser a reivindicação de uma glória em vão negada, debalde frêchada pela barbaria áspera ou pelo despeito rude, é adminículo valioso para o estudo da evolução da crítica literária no Brasil, através de Araripe, Sylvio Romero, Veríssimo, Ronald de Carvalho, Tristão de Athayde, Grieco até Pericles Moraes que, entre os contemporâneos, se singulariza pela originalidade de seus processos de elaboração. Novo rumo dá à nossa crítica o escritor amazonense, imprimindo-lhe uma feição que deixou delineada nos ensaios lapidares do “Figuras & Sensações”.

Delineada, dissemos, porque a impressão que se colhe ao fim da leitura de cada capítulo do livro de estréia de Pericles Moraes é justamente de pena que a sua exegese não prossiga.

São estudos diversos. O senso da medida faz o autor estacar onde aprouveria ao leitor continuar a ouvi-lo, embalado pelas seduções do seu estilo harmonioso e nobre.

E' o que não falta ao livro de agora — obra inteiriça, harmônica, integral. Pericles Moraes mostra-se-nos aí na posse plena de todos os segredos da crítica moderna.

Do "Figuras & Sensações" ao "Coelho Netto e sua Obra", a sua cultura ganhou em esplendor e refinamento, distendeu-se o raio da sua visão de maravilhado, requintou-se na tortura da sua arte, e, por outro lado, classificou-se-lhe o pensamento, e a idéia desabotoa agora ainda mais transparente e mais lúcida.

A sua crítica obedece a dogmas novos. Quase não diríamos dogmas, tamanha é a sua pessoalidade. Pessoais são os seus métodos de análise e de observação, cuja substância é a própria hiperestesia dêsse malabarista da expressão verbal. dêsse volutuoso das coisas belas que é Pericles Moraes.

O artista só se detém diante do que é manifestação de beleza ou que pode ser expresso em fórmula de beleza. Daí o permanente encanto da sua alma diante da vida, porque a vida para ele é o seu mundo interior onde se agitam os seus sonhos e as suas ânsias.

Pertence àquela categoria de escritores de que falava Taine, a respeito de Stendhal e de Balzac — "amam a arte mais que aos homens; não escrevem por simpatia pelos miseráveis, mas por amôr ao belo".

Desta sorte, nenhuma crítica na atualidade brasileira, com mais altas aptidões para proferir o julgamento de outro escritor daquela categoria como é o sr. Coelho Netto.

Da esquisita emotividade do artista, da apurada estese do epicurista da forma, ao sopro de uma inspiração faulante, com fulgores de obra de estatuária, exsurge o mármore eternizador, que Pericles Moraes esculpiu à glória de um dos mais formosos padrões da cultura latina em linguagem portuguesa. E realiza obra de largo fôlego. De coragem. De justiça. De Beleza. E com que calor de eloquência! Penetra, apreende os aspectos onímodos de tôda a produção literária do rutilante polígrafo. Nada, nenhuma faceta da estrutura polimórfica do escritor escapa à investigação do crítico.

Estuda, como só o faria um Remy de Gourmont, o curioso da musicalidade, do sentido íntimo, do colorido e da alma do vocábulo. E' o sibarita da frase, eurítmica, do período sonoro. "A palavra é a matéria prima das suas idéias e sentimentos", diz o brilhante crítico. E derredor dêste conceito, desdobram-se, multiplicam-se outros de recrescente profundidade e refulgência, que definem e afirmam uma estética.

Pericles Moraes passeia, de êxtase em êxtase, de maravilhamento, em tórno, por todos os recantos, até ao ádito do bosque misterioso "onde ninfas repousam e rosas reflorescem", sob a sugestão de "uma arte cativante cujos ritmos novos denunciam para logo o gênio do artista".

Dentre os capítulos em que sumariou as suas impressões, perquirindo a gênese e acompanhando a evolução espiritual do sr. Coelho Netto, atravez do romance, da novela, do conto, do teatro e de tantas outras modalidades da sua arte, há um que, só por só, é a *plaidoirie* reivindicadora do prestígio mental do escritor, cuja obra enche e domina um largo trato de nossa história literária. Referimo-nos à análise do "Inverno em flor".

Tem-se ali uma página de profunda acuidade crítica. Impõe-se pela subtileza dos conceitos ao lado da pintura da expressão. Pintura cujas tintas mostram de quanto milagre é possível a língua portuguesa a serviço de um estilista lídimo.

Por outro lado, destaca o expositor disertado e elegante a versar teorias científicas assimiladas, destrinçadas e esplanadas em elocução translúcida.

Pericles Moraes patenteia não ser apenas o artista da palavra que seduz, mas também o pensador vigoroso que encanta pela transparência e nobreza das idéias.

O "Inverno em flôr" — o mais belo, emovente e profundo romance do sr. Coelho Netto — oferece-lhe azo a essa demonstração de cultura e de estuante dinamismo mental. E' uma síntese magnífica em que disseca, explica e ilumina, com o claror da sua crítica, conturbadas e complexas psicologias que o romancista tem fixado nas suas várias criações.

Como aquele, os demais romances do sr. Coelho Netto, desde os primeiros de sua carreira literária — como o “Rei Negro” — inspiram a Pericles Moraes páginas magistrais que orgulheceriam as mais cultas literaturas, e que consolidam o renome de um escritor.

Sente-se que o crítico brasileiro, diante da obra do analista d'almas da “Tormenta”, é tomado daquela mesma impressão manifestada por Edmond Jaloux com relação à obra de Marcel Proust.

“Quando leio Marcel Proust, diz o autor do “L'Esprit des Livres”, quando vejo nos seus livros os elementos da vida combinarem-se, aglutinarem-se, desagregarem-se decompor-se como células, parece-me que assisto ao trabalho não de um romancista, mas de um biologista”.

De feito, o realismo do sr. Coelho Netto — se nesta classificação se pode enquadrar o seu romance — é a anatomia mesma de todos os dédalos inextricáveis da alma humana, análise fria, mas volutuosa, dessa volúpia congenial do artista.

À última página do “Coelho Netto e sua Obra”, finda a leitura desse volume magnífico que reflete a sensibilidade emocionada de um esteta e o espírito agudo de um pensador elegante que frequentou as mais límpidas fontes do pensamento humano, artistas e filósofos, e ama, acima de tudo, o encanto de meditar pelo prazer de animar idéias — à última página dêsse livro, dizíamos, é consolador poder consignar-se, após a ruidosa patuscada *futurista* e em meio às indecisas, vacilantes, informes tendências literárias deste momento, que ainda há em nossas letras quem compreenda e exercite a verdadeira crítica como a ensinaram e praticaram os grandes mestres.

Entretanto, dado o pequeno coeficiente dos que no Brasil lêem sabendo ler, ao belo livro de Pericles Moraes talvez esteja reservado o mesmo destino da obra de Coelho Netto — ficará para gaudio das inteligências privilegiadas, inacessível e incompreensível aos imbecis e às mediocridades, porque ao paladar destas e daqueles só agradam as baboseiras chamboas dos escribas habituados à aravia do populacho ou à transgressão de tôdas as normas de elegância mental e do bom estilo.

Glorioso destino, porém, o daqueles que, sobrepairando em alturas iluminadas, podem esflorar o radioso sorriso da ironia por tudo o que se não alça do terra-a-terra...

A GLÓRIA DE UM GRANDE ARTISTA

PAULO COELHO NETTO

Raros, raríssimos são os críticos que, no Brasil, conseguiram impor-se e ombrear com os mais consagrados nomes do seu tempo, vivendo e produzindo fóra da capital do país. Via de regra, nos grandes centros culturais, a crítica assume feição partidária, ora exaltando os incompetentes que a cortejam reverentemente, ora investindo em crises históricas e tendenciosas contra os verdadeiros valores literários. O fenômeno não é apenas local. O próprio Sainte-Beuve, apesar de inimigo dos mediócrs e amigo dos autores de mérito real, cuja influência se exerceu soberanamente em toda a França, e mesmo na Inglaterra sobre Matthew Arnold e outros críticos ingleses, não deixou de errar no julgamento de alguns vultos da época, como, por exemplo, Balzac.

Na sua perfeita e rigorosa missão, o crítico não é um examinador azêdo a corrigir provas, fulminando ou glorificando conforme os impulsos de seu temperamento, de suas simpatias e antipatias ou de incapacidade interpretativa. Outro recurso muito em voga, quando uma obra ultrapassa os limites de compreensão do crítico, é o silêncio capcioso. Se ela não trás uma oferenda rica em adjetivos fantasmagóricos, como diria Martins Fontes, limitam-se os juizes togados da magistratura mental a mencionar-lhe sumariamente o título entre os livros recebidos, ficando a sentença, absolutória ou condenatória, na dependência de pedidos e interferências de terceiros.

Quando um artista do interior consegue vencer na metrópole as barreiras da indiferença e não raro hostilidade, com que o seu trabalho de estréia costuma ser acolhido, é porque seu mérito não pode ser posto em dúvida. E se êle, de longe, como que reproduzindo com a luz a maravilha dos ecos, devolve as irradiações que o disco solar da inteligência indígena difunde por todos os rincões do território nacional, fixa então o marco de sua definitiva e inelutável consagração. E' o que ocorre com o escritor máximo do Amazonas e um dos maiores críticos do Brasil: Pericles Moraes. Toda a sua modelar carreira literária tem decorrido em Manaus. O livro que o revelou, editado em Portugal, assinalando-lhe desde logo um lugar de evidente realce e prestígio nos círculos intellectuais do Brasil, fê-lo conhecido e acatado em outros países, proporcionando-lhe mesmo a amizade e o louvor de grandes nomes das letras européias, como Camilo Mauclair que lhe não regateou juízos sobremodo honrosos. Depois de Figuras e Sensações, deu-nos o eminente prosador uma obra que provocou de Henrique Perdigão, em seu Dicionário Universal de Literatura, estas palavras eloquentes: "Coelho Netto e sua obra ficou, nas letras, por um dos mais completos estudos que até hoje já se fizeram de um autor brasileiro". Os livros posteriores deram margem à petição de comentários enaitecedores, sendo que, estudando os ensaios enfeixados em Legendas & Aguas-Fortes, Jaime Cardoso — vigoroso escritor e crítico — citava Pericles Moraes como um autêntico "Príncipe de ensaistas". A vida luminosa de Araujo Filho e Retrato de Augusto Linhares completam a bibliografia do mestre amazonense. E agora, finalmente, reunindo os seus mais recentes ensaios, Pericles Moraes acaba de publicar um livro notável: Confidências literárias. Nêsse volume, em que o glorioso estilista amplia os seus méritos de prosador fluente e elegante, na pleniposse de todos os segrêdos do idioma, oferece-nos êle, a naturalidade que o distingue, páginas que revelam a sua cultura enciclopédica e admirável poder de análise. Os estudos sôbre Gabriel d'Annunzio, Martins Fontes e Annibal Theofilo são magistrais. Outros capitulos, como os consagrados a Leopoldo Péres, Djalma Batista e Violeta Branca, brilhantes figuras da moderna literatura amazonense, encantam o leitor e enriquecem o

esplêndido volume. Pericles — como o famoso ateniense de igual nome — é um enamorado da Beleza e da Arte. Erudito, como os que mais o forem, êle não faz tarefa subalterna de rebuscador de imperfeições, não esmiuça detalhes secundários, nem se preocupa em descobrir e apontar lapsos nas obras que lhe merecem a atenção. Se é bôa e lhe agradar, o seu louvor brota espontâneo e cintilante; se é fraca ou má, êle a esquece logo, sem jamais escarnecer, melindrar ou ferir o seu autor. Só o Belo o detêm, empolga e deslumbra. E, assim, a sua existência de homem de letras vem transcorrendo, serena e justiceiramente, no exercício de uma cátedra que êle soube conquistar e manter com a dignidade e a compostura de um verdadeiro crítico. O recolhimento de um lar venturoso, o carinho de uma esposa culta que o compreende, o admira, e anima, a paz e a meditação na calma da cidade longinqua "onde nasce a natureza", o convívio diário com os mestres clássicos que lhe ornamentam a preciosa biblioteca, a austeridade de seus hábitos e sua magestosa envergadura moral e mental fazem dêsse sóbrio, generoso e culto esteta uma figura edificante, que só encontramos retratada fielmente através dos conceitos que, escritos por Emerson, se aplicam a muito poucos eleitos dos deuses:

"O melhor da beleza é um encanto que flue na superficie, no contôrno, e que nenhuma regra de arte pode ensinar — uma radiação do caráter humano sob fôrma artística".

PERICLES MORAES

SILVEIRA FILHO

(da Sociedade de Geografia e História do Ceará
e sócio correspondente da Academia
Amazonense de Letras)

Foi no alvorecer deste século que, em Belém, um grupo de jovens boêmios fascinados pela inefável ressonância das vozes transcidentes que melodiosamente enchiam o âmbito da Catedral Simbolista na França, — fundou com muito ruído o “Apostolado Cruz e Souza”.

O bando de talentosos estudantes, com a cabeça a borbulhar de idealismo, instalou-se em uma casa insulada na Cidade Velha, a fim de traçar as diretrizes de uma nova estética que não se assemelhava nem com as harmonias pungentes do Romantismo doentio, nem com as flores marmóreas e inexpressivas da corrente parnasiana.

Eram novos delineamentos da Beleza, que se refletiam de um mundo sensível por ilustres prismas intelectuais, e que deviam dar à Poesia outro cunho de elevação.

A *“Enquête sur l’Evolution Littéraire”* de Mallarmé, já repercutira no norte do País: *“La contemplation des objets, l’image s’envolant de rêveries suscitées par en sont le chant: les Parnassiens, eux, prennent la chose entièrement et la montrent. Le suggérer, voilà le rêve . . .”*

Entre esse grupo que recitava à luz mórbida do luar, nas ruas afastadas e desertas, poemas de L’Isle Adam, Paul Verlaine, Mallarmé e Cruz e Souza, preponderava como centro nuclear o espírito elegante de Pericles Moraes. As suas poesias e artigos de arte divulgavam-se através das colunas do “Oráculo” — emunctório vivo da musicalidade singular que nublava a alma do “Apostolado”.

Mas os anos defluiram e, com êles, foram-se as almeçadas visões do Ideal, que bailavam donairosamente dentro do sonho acariciador daqueles poetas.

O grupo, tanguido pelas fatais exigências do destino, foi a pouco e pouco dispersando-se. Uns enfeixaram em livro seus trabalhos, em que havia mesmo lampejos de talento; desalentados, todavia, pela algidez glacial do meio ambiente provinciano, abandonaram as letras e entregaram-se à vida prática. Outros, corajosos e mais afortunados e, o que é mais, sob afagos de circunstâncias econômicas, chegaram a vencer e pontificar na alta esfera do espírito.

Por volta do ano de 1907, Flexa Ribeiro publicou no Rio — “Litania Pagã”, cujos poemas, a nosso ver, foram os únicos que de modo maravilhoso se teceram com os nevoentos e misteriosos sons da lira encantadora dos poetas malditos. Entretanto, releve acentuar que críticos e historiadores da literatura brasileira, quando se referem à frase simbolista, por lamentável injustiça, não consignam o nome do brilhante poeta que mostrou ter muito mais acuidade na interpretação que Cruz e Souza, tido por vexilário, aqui no país, do grande movimento que empolgou e galvanizou o fim do século.

Não temos bem certeza se Flexa integrava o “Apostolado Cruz e Souza”. Sabemos, porém, que ele surgiu na eclosão dessa notável pléiade, a qual pelo brilho estranho das suas idéias muita raiva causou ao espírito burguês que caracterizava a sociedade de Belém do Pará, naquela época.

Dissolvido o grupo, Pericles Moraes retornou ao Amazonas, sua terra natal. Ali, com a alma ainda palpitante dos áureos sonhos que tantas vezes povoaram as noites claras e serenas nas ruas pobres da Cidade Velha, entregou-se religiosamente ao jornalismo. E, ávido dessa Beleza que era o sumo ideal dos mediterrâneos, leu tudo que na Europa se tornou notável pelo alto valor do espírito.

Depois que os seus conhecimentos se caracterizaram e lhe definiram a personalidade de crítico, começou de publicar espcieadamente, nos periódicos da província, os estudos magistrais que mais tarde se reuniram no seu livro de estréia intitulado — “Figuras & Sensações”.

Nesse livro, que teve repercussão até nos centros de maior cultura do estrangeiro, os retratos de Octave Mirbeau, Maupassant e Tolstoi cintilam através de um estilo eurrítmico e ornamentado de maneira tão suntuosa que faz lembrar a pena demoníaca e fascinante de Camille Maclair.

Nos trabalhos que vieram depois: "Coelho Netto e sua Obra", "Vida luminosa de Araujo Filho", "Legendas & Aguas-Fortes" e "Retrato de Augusto Linhares", nota-se, além da preocupação ateniense da forma — característica que possui em evidente ressalto — uma força prodigiosa de penetração, o que lhe dá, visivelmente, certo traço de superioridade entre os críticos no Brasil.

Em "Legendas & Aguas-Fortes" — a sua obra-prima, o que nos impressiona mais não é o poder sutil do crítico em perscrutar os mais íntimos refolhos do espírito eminente de Anatole France, através de todas as suas magníficas produções; não é o estudo mais amplo e interessante que ainda se fez em tôrno da Condessa de Noailles; nem mesmo êsse retrato de tenuíssimas iluminuras em que se mostra o conspecto atraente do mundo interior de Leopoldo Péres. O que nos impressiona mais é o trabalho de clarificação, por assim dizer, quando em análise percuciente se cinge aos intérpretes da Amazônia.

Aí admiramos o formidável esplendor dessa Amazônia em que vários escritores de talento ficaram deslumbrados e tateantes no enleio sutil de um misterioso sortilégio, sem força suficiente para desincumbir-se com galhardia da audaciosa missão — determinada por anseios de renome e de glória — de estudá-la profunda e integralmente em seus múltiplos cenários.

Entre modulações veludosas de cada período dêsse ensaio, ou melhor, dêsse blandicioso poema que se intitula — "Os intérpretes da Amazônia", o estilista magnetizante das "Legendas & Aguas-Fortes" dá uma inteligente e compreensiva orientação a quem desejar iniciar-se com maior segurança nos mistérios da encantadora selva, em cujos recantos mais sombrios e afastados o cearense, sem precisar dos influxos da filosofia de Nietzsche, tem demonstrado o seu espírito de renúncia e de bravura, realizando a verdadeira dança sôbre o abismo.

Talvez não pressentissem aqueles poetas boêmios do "Apostolado Cruz e Souza" que um deles, mais tarde, se tornaria, pelo intenso brilho da sua cultura e pela requintada sensibilidade do seu espírito de esteta, um dos maiores críticos do Brasil.



**EMINENTES PERSONALIDADES DAS LETRAS
E DO JORNALISMO
EXTERNAM SUA ADMIRAÇÃO À INTELIGÊNCIA,
À CULTURA E À OBRA LITERÁRIA
DE PERICLES MORAES**

CAMILLE MAUCLAIR

O fascinador esteta amazonense Pericles Moraes, a propósito de seu livro FIGURAS & SENSACIONES, recebeu do grande Camille Mauclair a formosa carta que abaixo transcrevemos, que veio acompanhada de sua fotografia, reproduzida nesta página, e de um exemplar da "Grandeur et Servitude Littéraires", a obra mais recente do mestre insígne da crítica de arte contemporânea na França.

* * *

A Saint-Leu-la-Forêt, Seine et Oise, 9 juillet 24.

Vous pensez bien le plaisir profond que me fait votre étude; la reconnaissance que j'en éprouve fait de moi votre ami. Vous avez admirablement résumé et synthétisé ma pensée; et je suis fier à l'idée que, dans votre pays que j'aime, des consciences me seront acquises grâce à vous. Je ne sais pas votre langue, mais le coeur m'a aidé à tout deviner. Je vous envoie en faible remerciement un portrait qui est un peu de moi et un livre où j'ai dit ma jeunesse et mon culte pour les êtres de Beauté qui m'ont aidé à vivre. Je ne suis qu'un apprenti

vieillissant, mais le grand amour du profond est la plus sûre défense contre la mort. Je vous serre affectueusement les mains, et j'espère que nous correspondrons.

Ecrivez toujours ici.

CAMILLE MAUCLAIR

(Da Revista "REDEÇÃO" — Dezembro de 1924).



UMA CARTA DE REMIGIO FERNANDEZ
A PERICLES MORAES,
ESMALTADA DE CINTILAÇÕES

BELÉM — Janeiro de 1935.

Meu grande Pericles:

Qual de nós é mais remisso neste silêncio que nos separa? Eu? Tu? Nem sei... Si sou eu, pago-te com esta. Nova vida e nova conduta, então, para o futuro.

O certo é que eu não posso habituar-me a este isolamento. Tuas cartas são algo assim, para mim, como um pão para um faminto.

Atravez de tuas frases eu percebo a tua estrutura ciclópica e o teu espírito tonitroante, alegre, vivificador.

Não leio a Blasco Ibañez sem que não te apresentes: dois espíritos que dão vida às cousas mortas e deixam nas almas o sentimento da força e a confiança no triunfo, nas pelejas da vida ou das idéias.

Acabo de ler "O ritmo da vida na arte da Condessa de Noailles", com que a "Folha do Norte" se engalana, em sua edição de 1.º do corrente.

Trabalho de ciclope, de síntese admirável, inigualável, que funde numa só peça de bronze, o exame crítico de toda a obra da célebre escritora. Em França, o teu trabalho, na língua de Racine, seria a palavra definitiva para a posteridade, quando esta quizesse ajuizar o valor literário da eminente prosadora e poetisa.

Com efeito, tu não te limitaste a uma visada evocadora das idéias e sentimentos que despertam os livros daquela mulher genial: tu penetraste aquele espírito *"insumisso e rebelado contra as determinações do destino, que fez da vida*

e de todas as suas formas magnéticas um volutuoso e frenético poema de amor e de amarga perversidade; e fez da morte, dos seus mais tenebrosos aspectos, um estado inquieto de desejo, um ritmo permanente de sensibilidade. . .”

Será possível, pergunto eu, que esta tua crítica, consagrada, sólida e verdadeira, morra na língua portuguesa, sem que ressôe, com o mesmo esplendor léxico e a mesma vibração espiritual e emocional, no idioma de Anatole France?

A beira do túmulo, no momento de sepultar o cadáver ou numa sessão solene da Academia Franceza, é que devia proferir-se a tua maravilhosa apologia de Mme. de Noailles.

Seria a sua apoteose suprema.

A multidão de críticos, escritores, artistas e sectários, arrebatados ao torvelinho do seu sequito triunfal e régio, ficariam mudos, ouvindo-te.

Não foi de todo inútil para a civilização, a criação das magestades e das corôas reais. As democracias aboliram quasi totalmente os reis; porém, nós mantemos os homens-reis. Ficaram os símbolos.

Sôbre as magestades políticas, criamos as magestades das idéias e da sabedoria.

Ovídio, o mais poeta dos poetas latinos, a lira falante, profeta e sábio, já disséra: "*Mens agitat molem*": o espírito anima a matéria, o espírito dirige os mundos, sacode-os.

Inutilmente nos rebelamos contra o jugo: sucumbimos ao poder incoercível da força. Recusámos a mordaca dos políticos e aceitamos, aniquilados, sorrindo, a tirania fulgurante do talento que nos magnetisa. E' a força suprema. Eu quero crêr que, neste caso, a sugestão é o narcótico que inicia a nossa despersonalização humana. A sugestão é uma embriaguez de ideal. Só os materialistas resistem à tentação de subir. A matéria chumba-os à matéria e o seu mundo não se projeta além deste planeta — Terra.

Vê tu, meu Pericles, quanto não viajaste, atravez de tantos mundos, desenhados nas páginas narcotisantes dos escritores de gênio. . .

Para muitos, a vida não merece tanta fadiga. Filosofam pela escola comodista de Zenon. A vida, porém, a vida completa é medir o nosso tempo e o espaço infinito. Receber e dar luz. Ouvir e falar. As cousas que não falam devem ter intérprete.

Nós somos o Verbo encarnado que explica os mundos visíveis numa pluralidade infinita de mundos invisíveis.

Moisés não foi feliz em sua cosmogênese. O seu Deus bíblico vagava, mudo, sôbre as aguas negras do abismo. Não era um Deus: era um Dragão chinês.

São João, sim, concebeu um Deus digno de ser Deus. Ele reconheceu que um Deus mudo, inerte, escondido no abismo, não era possível. Assim, apreendeu-o na expressão mais alta da Inteligência, que é a Palavra, o Verbo.

E então, num salto a Prometeu, pode exclamar, abrindo o Apocalipse: No princípio era o Verbo.

Os homens que semearam pela terra tantos crimes nefandos, tantos ódios e mentiras, atravez o seu multimilenário itinerário, também semearam as fantasias e lendas adoráveis e criaram as artes que nos deslumbram, e entraram pelas entranhas da natureza, tenebrosas e mudas, iluminando-as, creando a ciência.

O instrumento dos homens, na conquista da natureza, é a palavra, sômente. As lições de Socrates e os discursos de Platão e as conferências de Aristoteles levam-nos pelos abismos da alma.

Sem a *Flora Brasiliensis*, de Martius, não se revela a maravilha da Amazônia, em sua magnitude deslumbradora.

As artes plásticas são a linguagem dos seres e das cousas para a nossa inteligência.

Na pintura, a palavra dilue-se nas combinações harmônicas da policromia.

Na escultura, no ritmo das linhas, cujas curvas, retas e tangências, limitam os corpos.

Na música, na tonalidade acústica pura, inarticulada, divinamente sublime, como os gritos ingênitos da alma.

Onde não estiver a palavra, viva, falante, está o símbolo.

Esopo criou a fábula e, na fábula, os animais e os vegetais que falam e raciocinam como os homens, a fim de expressarem o sofrimento dos vencidos.

O homem creou, com a *palavra*, os seus mundos ilimitados e fez-se rei dos seus domínios.

O artista é um príncipe selvagem e é um Deus czarista. E' um louco divino e é um símbolo das aspirações e das angústias sem remédio da Alma Humana.

Vê bem como a condessa de Noailles animou seres e cousas,, creou heróis, aniquilou bonzos, idealisou e realizou os novos mundos, percorrendo-os, sem colidir com territórios estranhos.

Vingou-se, como dizes, das limitações da força do destino humano, para viver à parte, na região de suas idéias e dos homens que ela creou para povoá-la, a seu gôsto.

O clarão imenso de sua glória exsurge das páginas de seus livros que refletem a sua potência creadora.

A sua imaginativa inexgotável creou os heróis e as situações múltiplas, em que atuam, num túmulo de incidentes e minúcias estonteantes; mas, o relêvo de sua arte descança na opulência do estilo.

E', aliás, no filão aureo, vocabular, onde os artistas tecem a corôa que os glorifica.

Atenta bem em Coelho Netto, que acaba de transpor as fronteiras desta vida.

Sôbre a sua pobreza física, ergueu-se, por milagre de seu gênio artístico, o seu vulto literário gigantesco.

O raio maior de sua glória projeta-se, sem dúvida, do "Rei Negro", que, para mim, é a cúpola do brônzeo monumento que ele ergueu na história da Civilização brasileira.

E' do alto desse livro que se admira o gênio de Coelho Netto, como da serra de Petrópolis — a linda e fértil Baixada Fluminense.

Sinto que me arrebatam os tentáculos do sortilégio dos artistas, em cuja familiaridade apurei a sensibilidade e conheci os paraízos interiores, onde me refugio a todo momento, para esquecer as trivialidades da vida insípida dos sentidos. . .

Genuflexo, entro na cidade simbólica da arte e dirijo-me às estátuas dos príncipes das letras, entronados pelo culto universal dos idealistas no clarão da glória sem crepúsculo.

Como me sinto pequenino junto aos grandes espíritos! . . .

Não me morde por isso, a inveja. Nunca! Dou-me por feliz, pelo prazer com que me inundam a alma.

Eu quizera, sim, escrever como eles escrevem. Quizera estrelar de idéias puras, inéditas, todos os meus gestos de homem-espírito e esculpir em mármore de Paros os períodos que fluissem de meu cérebro.

Quizera ser escritor-artista: divinizar-me na própria glória de meu estilo: viver nele e por ele, sôbre os contrastes do tempo, pregado, como Tacito, sôbre o obelisco brônzeo dos Anais ou, como Virgílio, no fragor eterno da Epopéia bélica, ou, como Ovídio, na orquestração deliciosa dos versos latinos às margens do mar Tirreno, ou, Olavo Bilac, soldado aventureiro na eterna Bandeira paulista e ouvir dos lábios de todas as gerações brasileiras: "Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão", ou atirar da tribuna, para a multidão clorofomisada, como Demosthenes, Castelar e Ruy, a catarata sonora da música da palavra.

Mas, noto que já me esquecia da sábia máxima da filosofia popular; não ir além do que nos é possível.

Ficarei, por toda a vida, humilde pária, humilde pela pobreza espiritual, ocultando no silêncio as emoções e as tristezas do mendigo às portas da Acrópole.

Todavia, na procissão dos enamorados da Arte, que vão para Atenas, em constante romaria, eu não falto nunca, autêntico espondóforo, oferecendo a Palas Atenéa, soberba e linda, sôbre o pedestal imóvel de sua imortalidade, o vinho espumante de minha oblação fanática.

Vivas sempre, meu grande Pericles, enamorado feliz da Arte, talhando e polindo, com o cinzel de Rodin, as formas provocadoras de tuas estátuas, arrancadas à rumorosa canteira do vernáculo.

Devoto apaixonado, eu serei feliz ouvindo-te romper os blocos e vendo os lampejos de teu talento, no primor das obras que cinzelas.

Teu, ex corde,

REMIGIO FERNÁNDEZ



Uma página de ALBERTO RANGEL

O historiógrafo de "Gastão de Orleans" e de "Dom Pedro Primeiro e a Marquiza de Santos", cuja obra notável é um dos maiores patrimônios culturais da nacionalidade, enviou a Pericles Moraes, agradecendo-lhe o volume de LEGENDAS & AGUAS-FORTES, a carta que inserimos abaixo, padrão do estilo vibrante e lapidador do glorioso criador do "Inferno Verde". Aí, através do seu poderoso temperamento literário, numa lógica sistematização de idéias, sob o critério superior de suas deduções críticas, revelando a profundidade de visão do cientista e do pensador, vamos encontrar novamente o artista refulgurante da palavra, que se desvela no culto à vernaculidade, e transfunde em cada período o singular relêvo dos processos que lhe formam a consciência de escritor.

"Paris, 18 de Dezembro de 1935.

Prezado confrade Sr. Pericles Moraes.

Lí os ensaios críticos, que teve a amabilidade de me enviar. E digo-lhe, sem reservas, que muito me surpreendi com o excelente escritor e crítico de boa polpa, que desta vez o extremo norte nos deu, limpo dos múltiplos pecados com os quais a terra, fisicamente ainda mal formada, arrisca mal formar tantas aptidões literárias.

No que especialmente me toca: — OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA, desvaneceram-me as suas benévolas referências. E bem assim a honrosa dedicatória, tão significativa dos extremos da sua particular bondade.

A gente das letras, mesmo quando vive um pouco apartado por temperamento do campo de competições para gloriolas transitórias, não alcança acostumar-se a ser bem tratada. Compreende-se isso muito bem, considerando que o país em que vivemos é o das muriçocas, piuns, mutucas e meruins... Abusa-se, com efeito, dos maus modos nas nossas relações literárias, incluindo nisso a mania endêmica de endear a incapazes e exercitar-se nas cocegas binárias do elogio-mútuo.

Nossa pseudo crítica é mestra nos seus descompassos extremados do favor ao arraso. Tudo provém de que a personalidade nunca é um acidente, mas o objetivo principal. E quando aparece o matiz, quando se estabelece o meio termo, quando se busca a lógica e se documenta a opinião, parece que não se está mais no Brasil. E isso em literatura, em política e no mais que se segue.

A sua estima coerente e esclarecida de navegante nos meandros da composição literária, as linhas de simpatia com que sobretece a talagarça das idéias, a san madureza do seu espírito, essa atenção e sobriedade que distinguem os bons servidores e apreciadores das altas cousas do espírito, tudo isso se revela em **LEGENDAS & AGUAS FORTES**.

A selva amazônica é má conselheira. O homem rodeado desse mundo genésico tem tendências a sentir-se um caos refletido do outro caos. Daí esse perigo do escritor amazônico, prostrar-se às formas desmandadas do meio, acreditar que só virando um lobishomem de apóstrofes, inchado na crespidão e altisonância da pororoca, poderá dar a impressão da Terra, da Luz, da Selva, da Agua que aí processa ainda a sua formação cósmico.

Corri também esse risco. Felizmente que algum conhecimento matemático, tão próprio à subordinação das relações aos sinais, e um carater pouco amigo de precipitações ostentosas, poude de certa maneira não me levar aguas abaixo, ao perau de superabundância, nessa alagação de palavras e imagens desproporcionadas com as quais se tem estragado os efeitos da reprodução e a surpresa do belo espetáculo terciário do vale equinocial.

Euclides, com a sua força de compreender as grandes catástrofes sociais e os imensos espetáculos naturais, enfrentou o aguacal amazônico e tentou abarcá-lo com um lance da sua tarrafa de pescador de prodígios. Nenhum mal lhe veio desse encontro épico. O caboclo fluminense era de talhe às primeiras impressões do rincão diluviano. Em sua pena de profundo emotivo se polarizou a eletricidade ambiente, acumulada nas pontas de emersão dessas forças telúricas, expressas na maior das paisagens lacustres do mundo. O mediterrâneo encontrou meninges à altura da sua significação. Enquanto que à falta dessa suficiente correspondência de termos, a região amazônica se tem tornado apenas um convite aos excessos da adjetivação e à barateza do cientismo impostor, com os quais tanta gente vai-se copiando de uns e outros...

A propósito do pouco que se cabe na quota de minha modesta atividade literária e do que que é devido ao ingente e inolvidável Euclides, não lhe parece ter havido uma espécie de conspiração para

me reduzir a um simples percebejo do lombo euclidiano? O fato do homem de OS SERTÕES ter prefaciado o insignificante INFERNO VERDE, colocou-me no frontespício a etiqueta de seu imitador. E base, meu prezado confrade, quanto esforço é preciso entre nós para romper a comodidade de certos assertos. Até hoje não surdiu ainda um crítico que ousasse dar-me a parte do que literariamente me pertence. Escapei ao soneto e à ode, ensaiei o conto, a novela, arrojai-me à História. De tôdas essas páginas nenhuma serviu ainda a provar a minha trotada no rasto do cantagalense, nem a tésse contrária, pardi! tão admissível como a outra.

A minha preparação científica, nos bancos da Praia Vermelha, o mesmo meio acadêmico, insuflando temperamentos talvez semelhantes no que toca à esquivaça e melindres pessoais, nada explicou nem legitimou... Para tantos compatriotas, de que o derradeiro antitipo appareceu com o nome pouco sufficiente de Fulano Filho, não passo de um discípulo e calcomaniaco de Euclýdes, tendo trançado de uma vez por todas a embira do meu estilo no cipó do do mestre; não tenho o direito à fórmula pompeiana: Mau, mas meu!

Somos os preguiçosos de juizos feitos. O primeiro imbecil dix uma cousa e logo o segundo o repete, ecoando assim ao longe o rosário das asneiras ditas e reeditas. Mais de vinte e cinco anos de trabalho no campo das lettras pátrias não me libertaram da condição de rabsicador na seara de Booz.

Que culpa me cabe da minha formação intelectual semelhante à daquela cujo culto e amizade é a grande honra e desvanecimento de minha vida? Será preciso demonstrar com os textos em mão, que o acaso de um encontro de mocidade entre a Urca e a Babilônia apparentou apenas dois espíritos e não levou o mais pobre à indigência com que pretendem amesquinhá-lo e anulá-lo. No horizonte de cinza da minha velhice esbate-se a humildade de minha obra, não será indispensável que ainda por cima afirmem gratuitamente que ela não me pertence...

Não o tentará deslindar essa meada, tirar a limpo essa confusão, impôr ao pretório o suum cuique tribuere?

Mas, voltando ao seu livro, que percorri com tanto prazer, como está magnificamente apresentado! O seu impressor e editor é bem mais pichoso, que esse que reduziu o GASTÃO DE ORLEANS a um lagamar de erros de revisão e de "espaços" mal calcados a sujarem a composição.

REVISTA DA ACADEMIA

Por uma e outra cousa, pelo lado espiritual de suas letras comedidas e bem gravadas, os quais alimentadas da succulenta pitaça da cultura franceza, despendem todos os reflexos de quem escreve sem babujar o papel de insanidades nem violentar o bom senso e ainda pelo lado da feitura material, muitos parabens pelo seu volume. A sua pena não será remordida desses remorsos, quando o nosso pobre Brasil compreender quanto a semi-cultura lhe tem causado a confusão dos valores e lhe atrapalhado o bom destino. O seu equilibrio de escritor não suscitará disequilibrios, a sua sensibilidade não forjará maus exemplos. Que grande cousa para a consciência de um plunitivo nacional!

Para um simples aperto de mão, uma palavra de reconhecimento e dois dedos de palestra íntima, toda esta dedilhagem de máquina de escrever, no fundo de um subúrbio parisiense. Da parte do abuso espera toda a sua benevolência o confrade, grato e admirador e já um caco-velho.

ALBERTO RANGEL"



Dos Jardins e das Florestas

JAYME CARDOSO

(E' com prazer que estampamos estas letras fascinantes do autor de *ESSAS VIDAS INQUIETAS*, que se excedeu no culto do esplendor e da beleza, e que mereceu de Pericles Moraes, no *LEGENDAS & AGUAS-FORTES*, um perfil consagrador).

Há flores de estufa na floresta amazônica. Há plantas exóticas no remanso do Rio-Mar. Flores de estufa, plantas exóticas não considero eu as que forçam o próprio destino alimentando-se de uma atmosfera estranha ou violam a própria lei de nacionalidade vegetal incorporando-se aos mistérios de outra raça ou aos segredos de outro povo. Nada disso. Chamo eu plantas exóticas e flores de estufa a certos exemplares superiores do mundo do espírito dotados de requintada vibratibilidade — no colorido, no talhe, no perfume — ciosos do humus nativo mas, por uma incursão prévia em outros climas, donos também dessa suprema elegância quasi transcendente que lhes realça o gesto e lhes comunica o viço dos grandes jardins estranhos. . .

Há dessas flores e dessas plantas no império fecundo do Rio-Mar. Vezes várias encontrei no meu caminho obscuro — como um raio de sol descendo das folhas que o fecham — uma que, ao primeiro encontro, pela força talvez das afinidades, pela segredante imposição dos mesmos gostos logo escolhi, mesmo através das distâncias, representante do legitimismo da inteligência no seu estado natal. Hoje que tanto se fala de reconstitucionalizar uma natural associação de idéias provoca pela analogia dos sentidos a identidade das expressões. E a mim mesmo me pergunto por

que não se alistou Péricles Moraes — a ele me refiro — entre os que representam, neste senado federal das letras, essa Amazônia que os homens do sul desconhecem? Seria mais um nome ilustre numa bancada de valores autênticos.

Cumpre-me agora definir o meu pensamento. Nem de longe censuro o magnífico ensaísta de **Figuras e Sensações** pelo seu isolamento. Não vejo como nem porque censurá-lo. Permito-me mesmo achar que tem razão. Permito-me mesmo louvá-lo pelo desprêso em que tem a glória fácil da Avenida. Evitando-a, evita-se uma decepção. Fugindo-se-lhe, foge-se a uma mentira... Péricles Moraes é um dos raros representantes da sinceridade nas nossas letras. Poderia — se quizesse — descer a este anfiteatro de interesses e, juiz de pleitos literários, aqui ficar, chefiando um partido, **liderando** uma corrente. Sua formação espiritual terá oposto a essa tentação — se alguma vez ela existiu — a resistência caprichosa de alguns raciocínios claros. A esses raciocínios entregou Péricles Moraes o seu destino de homem de letras.

Temperamento aristocrático, feito ou apurado na graça e na beleza de uma civilização superior, realizou o escritor ilustre a sua peregrinação espiritual e dela voltou com a certeza de que só o regresso traria a felicidade... E o regresso seria a volta a Paris, cuja atmosfera plana em tantas das suas melhores páginas, a vida para sempre vivida no sortilégio da cidade-amante ou em qualquer dos seus subúrbios mediterrâneos ou provençais.

Quantos, como Péricles Moraes, sofrendo esse mesmo mal que não poupa!

Há seguramente ano e meio conheci através de um ensaio do sr. Humberto de Campos um poeta amazônico, a cuja existência singular de artista exilado para logo me senti prêso: Raymundo Monteiro. Desse poeta verlainiano deu-nos o ático prosador de **Carvalhos e Roseiras** o mais fiel dos retratos: tratava-se, também, de um cidadão de Paris onde estivera conduzido pela prodigalidade de uma hora feliz. Passada essa hora feliz, o leitor apaixonado de **Sagesse** — voltou. E' necessário ter sofrido, um pouco, essa dor

para medir a infinita persistência da sua ação. Voltou — mas voltou para de onde partira. Impossibilitado de viver na cidade natal do seu espírito — sobrevive hoje no ambiente nativo do seu berço.

Dedilha a mesma lira, lê os mesmos versos, canta as mesmas belezas, evoca as mesmas horas, atinge, enfim, por um esforço de imaginação, os mesmos sonhos... É um drama. É uma tragédia.

Trazendo a estas linhas o nome de Raymundo Monteiro mais não pretendo do que concretizar com um lindo exemplo humano as linhas gerais desse fenômeno tão observável no norte: o do homem de letras que não se adapta ao clima sulino. E ponho na sinceridade destas linhas as minhas homenagens de irmão.

* * *

Frisando-o, quiz ainda exprimir que Pericles Moraes é um cidadão de Paris e como tal prefere os reais encantos do contraste sincero às tímidas surpresas da imitação falada.

O vale do Amazonas ainda é susceptível de prender artistas na envolvente lealdade da sua força de sentimento...

Mas aqui, neste caso, tudo muda de aspecto. Não se trata mais de um poeta sentimental mas de um forte temperamento crítico. Acima da tessitura nervosa, que é requintada, a inteligência sempre poderosa, o golpe de vista sempre fulgurante.

Uma poderosa vitalidade animando uma fina sensibilidade. Um analista forrado de um esteta. Rodeado de livros recebe diretamente o fino ar europeu — esse fino ar que as tarifas alfandegárias sempre perseguiram como a um agente de dissolução. Folheando-os sentirá porventura ao volver das páginas que delas se desprende uma aragem impalpável. E comover-se-á, apurando todos os sentidos para absorver nessa aragem um pouco dos perfumes que transitam pelas aleas do Bois, um pouco da atmosfera sortilêga da Étoile, irradiada em estrela, multiplicada em constelação, um pouco dessa outra vida — a boêmia — em que Paris canta pela voz de Mimi...

Recordará então, actualizando-o, o juizo de Sainte Beuve: "Il parut bien dès lors que, pour les choses de l'esprit, Paris était comme le centre sensitif et auditif de l'Europe", le foyer lumineux déjà et sonore". Ouvirá Villiers de l'Isle Adam: "C'était extraordinaire: mais Paris, n'est-ce pas la ville de l'extraordinaire?" Sentirá a confissão apaixonada e mais recente de Camille Jullian: "Ceux qui jouissent peut être le plus de la cité, ceux qui la savourent le mieux sont les lettrés et les poètes". Evocará, mais adeante, ainda com Camille Jullian: "Si Lamartine doit ses inspirations les plus profondes aux paysages et aux lacs de la province. Victor Hugo a bu aux sources des vallons parisiens et surtout de ce vallon de Bièvres, qui est un pur chef d'oeuvre de grace, de calme et d'harmonie". Confessará, num soluço, com a duqueza de Rohan:

**Combien, mon vieux Paris, j'aspirais à revoir
Tes sourires d'aout, tes magasins, tes arbres . . .**

Lerá, uma vez mais, as páginas de Valéry, no seu ultimo livro, geniais de clareza e substância. Mas é infinita a literatura amorosa de Paris . . .

* * *

Acabo de ler a **Vida luminosa de Araujo Filho**, que Pericles Moraes escreveu e publicou. É uma biografia. É a biografia de um dos mais altos talentos que iluminaram a Amazônia destes últimos anos. E, circunstância curiosa, pois que falamos de **deracinés**, frise-se agora que Araujo Filho era pernambucano. Fazendo de Manaus o seu **habitat** trocou seiva por seiva e comunicou à espiritualidade de uma das cidades brasileiras em que o talento cresce mais espontaneamente, a vigorosa musculatura mental de um cérebro afeito à ginástica persistente da alta cultura.

Perdulário, não deixou uma **obra**. Desperdiçou-se em cintilações, teve uma existência astral.

Pericles Moraes chamou a si dizer aos que o desconheciam — e eu me confesso entre esses ignorantes — quem foi Araujo Filho.

Seu livro é uma apologia. Não o censura por isso. Há existências só definíveis através de apologias. Ignoro se a de Araujo Filho entre essas — mas fio que Pericles

Moraes, juiz exigente, terá dado à figura expressiva do modelo suas dimensões naturais. Para bem reconhecer um retrato — é necessário ter-se conhecido o retratado. Essa a tragédia póstuma de quantos fizeram da palavra — da palavra no sentido restrito de expressão oral — meio único de definir a própria personalidade. Pequena tragédia, é certo — apenas a fugacidade da glória, rápida como um relâmpago.

Grandes oradores desapareceram assim, advogados, professores, parlamentares e, por uma explicável consanguinidade na desdita — grandes jornalistas.

Perpetuar a transitoriedade dessa glória é um dos poucos atos do espírito participantes também de um significado moral. Talvez seja o único. . . Dar a uma vida rápida o prolongamento da sobrevivência carinhosa, dizer aos que vêm depois, perante a lage de um túmulo: "Aqui ficou alguém. . . desprezou a glória, não escreveu livros ou se os escreveu não o fez para ir além de si mesmo. . . não será, em tudo, um ato moral da inteligência ?

A vibrante e admirável organização literária de Pericles Moraes deu à **Vida luminosa de Araujo Filho** a eloquência e a elegância de um panegírico, no rigoroso significado vocabular do gênero. Sua prosa talhada em períodos de recorte perfeito possui o movimento largo das prosas que respiram. Sente-se que o escritor, antes de principiar a escrever, abre todas as janelas do seu gabinete. Misteriosa, infiltrante aragem — não sei, não posso fugir a esta obsessão — a que reúne em si a força e a harmonia dos jardins aristocráticos e das florestas indevassáveis.

ABGUAR BASTOS,
BRILHANTE INTELLECTUAL PARAENSE,
HOJE COM ASSENTO NA CÂMARA FEDERAL,
ESCREVEU ESTA LINDA PÁGINA PARA A REVISTA
"A TRIBUNA", EDIÇÃO DE 7 DE JANEIRO DE 1928:

UM LIVRO SÔBRE COELHO NETTO

ABGUAR BASTOS

Sutil, numa manhã em que os entes deviam estar absortos, o autor do "ENDIMIÃO", pela boca de Anaximandro, propalou: "Cultos e lendas, como todos os seres e todas as cousas, têm por matéria prima o Infinito, que os sentidos jamais apreendem na sua unidade essencial". Eis uma enorme verdade entre aquelas que doiram o mundo, de Anaximenes a Diogenes, através dos Eleatas, de Epicuro, de Esquilo, de Aristophanes, nesse livro memorável de Celso, êsse livro que dorme, aberto, na transparência de Caria.

Leio, hoje, um trabalho poderoso, do mesmo criador do "FIGURAS E SENSACÕES" e, lendo-o, deslumbra-me o milagre. O crítico da obra de Coelho Netto prova, soberbo, que um homem, dentro de sua Arte, desmentiu, num gesto eterno, o pensamento de Anaximandro. Porque esse homem, de quem Pericles Moraes faz a mais perfeita análise, entrando n'amplidão com os hombros carregados de luzes, conseguiu adivinhar na Belesa excessiva a uniformidade do Infinito.

Coelho Netto, como ninguém, soube fazer a fascinação do estilo. O estilo é a côr dos períodos. Há períodos de tôda a côr: o azul do platonismo, da quimera e da generosidade; o verde da ilusão, do desejo e da esperança; o rôxo da saudade, do presentimento e do fastio sem procedência; o branco da sinceridade, dos sonhos tranquilos, da felicidade inicial; o vermelho do trabalho enérgico, das conquistas flamantes, da volúpia dolorosa... Há períodos de toda côr, conforme o círculo emocional de que são raízes, conforme o ritmo do movimento que labora o colorido, de acôrdo com o sentimento. Daí, Coelho Netto pendurar

no seu estilo um suntuoso arco-iris e sair, almas a fôra, a espalhar, durante anos, centelhas comovedoras. Acertou, portanto, quem disse: "O sr. Coelho Netto é um prodigioso psicólogo do vocábulo".

Com a mesma preocupação elevada e honesta de comentador complexo, Pericles Moraes expremeu diamantes ao talento. Atirou ao público um novo livro onde, em 172 páginas, espreita, analisa, define, consagra e realiza. Realiza, também, a sua estilização, sempre riscada a vertigem, sempre elástica e multiforme. Notamos que o autor é um fecundo observador. A sua observação é tão atilada que ele sente o que vê, com a mesma faculdade nervosa da perspectiva.

E' a expressão na impressão. Às vezes, numa paisagem, a corda emotiva corre paralela a das atitudes.

Às vezes ultrapassa, vae ao centro da variedade, arranca-lhe o ritmo, enovela-se, serpenteia, palpita, perturba-se e, no paroxismo da Unidade, fica sendo o corpo da própria paisagem. Vejamos. Escreve Coelho Netto, sobre Patrocínio: "A sua palavra não tinha melodia — era silvo ou rugido, o seu gesto era desgarrado, o seu olhar despedia faúlhas. Avançava, recuava, agochava-se, gingava, retraía-se, despejava-se, ficava nas pontas dos pés, arremangando, com a gola do casaco tão subida que, às vezes, parecia um capuz do monge. . ."

Pericles escreve, comentando: "E' preciso atentar bem nessa escala cromática de idéias e vibrações para sentir-lhe o deslumbramento. E' um verbo que, nas suas crispações, tem impulsos vulturinos e delicadezas de sensibilidades refinadas. Não se lhe avalia a distensão nervosa. Rebelar-se, investe, desloca-se, sobrepuja, retempera-se, açambarca, estripa e tritura. E' apenas um matiz.

Adelgaça-se, enrodilha-se, amacia-se, suaviza-se meigo, súplice, enlevante, à vontade do artista, ao sabor do seu temperamento. . ."

O compasso do observador é mais vertiginoso, mais apurado, mais saliente. Brilha, meteoriza-se; depois reacende, depois incendeia. Mas é um incêndio de estrelas e rosas. Não concordamos com o pensamento do artista: "O milagre realiza o estilo".

Achamos que o estilo é que realiza o milagre.

Coelho Netto, com uma bibliografia excepcional artigrafava sempre seleta e acessível, do conto à novela, do romance ao discurso. Ele não faz o seu público. O público é que o faz, porque ele vem, exato, das manifestações metafísicas do povo e da sociedade. O povo é a pátria

e a tradição. A sociedade é a família, o protocolo, o cosmopolitismo, para uns; a corrupção, a "mentira convencional", a "blague", para outros. De qualquer feição, tanto o povo como a sociedade, vibram, psicologados na obra do idealista do REI NEGRO.

Coelho Netto é, positivamente, um escritor nacional.

A terra quente e exúbere, a sua natureza fantástico, os seres, as plantas e as coisas, esplendem vivos, reçumantes, tontos de sol, alumiados a jorros cantantes. A natureza que o sr. Coelho Netto derrama em seus romances é uma natureza duradoiramente alegre. Num texto de comédia ou de felicidade há tanta claridade e harmonia como no final duma tragédia.

No primeiro caso lembramos o "AGUA DE JUVENTA" e mesmo o "ESFINGE". No segundo, o "INVERNO EM FLOR", "SERTÃO", "REI NEGRO" e "BANZO".

A cavalgada sinistra, as tocaias da morte, os estertores, as angústias, as alucinações lívidas, as pragas malditas, as torpezas e as infâmias de tarados anômalos rilham grasnados lúgubres, insistentemente, em dias honestos, entre árvores fortes e pássaros empolgantes ou em noites de luar esperto, entre perfumes de flores noturnas e madrepérolas de coleopteros ariscos, em sarabando ouri cruva.

Há seiva, cerne, ruído, panteísmo, vibração; há veludícios de polens, aqui, ali, além, perto das fontes, em chispas, misturados à gênese das clorofilas misteriosas. Essa ruskiniana síntese Pericles fotografa-a, mestríneo, singelo, quando se acerca dum pedaço bucólico; estranho e incisivo quando sobe as montanhas para o deslumbramento da vida. "O Artista, à contemplação da flora exsicada pela canícula inclemente do sertão pinta-lhe o contorcido amargor. A sua paisagem proteiforme, os seus segredos, os seus mistérios, os seus ardores equatoriais, estão em correspondência íntima com temperamento que lhes anima a congérie tumultuária..."

... "A natureza que nos mostra o sr. Coelho Netto tem os estremecimentos e as eclosões dos epinícios virgilianos..."

... "É uma natureza feita de contrações, que tem sangue e que tem nervos, artérias e músculos, a natureza luxuriante do nosso país, a seiva da nossa terra, a prodigiosa vegetação dos nossos vales..."

Adiante ele escreve, após uma página de sofrimento e maldição: "Mas a natureza do sertão glorioso é a mesma e tem as mesmas tonalidades as suas oblatas votivas". E transcreve: "Era o tempo genesíaco,

o beijo forte do sol subjugava a natureza prostando-a entorpecida no espasmo da fecundação. As velhas raízes rejuvenesciam, a vida corria nos raios do sol, penetrava a terra,, espalhava-se no espaço, difundia-se gerando, num trabalho lento de reconstituição, do ninho à penha bruta, da fibra à terra, do arbusto ao cerne férreo dos jequetibás centenários. . .”

Coelho Netto tem o extraordinário sentido de perceber, maravilhoso, os mínimos detalhes de qualquer ambiente. Traça-o, as palavras fieis, sem traumatismos vocabulares, numa sequência de idéias que o tornam vitoriosamente perturbante.

Tratando da eloquência magistral do seu bibliografado, Pericles Moraes, a penada ressaltante, engasta: “A sua imaginação é um bolido com a violência dos alúdes. Mas não destrói. Cria. Não devasta. Semeia. Alcandora-se às eminências como um condor de asas conquistadoras e transita por aclives e despenhadeiros sem lhes roçar as escarpas. À sua atuação as estátuas falam, os pigmeus transformam-se em gigantes e os elementos são como nas tragédias esquilianas — as montanhas riem e os oceanos soluçam.” Nunca resvala para alouvaminha chã, de escapadas estremunhantes. E’ sempre olímpico, nervoso, ascendente.

Erra-lhe qualquer coisa altivolante do ânimo descritivo e reconstrutivo de Mauclair. Através das páginas do sofredor do “MANO”, do “BALADILHAS” ao “PASTORAL”, Pericles desentranha todos os motivos, simples ou áridos, que impulsionaram às idéias fulgurantes do delicioso romancista.

Esmiuçando-lhe as particularidades do teatro, separando-lhe os louvores preciosos, diz: “Temos que seria curioso para quantos nos acompanham nesta formosa peregrinação, um olhar retrospectivo em derredor do romancista e, como elas, obra de artista e de inovador.” Eis o que de sua obra, de teatro, evidentemente grande como a do “conteur” e a discordamos. Na introdução do livro, a esquivança do autor em vestir-se de crítico para a luminosa digressão, livra-o, condicionalmente, da responsabilidade do período transcrito. Há uma diferença radical entre o romance e o teatro de Coelho Netto. A psicologia do teatro não é a dos trechos de feição. Já dissemos: a maior força de Coelho Netto é o estilo. Mas o “seu” estilo não pode fazer o Teatro. O Teatro requer movimento, enredo complexo, para a volúpia-do-fim que há de dominar o espectador.

REVISTA DA ACADEMIA

Parém, cada personagem há de ser um ponto de curiosidade, firmes nas "deixas", sempre nos atos como um propósito, jamais incidente. A personagem que não é integral à cena, é trivial, bombástica, mole. No teatro clássico francês os atores variam, sensatamente.

Corneille, no CID e no POLIEUCTE, apresenta-nos doze figuras principais. Racine, em ESTHER, quinze. Voltaire, em MEROPE, sete. Molière, no MISANTROPE, onze. E, tanto em HORACE e CINNA como em BRITANNICUS E ATHALIE, são sempre mais de nove atores, essenciais. Pois bem: todos eles têm uma ação justa, determinada, fixa, dando alma, irradiação às peças, sem dar a perceber à platéia em torno de quem se focalizará o último ato.

Afirmamos, acima, que o estilo de Coelho Netto não pode fazer um teatro. Aproveitamos as próprias palavras de Pericles referindo-se a certas peças: "São peças cujo valor só se descortina e ressalta pela leitura meditativa no silêncio do gabinete, às horas de reflexão e estudo". Quando à exclusiva feição moral do teatro de que vimos tratando, achamos cabíveis as expressões de louvor ao criador de ARTEMIS. Efetivamente, como Molière, Coelho Netto procurou dissolver as influências perniciosas no teatro. Fez de suas peças belíssimas lições morais, que bem merecem ditirambos sádios.

Tanto em "FIGURAS E SENSACÕES" como em "COELHO NETTO E SUA OBRA", Pericles Moraes avulta como um dos mais completos críticos brasileiros. Ainda que o autor, no seu último livro, ajuste não ter tido "a presunção de fazer um estudo crítico" em torno dos valores estéticos do maior escritor nacional, a sua visada, sua argumentação, o relêvo da sua cultura, o saber definir, sugestivo, sem arestas nem lantejoulas, a sua clarividência quasi predestinada, o seu acerto comparativo, a sua lógica irretocável e, no fundo de tudo isto, a beleza clássica dos seus períodos, leva-nos a considerá-lo como um crítico severo, mas delicioso, como um analista, perfeito explodindo em tropos admiráveis, em símbolos aurilavrados, em neologismos felizes, sem resvalar da forma primária que lhe revela a majestade impressiva.

Abre-se, de repente, uma cortina oriental. Com os nervos de Loti, místico, o prosador enléva: "...Depois, o som sopra as cinzas mortas sôbre as terras do reino, santificando-as para as bênçãos da fertilidade. Está consumado o holocausto. Ziar, rumoreja, engalanada. Mas, aos pés do rei, súplices, acossados pela fome, vinham quebrar-se os vagalhões da miséria, estertorando de horror. Todo o rebotalho humano, sórdido e repulsivo, entre cães famintos, prosterna-se e recorre à prodigalidade do rei generoso... "A prodigalidade do rei é transbor-

dante. Dá-lhes tudo, chorando, convulsivamente. E à hora em que os astros desaparecem, desaparece o rei, seguido de áulicos e sacerdotes, enquanto, no ar, no esplendor da manhã radiosa, as águias passam em direção da Nubia e os rebanhos sobem. . . .”

Ele é, também, o filósofo divino, que dissolve as suas fórmulas com a fragrância clássica dum Lamartine: “A fantasia é um simúlacro. A vida é desencanto, o transunto da realidade amarga e ninguém a traduz se não tiver suficiente interioridade de emoção para sentir-lhe as vibrações. Só do poder de uma visualidade requintada dimanariam tais efeitos. E’ indispensável que a beleza em Arte não fascine apenas a nossa consciência estética. O espirito é um condensador de energias, um reservatório de vitalidade. Beleza sem vida é beleza morta. O espírito, que é a centelha animadora, gera a idéia, fecunda o pensamento”.

Agora é um adereço, irisado, lindo: “Eis novamente a fantasia, adornada de lembrequins de ouro, a brincar com chispas, como um fakir. . . .”

Agora é uma chispada de meio-dia, sôbre um detalhe: “Na Esfinge o romance desenrola-se, um duplo romance à maneira da Ilustre Casa de Ramires as personagens agitam-se na colmeia humana e, à espreita, está o fotógrafo, que fixa os contornos, as desharmonias, as linhas recurvas daquele amalgama de excentricidades. Mas em cada cenário há um encanto que o artista descobre e revela; no carater de cada personagem o transunto de pendores amorfos, que o artista identifica e embeleza ao sabor das suas inquietações estéticas, de sua própria fantasia; em cada paixão e em cada excentricidade, paradoxalmente, o ritmo plástico de suas sensações, como se o artista realizasse o milagre de imprimir forma escultural ao fluido harmonioso. Recordamo-nos, traduzindo-lhe o anseio de beleza, do arquiteto Eupalinos, da obra de Paul Valéry, que colocava a sua arte acima de tudo, tal como Schelling que a superpunha à ciência e à filosofia, encontrando nela um meio de conhecimento superior e religioso a verdadeira intuição intelectual”.

Mas Pericles Moraes, por sua vez, é um Eupalinos da fascinação vertiginosa. Tem ciumes da sua Arte. Trata-a com soberanos carinhos, circunda-a de halos excêntricos, não admite que ríspidos sôpros, de arrepio, a magôem. Vive para ela, como um sultão para a sua favorita. Adorna-a, põe-lhe carbúnculos, põe-lhe safiras e crisófasos, esmeraldas lancinadas e ametistas sagradas. . . . O seu cérebro é um harem alucinante. Há duas penduradas nos cabelos das suas odaliscas e há como

REVISTA DA ACADEMIA

um reflexo das riquezas encantadas que levavam de Ophir para o Rei Salomão. A sua arte tem o ritmo do Universo. Flutua, incandescente. Esplende, nua, estatualizada, entre revoar de deuses, de certos deuses que, nas horas de tédio, bebem hidromel com um pouco de sal das ambrosias.

Muito longa seria a exposição das pedras fúlguras que assombrom de cristalizações a grande joalheria intelectual de Pericles Moraes.

No entanto aqui fica, em tinta pálida, sem luminares nem fascínios, a minha admiração pelo grande emotivo.



PERICLES MORAES

JOSÉ LEITE

A minha simpatia não o via bem satisfeita. Entretanto, eu me fascinava pela tentação envolvente do seu espírito. Com os olhos nos seus livros, me sentia vencido pelo enleio da sua prosa encantadora e, magistralmente, estilizada. O artista me havia tornado um crente. O homem me comunicava uma espécie de surda prevenção. A luminosidade da sua cultura alentada e segura ia tomando conta de mim. E tanto andou que me prendeu. Mas quando o via modesto, simples, quasi criança dentro da bondade de sua velhice, com aqueles óculos grossos e aquele andar de quem não pode consigo mesmo, a minha simpatia se encrespava. Constipava com ele. Não ia, de modo nenhum. O homem dos livros iluminados que eu lí, e o homem humanamente igual a todos os homens que vez ou outra, passeiava pelas ruas claras da cidade se polarizavam. Extremavam-se no choque das diferenças. O estilista, o pensador, o espiritual arremetia de encontro à argila, à matéria, à forma que o marcou na espécie como um predestinado da inteligência. O homem cérebro, o cérebro energia transmutada na seiva poderosa de idéias que ele corporificou em páginas surpreendentes, o homem criador de mundos novos no pensamento da sua época, o artista que estruturou livros, que a literatura tomou para os festões de sua glória, este levou, arrebatou para si os alvoroços de minha admiração. E quanto mais a sugestividade dominadora do seu pensamento se apossava de mim, tanto menos a minha simpatia pessoalmente o perdoava. Uma feita a redação da A TARDE nos encontrou. Duas mãos se deram, quasi em silêncio. Senti unhas dentro de mim. O velho sentimento que me fazia distanciar do escritor, molestou-se, como nunca. A reprêsa forte que opuz àquela sensação valeu-me um mudar de côr

violento. A conversa encheu-se de literatura. A palavra do intelectual vitorioso mexeu com o valor de todos os mortos grandes e de todos os grandes vivos. Um a um desfilarão quasi todos os poetas nativos, vivificados pelo verbo animador do psicólogo adivinho, do escafandrista espiritual. A sua crítica os alcançava em todo o tamanho estético de suas obras. A estatura da arte de cada um era medida a milímetro. Imperfeições e belezas, tropeços e remígios, momentos divinos de imortalidade e horas infinitas de angústia, tudo passou, todos passaram animados pelo milagre messiânico da palavra criadora do velho pensador. Ele entrava pela vida de todos como si a vida de todos fosse a sua. A gente tomava-se da sugestão de estar vendo e ouvindo as sombras, vivas, palpitantes e reais, dos que deram o braço à morte, deixando para a vida, na continuidade dos seus nomes, a ressurreição integral de si mesmos. A minha simpatia deixou de andar de costas viradas para o escritor. E olhou-o com indisfarçada predileção. A palavra de artista continuava vibrando no ambiente, dando vida aos mortos. Agora ele passeiava pela vida trabalhada dos que se condenaram à sorte de ganhar o pão escrevendo. A figura veneranda do escritor era bela nesse momento. Alguma cousa de sobrenatural havia na emoção da sua voz trêmula. Animou com o sópro criador do seu talento a história literária desses sacrificados divinos que arrancaram do cérebro em combustão páginas, gotejando agonias, mas inimitáveis na grandeza resignada da sua arte. Quando falou de Coelho Netto, eu tive medo que ele chorasse com medo de chorar também. A saudade do velho escritor era uma angústia intensa como si fosse uma dor física. Hora memorável para mim aquela hora da manhã na redação da "A TARDE". Nos meus primeiros tempos de Amazonas, procurei sentir, mas sentir compreendendo, a terra, o homem e o meio. A terra dos labirintos geográficos e das surpresas geológicas; o homem nos assomos da sua espiritualidade e o meio na sua verdadeira e justa evolução cultural. Li todos ou quasi todos os intelectuais amazonenses. E fiquei com a impressão digital do valor de cada um. A influência espiritual de Pericles Moraes derramou-se dentro de mim como eter no ar. De Pericles Moraes, sim, porque é ele que vem inspirando este trabalho de justiça à obra mental que o seu talento construiu indestrutível e universal por que vasada na superioridade dos conhecimentos

humanos. A substância que sedimenta os grandes espíritos a psicologia não diz de que se formou e nem de que essência se plasmaram esses desproporcionados do pensamento, que fazem da arte uma mística espiritual e das idéias uma forma de ser gênio. Pericles Moraes é uma inteligência de fertilidade pujante, prodigiosa, espreada nos horizontes sem limites de sua cultura, maior em qualquer ramo, por imensa em todos eles. Em tôdas as páginas de "Légendas & Águas Fortes", livro que eu quero bem como si fosse meu, há frêmitos de talento e arrepios de gênio. Para traçar "O fascínio da Condessa de Noailles" — "Anatole, semeador de dúvidas" — "Os intérpretes da Amazônia" — com aquele primor e aristocracia de estilo, com aquela visão inspirada, fixa e resistente de crítico, só a cultura complexa e aprofundada de Pericles Moraes fa-lo-ia tão espontaneamente perfeita e tão assombrosamente completa. Os seus livros são brilhantes, lapidados em todas as arestas e em todos os ângulos. O artista que abre a primeira página de "Légendas & Águas Fortes" é o mesmo esteta que fecha a última de "Figuras & Sensações". Pericles Moraes é um apaixonado incorrigível da beleza, um estatuário vigoroso de páginas candentes, humanas, com suavidades que encantam, com arrojios que deslumbram. Mas, eu já me ia descuidando de dizer que não me quero legendar em crítico do maior escritor da Planície. Por dentro os esplendores de suas obras andaram os mais nomeados críticos do país. E a consagração correu ao encontro do seu nome. Estou fazendo a Pericles Moraes uma homenagem do meu espírito que tanto lhe deve. A ele que me deu tudo sem que eu lhe pedisse nada. Devo ao Amazonas uma lembrança sagrada — os livros de Pericles Moraes e a saudade de uma mentalidade superiormente simples e que me foi, em tantas horas de alegrias meditativas, uma eucaristia para o espírito. A homenagem é pobrezinha, mas saiu-me do coração em festa.

Em 5-1-1940

Confidências Literárias

ELOY PONTES

(Rio, 23|2|1945).

A província estagna e anquilosa as inteligências? D'alguma sorte os homens de espírito estreitam muitos os raios de ação na província. A falta de contactos suprime certos estímulos. Primeiro. Logo depois as distâncias deformam as realidades. O Rio exerce enorme fascinação. Os escritores de longe vivem de olhos fincados no Rio e admitem os escritores de cá por modêlos. Ignoram de que modo eles conquistam evidência. Desconhecem as maçonarias dos elogios cruzados. Acreditam piamente em tudo quanto consta do noticiário. Daí determinadas admirações excessivas e juízos que não coincidem com as realidades. O meio provinciano, entretanto, é propício à cultura. Há mais calma. Há mais gosto. Há mais tempo para meditações. A despeito de tudo quem fala da província para cá dificilmente consegue ser ouvido como merece. Citam-se casos excepcionais. Do extremo Sul nos chegam nomes: romancistas, ensaistas, cronistas. De Minas também. De São Paulo igualmente. Mas, é incontestável que todos êles não conseguem os altos relêvos que merecem, enquanto aqui pompeam e triunfam mediocridades. As ressonâncias de certos escritores aqui são feitas de complicitades apenas. Assim se explicam os silêncios que constrangem alguns nomes, vindos do Norte, por exemplo. Recordávamos a circunstância lendo agora "Confidências literárias", de Pericles Moraes (Cruzeiro editor, Rio). Pericles Moraes vive na remota Amazônia. De lá já nos tem remetido meia duzia pelo menos, de volumes sensíveis. A propósito de um deles, não há muitos anos, escrevemos: "É curioso notar como a atmosfera da província é pouco propícia aos homens

de letras. Pericles Moraes, com algum tempo de vida carioca estaria na primeira linha dos nossos escritores contemporâneos". A leitura destas páginas manda-nos repetir o que ficou dito. Reune ele aqui dez pequenos ensaios escritos à mercê das recordações e ao léu das oportunidades. Neles encontramos também reminiscências e recordações, que nos devolveram imagens pelo tempo esbatidas, episódios distantes e figuras guardadas no fundo da nossa estima, que foi sempre infatigável. Um encontro com Martins Fontes! Verbalista, derramado, excessivo (ou oito, ou oitenta) Martins Fontes foi o homem dos amigos imediatos. Falava pelos cotovelos. Tinha a admiração à flôr dos lábios. Quando admirava dissolvia-se em qualificativos estrepitosos, como fogos de vista. Nunca teve paciência para julgar nada. Seus versos tonitroavam. Sua prosa era uma luxúria de epítetos, quase sempre inúteis. Pericles Moraes nos dá o retrato perfeito de Martins Fontes, na moldura duma recordação enternecida. Dá-nos ainda o retrato de Anibal Teófilo, poeta e idealista, retardado no tempo, pois nascera para espadachim, de sombrero e plumas, capa arrastando e amores vulcânicos. Generoso e intrépido, com os ímpetos engaiolados nos preceitos parnasianos, Anibal Theophilo escreveu sonetos ótimos, perfeitos, comparáveis aos melhores sonetos dos mestres do seu tempo (Alber-to de Oliveira, Raymundo Correia, Olavo Bilac). Sua fama literária não conseguiu dominar os tumultos que sempre envolvem aqueles que não sabem vencer os obstáculos dos arrivismos. Pericles Moraes, conhecendo-o no Amazonas, para onde fôra conduzido pelas miragens da fortuna rápida, dele nos traça imagens bem nítidas. Escrevendo sem finca-pés, com seguro senso das realidades, escrevendo quando tem alguma coisa a comunicar, Pericles de Moraes conhece os filtros da comunicabilidade com os leitores. Chegamos ao capítulo 'Paisagens duma vida'. Sentimos coloridos de autobiografia. As confidencias aqui não são apenas literarias. Percebemos a presença do novelista, aproveitando os episódios que a propria vida urdiu. Ainda uma vez verificamos os feitos da provincia nos destinos literarios. Pericles de Moraes nos dá noticias de José Chevalier, espirito armado para triunfos, mas constrangido pela falta de ambiente. No Amazonas remoto há um grupo de escritores preocupadíssimos com a Academia de Letras. A provincia gosta muito de

copiar a metrópole. José Chevalier foi entusiasta da Academia Amazonense. A vida da Academia está vinculada, de extremo a extremo, à vida de José Chevalier, escreve Pericles de Moraes e temos a impressão dum homem exuberante, imaginoso, intenso, gostando de escolher nomes célebres para os filhos e sempre no encaço das idéias inatingíveis. Por isso mesmo Pericles Moraes, diante do seu cadáver, afirma ter entrevisto 'na fixidez do seu olhar, nas retinas imobilizadas para sempre, a insidiosa miragem das quimeras e das utopias que se despenharam no sorvedouro da vida". Pericles Moraes escreve, em regra, assim. Gosta de enfeitar a prosa, dramatizando-a. Aqui e alí notamos as constâncias duma retórica equilibrada pela cultura e contida pelo bom gosto. Desse modo se compreendem as impressões agradáveis com que fechamos o volume.



Um Escritor de Alta Estirpe

PEDRO THIMOTEO

Não obstante os apelos incessantes, espontaneos e sinceros, que sempre fizera aos melhores sentimentos formadores da firmeza de vontade orientada no sentido da bondade e da condescendencia, jámais conseguiria eliminar do meu espírito as restrições que aí se elaboravam, nítidas e cirstalinas, e que se afirmavam convincentes, em relação ao côro de louvores prodigalisados pela quasi unanimidade da crítica política nacional á gestão do ex-interventor federal do Amazonas, capitão Nelson Melo.

Esta asseveração, aliás, leal e franca, talvez valha pelo mais caloroso e exaltado encomio que se possa fazer á ação desse ultimo delegado direto do Governo da Republica naquela unidade federada. E êle me poderia retrucar, com aquela agudeza e penetração ironica com que o Diabo tentara convencer a Ivan Karamazov de sua propria existencia, conforme nos descreve Dmitri Merejkowski:

— O ardor com que me negas prova que, apesar de tudo, acreditas em mim.

E eu confesso que, certa vez, cri, veramente, no senso administrativo desse soldado meio ríspido e, ao que me afigura, pouco dado ás cogitações altas do pensamento, a quem o illustre e atilado Sr. Getulio Vargas confiára o governo do grande Estado do extremo norte. Essa crença, com efeito, despertára, por momentos, em meu coração, uma alegria tão alvoroçante que sobrepujára qualquer

duvida tramada pelo raciocínio, a respeito da capacidade governativa do capitão Nelson Melo. Foi isto quando êle chamou Pericles Morais para exercer o cargo de diretor da Instrução Publica do Amazonas.

*
* *
*

Ora, Pericles Morais, embora voluntariamente se tenha enclausurado no tumulto imensurável da Amazônia, aí vivendo modesta ou egoisticamente afastado do resto do mundo, é, sem duvida, uma das expressões mais legítimas da estirpe intelectual mais alta do Brasil.

E, via de regra, entre nós, — que amarga, por vezes, é a verdade! — contra os cultores da idéia, contra os obreiros do pensamento se erguem, inexplicavelmente, toda especie de obstaculos que lhes impedem ingresso aos postos publicos, mórmente os de fato representativos, ou sejam os eletivos.

No entanto, um dos graves problemas de uma nação é a escolha do pessoal que a deva dirigir. Não basta a preocupação com a economia material. Esta terá fracassado se se não curar, também, da produção e do aperfeiçoamento da intelligencia.

Um governo republicano, sinceramente desejoso de fundar a nossa democracia sobre a opinião esclarecida, — advertiu Alberto Torres, — deveria começar por elevar ás posições publicas e animar com o trabalho, os homens que pensam, que crêm na eficacia das idéias e que têm a coragem serena e firme de suas opiniões. Só da ação de tais individualidades, — frisava o erudito autor da **Organização Nacional**, — pôde surgir uma verdadeira democracia representativa.

Mostra-nos a História, aliás, — para só citar um caso edificante, — que o poder dinamico da **élite** foi que fez de Atenas uma das glorias do mundo. E, quando a avalanche da mediocridade subiu, envolvendo no seu torvelinho, comprimindo, sufocando a produção intelectual e reduzindo á insignificancia os valores realmente superiores, Atenas caiu.

Este é o ciclo das civilizações que se formam e que se desenvolvem ao acaso. Não o das que se orientam com firmeza e consciencia. Estas ultimas caminham retilineas, serenamente, para o infinito e para a gloria. Assim, mantelas e eleva-las, rebaixa-las e avilta-las, depende, pois, dos governantes.

*
* *
*

Estas reflexões, que me teriam levado ao espirito a fé nas tendencias governativas do capitão Nelson Melo quando na interventoria do Amazonas, confiou, como disse, a Pericles Morais a direção da Instrução Publica do Estado, afluem-me, agora de novo, á mente, após a leitura que acabo de fazer de **Legendas & Aguas-Fortes**, o ultimo livro de ensaios criticos deste brilhante escritor.

Não é que, desta feita, tenha a lamentar a saída de Pericles Morais daquelas funções, eis que foi substituido por um educador justamente conceituado, mercê do seu longo tirocinio no magistério e da sua ampla cultura especializada na evolução dos problemas pedagogicos, — o Sr. Monteiro de Souza, que já deixára, á sua passagem pela Camara dos Deputados, um rastro fulgurante dos seus talentos, como batalhador, pela difusão mais ampla do ensino.

O que é de lamentar é que o autor vitorioso de **Figuras & Sentações**, — este o titulo do primeiro livro de critica de Pericles Morais, — não tenha continuado a prestar sua colaboração à obra honesta e profícua de Alvaro Maia, o atual governador do Amazonas, em outro setor da administração, em que melhor se fizesse sentir a ação remarcadora de sua poderosa inteligencia.

Na pleniposse dos seus extraordinarios recursos de ideação e execução artisticas, — para usar de uma expressão de Leopoldo Peres, cultura rutilante que desde os tempos em que, na Assembléia Legislativa, terçavamos, em campos opostos, floretes tribunicios, me habituei a admirar, — Pericles Morais conjuga, no sentido de uma interiorisação cada vez mais profunda, o justo equilibrio do privilegiado temperamento analitico com as omnimodas faculdades criadoras do escritor.

Entrementes, dos capitulos em que se compõem **Legendas & Aguas-Fortes**, o que impressão mais funda deixou em meu pensamento é o dedicado aos Interpretes da Amazonia.

Certo que, desde as paginas dedicadas a Gonzaga Duque, cuja obra, "fonte cristalina de fecundos ensinamentos de arte, passou relegada pela incultura do tempo", até as em que evoca em pinceladas firmes e sugestionadoras, a figura autentica e singular do amante de Tiberius Sextus Gracchus, — Caius Petronio, o precursor do galanteio, na frase de Fernando Azevedo, escritor que n'Os **Jardins de Salustio**", livro em que ha cem livros, se constituiu, de um só impulso, um exemplo isolado de reação **à outrance**, contra a investida vitoriosa de certa literatura interior e parasitaria, feita de chumaços e barramaques, mas de efeito facil e escandaloso"; desde as paginas dedicadas á critica de Benjamin Lima, "que não se parece com nenhuma outra critica", porque, tendo êle, como poucos, "a faculdade de saber penetrar a obra na complexidade de seus problemas mais indistintos e menos perceptíveis não se escravisa, de modo algum, a pontos de vista preconcebidos, — critica clarividente, que sabe definir e julgar na justa medida, sem intolerancia e sem desconformes louvores", até ás consagradas a Anatole", semeador de dúvidas, o mais clássico dos escritores francêses", e, na expressão de Lemaitre, "a extrema flôr do genio latino"; desde o estudo sobre o **Dicionario Universal de Literatura**, da autoria de Henrique Perdigão, livro que lêra da primeira à última página, com uma curiosidade sempre crescente, com voluptuoso prazer dos sentidos, até os comentários, rápidos e incisivos, sôbre as numerosas cartas que lhe endereçara Coelho Neto, de quem fôra o biografo insuspeito, celebrando, num grande livro, "a gloria do Mestre muito amado", — todo o trabalho de Pericles Morais é uma reafirmação forte do seu extraordinário poder mental, cada vez mais ampliado e aprofundado, sómente explicavel á claridade da lei da expansão concentrica.

*

* * *

Mas, de **Legendas & Aguas-Fortes**, o capitulo que me calou, fundo, no espirito, é, repito, o em que, numa attitude

intelectual grave e consciente, Pericles Morais passa em revista os Interpretetes da Amazonia. São eles uma legião infindável, em que ha vultos de todos os matizes culturais e de todas as estaturas mentais: — Euclides da Cunha, "o unico que conseguiu, em traços vigorosos e firmes, projetar, nas suas côres vivas e flagrantes, a natureza amazonica, deixando algumas paginas de tão grande fertilidade de observações que não se pôde hoje emitir qualquer opinião neste dominio sem consultar-lhe a autoridade"; Alberto Rangel e Humberto de Campos, que, mercê dos seus grandes dotes de inteligencia criadora e dos seus surpreendentes recursos de imaginação vestida de um estilo suave e irresistivelmente atraente e dominador, tão graves males legaram á Amazonia, instalando, ali, um **Inferno Verde**, falso porque exageradamente descrito, e visionando, por toda a parte, no seio da floresta feroz, centros de escravidão de milhares de nordestinos tornados seringueiros, o que tambem é produto de exaltação pinturesca; Santana Nery, La Condamine, Humboldt, Barbosa Rodrigues, chamado o "Agassis brasileiro"; Silva Coutinho, Alexandre Haag, o primeiro a conceber os planos de ligação, por via férrea, do Acre ao Madeira; Alfredo Ladislau, que construiu na **Terra Imatura** uma verdadeira introdução ao estudo da natureza amazônica; Gastão Cruls, que, igualmente fiado no seu poder de imaginação, criou, à distância, na **Amazônia Misteriosa**, pois até lá não havia ido, ainda um mundo de artificios e fantasmagorias, que só muito mais tarde tentára retificar pela observação pessoal e direta, através de uma viagem de Ôbidos a Tumucumaque, como climatologista agregado à Comissão Rondon; Peregrino Junior, "cuja plasticidade de inteligência soube adaptar-se sem esforço aos múltiplos aspectos da realidade amazônica, que se abriu e se revelou, de par em par, à sua curiosidade pesquisadora"; Aurelio Pinheiro, que, sem requintadas pretensões das paragens, nos oferece em **Gleba Tumultuária**, pequenos cenários de côr local autêntica; Francisco Galvão, escritor de rútila inteligência, autor de **Vitória Régia** e de **Terra de Ninguém**; Anisio Jobim, arguto anotador e atilado comentador dos **Panoramas Amazônicos**; Joanita Machado, a harmoniosa contadora de lendas e mitos da **Terra Cabocla**; Farias Gama, Raul Bopp, Araujo Lima, que nos deu, em

Amazonas — a terra e o homem, um profundo estudo antropogeográfico da vasta região; Henrique A. Santa Rosa, Couto Magalhães, conde Stradelli, Palma Muniz, Colbachini, Capistrano de Abreu, Honório Silvestre, Bernardo Ramos, Ramayana de Chevalier, o jovem médico e talentoso plumitivo do **Circo sem teto da Amazônia**, que, ao parecer do fulgurante Huascar de Figueiredo, não é um romance no mais amplo sentido do termo, sinão páginas descritivas da natureza, trechos maravilhosos de paisagens, algumas delas verdadeiramente cintilantes, traçadas com o sentido dos deslumbramentos próprios e das exaltações sensacionais; Ferreira de Castro, escritor português que, tendo visitado a Amazônia, tracejou n'**A Selva** páginas amargas, movimentadas e ricas, porém evadas de rudes injúrias aos mais puros sentimentos da família amazonense, o que despertou, não há muito, de Carlos Maul, veemente protesto, motivando enérgica representação da Associação Brasileira de Imprensa ao Ministro da Justiça, repelindo as calúnias do romancista lusitano...

Como se vê, é assáz extensa, é deveras infindável a fileira dos Intérpretes da Amazônia, — dos justos, dos competentes, dos autorizados, dos reais, dos legítimos, dos falsos, dos frívolos, dos agressivos, dos intolerantes, dos pérfidos, dos eruditos, dos sábios intérpretes do vale magnífico, que é, no dizer de Agassis, o país mais rico, mais cheio de atrativos, mais fértil, mais salubre e, na previsão de Humboldt, o que está destinado a vir a ser, mais hoje, mais amanhã, o celeiro do mundo.

São esses vultos, são esses Intérpretes da Amazônia que enchem as páginas do, a meu vêr, principal capítulo de **Legendas & Aguas-Fortes**, livro monumental de Pericles Moraes, escritor magistral, que honra e engrandece, a cultura brasileira.



No JUBILEU LITERÁRIO de Ruy Barbosa, o maior surto do pensamento nacional e a arrancada mais gloriosa da genialidade brasileira, surgiu emoldurada de resplandecências a nobre figura de Dona MARIA AUGUSTA, sua fidelíssima esposa, a respeito da qual agradecia êle a Deus, em seu discurso-prece da Missa Campal celebrada em São Cristóvão, o haver-lhe permitido quarenta anos de união com uma companheira que tinha sido "a vida da sua vida, a alma da sua alma, a flor sempre viva da bondade divina no seu lar".

Nas Bôdas de Ouro do escritor Péricles Moraes, não podemos olvidar a Exma. Senhora Dona Andrômaca de Miranda Moraes, sua digníssima consorte.

Senhora de peregrinas virtudes e de excepcionais prerrogativas de inteligência e de coração, a nobilíssima dama tem revelado particular afeição ao Silogeu Amazonense, interessando-se pelos problemas atinentes às letras e à cultura, e cooperando decisivamente, com o seu talento e seus reconhecidos pendores artísticos, para maior fulgor das festas acadêmicas.

Com êste espontâneo e cordial registo, apresentamos nossas respeitosas homenagens a Dona Andrômaca, envolvendo-a na mesma voluta aromal de incenso, na circunstância feliz em que o distinto casal festeja trinta e cinco anos de venturoso conúbio!

PRECIOSA CORRESPONDÊNCIA

Na confecção deste número especial de nossa Revista, que vale por uma volumosa poliantéia, consagrada ao artista de **FIGURAS & SENSACIONES**, não podíamos deixar à margem a preciosa correspondência de Coelho Netto a Pericles Moraes. Com a publicação de **COELHO NETTO E SUA OBRA**, o escritor amazonense estabeleceu íntimas e indelévels relações espirituais com o esteta de **INVERNO EM FLOR**, ligações de inteligência e de coração que a morte não partiu, nem o tempo destruirá. Entre as missivas do imortal polígrafo brasileiro, selecionamos as quatro seguintes, com que enfloramos as páginas representativas de nossas homenagens.

Coelho Netto a Pericles Moraes

"Meu caro artista.

Aqui vai "O último retrato de Mirbeau". O outro ensaio, sobre Robert de la Sizeranne, sairá no "Mundo literário". O livro dar-lhe-á a vitória definitiva, com tôdas as palmas e corôas a que faz jús o seu talento. Anuncia um estudo sobre a minha obra. Guarde-o, por quem é! Não o publique porque, certamente, virá assanhar a matilha que me ladra ao nome, ameaçando-me até a vida privada com os colmilhos anavilhados. Um de tais mastins, aproveitando-se do meu acabrunhamento, latiu uma moxinifada infamante que os jornais repeliram. Não a podendo publicar, edita-a em leitura avinhada por tôdas as baiúcas suburbanas. Há outros, todos ferozes. Se é meu amigo não dê a lume o que escreveu sobre o meu apoucado trabalho. Deixe para enflorar o meu túmulo, que não tarda em abrir-se, ao lado do de meu filho. Mando os originais aos Lelo, a quem vou, de novo, escrever pedindo que os componham e imprimam para que, ainda êste ano, o Norte possa glorificar o grande artista que possui. Abraço-o com tôdas as minhas fôrças, que são poucas.

Confrade e admirador sincero

COELHO NETTO".

* * *

COELHO NETTO A PERICLES MORAES

"Rio, 7 de dezembro, 925.

Meu amigo.

No vocabulário de que me sirvo não há vocábulos: repouso, lazer, descanso, e outros sinônimos de ócio e vagares. O ano que está a fazer as malas para . . . a História — se a austera Musa o não repelir do átrio do seu templo, tão manchado vai êle de sangue e lôdo — foi tremendo para a minha pobre alma e duro para a mísera carcaça que já começa a ringir com a ferrugem da esclerose: enfermidades, desgostos e trabalhos. Quantas faltas com os amigos! Quantas culpas! Foi, porém,

que os corações que, verdadeiramente me estimam e sabem como vivo movendo a minha atafona, me perdoarão os pecados de amizade. As razões de queixa que o seu tem de mim não deram ainda comigo no inferno gélido do esquecimento porque a sua Bondade é maior do que o meu atordoamento. Enfim... dou-me por perdoado.

Felicito-o, ainda uma vez, pelo grande êxito do seu livro. A crítica portugêsa foi mais justa que a nossa com Figuras & Sensações, obra que reputo das melhores, no gênero, da nossa bibliografia. Crítica é coisa que não temos nesta tumultuária metrópole do arrivismo pretencioso — o que há é, de um lado: cotterie; do outro — indiferença, ou nada. A Crítica está nas mãos do Futuro, sempre justiceiro. Não terá o meu amigo razão para entristecer-se com as palavras dos editores, que me escreveram agradecendo a apresentação, que lhes fiz, "de um artista de tão alto valor". O comêço da subida é áspero; vencido, porém, o aclive mais íngreme o mais é suave, posto que, de vez em quando, nos saiam animais ladrando ou rugindo aos calcanhares. Remeto-lhe, por êste correio, 3 volumes recentemente publicados. Um deles é o repositório da minha grande saudade. No mesmo pacote devolvo os artigos que me enviou para que os conserve no seu arquivo. Quero merecer-lhe um favor. Estou à espera de um neto, o meu primeiro neto!!! e desejo perfumar-lhe o berço com o aroma das nossas motas. Nada de sachets parisienses: favas e resinas das que embalsamam as florestas grandes. Ser-lhe-á fácil mandar-me algumas? E assim, com o presente de um mago, ficará quase como a de Jesus a Epifânia do meu neto. Um apertado abraço ao Leopoldo Peres.

Muito e muito seu

COELHO NETTO".

* * *

COELHO NETTO A PERICLES MORAES

"Rio, 15 de setembro, 926.

Meu amigo.

Acabo de ler o seu generoso livro sôbre o "pobre de mim", como diria Fernão Mendes. Quanta lenha para o auto de fé que me espera! Em tal pira, de aromatas como os troncos do Libano, a morte será deliciosa. Obrigado! Muito obrigado! Nada acrescentarei ao que disse de mim com tão formosas palavras senão que, no assunto "escola"... nunca as frequentei. Ando em Arte como transito na cidade — por todas as ruas e travessas, praças e vilas, ora no perímetro urbano, ora nos arrabaldes ou por campos e montes, gozando o silêncio

ou no recesso das matas ouvindo águas e passarinhos. Quando alguém pretende alistar-me em escolas... deserto. Nada como a liberdade! Hoje um romance da vida, tresandando a misérias, no dia seguinte uma digressão pelo antigo ou vôo no ideal. Os que se arreigam a escolas escravizam-se e eu fui e serei sempre um insubordinado. Parodiando Molière eu digo — "Je prends mon bien où je le trouve". Agora mesmo saio da realidade do "Fogo-fátuo" para o grande sonho da "Terra Virgem" remexendo, de passagem, o meu "Canteiro de Saudades". A Arte é musical e no pentagrama as notas são várias e vários os tons. Nada de monotonia. Onde iria se entrasse pelos comentários! Faça ponto agradecendo-lhe, com tôdas as veras do coração, a grande generosidade ainda que esteja certo de que dela me virão horas de muita amargura. Ainda não vi o volume nos livreiros. Creio que só aqui existem os dois exemplares que me enviaram os Lello. Abraço-o reconhecido.

Confrade e amigo grato.

COELHO NETTO".

* * *

COELHO NETTO A PERICLES MORAES

"Rio, 13 de fevereiro, 927.

Meu amigo.

A sua carta de 22 de janeiro, tão longamente esperada, trouxe-me a alegria, lux rara, atualmente, na geena em que vivo. Infelizmente, porém, (porque está escrito que não terei coração), bailam uns átomos escuros, que eu me apresso em assoprar para longe. Suspeita o amigo que eu me haja sentido com algumas das observações que fêz. Não me lembro do que escrevi, afirmo-lhe, porém, que de todo o seu livro guardo uma impressão de tão doce carinho que, nos tormentos que me excruciam, cada vez mais intensos: a enfermidade sem cura de minha mulher, que se me resvala dos braços para o túmulo, as pedradas constantes das hordas que me assediavam, um dos meus olhos a escurecer de fadiga na luta sempre travada com a Vida e com a Morte — nêle encontro um dos meus mais eficazes lenitivos. Os reparos que opus às demasias de louvores, porque o meu amigo o escreveu mais com o coração do que com o cérebro. Disse que do seu livro me adviriam horas de muita amargura (e não de chegar, asseguro-lhe) referindo-me ao furor em que êle assanhará a Inveja. Escolas, estilos... isso que monta! Alguma coisa me há de ficar das leituras que faço e prouvera a Deus que ficasse tudo! Não me alistei nêste ou naquêlo grupo porque sempre amei a liberdade, a independência em tudo e, em Arte, vou para

onde me leva a Fantasia ou me atrai a Beleza: ora sorrindo, ora sombrio, compondo "pastorais" ou conduzindo turbas trágicas como as que povoam "Fé". O que há de mim para o amigo é uma imensa gratidão, isto sim! Efetivamente o seu livro aqui pouco aparece nos mostruários, não sei se por culpa dos Lelo, se por relaxamento dos nossos livreiros. A imprensa ainda não se manifestou sobre êle... e eu sinto-me em dificuldades de o impor à crítica... et pour cause.

Li atentamente os artigos que me remeteu e vou escrever um cartão de agradecimento a cada um dos autores. O Amazonas levanta-se poderoso. Já agora não é só a natureza opulenta que nos maravilha, são também os espíritos. Grande plêiade! Ainda bem que o nosso Norte reassume o seu pôsto luciferino!

O "Canteiro" já lá está com os Lelo. Fogo-fátuo virá em abril. Terra Virgem, um pouco mais tarde... depois... Ruda ou Os bárbaros, Fé ou Poranduba. Nêste momento cuido de teatro trabalhando simultâneamente em duas peças, ora auxiliado por Melpômene, que me segreda as cenas de Vitória, ora atento a Thalia, que me vai guiando na sátira Ricaços.

Fala-me do seu exílio à margem do Solimões, no vilarejo agreste de Coarí. Como o invejo, meu amigo! Disso ando eu tão precisado que chego a acreditar remoçaria de corpo e de alma se, como Timon, deixasse êste Coliseu, no qual as feras são... os homens, e me recolhesse a um dos círculos dêsse Inferno verde. Enfim, já agora, com 63 anos de idade e enfêrmo, o melhor é deixar-me ficar por aqui, à beira da terra que me espera. Vou escrever ao velho Lelo para que ative a propaganda do seu belo livro. Fale de mim a todos êsses artistas, que tanto bem me fizeram ao coração, e muito particularmente Leopoldo Péres, Aurélio Pinheiro e Chevalier.

Amigo grato e sincero admirador.

COELHO NETTO".

NO CONVÍVIO DE UMA BIBLIOTECA

Compulsando os livros da biblioteca do escritor Pericles Moraes, a mais opulenta e seleta biblioteca particular existente no Amazonas, deparámos centenas de volumes ofertados pelos próprios autores. Num dia em que a comissão organizadora desta poliantéia esteve na residência do preclaro estilista, um dos acadêmicos, na insciência do insigne Mestre, anotou numerosas dedicatórias firmadas por distintas individualidades, entre as quais se mencionam figuras que brilham entre os primazes das letras. Na impossibilidade de transcrevermos na íntegra o volumoso acêrvo, apenas citamos as que nos pareceram mais expressivas:

Faço dêste livro, saído agora do prelo, o portador dos meus louvores e de muitos agradecimentos ao caprichoso artista d'O BUFÃO, pela dedicatória de tal joia ao meu nome, que desejo seja tido, de hoje por diante, por quem tanto o honrou, como de amigo e admirador.

COELHO NETTO.

(O "Turbilhão")

A Pericles Moraes, o admirável homem de letras, homenagem de

JULIO CESAR DA SILVA

("A Morte de Pierrot")

A Pericles Moraes, o vitorioso intelectual que honra sobremodo as letras do Brasil-Norte, oferece

I. XAVIER DE CARVALHO

("Missas Negras")

A Pericles Moraes, tão grande de talento, tão nobre de espírito, tão fidalgo de atitudes, a minha humílima homenagem da mais profunda admiração por êsse mandingueiro supremo

da palavra, desdobrador mágico de beleza, revelador de fascínios, na sua multimoda personalidade de escritor e crítico dos maiores do Brasil. Com muita amizade e gratidão de

JUANITA B. MACHADO

("Terra Cabocla").

A Pericles Moraes, o Príncipe dos nossos intelectuais, oferece

JONAS DA SILVA

("Czardas").

A Pericles Moraes, brilhantíssimo espírito de escritor e crítico, homenagem do

JOÃO GRAVE

("O Amor e o Destino").

Ao meu prezado Pericles Moraes — talento, caráter e coração. Lembrança do

JOÃO LEDA

("Os Áureos Filões de Camilo").

Ao vigoroso estilista de "Figuras & Sensações", Pericles Moraes.

GASPAR GUIMARÃES

("Princípios de Cosmogonia Prática e de Moral Filantrópica").

Ao muito brilhante, ao Artista Pericles Moraes, a admiração de

MARTINS FONTES

("Boêmia Galante").

A Pericles Moraes, em cujas páginas de impressões e de crítica e cultura sólida e variada emprestou mais um atrativo aos encantos de sua prosa plástica e vibrante, e de sua arguta observação psicológica, — êstes insignificantes estudos de

FERNANDO DE AZEVEDO

("Jardins de Salustio").

A Pericles Moraes, esteta e erudito, oferece um leitor das páginas encantadoras de "Figuras & Sensações".

CELSO VIEIRA

("Varnhagen").

A Pericles Moraes, o Magnífico, homenagem de
ÁLVARO MAIA
("Canção de Fé e Esperança").

Ao meu amado Pericles, no esplendor de sua glória
mental, estas pobres páginas votivas do
LEOPOLDO PÉRES
("Pericles Moraes, animador de sensações").

Pour Périclès Moraes, avec la gratitude et l'amitié de
CAMILLE MAUCLAIR
("Servitude et Grandeur Littéraires").

A Pericles Moraes, o mais notável escritor do norte-ama-
zônico, oferece
AREAL SOUTO
("A Independência").

Ao brilhante escritor Pericles Moraes — com quem
comungo na admiração sentida e calorosa pelo grande Coelho
Netto, e que, em seu livro "Figuras & Sensações" se impôs
definitivamente pela sua arte cintilante de penetração crítica
e nutrida da seiva da mais sólida cultura, como um comovido
abraço de agradecimento de
FERNANDO DE AZEVEDO
("O Segredo da Renascença")

Para el enorme y cultísimo crítico Pericles Moraes, como
testimonio de mi admiración y mi amistad sincera
FRANCISCO A. LOAYZA
("Mi Breviario").

Ao brilhante ensaísta e crítico sr. Pericles Moraes, home-
nagem de
BARBOSA LIMA SOBRINHO
("Árvore do Bem e do Mal").

Ao Pericles, — o máximo talento sob a máxima potência
analítica.
AURÉLIO PINHEIRO
("Personalidade Consciente").

Talento caudaloso como um rio da Amazônia — Pericles Moraes é um dos maiores afluentes dêste rio-oceano, que é o Pensamento. Que veleje sôbre êle a vela branca da homenagem de

OSVALDO SANTIAGO

("Gritos do meu silêncio").

Ao eminente escritor Pericles Moraes, com a mais viva admiração pelo seu espírito. Oferece

JOÃO GRAVE

("O Santo").

Ao belo e fulgurante espírito de Pericles Moraes, com a admiração afetuosa de

MARTINS NAPOLEÃO

("Copa de Ébano").

Ao renomado escritor Pericles Moraes, pelo esplendor do seu talento e equilíbrio estético de sua cultura, com um afetuoso abraço do

PERYLLO D'OLIVEIRA

("Caminhos cheios de sol").

Ao espírito brilhante de Pericles Moraes, nome de elite com que a Amazônia concorre para a literatura nacional, ofereço êste pálido produto de um esforço extraído a tôda velocidade dos elementos com que o estudo beneditino e hiper-simpático de uma disciplina que adoro.

MISAEEL SEIXAS

("Estudos e Paisagens").

Ao espírito culto e à excepcional inteligência de Pericles Moraes, a admiração e a mais afetuosa estima de

ALFREDO LADISLÁU

("Terra Imatura").

Ao diletíssimo Pericles Moraes, magno artista e eminente pensador, a homenagem de

SEVERINO SILVA

("Senhores e Escravos").

Ao Pericles Moraes, brilhante espírito cuja cultura mental ilustra os novos rumos estéticos da literatura pátria, no extremo-norte do país, as homenagens do

LUIS BARREIROS

("Os nossos oradores").

Ao Pericles, o grande Pericles, o artista de Figuras & Sensações" com a admiração do discípulo e amigo

FRANCISCO PEREIRA

("Poemas Amazônicos").

Ao Pericles Moraes — o esteta soberano de "Figuras & Sensações", pelo milagre de beleza que é a vida do seu espírito

PERYLLO D'OLIVEIRA

("Canções que a Vida me ensinou"...).

Ao maravilhoso estilista Pericles Moraes, honra das letras do Norte, com o afeto melhor de

CARLOS RUBENS

("Ramo de Acácia").

A Pericles Moraes, — o maior escritor da grande Amazônia, admiração e estima de

FERNANDO DE CASTRO

("Em nosso será o Reino dos Céus!")

Aureolado Pericles Moraes, másculo e sadio representante da literatura norte-brasileira, oferece seu admirador.

ARTHUR PORTO

("Escola Brasileira").

Ao grande Pericles, com a grande e sincera admiração de

ADRIANO JORGE

("O substratum physico-chimico da vida").

Ao mestre Pericles Moraes, grande ensaista das "Figuras & Sensações" e celinista da arte difícil de florir em relêvo as finas adagas da Ironia — esta valiosa homenagem de quem tanto admira a sua cultura e as fulgurações do seu espírito.

RAIMUNDO MONTEIRO

("As horas lentas").

A Pericles Moraes, cerebração privilegiada que ilumina e de que se orgulhece a Amazônia maravilhosa, êste asserto de quanto o admira

ANTÔNIO TAVERNARD

("Fêmea").

Ao Pericles Moraes, grande espírito, grande artista da palavra e do pensamento, com a homenagem de

MERCEDES DANTAS

("Nús").

A Pericles Moraes, o encantado e encantador estilista de "A Vida Luminosa de Araujo Filho". Homenagem e admiração de

MARTINS D'ALVAREZ

("Quarta-feira de cinzas").

Para o formidável talento amazônico de Pericles Moraes, a admiração e a amizade de

BERILO NEVES

("A costela de Adão").

A Pericles Moraes, legítima mentalidade literária que admiro através de suas brilhantes e eruditas publicações nas colunas do "Correio da Manhã". Homenagem do

ADONIAS LIMA

("A Vitória do Feminismo. O Problema Sexual").

À inteligência brilhante de Pericles Moraes, alma viva e gloriosa da literatura amazonense. Homenagem de

PALMIRA WANDERLEY

("Roreira Brava").

Para o cintilante espírito de Pericles Moraes, homenagem de

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

("Oração de Paraninfo").

Ao Pericles, grande coração, maravilhoso crítico da alma contemporânea de minha terra, cordialmente

FRANCISCO GALVÃO

("Vitória Régia").

A Pericles Moraes, o vigoroso e brilhante escritor, homenagem do autor que nêle admira tanto o caráter viril quanto a nobilíssima alma, com um grande abraço de gratíssima amizade

VITOR DE TUSCULANO

("Caprichos de Judite").

Ao grande amigo Pericles Moraes, consagrado intelectual de fulgurante talento e raríssima cultura, com a admiração sincera e muita amizade

JULIO OLÍMPIO

("Ocaso").

A Pericles Moraes — o maior dos prosadores amazônicos. Homenagem de

BENJAMIN LIMA

("Êsse Jorge de Lima").

A Pericles Moraes — o sublime exilado do Paraíso Verde, a admiração e o afeto de

RENATO VIANA

("O Divino Perfume").

A Pericles Moraes, — consumado crítico, implacável ironista, com todos os temores e com pavor de ser triturado por sua feroz crítica.

ARAUJO LIMA

("Amazônia — A Terra e o Homem").

Ao grande espírito de Pericles Moraes, escritor vigoroso e de pulso, elegante castiço, mestre incomparável da crítica, dotado de altas qualidades de coração, a homenagem afetiva do

ANÍSIO JOBIM

("Panoramas Amazônicos — Coarí").

De pleno corazón afectivo a la gloriosa personalidad del dr. Pericles Moraes que a un vigoroso y diafano talento cultivado a una fuerte ternura humana y equilibrada ecuanimidad.

AGUSTIN VENTURINO

("Sociologia Chilena").

Afectuosísimo comprobación de honda admiración al insigne publicista y celebre maestro y guía espiritual de la juventud amazonense, Dr. Pericles Moraes, la mas alta representación espiritual de la región.

AGUSTIN VENTURINO

("Sociologia General Americana").

Respetuosísima seguridad de admiración profunda al eminente literato, critico e humanista brasileiro, Dr. Pericles Moraes, que tanto eleva el nivel cultural de la sorprendente Amazonas.

ALICE LARDÉ DE VENTURINO

("El Nuevo Mundo Polar").

Ao incomparável estilista Pericles Moraes, com a admiração e o afeto do menor de seus discípulos.

VIANA MOOG

("Heróis da Decadência").

Para Pericles Moraes, o Taine deste Brasil sem críticos, oferece

FRANCISCO GALVÃO

("Terra de Ninguem").

A Pericles Moraes, glória das letras brasileiras, homenagem e admiração de

VIOLETA BRANCA

("Ritmos da Inquieta Alegria").

Ao notável amigo Pericles Moraes, pelo amor que consagramos a Coelho Netto, o coração de

MARTINS FONTES

("Terras da Fantasia").

Para o augusto "Mr. Periclès", o eminente amazônida, que é, na concha hidrográfica do Noroeste, uma continuação do Peloponeso, a melhor homenagem do

RAMAYANA DE CHEVALIER

("No Circo sem tétó da Amazônia").

Ao grande espírito de Pericles Moraes, uma humilde
oferenda do mais humilde dos intelectuais noviços.

CAMPOS DANTAS

("Rumo ao Cabaré").

Ao notável escritor Pericles Moraes, com a admiração do

FERREIRA DE CASTRO

("Terra Fria").

Pertence ao ilustre crítico brasileiro sr. Pericles Moraes,
por oferta do seu admirador de Portugal, muito grato.

FIDELINO DE FIGUEIREDO

("Las Dos Españas").

A Pericles Moraes, herói do Espírito na Planície um
pouco deserta, com tôda a admiração do

TASSO DA SILVEIRA

("A alma heróica dos homens").

A Pericles Moraes, formoso espírito, como lembrança e
homenagem de

CELSO VIEIRA

("Aspectos do Brasil").

Ao eminente amigo e confrade Pericles Moraes, com a
mais viva admiração do

OTON COSTA

("Alberto Faria").

A Pericles Moraes, ao seu alto espírito, homenagem muito
cordial de

ANDRADE MURICI

("O Suave Convívio").

Ao grande Pericles Moraes, o incomparável estilista de
"Figuras & Sensações" e "Legendas & Aguas-Fortes", com o
afeto e a admiração do

VIANA MOOG

("No Ciclo do Ouro Negro").

Para o Pericles Moraes, com a mais viva simpatia intellectual do

PEREGRINO JUNIOR

(“Interpretação Biotipológica das Artes Plásticas”).

Ao grande escritor Pericles Moraes, com tôdas as homenagens de admiração ao estilista de escol, oferece o

LEÃO DE VASCONCELOS

(“Tatuajes Sentimentales”).

Ao eminente dr. Pericles Moraes, justo orgulho da cultura nacional

OLAVO DANTAS

(“Brazilian training ship” — Almirante Saldanha”).

Ao nosso muito querido e muito brilhante Pericles Moraes

MARTINS FONTES

(“Nós, as abelhas”).

Ao Pericles Moraes — como lembrança de nosso primeiro encontro pessoal em que tive a alegria de conhecer, de ver e ouvir um dos grandes escritores do norte, de projeção nacional e de minha maior admiração, afetosamente,

FERNANDO AZEVEDO

(“A Educação e seus Problemas”).

A Pericles Moraes, que, nas letras amazônicas, realiza os versos de Humberto de Campos: “Pericles tem que aparecer no mundo, sempre que se haja de fundar Athenas”.

OSVALDO ORICO

(“Patrocínio”).

Ao grande crítico de Coelho Netto, como prova de admiração e apreço de

FRANCISCO PRISCO

(“José Veríssimo”).

Ao inesquecível Pericles Moraes, com a velha admiração e simpatia do

VIANA MOOG

(“Novas Cartas Persas”).

A Pericles Moraes, amigo dos mais queridos e escritor dos maiores da modernidade brasileira, esta lembrança de nosso encontro no Rio de Janeiro, onde, depois de cinco anos, o revejo e abraço com desbordante alegria espiritual.

VIEIRA DE ALENCAR
("Les Extravagants") de Paul Morand).

Ao espírito de elite de Pericles Moraes, homenagem do
ANGELO GUIDO
("O Mito das Icamiabas").

Para Pericles Moraes, o príncipe dos escritores do norte do Brasil, a alta homenagem do
AUGUSTO LINHARES
("Augusto Linhares", de Antônio Furtado).

Ao fascinante talento de Pericles Moraes, com grande abraço de saúde do
AURÉLIO PINHEIRO
("À margem do Amazonas").

Ao Pericles Moraes, peregrino talento e eminente mestre, a oferta humilde do admirador e amigo
EDGAR PROENÇA
("Colcha de retalhos").

A Pericles Moraes — o verdadeiro intérprete de Coelho Netto e que é uma das mais altas e admiráveis expressões do Brasil mental dos nossos dias, oferece
JOÃO NEVES DA FONTOURA
("Elogio de Coelho Netto").

Ao dr. Pericles Moraes, figura exponencial da inteligência do Amazonas, homenagem do
PETRARCA MARANHÃO
("O Turbilhão").

Ao ilustrado amigo prof. Pericles Moraes, expoente-mór da literatura no norte pátrio, coração grande e generoso, esta descolorida lembrança do bardo cearense.
JOSÉ FERREIRA SOBRINHO
("Matupás do meu lago").

A Pericles Moraes, confrade ilustre, como recordação de uma breve mas inesquecível estada em Manaus, oferece

GASTÃO CRULS

(“História puxa História”).

Ao Pericles Moraes, alta expressão de cultura do nosso tempo, com grande abraço de

VIANA MOOG

(“Eça de Queiroz e o século XIX”).

Ao grande crítico Pericles Moraes, homenagem de alta admiração que lhe vota sinceramente

CHERMONT DE BRITO

(“Inteligência de Coelho Netto”).

A Pericles Moraes, o maior crítico brasileiro, com a estima do

FRANCISCO GALVÃO

(“Trópicos”).

Ao primoroso escritor e prezado amigo Pericles Moraes, homenagem do

ANTÔNIO AUSTREGÉSILO

(“Estátuas Harmoniosas”).

Ao seu ilustre mestre e prezado amigo Pericles Moraes, oferece

VIVALDO LIMA

(“Discurso Centenário Carlos Gomes”).

Ao dr. Pericles Moraes, — que honra a intelectualidade amazonense pela projeção luminosa do seu talento e de sua cultura, esta homenagem insignificante do

PAULO BENTES

(“O outro Brasil”).

A Pericles Moraes, o grande exegeta de Coelho Netto, com a renovada admiração de

JOÃO NEVES DA FONTOURA

(“Dois Perfis”).

Ao talentoso e erudito beletриста Pericles Moraes, homenagem de

ALFREDO DA MATTA
("Vocabulário Amazonense").

Ao meu querido e admirado amigo Pericles Moraes, a lembrança desta página fulgurante, dolorosa e sarcástica do velho Portugal

JOSUÉ MONTELO
("Memórias", de Raul Brandão).

Ao eminente Mestre, cujo espírito é uma floração solar — Pericles Moraes — a homenagem do discípulo de ontem do amigo de hoje, do admirador de sempre

RAMAYANA DE CHEVALIER
("Fronteiras").

A Pericles Moraes, o grande luminar das letras. Homenagem do

ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO
("Tobias").

Ao muito prezado amigo prof. Pericles Moraes, com muita amizade e grande admiração

BRAZ AGUIAR
("Limites Brasil Surimane").

Ao mestre Pericles Moraes, recuerdo cordéalissimo do

ALVARO DE LAS CASAS
("Santiago de Compostela Corazón de Europa").

Ao privilegiado espírito do grande Mestre Prof. Pericles Moraes, com as homenagens de admiração sincera e gratidão do

PAULO SARMENTO
("Fél").

A Pericles Moraes, o grande espírito do Amazonas, com admiração e carinho espiritual de

BRUNO MENEZES
("Batuque").

A Pericles Moraes que, dentro do cenceito de Remy de Gourmont — *l'important est de n'avoir vidés ni le coeur, ni la tête* — pôde, com bondade e talento, refugindo ouropéis, criar a sua torre de Marfim, para melhor sentir, como Platão, através da Beleza, o esplendor da Verdade.

SAMPAIO SIMÃO

(“A Ilha do Diabo”, de René Belbenoit).

A Pericles Moraes, — o amigo; a Pericles Moraes, o intelectual; ao amigo, como lembrança do presente Natal e dêste meu trânsito pelo Rio; ao intelectual, como homenagem e admiração pelo seu talento policromo e invejável.

A. TEIXEIRA GUEIROS

(“O Momento Supremo”, de Stefan Zweig).

Ao Pericles Moraes, douto exegeta da obra eterna de D'Annunzio, esta lembrança, com a gratidão do

VIEIRA DE ALENCAR

(“Ariel Armato”, de Angelo Sodini).

A Pericles Moraes, luminoso espírito voltado para a Beleza, no horror do nosso tempo.

CELSO VIEIRA

(“Estudos e Orações”).

Ao Pericles augusto — espírito imortal — a flama entusiasmada do

RAMAYANA DE CHEVALIER

(“Ensáio de uma Para-Psicologia da Amazônia”).

Ao Mestre Pericles Moraes, — o homem a quem o Amazonas intelectual admira e homenageia — minha imensa admiração e o meu grande abraço

MOACIR PAIXÃO

(“Formação Econômica do Amazonas”).

Pericles, meu querido amigo, êste livro representa o fruto de sua bôa companhia e das suas bondosas horas de ensinamentos durante os dias em que, no Amazonas, a sua inteligência, a sua cultura, o seu elevado espírito e sentimento agiram no aperfeiçoamento moral e intelectual do menor dos

seus amigos e admiradores. Rendendo uma homenagem à nossa afeição fraterna, incorpore aos seus valiosos livros esta única lembrança da mais significativa admiração que lhe devoto e conservo de coração, porque é o melhor que exteriormente posso afirmar-lhe. Do seu

JOSÉ DE FIGUEIREDO LOBO

("Soldados para o Brasil").

Pericles Moraes: a sua palavra de crítico sôbre esta modesta tentativa literária será uma das maiores compensações que o seu autor poderia esperar; sobretudo no que Você nêle encontrar de mais passível de correção, em futuras obras, caso o autor não se resolva a procurar outros divertimentos. E receba o abraço afetuoso e amigo do

CLÁUDIO DE ARAUJO LIMA

("Babel").

Ao sr. dr. Pericles Moraes, grande valor das letras brasileiras, afetosamente oferece

JOÃO MARIA FERREIRA

("Para os pequeninos").

Ao sr. dr. Pericles Moraes, autor ilustre de Figuras & Sensações", "Legendas & Águas-Fortes" e de tantas outras obras-primas, com muito apreço e grande consideração, oferece

JOÃO MARIA FERREIRA

("Da janela do meu quarto").

A Pericles Moraes, mestre preclaro da crítica literária, estilista insigne, cujos períodos são blócos bronzeos em que a rigidez dos moldes clássicos se casa à graça e à música do idioma; ao grande Coração e Alma panteista, reflexo humano da grandeza dos seres e das cousas, a ti — "Tu Duca, Tu Signore e Tu Maestro" —, êste ocaso da vida que se dispersa, e do Pensamento que já desce a grande Curva da existência.

REMIGIO FERNANDEZ

("Ocaso").

A Pericles Moraes, com a devoção sempre mais fervorosa do seu menor discípulo

LEOPOLDO PÊRES

("Política e Espírito do Regime").

A Pericles Moraes, mestre de estética por excelência, a admiração, a estima e a gratidão de

DJALMA BATISTA

(“Medicina e Estética”).

Ao dr. Pericles Moraes, grande na inteligência, na cultura, no coração e na lealdade, homenagem de minha infinita admiração e devotada amizade

PAULO COELHO NETTO.

(“Coelho Netto”).

A Pericles Moraes, o velho amigo e brilhante mestre, com a estima e apreço do

ORLANDO MORAES

(“Mãe d'água”).

Ao brilhante escritor prof. Pericles Moraes, uma das glórias das letras do Amazonas, com a minha muito profunda admiração e leal amizade.

OSÉAS MARTINS

(“Discurso da 1ª. Conferência Internacional”).

Ao grande e eminente amigo prof. Pericles Moraes, oferece

H. ARCHER PINTO

(“Jornal de Crítica”, de Álvaro Lins”).

Ao imenso Pericles Moraes, — a maior inteligência da Amazônia, homenagem do

ANDRÉ ARAUJO

(“A ociosidade e o furto na predeliquência infantil”).

Ao meu grande e amado Pericles, lembrança do

ADRIANO JORGE

(“Discurso no Congresso Eucarístico”).

A Pericles Moraes, expoente máximo da espiritualidade de sua terra natal, pelo muito que me merecem as suas excelsas qualidades de espírito e de caráter, homenagem cordialíssima do

JOÃO D'ALBUQUERQUE MARANHÃO

(“O Amazonas, êste esquecido”).

A Pericles Moraes, o seu menor discípulo e o seu maior amigo.

LEOPOLDO PÉRES

("União Sagrada pelo Brasil").

Ao mestre e amigo prof. Pericles Moraes, com um afetuoso abraço do

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

("Fundação de Manaus").

A Pericles Moraes, mestre esteta, pelas fulgurações do seu estilo e seu espírito, envia com admiração

OSVALDO DUQUE (filho de Gonzaga Duque, patrono da cadeira de Pericles, na Academia Amazonense de Letras).
("Contemporâneos").

A Pericles Moraes, — o maior ensaísta do Norte — homenagem da mais alta admiração.

CORRÊA PINTO

("Fascinação").

Ao grande Mestre e renomado esteta das letras nacionais, — Pericles Moraes —, com a sincera admiração do

JOSÉ POTIGUARA

("Sapupema").

Para o formoso e ático espírito de Pericles Moraes — Mestre dos Mestres — humilde mas sincera oferenda do mais devoto dos seus discípulos.

MARTINS BESSA

("Criatura e Espírito").

Ao sempre presente e muito querido Pericles Moraes, uma tese tão grande quanto o seu generoso coração, com um abraço do

NELSON CARNEIRO

("Filhos adúlteros").

A Pericles Moraes, o fulgurante esteta da palavra, meu irmão espiritual no culto do formoso e difícil idioma de Racine, amistosamente,

WALDEMAR PEDROSA

("Versão francesa do discurso do Presidente Vargas").

Ao Prof. Pericles Moraes — a mais completa figura de homem de letras da Amazônia — homenagem do

ARAUJO NETTO

("Ansia da Perfeição").

Ao muito ilustre escritor e crítico literário Pericles Moraes, as minhas confidências sobre Martins Fontes, oferece o colega e admirador

.... *JAIME FRANCO*

("Martins Fontes").

A su querido confrade y amigo Pericles Moraes, gran señor de las letras y esclavo de los libros, los saludos muy cordiales de

OSVALDO ORICO

("Tierra en Flor").

Ao talentoso e ativo beletриста representante do escol da intelectualidade amazonense prof. Pericles Moraes, nome campeão da palavra escrita e falada e que emoldura a Academia Amazonense de Letras, amistosa e sincera homenagem do velho

ALFREDO DA MATTA

("Amazonas Médico").

Ao pontífice dos nossos críticos literários, ao fulgurante beletриста e ao relicário de um coração generoso e bom — Pericles Moraes — homenagem do

ÁUREO MELO

("Luzes tristes").

A Pericles Moraes, — o sempre lembrado companheiro do Apostolado Cruz e Souza — esta singela homenagem de quem o admira pelas rútilas fulgurações do seu espírito vigoroso.

MECENAS ROCHA

("Problemas Nacionais").

Ao mestre das gerações amazônicas e luminar da crítica nacional — Pericles Moraes —, oferece

KIDINIRO TEIXEIRA

(“Lanterna Azul”).

Ao Pericles, ao meu querido Pericles Moraes, — o Grande Vitorioso, com um abraço cheio de gratas recordações, do

NOGUEIRA DE FARIA

(“A Caminho da História”).

Ao querido mestre e amigo Pericles Moraes, — esta homenagem de muita admiração ao homem que é a maior contribuição da Amazônia à cultura e à inteligência brasileiras de

DJALMA BATISTA

(“José Bonifácio”).

A Pericles Moraes, a velha estima e a admiração de

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(“A Mulher e a Mentira”).

Às láureas intelectuais de Pericles Moraes, esta lembrança do

ASTOLFO SERRA

(“A vida simples de um professor de aldeia”).

Ao espírito iluminado de Pericles Moraes, oferece o

ASTOLFO SERRA

(“A Balaiada”).

Ao gênio exponencial do burilador de “Confidências Literárias”, com o amplexo, oferece o

MÁRIO YPIRANGA

(“O Estado Social do Índio Brasileiro”).

A Pericles Moraes, — o fulgurante —, homenagem do

HUGO BELLARD

(“Ajuricaba, o guerreiro manau”).

Ao eminente escritor conterrâneo e luminoso estilista Pericles Moraes, com a reafirmação do meu imenso apreço e de minha profunda admiração.

HUGO BELLARD

("A segunda visão de Tiradentes").

Ao fúlgido espírito de Pericles Moraes, com a admiração intelectual do

RAUL MACHADO

("A Lâmpada Azul do Sonho").

Ao grande intelectual amazonense e meu bom amigo Pericles Moraes, homenagem do meu grande apreço.

LEOPOLDO CUNHA MELO

("Sol sôbre as palmeiras").

A Pericles Moraes, — um semeador de vitórias-régias, esta lembrança do

C. PAULA BARROS

("Yaraporanga").

À dona Andromaca — a insigne colaboradora de Pericles Moraes, dos quais tenho a vaidade de ser amigo e grande admirador.

C. PAULA BARROS

(Versão Brasileira d' "O Guarani", de Carlos Gomes).

A Pericles Moraes, o grande ensaista, o erudito, o crítico de "Figuras & Sensações", aquele que pela primeira vez me revelou Maupassant tal como atualmente o amo e admiro, esta homenagem do

BRAZ MONTENEGRO

A Pericles Moraes — glória lídima das letras pátrias no setentrião brasileiro, homenagem de

CORRÊA PINTO

("Sonetos").

A Pericles Moraes, — grande coração e espírito imenso —, com a incondicional amizade de

ARISTOPHANO ANTONY

("Uma vida sem ilusões", de Anatole France).

Ao ilustre prof. Pericles Moraes — um dos orgulhos culturais da Amazônia — a admiração de

DE CASTRO E SILVA

(“Augusto dos Anjos, poeta da morte e da melancolia”).

Ao ultra-querido amigo prof. Pericles Moraes, com um super-abraço do velho

H. ARCHER PINTO

(“As Maravilhas da Ciência e a Alta Crítica”, de J. Minham).

Ao mestre e bom amigo Pericles Moraes, com a velha admiração de

LEOPOLDO NEVES

(“O Zero e o Infinito”, por Arthur Koestler).

A Pericles Moraes, nome que é símbolo e legenda do Amazonas na seara da cultura, modesta lembrança das atuais preocupações do

PAULO ELEUTÉRIO

(“O Futuro Ministério da Economia Nacional”).

Ao eminente escritor brasileiro Pericles Moraes, homenagem de

BEZERRA DE FREITAS

(“20 Poetas Ingleses”).

Ao talento fulgurante de Pericles Moraes, êste velho exemplar de um livro, que havia sido guardado como lembrança para mim mesma, e que lhe vai às mãos em sinal de apreço e estima inspirados por sua presença, por suas páginas e pelas alusões do nosso ilustre e caro amigo comum coronel José Lobo.

EDITH GAMA E ABREU

(“Problemas do Coração”).

A Pericles Moraes, honra da cultura brasileira, expoente da crítica, uma das minhas maiores admirações literárias, homenagem da altíssima simpatia do

CHERMONT DE BRITO

(“Caim”).

Ao alto espírito de Pericles Moraes, com a minha velha e sincera admiração.

CLEÓMENES CAMPOS

("Coração Encantado").

A Pericles Moraes, joalheiro da língua de Racine, lembrança de

DEOCLYDES CARVALHO LEAL

("La Peste", de Albert Camus).

Ao brilhante escritor patricio e emérito educador Pericles Moraes, glória indiscutível das letras amazonenses, homenagem do autor.

MANOEL SOBRINHO

("Hora Iluminada").

Ao prof. Pericles Moraes, numa grande homenagem ao seu talento de escol, o

FELISMINO SOARES

("Cartilha Trabalhista").

A Monsieur le professeur Périclès Moraes, en temoignage respectueux et admiratif.

JEAN DE FORESTA

("Sur les chemins de ronde").

Ao querido, muito querido prof. e amigo Pericles Moraes, esta insignificante homenagem de

MÁRIO BARROSO RAMOS

("Borracha").

Ao brilhante espírito de Pericles Moraes, admiração e homenagem de

SYLVIO MOREAUX

("Flor da Madrugada").

Ao eminente espírito do mestre e amigo prof. Pericles Moraes, com a singeleza e a despreensão do modesto autor, — êste insignificante retalho de inspirações. Ofecere

ROGACIANO LEITE

("Quando êles se encontram novamente").

Ao brilhante espírito de Pericles Moraes, cordial homenagem de

MÁRIO LINHARES

("História Literária do Ceará").

A Pericles Moraes, luminoso escritor e consumado esteta, com um grande abraço do seu velho amigo

JOÃO LEDA

("Vocabulário de Ruy Barbosa", 2.^a edição aumentada).

A Pericles Moraes, com a estima e admiração de

FREDERICO BARATA

("Eliseu Visconti e seu tempo").

A Pericles Moraes, o eminentíssimo crítico e alto espírito, oferece o seu admirador

AQUILINO RIBEIRO

("Luís de Camões, fabuloso e verdadeiro").

Ao grande escritor de "Legendas & Águas-Fortes", homenagem de

CLÁUDIO DE SOUSA

("A Vida e o Destino").

A Pericles Moraes, mestre e amigo, homenagem da velha admiração de

JOSUÉ MONTELLO

("Cervantes e o Moinho de Vento").

Ao insigne beletриста de "Legendas & Águas-Fortes" prof. Pericles Moraes, com estima e apreço de

MENDONÇA DE SOUSA

("O Grande Amazonas").

À dona Andromaca, excelsa figura de dama cristã e anjo tutelar do querido prof. Pericles, com profunda amizade, respeito e admiração oferece o

ORLANDO SAMPAIO

("O Evangelho segundo o espiritismo").

Ao grande espírito de Pericles Moraes, — mestre da cultura amazonense — pequena homenagem do

RAIMUNDO GIRÃO

("Três Gerações").

Ao grande ensaista e magnífico cinzelador das letras brasileiras, príncipe de imagens fulgurantes — Pericles Moraes —, a velha admiração de

HEITOR PÊRES

(“Narrativas de um psiquiatra”).

Para Pericles Moraes, — homem de extraordinária cultura.

NEVES MANTA

(“A Arte e a Neurose de João do Rio” — 3.^a edição).

Ao gênio verbal da Selva — Pericles Moraes, o verbo flamejante do litoral — Celso Vieira, oferece o amigo gratíssimo e admirador incondicional

AUGUSTO LINHARES

(“O Gênio e a Graça”, de Celso Vieira.).

Ao eminente amigo e ilustre consócio dr. Pericles Moraes, sincera admiração e apreço de

LUÍS FELIPE VIEIRA SOUTO

(“Reflexos duma “Pálida Sombra”, no romantismo brasileiro).

Para o querido e brilhante Pericles Moraes, com o mais vivo testemunho de amizade e admiração

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

(“Coletânea de poetas bahianos”).

Ao velho amigo Pericles Moraes, cuja cultura sempre admirei.

CLEMENTINO CÂMARA

(“Décadas”).

A Pericles Moraes, fraternalmente, como lembrança de um velho amigo distante e sincera homenagem de um espírito fascinado pela cultura e sensibilidade do escritor, pela harmonia e pureza de sua obra.

CELSO VIEIRA

(“Anchieta”).

A Pericles Moraes — um “Século de Pericles” para o meu coração. Afetuosamente

C. PAULA BARROS

(“A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi).

A Pericles Moraes, fulgurante escritor e Mestre eminente, neste seu aniversário natalício, que o encontra na plenitude de sua gloriosa carreira literária, esta lembrança sôbre De Vinci, com os sentimentos da velha gratidão de quem, na beleza de suas páginas de artista e pensador, muito aprendeu o sentido superior da vida e das coisas do espírito. Sinceramente,

VIEIRA D EALENCAR

("Léonardi De Vinci", de I. Golbscheides).

A Pericles Moraes — o luminoso cinzelador de "Legendas & Águas-Fortes", esta lembrança de

GERALDO MENEZES

("Fogo Morto", de José Lins do Rego).

Para Pericles Moraes, com a velha admiração e cordial apreço de

HERMAN LIMA

("Tigipió e Garimpos").

A Pericles Moraes, escritor de renome no Brasil, o

DOLOR BARREIRA

("História do Ceará").

A Pericles Moraes, o grande conhecedor de francês, que me perdoará alguma impropriedade.

CLÁUDIO DE SOUSA

("Le Sieur de Beaumarchais").

A Pericles Moraes, um dos mais brilhantes escritores do Brasil.

CLÁUDIO DE SOUSA

("A luta das gerações").

Ao primoroso estilista Pericles Moraes, preclaro Mestre das melhores gerações de escritores da Amazônia e excelente amigo. Com a fervorosa admiração de

MOACYR ROSAS

("Byron").

Ao brilhante escritor e mestre dr. Pericles Moraes, homenagem do

MEIRA PENNA

("O mundo anedótico").

A Pericles Moraes, lembrança de sua penhorante visita a nossa casa e especialmente dedicado à sua esposa e colaboradora Andromaca.

CLÁUDIO DE SOUSA

("Impressões do Japão").

Ao notável escritor brasileiro Pericles Moraes, ao amigo primoroso como escritor, lembrança expressiva do seu

POVINA CAVALCANTI

("Perfil de Tavares Bastos").

To prof. Pericles Moraes, — the great, as he will the known in History, as a taken of my real friendship.

ADAUTO NOGUEIRA ESPINDOLA

("English Course for Brazilian Students").

Ao eminente mestre Pericles Moraes, glória intelectual da Amazônia, a respeitosa homenagem do

GEORGENOR FRANCO

("Rebeldia").

A Pericles Moraes, a menina do "Solar Perdido" oferece com o máximo apreço e simpatia intelectual de

MARIA EUGÊNIA CELSO

("Solar Perdido").

Ao consagrado escritor Pericles Moraes, a maior expressão cultural da Amazônia, meu Mestre e meu dileto Amigo, esta homenagem, prova inequívoca da minha profunda admiração e meu sincero reconhecimento.

MITHRIDATES CORRÊA

("Três discursos acadêmicos").

Ao prof. Pericles Moraes, luminar das letras nacionais, com o maior apreço de

EDUARDO GIRÃO

("Ao léu dos dias").

Ao ilustre escritor e fino estilista Pericles Moraes, oferece o autor.

ADAUTO ROCHA

("Introdução à Economia Amazônica").

A Pericles Moraes, — nome que é um marco na história da cultura e da literatura no Amazonas. Homenagem respeitosa de

THIAGO DE MELLO

(“Narciso Cego”).

A Mestre Pericles Moraes, para os seus *tête-à-tête* com os iluminados, oferece

GENESINO BRAGA

(“La Vida y La Obra de Auguste Rodin”, de Victor Frisch).

Ao consagrado escritor patricio prof. Pericles Moraes, Ilustre Presidente da Academia Amazonense de Letras, com as homenagens de

HENOCH REIS

(“A Constituição Imperial do Brasil”).

Ao grande estilista e fulgurante beletриста amazônida, prof. Pericles Moraes, com as sinceras homenagens e a incondicional admiração acampanhadas da estima de

JOÃO CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA

(“A Bíblia, o Livro da Liberdade Salvadorana”).

A Pericles Moraes, com a admiração intelectual de

MAVIGNIER CASTRO

(“La Vejez Como Destino y Plenitud”, de A. L. Fischer)

Ao eminente filólogo e escritor renomado, grande amigo e exemplar chefe de família, prof. Pericles Moraes, com as homenagens de

R. NONATO DE CASTRO

(“Razões jurídicas”).

Ao digno Presidente da Academia Amazonense de Letras, e meu grande Amigo dr. Pericles Moraes, nobre e ilustre representante da Idade de Ouro intelectual da Amazônia, com o maior respeito e apreço

PABLO LASLO

(“Alguns aspectos da literatura universal”).

Ao assinalado escritor e primoroso estilista Pericles Moraes, honra e glória das letras brasileiras, cordialmente oferece esta pequena lembrança

ALFREDO DE ASSIS

("A Linguagem das Sextilhas", de Fr. Antão).

Ao grande escritor e amigo Pericles Moraes

SÍLVIO JÚLIO

("Estudos Gauchescos de literatura e folclore").

Ao grande Pericles Moraes, figura pinacular das letras amazônicas, cúpula refulgente dêsse templo de cultura, que é a Academia Amazonense de Letras, com admiração e afeto.

PADRE R. NONATO PINHEIRO

("Panorama intelectual do Amazonas").

Ao luminoso espírito de Pericles Moraes, sol esplendoroso que faz desmaiar tôdas as claridades mentais do Amazonas, com muito afeto e veneração

PADRE R. NONATO PINHEIRO

("Dom José Pereira Alves").

Ao meu grande amigo e mestre Pericles Moraes, com a estima do

CASTRO MONTE

("Correspondência de Capistrano de Abreu").

Ao querido amigo e excelso Mestre Pericles Moraes, eterno esplendor de belezas mentais e símbolo da cultura intelectual do Amazonas, homenagem de

SALIGNAC E SOUSA

Ao eminente mestre e eminente amigo Pericles Moraes, glória da cultura brasileira, a sincera homenagem de

GEORGENOR FRANCO

("Ouro e Lama").

A Pericles Moraes, que é o maior escritor da Amazônia, estas páginas de um dos maiores escritores do Nordeste, afetuosamente

DJALMA BATISTA

("A Casa e o Homem", de José Lins do Rego).

À inteligência vigorosa e brilhante de Pericles Moraes,
homenagem do

ALONSO ROCHA

("Pelas Mãos do Vento").

Ao eminente amigo Pericles Moraes, — mestre de gerações — em quem à pena do escritor eskorreito se fundiram o saber e a elegância do ensaísta fulgurante, muito cordialmente o admirador

SÍLVIO C. DE OLIVEIRA

("O silêncio da noite").

Ao Mestre e Amigo dr. Pericles Moraes, com um fraternal abraço do

MÁRIO DE MATTOS

("Madrugada sem Deus", de Mário Donato).

Para Pericles Moraes, — inteligência, coração, humanidade e cultura. Oferece o

CARLOS DE ARAUJO LIMA

("Os Grandes Processos do Júri").

Ao consagrado mestre Pericles Moraes, homenagem e admiração de

DJALMA PASSOS

("Tempo e distância").

Ao prezado amigo e preclaro mestre, prof. Pericles Moraes, com a admiração e as homenagens do

HENOCH REIS

("A Intervenção Federal").

A Pericles Moraes, mestre autêntico e símbolo inigualável de nossa intelectualidade, com as sinceras homenagens do seu admirador

ADERSON DE MENEZES

("Do mandato político na democracia representativa").

A Pericles Moraes, glória de nossas letras no extremo norte do país, homenagem admirativa e afetiva de

MODESTO DE ABREU

("Correção de textos").

Para o fulgurante escritor Pericles Moraes, meu prezado mestre e ilustre amigo com as homenagens do

JAQUES FLORES

(“Severa Romana”).

A Pericles Moraes, escritor que honra o Brasil e a Língua Portuguesa, com a permanente admiração de

ÁLVARO MAIA

(“Gente dos Seringais”).



**HOMENAGEM A UMA DAS GLÓRIAS
DA CULTURA AMAZÔNICA**

* * *

**O EX-INTERVENTOR STANISLAU AFFONSO DIRIGIU-SE,
EM OFÍCIO, AO ESCRITOR PERICLES MORAES,
NO MOMENTO EM QUE ESTE DEIXAVA A SECRETARIA
GERAL DO ESTADO.**

* * *

**AGRADECIMENTO A QUEM, APENAS POR AMIZADE,
SE AFASTOU DAS ESFERAS DA ARTE A QUE
SE HABITUOU, PARA OS LABORES
POLÍTICO-ADMINISTRATIVOS.**

No dia 16 do corrente, quando deixava as funções de Secretário Geral do Estado, foi endereçado ao eminente mestre Pericles Moraes, pelo então Interventor Federal, desembargador Emiliano Stanislau Afonso, o seguinte ofício que, prazerosa e sinceramente transcrevemos, isto porque encerra conceitos que traduzem, em rigor, o nosso pensamento:

“Manaus, 16 de Fevereiro de 1946 — Senhor Secretário Geral, professor Pericles Moraes: A circunstância de a Exposição do período de minha investidura na Chefia do Executivo local, haver sido elaborada por Vossa Excelência, deixou, em quase completa obscuridade, a sua atuação no cargo de Secretário Geral do Estado, impediu-me, assim, o dever de consciência, do qual me desobrigo com o maior prazer, de lhe expressar, em nome do Amazonas, da Interventoria e de seus auxiliares, e no seu próprio, o mais profundo e justificado reconhecimento, pela forma como se houve Vossa Excelência no posto de auxiliar imediato de meu Governo. O desejo de uma colaboração eficiente e sábia, de par com o propósito de fazer uma expressiva homenagem à

intelectualidade de nossa terra, ou melhor, do país, em cujos círculos literários o seu nome se corporificou num símbolo de alta eloquência, levou-me, num excesso de amizade, a exigir-lhe o sacrifício de se afastar, por alguns dias, fúlguras esferas da Arte, a que se habituou o seu espírito aristocrático, para os labores político-administrativos. Homem perfeito, que é Vossa Excelência, na definição do genial orador romano, pois em sua personalidade, se conjugam, em rigorosa harmonia, a cultura e o caráter, outros resultados não podia eu esperar que os refletidos nos diversos planos de minha administração, através de suas normas inspiradas na prudência e no melhor patriotismo. Coube-lhe, Senhor Professor Pericles Moraes, a tarefa excepcional de me auxiliar, mantida uma conduta de intangível imparcialidade, no sentido de que, ao povo amazonense, fôsse assegurada, da capital ao ponto mais remoto, a liberdade de escolha do primeiro magistrado do Brasil e dos representantes, do Estado, ao Parlamento Nacional.

Deve-lhe o povo sincera e decidida assistência pelas acertadas medidas sugeridas para a solução dos problemas de primeira ordem, e é oportuno se saiba ter Vossa Excelência, em determinadas crises, pôsto à margem, sentimentos afetivos para somente olhar o bem da coletividade. Agora, de regresso ao ambiente sereno e luminoso do templo de Arte e de Sabedoria em que transformou o seu gabinete de estudos, leva o emérito patricio, com os meus aplausos e de todos os companheiros desta jornada histórica, em prol da restauração da Democracia pátria, as homenagens de um povo que o conceitua uma de suas glórias nos domínios do pensamento e padrão de caráter pelas suas excelentes virtudes. Queira aceitar as minhas homenagens de subido aprêço e grande estima. Saúdo Vossa Excelência. Desembarçador EMILIANO STANISLAU AFFONSO".

(Transcrito de "A TARDE")

**A IMPRENSA E O ANIVERSÁRIO
DO ESCRITOR PERICLES MORAES**

RESSONÂNCIA DE UM ANIVERSÁRIO

Ao ensejo do aniversário natalício do escritor Péricles Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras, a culta imprensa do Amazonas, em harmoniosa e vibrante unanimidade, tributou desbordantes e merecidos louvores ao preexcelso homem de letras. O matutino A CRÍTICA circulou em edição especial, engalanando suas páginas em homenagem à figura primacial da intelectualidade e das letras nas terras banhadas pelo Rio-Mar.

Trancrevemos, apenas, os artigos e crônicas assinados:

REVERÊNCIA AO TALENTO E À CULTURA

Ainda ontem dizia eu, numa roda em que estavam elementos de tôdas as classes sociais, que só admito uma aristocracia, nêste mundo em que vivemos, que é a do talento, da erudição, do ecletismo, da inteligência. As outras passam, dissolvem-se, tornam-se inexistentes, ao sôpro das rebeliões, dos sangrentos golpes político-militares, arrazadores que são das "testas coroadas", às vezes por hereditarismos enfêrmos, nulos, precariamente incultos. Estas passam, espezinham-se, perdem prestígio e situações favoráveis, tornando-se vagamente lembradas. Aquelas, porém, resistem à

ação devastadora e inexorável do tempo, especialmente se legam à posteridade obras literárias dignas de honroso manuseio.

* * *

As provas, nêsse particular, são inúmeras. Elas se sucedem, dentro dos séculos, para positivar que as dinastias não subsistem à patina dos anos, maximé se os seus componentes não cuidaram, atendendo à evolução do mundo, do cultivo do espírito e não deixaram, aos porvindouros, uma obra que fale da sua passagem pela terra. E' até certo ponto, ridículo falar em aristocracia, excluindo-se, dessa classificação, os mestres do romantismo, da crítica, da poesia, das ciências e das artes. São os que se dedicam às letras e aos estudos múltiplos que falam de todos os conhecimentos humanos, os autênticos senhores do mundo em que vivemos e morremos e não os nobres que governam transitoriamente.

* * *

Não me curvo, portanto, e nem presto minhas homenagens aos poderosos eventuais, que dirigem Estados ou Nações. Essa subserviência fica bem apenas aos temperamentos rastejantes, aos que ambicionam vantagens e posições. Mas fico genuflexo diante de uma cultura onímota, diante de um escritor de raça ou de um cientista de renome. E é nessa postura que me encontro, neste momento, tendo diante dos meus olhos Péricles Moraes, estilista eminente, crítico sagaz e ático, honra e glória

da literatura luso-brasileira, que hoje faz anos. Sua frente já está circundada de louros, há muito tempo. E, por isso, coloco aos seus pés, nesta hora festiva, as flores da minha veneração.

ARISTOPHANO ANTONY
(A Tarde, 28-4-1956)

* * *

O jornalista Umberto Calderaro, operoso diretor d'A CRÍTICA, jornal que vem entoando hinos de vitória no seio da culta imprensa do Amazonas, pede-me duas linhas para a página literária, que hoje sai florida e enbandeirada, em louvor e pela glória de Pericles Moraes, o mais alto cimo da cordilheira mental de nossa terra.

Hoje deflui o aniversário natalício do egrégio escritor amazonense, cuja obra literária, rica e fascinante, o coloca entre os príncipes da literatura nacional. Pericles Moraes, em verdade, é um nome que já extrapassou as balisas estaduais para impor-se, garboso e triunfante, ao respeito e à admiração da Pátria. De tal modo cresceu e se agigantou no cenário intelectual do Estado, que, falar em letras amazonenses, impõe a necessidade irrecorrível de falar em Pericles Moraes. Ele é, a um tempo, bandeira e marco. Exsurge como ponto de referência indeclinável, porque encheu de fulgores e de glórias as letras do Amazonas. Seu nome refulge e domina o período mais brilhante da nossa cultura, como o seu glorioso homônimo grego dominou todo um século da vida ateniense!

Recebo, com alegria e emoção, o incensário que Umberto Calderaro me oferece, para queimar a resina aromática da amizade, e apresentar também minha nuvem de incenso. Todos os acadêmicos estamos hoje, em derredor de seu trono, como os cardeais, revestidos de púrpura, em torno do sólio glorioso do Sumo Pontífice. E se os homens de letras compõem uma espécie de cardinalato cultural, a Pericles Moraes compete, de pleno direito, o Sumo Pontificado! Assim como os membros do Sacro Colégio recebem das mãos augustas do Papa o barrete vermelho e o chapéu

cardinalício, que lhes conferem o principado eclesiástico, assim também todos os que foram emancipados para o culto das letras, receberam de suas mãos pontificais a insígnia pupúrea da glória e o emblema coruscante da imortalidade!

Ramayana de Chevalier, num instante de iluminação inspiradora, asseverou que Pericles Moraes nasceu no bojo de uma estrêla! Não lhe sei fazer mais alto elogio. Celebrando a data genetiaca, elevo meu pensamento a Deus, — Autor da vida e Acendedor de estrêlas, — exorando-Lhe a munificência infinita, pelo prolongamento da preciosa vida do supereminente esteta, que tem sido nas atmosferas mentais do Amazonas o milagre cotidiano e permanente de um meteoro inapagável, cujo fulgor estonteante se confunde e se identifica com o mesmo esplendor das nossas letras e a mesma irradiação da nossa cultura!

Manaus, 28 de abril de 1956.

Padre NONATO PINHEIRO
(A CRÍTICA, 28-4-1956)

* * *

Pericles Moraes realizou um triunfo. Na base de sua admirável formação cultural, outra cousa não fez senão realizar seu grande sonho de esteta: — leu a vida inteira, peusou e escreveu as mais belas páginas que se editaram na Amazônia.

Sua vida é uma consagração à inteligência, às artes.

Chestov afirmou que o pensamento tem por objeto despertar-nos do real. Para mim a grandeza da figura imensa de Pericles Moraes, está em ter vivido uma vida inteira, sem perder êsse sentido do espírito como realidade estética da beleza. Nada o fez desviar dos seus rumos eternos, e seu espírito de artista amou a crítica d'arte.

Só uma concepção mística da literatura e do belo, teria o poder de manter um homem, em meio às vezes indiferente e agreste, no seu apostolado a pról da inteligência, em nossa terra.

Fez uma escola. Criou discípulos. Semeou amigos. Hoje, ninguém de senso normal, poderá esquecer a obra fecunda, em bem das letras da Amazônia, que Pericles Moraes realizou, na glória de seus 72 anos de vida e 50 votados à eternidade da inteligência.

Na claridade dessa vida gloriosa, esse homem pode ter tido antipatias, mas, incontestavelmente, conseguiu realizar-se na luminosidade de sua extraordinária cultura e de sua brilhante inteligência.

ANDRÉ ARAUJO

(A CRÍTICA, 28-4-1956).

* * *

PÚRPURAS LITERÁRIAS

Padre NONATO PINHEIRO

Faz anos hoje o laureado escritor e consagrado crítico literário Péricles Moraes, figura primacial das letras do Amazonas, cujo nome se tornou o próprio símbolo esplendente de nossa cultura. Há mais de quarenta anos que a aristocracia mental do preclaro presidente do Silogeu se desfralda em nossa terra, qual bandeira rútila e constelada, ao sabor dos ventos da glória, encarnando nas dobras todos os surtos frementes da beleza e da pujança, numa afirmação de inteligência e de vitória.

À sombra desse excelso pendão, tem decorrido a fase mais brilhante da vida literária do Amazonas. Ao esplendor de suas galas, muitas cerebrações decidiram sua vocação nas letras, e êle se tornou ponto de referência necessária em assuntos atinentes à nossa intelectualidade. Modesto em face dos imoderados louvores, também não se inquieta com as restrições recebidas, assumindo sempre uma atitude de superior indulgência perante a crítica malévola. E assim vai perfazendo o périplo da glória, ostentando suas púrpuras literárias, e sofrendo, por vêzes, o martírio de ser grande!

FIGURAS & SENSACÕES foi a estréia clamorosa e triunfante do consagrado artista, que hoje toma assento entre os próceres da literatura nacional. Camilo Maclair, Mir-

beau, La Sizeranne, Maupassant, Edmond Rostand, Tolstoi, Courteline, Alfredo Capus, Paul Bourget, Júlio Dantas, Heliodoro Balbi e Th. Vaz são as figuras que se lhe antolham, na contemplação emocional do esteta, provocando-lhe as nobres sensações que latejam nessas páginas antológicas, sensações que nos refletem um espírito afeito a todos os ritmos da beleza e a todos os registros musicais do sentimento. Leopoldo Péres, o mais presente de todos os grandes ausentes que integram o grupo amazônico d'além-túmulo, celebrou-lhe com rara felicidade a vitória trepidante, referindo-nos em sua magistral crítica de arte — PERICLES MORAES, ANIMADOR DE SENSACÕES — que o glorioso escritor escalava, de um surto, o acume da mentalidade brasileira contemporânea! Os louros, porém, que lhe enramaram a fronte, não se colheram apenas por entre as aclamações retumbantes da crítica luso-brasileira, mas na própria beleza pictural dos retratos e no próprio ritmo das emoções estéticas, vividas ao calor e sob o influxo dos exemplares analisados. Um dêles, Mauclair, cujas pupilas se abriam a tôdas as ondulações luminosas, apesar de não dominar o idioma português, reconheceu-lhe, nas letras aquilatadoras a própria silhueta mental, o traço vivo e verdadeiro de sua formação literária e de sua complexão artística. Declarou-o, mais tarde, em correspondência particular: "Vous avez admirablement résumé et synthétisé ma pensée, et je suis fier à l'idée que,, dans votre pays que j'aime, des consciences me seront acquises grâce à vous".

Seguiu-se COELHO NETTO E SUA OBRA, editado, como o precedente, pela mesma Livraria Chardron, no Porto. O artista maranhense estava no galarim da fama literária. Sua opulentíssima bibliografia, ataviada das cintilações e das pulcritudes de um espírito helênico colocou-o nos altiplanos da glória nacional. Sômente Camilo, em Portugal, ombreava com o escritor brasileiro na extraordinária fecundidade criadora. Faltava-lhe, entretanto, o retratista, que refletisse a imagem perfeita do preexcelso "pintor de harmonias e de ritmos". E o Amazonas teve a honra de ofertar o pincel na pena de ouro do celebrado crítico amazonense! COELHO NETTO E SUA OBRA é, com efeito, o grande retrato clássico do mais opulento

autor de nossa literatura. Péricles Moraes no-lo apresenta na magnitude de sua inteligência, na aristocracia de sua formação literária, na fecundidade de seu talento e na policromia de sua imaginação oriental. Coelho Netto não conseguiu adormentar as emoções. Sentiu-se vivo e palpitante nas páginas formosas do escritor amazonense. E num assomo de justa vibração, revelou-lhe confidencialmente, na intimidade de sua epístola, aquilo que Paulo Coelho Netto lançaria aos quatro ventos, quando organizou a crestomatia paterna: "Em tal pira, de arômatas como os cedros do Libano, a morte será deliciosa"!

A VIDA LUMINOSA DE ARAUJO FILHO foi editada em Manaus, pela Livraria Clássica. O supereminente jurista pernambucano, que escolhera o Amazonas para os embates de sua vida pública e para a projeção vigorosa de sua inteligência e de sua cultura, nome que assinalou instantes de apoteose na história da eloquência judiciária, foi objeto de profunda análise nos laboratórios "sainte-beuvianos" de seu dileto amigo, em quem via, como externou na fotografia que se estampa no peristilo do livro, um grande espírito e um luminoso coração. Araujo Filho constituiu um dos mais belos florões da cultura jurídica e literária do Amazonas. Nas fontes perenes das antiguidades clássicas buscava a inspiração e a substância para suas criações estéticas. Brilhou como um raio de sol. E a luz faiscante, atravessando o prisma da inteligência apuradora de Péricles Moraes, refrangeu-se em tôdas as côres da beleza e da poesia, produzindo a maravilha suntuária de 135 páginas policrômicas.

A Livraria Clássica editou-lhe, ainda, LEGENDAS & ÁGUAS-FORTES. É a segunda galeria de seus retratos, onde novas figuras lhe provocam novas sensações. Desta vez, surgem na claridade da ribalta os vultos de Gonzaga Duque, Benjamin Lima, Henrique Perdigão, Jaime Cardoso, Don Juan, Leopoldo Péres, a Condessa de Noailles, Anatole France, Petrônio e Coelho Netto, precedidos dos INTERPRETES DA AMAZÔNIA, capítulo primacial do todo o livro, trabalho que reputo como a síntese mais luminosa e perfeita, e a análise mais autorizada e mais verdadeira das obras que exploraram motivos amazônicos. Aí figuram

os grandes e os menores paisagistas do imenso e luxuriante cenário, onde se travam lutas sangrentas e letais do homem estóico com a natureza selvagem, que o vence, por fim, pela força arquipotente da própria vida tumultuária, na pletera das águas diluvianas e na dominação implacável das matas tentaculares!

CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS veio a lume no Rio de Janeiro, edição da Empresa Gráfica "O CRUZEIRO". Devemo-lo aos entusiasmos insopitáveis de Leopoldo Péres, cujas mãos cinzeladoras, talhadas para as obras de arte e afeitas ao critério das grandes seleções, num dia de iluminado êxtase, perdido no jardim do mestre, colheu-lhe algumas das muitas flôres fascinantes, cujo colorido e cuja fragrância deviam ultrapassar as estreitas ressonâncias impostas pelos artigos de imprensa, de vida incerta e efêmera. O egrégio analista ocupa-se de Martins Fontes, Stradelli, Renato Viana, Anibal Teófilo, Violeta Branca, José Chevalier, Paulo Coelho Netto, D'Annunzio e ainda do mesmo Leopoldo Péres, discípulo que se tornou irmão do mestre, e, dentre os seus amigos, o mais afeiçoado. Um dos capítulos versa sobre um trabalho do talentoso acadêmico Djalma Batista, — **LETRAS DA AMAZÔNIA**, — estudo que o autor glorifica e amplia com a mirada percuciente de seu longo itinerário na Amazônia intelectual.

Conhecemos-lhe, ainda, duas primorosas plaquettes: **RETRATO DE AUGUSTO LINHARES** e **O EXEMPLO DE LEOPOLDO NEVES**, produto do coração, em louvor de dois dos seus mais diletos amigos. O último grande livro, porém, cujas ressonâncias festivas ainda se não perderam, é **LEOPOLDO PÉRES**, editado no Rio de Janeiro, em 1952, em cujas páginas marmóreas o glorioso estilista se renova, como a juventude da águia, de que nos fala o salmista, produzindo aos setenta anos todos os milagres de beleza e de vibração que assinalaram os triunfos de seus primeiros livros!

Tenho a felicidade de possuir tôda a bibliografia de Péricles Moraes. Saboreio, de quanto em quando, a grandeza dos seus tesouros mentais. Em cada período de sua prosa, que figura entre as mais brilhantes da nossa língua,

sente-se com plenitude o horror à vulgaridade e a aristocracia de sua formação artística. Não são páginas que se lêem, são púrpuras literárias que flamejam, denunciando a fina linhagem do príncipe, a quem fizemos sentar no trono presidencial da mais alta côrte da inteligência planiciária !



Duas Crônicas

A Exma. Senhora Doutora Aury Goes da Silva, cintilante cronista que se oculta sob o pseudônimo de THAIS, nas colunas do matutino O JORNAL, dedicou duas expressivas crônicas ao fulgurante acadêmico Péricles Moraes, relativas, respectivamente, à data genethliaca e à festa espiritual com que a Academia celebrou o aniversário natalício do seu inclito presidente.

I

A intelectualidade amazônica comemora hoje a grata efeméride de mais um aniversário de Péricles Moraes, eminente prosador, ensorgado beneditino do heráldico labor vernáculo, autor de afamadas obras de crítica e estética onde os amantes do belo e os obreiros da aprimorado dessedentam-se, ante a excelsa figura do Mestre estimado e admirado. Sua vida de homem de pensamento e estudo, que maneja o "sermo vulgaris" com a galhardia e o donaire de um Fromentin e a graça de um Topffer, espraia-se em catadupas de preciosos filigranas, na feitura de hieráticas colunas do mais puro mármore dórico, que matizam a literatura nacional, em revérberos de inusitados e caprichados labores.

Possuindo a harmonia que enaltece as obras de Maupassant, os requintes de perfeição que engrandecem os trabalhos de Flaubert, o colorido rafaelesco que esmalta os romances dos Goncourt e ainda o "dom" de que nos fala Francisco Sarcy (êsse elam que personalisa e exige a obra de arte), Péricles Moraes, firmou-se, no consenso do pensamento brasileiro e na admiração de além-fronteiras, como um esteta, cujo estilo, castiço e harmonioso, tem os requintes suntuários dos mármore de Verrochia e dos bronzes de Barye.

Lançando, pelos idos de 1923 à admiração dos estudiosos o seu primeiro livro "Figuras e Sensações", ramallete florido do que mais se pode admirar numa crítica, serena e construtiva, tão a gôsto do ensaista francês Henrique Massis o sobejamento esplanada em requin-

tes de construtivas opiniões pelo nosso laureado Grieco, "Figuras e Sensações" tornou-se, um precioso repositório de abalizados comentários sôbre fatos e coisas de exponenciais figuras do pensamento mundial, discorrendo opiniões e explicando fatos, com a galhardia e o acurado senso psicologico de um Carpeaux do vocábulo. Assim "Camille Mauclair, sacerdote do ritmo", "La Sizeranno, evocador de belezas"; "Courteline filósofo e humorista"; "A tristeza de Maupassant", são pepitas do mais fino quilate, que emergem da aurilavrada prosa do Mestre, em esbanjamentos de luz, na plethora augusta dos régios ensinamentos de aristarco conscio de sua cultura.

Segue-se a magnifica biografia de um dos maiores escritores que já escreveram a lingua de Camões: — "Coelho Neto e sua obra", que tratada pelo cálamo aurilavrante dêsse quintessenciado artista, impõe-se ao comento das elites pensamentais daquém e além Atlântico, como uma preciosa monografia, cujo manuscio se tornou necessário àqueles que desejam perlustrar as estrelas imorredouras do inditoso aurifice de tantas obras primas. "Coelho Neto e sua obra" a quem João Leda tachou de 'único na literatura contemporânea pela seriedade dos processos criticos e elogiável sentimento de justiça" é um monumento de glória, erigido ao artifice de "Inverno em flôr" e lapidário de "Rajah de Pendjah", marcando em nossa literatura especializada um momento culminante de pesquisa científica, imorredouro cibo de acuradas lucubrações que os Lemaitre da critica universal, gostariam de subscrever o aureolado nome.

Continuando a esparzir à maneira de Saint-Victor as cintilas do seu cérebro privilegiado, presentia-nos por volta de 1935 com mais um volume de critica, "Legendas e Aguas-Fortes", recebido pelos aristarcos da literatura, com a esfusiente alegria que precede aos ditosos momentos felizes, não regateando louvores a mais êsse monumento de critica descritiva e acurado labor, onde não se sabe o que mais admirar, se o açacalado vernáculo ou a prodigiosa retentiva no assimilar fatos e coisas das mais dispaes literaturas, dos mais variegados assuntos. Emulo de Romain Rolland, tem como o formidável autor de "As origens do teatro lírico moderno", um pendor sui-generis de interpretação, buscando o momento psicológico exato, o fenômeno na sua origem, afim de captar a "lux" verdadeira, geradora impertérrita das ações e das coisas.

Seguem-se a "Vida luminosa de Araujo Filho", "O retrato de Augusto Linhares" e posteriormente, a magnifica lucerna votiva à memória de uma grande amizade que transbtanciada no limpidó estilo

REVISTA DA ACADEMIA

dêste "príncipe de ensaistas", no conciso dizer de Jaime Cardoso, emerge, na literatura pátria, como um hino de amor e saudade pela perda irreparável daquêle Tirteu amazônico: — titula-se "Leopoldo Péres". Muito tem escrito na imprensa local e na afamada "Revista da Academia Amazonense de Letras" (agnistério precioso do alto saber amazônico) e em tôda a prosa que sua pena heráldica produz, nota-se a mestria invulgar dêste Robert de La Sizernane planiciário, esteta do fino vocábulo que à maneira de Remy de Gourmond seu co-irmão na arte de bem escrever acha que "a prosa, para ser bela, deve ter um ritmo, porque as idéias nuas, no estado de larvas errantes, são destituídas de interêsse".

Hoje, ao comemorar-se mais um aniversário desta exponencial figura da literatura de nossa pátria, a quem os homens de pensamento de minha terra tributarão justíssima homenagem, quero parabenizar ao fulgurante autor de tantas obras primas, por mais esta efeméride e a prece sincera que a vida decorra ainda por longos anos no aconchêgo de sua virtuosa espôsa, culta e dedicada companheira dos dilatados anos de proficuo labor pensamental, afim de que as letras pátrias possam auferir ainda algumas pepitas de seu cérebro privilegiado.

II

O aniversário natalício do prof. Péricles Moraes, foi comemorado com a pompa merecida por essa luminar figura do pensamento brasileiro. Reunião de destacado cunho artístico, onde a palavra dos oradores expressou com justeza o alto grau em que é tido o eminente homem de letras, foi bordada com significativos momentos musicais e qual aurifulgente marco, assinalou de maneira aprimorada, os fastos sociais de nossos pagos.

Números de música, executados por Maria José Moraes (a delicada "virtuoso" que fêz da música a sensibilidade de sua alma de artista) Oldina Ituassú, Leonice Maria Igrejas Lopes e Maria Eleonora Mateus, deliciaram a seleta assistência. O des. André Vidal de Araújo, em elegante improviso, disse-nos dos motivos da reunião e com seu verbo colorido e irisado de conclusões afirmativas de sua acrisolada cultura, teceu comentários em tôrno do eminente aniversariante. Seguiu-se o prof. Valois Coelho que recitou um bellissimo poema de sua autoria. Padre Raimundo Nonato Pinheiro, em magnifico improviso, foi o orador nomeado por seus pares do silogeu amazônico, para interpretar o pensamento acadêmico. O brilhante esteta de tantas páginas literárias,

arrebatou a culta assembléa, com a fina traça de suas bellissimas imagens, em torno do estatuário de "Legendas e Aguas Fortes". Após, o deputado Oséias Martins, recitou um poema da sua lavra.

Agradecendo as manifestações dos príncipes da intelligência planiciária, falou por último o prof. Pericles Moraes. Sua palestra, emocionada pela carinhosa manifestação tributada por amigos sinceros, teve a ênfase dos felizes momentos e sua palavra embargada pela comoção, foi mais uma conversação amiga, onde os lavôres de uma prosa castiça, engrinaldaram a preleção de heráldicas formas clássicas.

D. Andromaca, a excelsa esposa do illustre homenageado, em esbanjamentos de gentilezas, foi inexcedível no fidalgo trato de seus convidados, tendo obsequiado a todos, com um aprimorado "buffet", confeccionado com o requinte dos grandes entendidos na difícil e refinada arte de Helena Sangirardi.

Reunião de alta galantaria espiritual, contou com a presença da fina fôlr intelectual do Amazonas, que numa justa e sincera homenagem ao maior esteta das letras planiciárias, foi como um diamante esplendente de beleza, na crônica social de nossa terra.

* * *

Entre os presentes, notámos: — sr. e sra. André Vidal de Araujo, dr. Moacyr Rosas, sr. e sra. Mendonça de Souza, Padre Nonato Pinheiro, sr. e sra. Manuel da Rocha Barros, srta. Maria Emilia Barros, srta. Lila Borges de Sá, srta. Mariete Neves, sr. e sra. dr. Venancio Igrejas Lopes, sr. e sra. Aristophano Antony, sr. e sra. dr. Mithridates Corrêa, srta. Oldina Ituassú, sr. e sra. dr. Djalma Batista, sr. e sra. des. Roosevelt Pereira Melo, sra. e sr. dr. Mario Ypiranga Monteiro, sr. e sra. Nathan Bainerman, sr. e sra. dr. Oséias Martins, sr. Mamed Fernandes Filho, srta. Maria do Socorro, Carolina e Stella Fernandes, sr. e sra. dr. Yomar Desterro e Silva, srta. Maria Augusta Xavier, sr. e sra. Francisco Xavier, sr. Samuel Ferreira, sr. Alberto de Jesus Nogueira, sr. e sra. Humberto Calderaro, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, sr. e sra. Fernandes Mattos, des. Francisco da Rocha Carvalho, sr. Mavignier de Castro, des. Sadoc Pereira, sr. e sra. Raymundo Melo, sr. e sra. des. João Corrêa, dr. Adriano Queiroz, vereador Raphael Faraco, dr. Aderson de Menezes, sr. Alfredo

Pessoa, sr. e sra. José Azevedo, srta. Janette Parente, sr. e sra. Cesar Ituassú, sr. e sra. des. Gualter Batista, sr. Manuel Vieira e os jovens João Albino Neto e Roberto Melo e dezenas de outras pessoas, que fugiram à nossa observação.

(O JORNAL, 4|5|1956).

* * *

Sob as iniciais J. M., o Exmo. Sr. Desembargador João Machado, brilhante jornalista, ocupou-se do aniversário do escritor Pericles Moraes.

CRÔNICAS...

J. M.

Não somos crítico literário. Nem mesmo literato. Sentimo-nos assim à vontade para por à margem a obra de Pericles Moraes. Pômo-la de lado, porque nem nos sentimos com méritos para discutí-la, nem temos coragem. Sempre a lemos com o coração, e na alma eramos embalados pela música do dizer original, pela euritmia das palavras, pela forma ática de dizer os mais belos pensamentos e as mais profundas observações. Sempre tivemos para nós que Pericles Moraes, escreve pensamentos sôbre um fundo musical, encantador e cheio de harmonias...

* * *

Quando as ilusões ainda povoavam nossa alma e eram espessas e tinham fórmãs, encontramos com êle. Nessa encruzilhada da vida ainda morava em nosso espírito a iconoclastia do moço e a afetada petulância da descrença nos homens e nas coisas. Vinhamos de emergir das leituras de Shopenhauer e Nordau. Trazíamos à flor da pele o ceticismo ousado da juventude, da meia leitura e da meia cultura. Não criamos em Deus e não acreditavamos nos homens. Vivíamos no sonho, mas materializavamos a vida. E nesse estado de espírito, encontramos Pericles Moraes.

Esse artificialismo de moço moderno transformou-se ao contato de uma inteligência estelar, tôda coração e bondade. Lentamente, através de intermináveis "causeries", a desnu-

dar-nos a alma e transbordando-nos de afeição, o amor pelo mestre e o respeito pelo Homem, foi crescendo. Nasceu em nós a meiguice da amizade e um culto acendrado por aquela alma, tão perfeita, tão harmônica e tão encantadora. Pericles amava a vida e só dela via as belezas. Era um cultor da forma e do belo. Já trazia consigo, forte e indestrutível, a alicerçar essa exteriorização, um espírito perfeito e modelado à forma dos Deuses. E derramava em nossos corações, os diamantes de suas palavras e a sua ternura pela vida.

* * *

Ao debruçarmo-nos com saudade, sôbre as sombras daquelas eras, já tão idas, vivemos novas alegrias. Revivemos edificadados e alegres, o contato diário com aquela alma e aquela vida. No seu lar, onde morava e ainda mora e passeia a felicidade, ouviamos a alegria dos hinos à beleza e encantavamo-nos com a perfeição e a simplicidade. Sempre foi para nós o exemplo de uma vida austera, útil e produtiva. Na vida pública ou sob o seu teto, as mesmas idéias e as mesmas ações. Sempre foi igual a si mesmo: Grande e bom.

* * *

Pericles Moraes estará cercado hoje de hinos e de lóas à sua obra, ao seu talento, à sua grandeza espiritual. De gratidão ao seu esforço hercúleo de salvar pelo estudo e pelas letras uma geração que se ia perder sem norte e sem o estímulo congregador da Academia. Estará cercado pela amizade pela admiração da inteligência Amazônica. Não lhe faltarão nem a estima de uma coletividade nem os epínícios à sua obra fascinadora. Também, neste dia, não lhe faltará o meu carinho e a minha carícia de amigo: meu velho, meu querido, meu bom Péricles!

(*"Diário da Tarde"*, 28|4|1956).

Noticiário Acadêmico

ELEIÇÃO DA DIRETORIA — No dia 8 de maio se reuniram os acadêmicos, previamente convocados para efetuarem a eleição da nova diretoria do sodalício. Distribuídas as cédulas, realizaram-se os escrutínios secretos, verificando-se o seguinte resultado:

Presidente — Pericles Moraes; Vice-Presidente — Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro; Secretário Geral — André Vidal de Araujo; 1º. Secretário — Padre Nonato Pinheiro; 2º. Secretário — Mário Ypiranga Monteiro; Tesoureiro — Moacyr Rosas; Bibliotecário — Mavignier de Castro.

* * *

HOMENAGEM A VIEIRA DE ALENCAR — Esteve em Manaus, em visita à sua família, o Dr. Francisco Vieira de Alencar, sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras. Espírito cheio de sóis, possuidor de notáveis cabedais de cultura, amante das boas letras, voltado para os transcendentales problemas da inteligência, o ilustre homem de pensamento, que é figura de culminante posição no Banco do Brasil, foi condignamente recepcionado no Silogeu, em brilhante sessão realizada no dia 1º. de abril. Saudaram o fulgurante intelectual os acadêmicos André Vidal de Araujo e Padre Nonato Pinheiro.

* * *

NOVOS SÓCIOS CORRESPONDENTES — Em sessão realizada no dia 8 de maio, por proposta do acadêmico Padre Nonato Pinheiro, foram eleitos sócios correspondentes da Academia os intelectuais Cônego Apio Campos, Dr. Aristêo Gonçalves Leite e jornalista Clovis Barbosa.

O Cônego Apio Campos pertence ao clero secular da Arquidiocese de Belém, onde exerce o seu ministério, especialmente pelo apostolado da pena. Diretor do jornal "A Palavra", milita com frequência e brilho em outros órgãos da imprensa paraense. É autor de dois apreciados volumes: "Marítimas" (versos) e "Aquêlê padre velhinho", e desfruta de real prestígio no seio da intelectualidade do Pará.

O dr. Aristêo Gonçalves Leite, médico e odontólogo, é amazonense nato, tendo fixado residência no Rio de Janeiro, onde frequenta círculos de alta cultura. É membro do corpo docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e esteve no Amazonas, no ano passado, a convite da Associação de Odontologia, quando proferiu uma serie de notáveis conferências.

O jornalista Clovis Barbosa já tem conceito firmado na imprensa e no seio da intelectualidade amazonense. Dirigiu brilhantemente as revistas "Redenção" e "A Selva", tendo colaborado com assinalado relêvo nos órgãos publicitários de Manaus.

A Academia enviou officios e diplomas aos agraciados, comunicando a merecida honraria.

CÂMARA MUNICIPAL

O acontecimento de maior importancia, ontem, na reunião da Camara Municipal de Manaus, foi o discurso pronunciado pelo vereador Rafael Faraco, do Partido Democrata Cristão, a respeito da passagem do aniversário natalicio do intellectual Pericles Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras.

O jovem edil pedecista estreiou na tribuna comprovando seus conhecimentos oratórios. Toda a vida jornalística, pública e literaria do ilustre presidente do nosso Silogeu passou por um exame pontilhado de narrações historicas, feitas, com pomposidade, e garbo pelo mais jovem vereador de Manaus.

Ao finalizar sua oração, o sr. Rafael Faraco requereu, á Mesa, verbalmente, seja instituido no municipio de Manaus, no dia 28 de abril, o dia consagrado á "Festa da Inteligência".

"Jornal do Comercio" — 1/5/56.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Pericles Moraes

Rua Henrique Martins, 458

Aqui chegando sob encantamento tantas homenagens do ilustre presidente Academia Amazonense de Letras demais membros da brilhante companhia guardarei recordação inapagável pt Peço transmitir cada acadêmico meu profundo agradecimento pt escreverei breve pt nossas homenagens sua digna companhia admirável Dona Andrômaca pt efetuoso abraço

VIEIRA ALENCAR

* * *

Pericles Moraes

Academia Amazonense de Letras

Sinto-me verdadeiramente emocionado pertencer cenáculo onde figura elevado destaque eminente presidente vg honra e gloria da intelectualidade amazonense vg cupula da vida associativa das letras barés representada Academia Amazonense de Letrs pt saudações respeitosas

ARISTÊO LEITE

Do deputado federal Pereira da Silva, o escritor Pericles Moraes recebeu o seguinte telegrama, datado de 2 de Maio último:

“Ao grande mestre e amigo, maior expressão viva da literatura amazonense, sôbre ser um dos maiores escritores brasileiros, meu afetuoso abraço na data do seu jubileu literário. Espero usar tribuna Camara amanhã registrar passagem tão luminosa efeméride”.

Do sr. Alfredo Marques da Silveira, 1º. secretário da Assembléia Legislativa, recebeu o Presidente da Academia Amazonense de Letras o seguinte officio:

“Nº. 209. Manaus, 3 de Maio de 1956. Sr. Pericles Moares: Tenho a grata satisfação de comunicar-vos que, em

reunião do dia 30 de Abril próximo passado, o deputado Oséas Martins apresentou um voto de congratulações por motivo da passagem do vosso aniversário natalício, o qual foi aprovado pela Casa, e formulou um apêlo aos Vereadores desta Capital, no sentido de apresentarem um projeto, mudando o nome da rua Henrique Martins para Pericles Moraes.

Sirvo-me da oportunidade para apresentar-vos cordiais saudações”.

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Livros e publicações recebidas:

O MUNDO DO FUTURO — Daniel Hammerly Dupuy.

AMERICAN LITERARY THOUGHT — Rod W. Horton — New York.

CORAÇÃO MALCRIADO — Edgar Proença — Editôra “A Noite” — Rio.

UMA POLÍTICA NACIONAL DE TRANSPORTES — Edgard Fróes da Fonseca.

A TERRA DA LUZ — Filgueiras Lima — Livraria Freitas Bastos S. A.

POESIA FREQUENTEMENTE — Sebastião Norões — Edições “Planície”.

VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS — Jupira S. Palhano de Jesus — Ministério Viação e Obras Públicas.

PROCESSOS TÉCNICOS DA COMPILAÇÃO BIBLIOGRÁFICA — Irene de Menezes Doria — Ministério das Relações Exteriores.

A IMPRENSA E O RÁDIO — João Café Filho — D. A. S. P.

CORREÇÃO DOS TEXTOS — Modesto de Abreu.

SEVERA ROMANA — Luiz Teixeira Gomes (Jaques Flores).

GENTE DOS SERINGAIS — Álvaro Maia.

HISTÓRIA DA CASA DE CUNHAÚ — João Maranhão.

REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO, nº 67.

A OBRA ANIMALISTA E MONUMENTAL DE ANNA HYATT — HUNTINGTON — ENSAIO DE ESTÉTICA — Prof. Émile Schaub — Koch.

EUCLIDES DA CUNHA NO ITAMARATY — Renato Almeida — Ministério das Relações Exteriores.

AS REPÚBLICAS AMERICANAS NUM RELANCE — União Pan-Americana — Washington — 1956.

SAPEA — Jornal independente de divulgação vária. Academia de Letras José de Alencar, de Curitiba — Paraná.

INJURICIDADE — Razões de Apelação do dr. Gebes Medeiros.



**MENSAGEM DIRIGIDA À ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS PELO SOCIO CORRESPONDENTE CÔNEGO
APIO CAMPOS**

**À nobre e ilustrada
Academia Amazonense de Letras.**

Srs. Acadêmicos:

Sinto-me deveras emocionado ao agradecer-vos a fidalga distinção que me concedestes, elegendo-me **MEMBRO CORRESPONDENTE** de vossa Academia. E tanto maior é a emoção quanto a ela se acresce a circunstância de ser portador do honroso diploma S. Excia. Revma o Sr. Arcebispo de Manaus, meu antigo professor de literatura, no seminário, e a cujas luzes de inteligência e de bondade fui conduzido ao amor de Deus e ao amor da Poesia.

Devo-me, entretanto, a lealdade de declarar que, aceitando a honraria que me enviastes, bem compreendo que não é ao modesto professor de português e ao obscuro amador de nossas letras que sou, que ela é destinada. Na empolgante oportunidade das solenidades do Cinquentário de nossa Arquidiocese, é de perceber-se que, em vosso dignificante gesto, se esconde o alto e elogiável propósito de homenagear, em minha humilde pessoa, as insignes figuras do passado que aureolaram de glória e esplendores o clero paraense. Em vossa esclarecida mente assomaram, por certo, os nomes veneráveis dos primitivos desbravadores da infensa agrestia da Planície que, palmilhando de Evangelho na mão as estradas tortuosas dos caudalosos rios, escreveram, no dealbar de nossa História, uma epopéia imortal de Fé e de Amor. Lembraram-vos, de relance, os poemas de dedicação e heroísmo dos missionários primevos, poemas que ecoaram, como estrofes mara-

vilhosas, pelo recôndito das florestas e foram aplaudidos, pelos séculos em fora, pela galhardia multissona que até hoje os guarda em sua seiva. E ao depois, aos tempos das grandes lutas do Império, vós vos recordastes, certamente, e comovidos, das vozes tonitroantes dos Bispos do Pará que não conheceram outra eloquência que a do arrôjo do Pastor a defender suas ovelhas e que escreveram páginas lapidares de literatura, porque os movia o zêlo, os inspirava o destemor, os iluminava a Fé, os plenificava o estro da Sacrifício e do Martírio. Assim os Romualdos, os Caetanos, os Macedos.

Senhores Acadêmicos. E' com alegria ingente, pois, que recebo a homenagem que prestais, neste momento de fulgurações para a Igreja do Pará, ao legado de cultura, de inteligência, de sensibilidade e de espírito que, embora indignamente, recebi dos antepassados eclesiásticos de minha Terra. O vosso gesto traz, por isso, de par com o ritual da consociação artística, a ternura irrecusável de um gesto de fraternidade.

Resta-me, ao pobre Padre que sou, pedir a Deus Nosso Senhor, o Doador munifico de tôdas as luzes, que, em retribuição por essa pletora de bondade e gentileza e distinção e fraternidade com que, em mim, honrastes. o clero paraense, continue a iluminar os vossos caminhos e a despargir flôres em vossa estrada. E que dê Ele a todos nós a ventura suprema, que é também a graça de tôdas as graças, de nos extasiarmos um dia, em consócio de Amor e de Harmonia, no estro eterno da Poesia imortal.

Senhores Acadêmicos, eu vos agradeço!

Belém do Pará, aos 21 de maio de 1956.

ass. Cônego APIO CAMPOS

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — Cônego Apio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

MARANHÃO — Antônio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE — Henrique Castriciano.

PERNAMBUCO — Mário Mello.

ALAGOAS — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Acciely, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

SERGIPE — Luís da Costa Filho.

BAHIA — José de Figueiredo Lobo e Aloysio de Carvalho Filho.

RIO DE JANEIRO — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Aristêo G. Leite, Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Clovis Barbosa, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieiro de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larraigote, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

ESTADO DO RIO (Niterói) — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

SÃO PAULO — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barroso Ramos.

PARANÁ — J. M. de Santa Ritta.

PORTUGAL — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

ESPAÑHA — Eugênio de Láscares Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

FRANÇA — Serge Deborbieux.

ITÁLIA — Rafael Corso.

PERÚ — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

BOLÍVIA — Alcides Arguedas.

COLOMBIA — Cornelio Hispano e Guillermo Valencia.

EQUADOR — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

URUGUAI — Carlos Reytes e Emilio Oribe.

ARGENTINA — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

MÉXICO — Vicente Mendoza.

ALEMANHA — Guilherme Giese.

SÃO DOMINGOS — Americo Lugo.

CUBA — Antônio Iraizoz.



Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmiento, 78

Manaus — Amazonas